3 1761 07045874 0

ALBERTO PIMENTEL

Terra prometida

ROMANCE

1918
GUIMARÃES & C.ª — Editores
68, Rua do Mundo, 70
LISBOA

IMP. LUCAS

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/terraprometidaro00pime

TERRA PROMETIDA

Composto e impresso na o o o
o o IMPRENSA DE MANUEL LUCAS TORRES
R. Diario de Noticias, 59 a 61

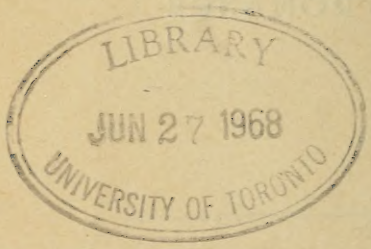
ALBERTO PIMENTEL

Terra prometida

ROMANCE

1918
GUIMARÃES & C.ª — Editores
68, Rua do Mundo, 70
LISBOA

PQ
9261
P46T4



A' memória de um anjo,

a encantadora Maria da Assunção,

minha neta

I

Idolatria miguelista

Quando os passarinhos choram,
Que não têm entendimento,
Que fará quem já não vê
D. Miguel há tanto tempo!

Cantiga popular.

Dezasseis anos depois de ter decaído entre nós o absolutismo, um dos salões «realistas» de Lisboa, mais cotados pela sua conversação intelectual e cultura artística, era o de D. João Bacelar, em Buenos Aires, no bairro da Lapa.

Os partidários do antigo regímen, vencidos em 1834 e vexados, se não perseguidos, enquanto durou o rescaldo da guerra civil, conservavam, com estoica firmeza, a antiga crença politica, a fidelidade, a independência, a honra, que nobilitam os caractéres e sobredoiram os pergaminhos genealógicos onde quer que os haja.

Na capital, os inquebrantáveis amigos do Principe exilado viviam dispersos por diferentes bairros, mas tão ligados espiritualmente por uma frequente convivência como se todos residissem juntos dentro de uma colónia única.

As suas famílias eram em grande parte nobres e abastadas, não obstante os danos e até os sequestros que, sob pretexto de indemnizações, haviam sofrido.

Estava neste caso D. João Bacelar.

Mas tanto êle como outros muitos correligionários, equiparados em nascimento e riqueza, não apareciam, salvas poucas excepções, nas festas públicas, não frequentavam os espectáculos, por maioria de razão o teatro de S. Carlos, onde teriam de inclinar-se cumprimentando as pessoas reais ou deixar de cumprimentá-las, o que repugnava aos seus hábitos de polidez e compostura.

Em 1850, já muitos liberais respeitavam essa desinteressada isenção e conheciam alguns factos que a engrandeciam por serem honrosamente cavalheirosos.

Contava-se, por exemplo, que no palácio da infanta D. Isabel Maria, em Bemfica, estavam passando um serão alguns fidalgos miguelistas — sempre esta infanta foi muito afeiçoada a D. Miguel, pôsto não se malquistasse com D. Pedro nem com a sua sucessora — quando inesperadamente entraram na sala a rainha D. Maria II, a dama e o camarista de serviço.

Logo a infanta foi ao seu encontro, e todos quantos legitimistas ali eram presentes permaneceram de pé, fronte inclinada.

Mais afável que habitualmente, D. Maria II dirigiu-se a êles e falou-lhes com agrado, algo menos postiço que os sorrisos protocolares das rainhas.

Cumprindo a etiquêta, os velhos amigos de D. Miguel beijaram-lhe a mão. Discretamente a filha de D. Pedro IV procurou assuntos frívolos, de sociedade, que nem de leve pudessem tocar na politica e, passada uma hora, retirou-se, sendo acompanhada até à porta pela infanta e por esses espectrais fidalgos que pareciam ter surgido duma necrópole.

Provávelmente a rainha, recostada na sua caleche, viria pensando, ou talvez o dissesse porque era burguêsmente franca e ás vezes rude:

— Se todos os constitucionais fossem assim...

E lembrar-se-ia amargamente de que seu pai tinha sido alvejado com patacos, no teatro de S. Carlos, pelos mais exaltados partidários.

Em Bemfica os cortesãos do antigo regímen souberam contêr-se na atitude sempre correcta de homens bem educados, ainda quando sejam constrangidos na sociedade por uma surpresa desagradável.

O sacrificio fôra decerto grande, porque D. Maria da Glória não era a sua rainha, antes, por herança, recebêra usurpado, segundo criam, o trôno do infeliz rei proscrito, que êles inalterávelmente veneravam numa nitida visão muito íntima e saudosa, transmitida de pais a filhos como um solene compromisso de familia, que deviam respeitar e honrar.

Essa persistente recordação melancólica, postoque guardada recatadamente dentro de alma, adivinhava-se, percebia-se no retraimento sistemático dos fidalgos miguelistas, na sua vida onde os costumes elegantes eram mantidos sem ostentação nem ruído, e até nas suas maneiras graves, quase austeras, sempre ponderadas, próprias de quem não queria ofender os adversários.

Assim vivia, e assim era, o velho D. João Bacelar amigo dedicado de D. Miguel, cuja desgraça deplorava enternecidamente.

Mas tinha uma filha e foi ela quem logrou amenizar-lhe quanto possivel a viuvez e a velhice.

Chamava-se Sofia de Haucourt Bacelar, nascêra em Lisboa no ano de 1830, e era a única herdeira de consideráveis haveres.

No Paço de Queluz conheceu Bacelar uma galante menina, muito da intimidade das infantas D.

Isabel Maria e D. Maria da Assunção, ás quais visitava amiudadas vezes, como elas lhe pediam, para exercitá-las familiarmente na conversação francesa.

Esta juvenil «estrêla da côrte», Maria Manuela de Haucourt, filha duma francesa e dum oficial português do exército realista, o brigadeiro Semedo, veio a ser a mãe de Sofia.

O romance de Maria Manuela leva pouco tempo a contar.

Estava-lhe destinado para noivo um primo, rapaz do Alentejo, rico, feio, quase imbecil.

Mas era suficientemente abastado para aguentar as despesas do casal, ainda que mademoiselle de Haucourt perdesse a demanda que, sôbre a importante herança de sua avó materna, afidalgada lavradora do Poitou, prosseguia em França entre o brigadeiro, como tutor da filha, e um suposto credor da falecida.

Lembremo-nos, porêm, de que o casamento e a mortalha no céu se talha.

Depois da *Abrilada*, quando o infante D. Miguel saiu de Portugal, Bacelar, tendo pedido a demissão de tenente de cavalaria, foi ter com êle a Viena d'Austria. Grato a esta prova de dedicação pessoal, o infante distinguia-o com a sua amizade. Em 1828, quando D. Miguel voltou, quis reintegrá-lo no exército, mandando-lhe contar, para o efeito da promoção, todo o tempo que estivera em Viena acompanhando-o, mas Bacelar pediu a D. Miguel que o deixasse continuar gozando a liberdade de paisano, a que já se habituára.

Avistámo-lo, à volta de Viena, no Paço de Queluz, tendo quarenta anos de idade, bem parecido, garbosamente aprumado, de maneiras distintas, interessante na conversação, inspirando simpatia e confiança.

Mademoiselle de Haucourt viu-o e, antes mesmo de saber que êle era senhor de casa vinculada, achou-o

preferível ao primo, não obstante a diferença de idades.

Bacelar, por sua vez, ficou fascinado e de si para si qualificou adorável aquela linda criança.

Passados alguns dias, a duquesa de Lafões ofereceu na quinta de Marvila uma sumptuosa merenda em honra de D. Miguel.

Foi aí que D. João Bacelar e a filha do brigadeiro Semedo tornaram a encontrar-se. Por feliz acaso, se não foi propósito comum, conseguiram dialogar breves, mas decisivas, palavras numa volta de alamêda, onde os altos mirtos melhor podiam ocultá-los.

— Minha senhora, dissera-lhe Bacelar, autoriza-me a pedir-lhe a sua mão ?

Mademoiselle de Haucourt não pareceu muito surpreendida, conquanto um vivo rubor lhe carminasse as faces, e respondeu com firmeza :

— Tinham-me escolhido para noivo um parente que eu não amava, nem jamais poderia amar. Respondo, pois, afirmativamente e peço-lhe que fale a el-rei e ás senhoras infantas para que junto de meu pai intercedam em nosso favor.

Um vigoroso *shake-hand* selou este pacto terníssimo.

Bacelar fez o que mademoiselle de Haucourt lhe aconselhára. As infantas prometeram encarregar-se do que elas chamaram «uma obra de misericordia» : livrar a gentil menina de casar com um primo que não a merecia.

Honrando a promessa, contaram a el-rei o que Bacelar lhes tinha pedido.

D. Miguel riu muito, concordando em que «o mel não devia ser p'ra boca do asno» e, logo que se avistou com o brigadeiro, limitou-se a significar-lhe que era sua vontade ver realizado tão auspicioso casamento.

Ainda que surpreendido, Semedo respondeu respeitosamente:

— A vontade de vossa majestade será cumprida.

Depois, recobrado da surpresa, e oportunista como bom palaciano, sorriu dizendo:

— Minha filha que desmanche a meada desculpando-se com o primo.

D. Miguel sorriu tambem, satisfeito de ter pregado uma boa peça ao noivo preterido favorecendo a pretensão do seu muito afeiçoado Bacelar.

E como os reis no conceito dos áulicos teem sempre razão, o brigadeiro convenceu-se da vantagem de casar a filha com quem, mais atiladamente de que o primo, acompanhasse a demanda do Poitou, que estava sendo uma ralação de tempo e dinheiro.

Mademoiselle de Haucourt fácilmente «desmanchou a meada» com escrever ao primo estas poucas linhas:

«Primo José. Nós não tinhamos nascido um para o outro. Havia entre nós incompatibilidades de genio. Escolhi outro noivo e desejo que me desculpe, porque eu faço isto levada pela força do coração e não por qualquer ruim intenção de querer melindrar o primo. *Maria Manuela*.»

Na sociedade falou-se com estranheza no capricho de mademoiselle de Haucourt trocar um rapaz, que não tinha ainda vinte anos, por um homem de quarenta.

Só as meninas da côrte davam razão a mademoiselle, porque *o outro* não podia sofrer confronto com Bacelar.

O infeliz primo passou a ser assim designado, *o outro;* mas uma irmã do conde de Mesquitela, D. Domingas da Costa Sousa Macedo, celebrada por sua fealdade e ditos picantes, pôs-lhe a alcunha de «Primo chucha no dedo».

Bacelar casou em 1829 na capela real de Queluz

— onde dois anos antes o marquês de Loulé casara com a infanta D. Ana. Foram padrinhos D. Miguel e D. Isabel Maria. Como presente de nupcias, el-rei agraciou o noivo com o título de conde de Altamira, por ser este o nome do seu solar de familia no Douro.

A galante criança, que Bacelar classificou adorável desde que pela primeira vez a viu, foi por êle adorada, felicidade de que Maria Manuela se mostrava contente e orgulhosa a ponto de confessar a todas as suas amigas: «Amo tanto D. João, que me parece que ele tem ainda vinte anos; por nenhum outro homem o trocaria.»

E a figura desolada do «Primo chucha no dedo», que lhe diziam haver tomado um luto rigoroso e ridículo por se vêr repelido, não lhe causava comiseração, nem desprezo, nem hilaridade.

Em plena ventura conjugal quantos sentimentos passavam na sua alma unicamente lhos inspirava o marido.

Quem se ria do primo repudiado eram as amigas de Maria Manuela, que glosavam com grandes risadas de escárneo o facto de êle haver carregado grotescamente o luto até ao extremo de mandar cobrir de crepe o brasão e pôr laços de escumilha nos pingalins.

Em 1830, depois do nascimento de Sofia, D. João Bacelar partiu para França com a mulher. Regressou no fim de 1831 tendo vencido a demanda e liquidado a herança, cuja importância foi colocar num banco prussiano, o de Berlim, receoso de maiores complicações políticas em França e Portugal.

Maria Manuela teve apenas dois filhos: Sofia, e um menino que nasceu e morreu já depois dos pais haverem regressado a Lisboa.

Promulgado o decreto de 27 de maio de 1834, que libertava os amnistiados do vexame dos sequestros e

lhes permitia ausentarem-se do reino sob palavra de não intervirem na política portuguesa, D. João Bacelar, com a mulher e a filhinha, sairam de Portugal.

Antes da partida, êle havia declarado ao Prefeito da Extremadura que não ia conspirar, mas unicamente beijar a mão ao seu rei, continuar a amá-lo no exilio como o havia amado no trono.

E foi, saudoso, ao encontro de D. Miguel.

Viveu no estranjeiro onze tranquilos anos, revendo-se na felicidade de adorar ininterruptamente a sua familia e o seu rei.

Maria Manuela de Haucourt Semedo, condessa de Altamira, morreu de embolia em 1845, aos trinta e quatro anos, na Alemanha.

O seu cadáver veio para Portugal, acompanhado pelo viuvo e por Sofia, que ficaram residindo em Lisboa no palacête de Buenos Aires, vivendo muito retraídos durante os primeiros tempos de viuvez.

A morte súbita da esposa estremecida feriu D. João Bacelar com um rude golpe, tão rude quanto inesperado.

Foram os encantos da filha que o ampararam na soledade dêsse duplo luto de realista e de viuvo.

Graças à mocidade de Sofia, reatara-se a pouco e pouco a vida doméstica, criaram-se novos hábitos, menos soturnos, e recomeçou-se a convivência com antigas relações de amizade, que voltaram a frequentar o palacête de Buenos Aires.

A contar de 1850, reunia-se em volta de Sofia um grupo de meninas legitimistas, tão prendadas como ela, postoque de menos scintilante vivacidade; e de senhoras tão respeitáveis como instruidas, sendo as mais assíduas a viscondessa de Juromenha e Frau Keiser, antiga professora de alemão e de música.

Esta professora, em cuja remota ascendência figu-

rava um maestro do mesmo apelido, dera voga entre as suas discipulas de Lisboa á citara e ao cistro europeu ou guitarra alemã, que ela tocava primorosamente.

Sofia estimava-a muito e as familias realistas sempre a tratavam na ausência como na presença por *Frau Keiser*, senhora Keiser.

Duas ou três vezes na semana organizavam-se serões de arte, mas D. João Bacelar recebia todas as noites. Os poetas, João de Lemos, António Pereira da Cunha, D. José Maria da Piedade (Abrantes) eram muito apreciados, porque ou diziam seus maviosos versos românticos ou encantavam pela terna saudade com que recordavam pessoas, factos, horas felizes do tempo em que tinham um rei, uma côrte e uma pátria.

Todos êles, os poetas e os outros, se consideravam tão exilados em Lisboa como o seu amado monarca vagueando solitário por terras estranhas.

A filha de D. João Bacelar conhecêra o senhor D. Miguel na Alemanha, muitas vezes lhe ouvira rememorar sucessos políticos da sua côrte de Lisboa ou de Braga, amarguras de um reinado de cinco anos; perfidias e traições de que fôra vítima, mas sempre lhe ouviu dizer que se dava por bem pago do seu longo martírio pela dedicação e carinho dos legitimistas fieis, a quem chamava, com os olhos rasos de lágrimas, os «seus incomparáveis amigos», que o não tinham esquecido jamais.

Ela conservava perfeita memória da voz quente, do olhar firme daquele homem triste, cuja barba grisalha lhe dava prematuramente um aspecto de ancianidade aos quarenta anos.

Para lhe recordar as feições, Sofia Bacelar não precisava vêr os retratos do senhor D. Miguel, que em todas as salas do palacête de Buenos Aires pen-

diam venerandamente das parêdes: via-o, ouvia-o nas suas lembranças como se estivesse ainda na Alemanha, na presença dêle.

Por isso avaliava melhor que as outras meninas realistas a conveniência de suavizar as recordações dos velhos amigos do rei proscrito, especialmente de seu pai, a quem já os anos pesavam muito, e os desgôstos ainda mais.

No claro espirito de Sofia, e na gracilidade dos seus encantos de mulher, havia um duplo poder de atracção e persuasão, que tornava convincentes as suas palavras, sugestivas as suas ideias e pensamentos.

Era como se uma leve figurinha de Saxe raciocinasse e discursasse. A cada momento dizia ela ao pai e aos outros velhos miguelistas:

— A vida é dura e amarga na sua realidade quotidiana. Para que seja menos espinhosa é preciso que a espiritualizemos, que procuremos alguma coisa imaterial que no-la adóce, algum sentimento alto e bom, útil e agradável, que nos torne menos aborrecidos a nós mesmos e aos outros.

Para exemplificar esta sua tése com uma demonstração prática e suasória, ela mesma se devotava ao culto da música, organizando deliciosos serões caseiros, em que se fazia ouvir na cítara, tendo por colaboradoras três das suas amigas, Ema de Sequeira no piano, Cecília Freire na harpa, e Mimi de Vilhena na guitarra alemã.

Dava gôsto ouvi-las executar com uma paixão de arte que desmentia, pela superioridade da inteligência e do sentimento, a rispida frase proferida uma noite pelo morgado Velasco: «a mulher carece de rendas e fitas para valorizar-se».

Ele já dissera isto mesmo, no *Marrare do polimento*, por mais cruas palavras: «A mulher é um animal de luxo».

Sofia Bacelar, ouvindo aquela frase, ainda que em palavras menos agrestes que a do *Marrare*, por ela ignorada, combateu-a logo verbalmente e prometeu contradizê-la por factos. Desde então tanto ela como as suas amigas deixaram de adornar-se com rendas e fitas. E quando todas quatro faziam música, o morgado Velasco ouvia-as com muito interesse e acabava por aplaudi-las com entusiasmo. Elas então castigavam-no com amável surriada, dizendo alternadamente: «Sem fitas. Sem rendas».

Os graves parceiros do *whist*, incluindo D. João Bacelar, suspendiam o jogo, rindo de vontade, êles que tão avêssos andavam de alegrias.

E Velasco, rindo tambem, não encavacava nunca.

Na sociedade legitimista de Lisboa, Velasco era o único homem a quem se permitiam, pelo seu agrado pessoal, certas liberdades de apreciação, quasi sempre justas ou espirituosas, bem como frequentes relações de botequim, de passeio ou de teatro com muitos marialvas, boémios e diletantes de origem liberal.

Mas, no fundo do seu caracter, permanecia, independente e altivo, o culto pelas tradições politicas dos Velascos de Alentejo.

Nos primores da música e da conversação Sofia Bacelar animava-se a ponto de parecer que o seu espírito vigoroso lhe sacudia o débil organismo sem o molestar, como um vento forte pode fazer oscilar as plumas das árvores sem destroçá-las.

Ela era uma linda criaturinha franzina, *mignonne*, de faces levemente rosadas, mãos e pés pequeninos, olhos e cabelos negros, fisionomia ao mesmo tempo perspicaz e insinuante.

Quanto à bôca, bastará lembrar a frase madrigalêsca do morgado Velasco, num jantar de familia:

— Prima Sofia, se eu fosse um morango quisera ser mordido pelos seus dentinhos de boneca.

— Cáspite! como o primo está galanteador! disse ela rindo.

— Pena tenho eu de ser às vezes grosseiro. Mas não me puli tanto quando o meu preceptor queria. Nas caçadas ou nos botequins acham-me alguma graça, e tambem isso acontece na torrinha 113. Mas entre senhoras não é assim. Apósto que a prima nunca me perdoou aquele meu desastre das fitas e rendas. Fiquei bem castigado.

— Diga antes vencido.

— Convencido é que foi.

— O primo tem hoje muito afinada a bossa da amabilidade!

— Procurarei merecer esse conceito ao menos uma vez por semana.

— E em que dia?

— A's sextas-feiras, depois de eu ter ido pedir ao Senhor dos Passos da Graça que me faça menos bruto.

Estalou uma gargalhada geral e o marquês de Penalva, que era um dos convivas, apostrofou:

— O' Velasco, tu és o fidalgo mais engraçado e mais repontão que tem aparecido em Lisboa. Respondes a tudo.

— Aprendi isso em pequeno e agora já respondo por velocidade adquirida.

— E quem foi que te ensinou?

— Foi meu pai, que me disse um dia que o silêncio era mais vezes sinal de imbecilidade que de prudência. E contou-me a esse respeito uma história.

— Repete-a lá.

— Certo lavrador de Serpa, indo jantar fóra de casa com o filho, que era pateta, recomendou-lhe: «Tu à mesa não digas nada.» O rapaz, querendo cumprir pontualmente, respondia com um sorriso ao que lhe dizia o seu vezinho da direita e com igual sorriso ao vezinho da esquerda. Mas ouviu dizer a alguem que

estava perto: «E' idiota.» E, num desabafo, gritou contente: «O' meu pai, agora posso falar, que já cá me conheceram.»

— Tem graça! tem graça! conclamaram vozes.

— Eis aqui a razão, continuou serenamente Velasco, por que eu nesta casa falo tanto. E' que já todos me conhecem bem, e a priminha melhor que todos.

— Eu?

— Sim, a priminha, e quem aqui devia estar para me substituir na discursama era o meu conterráneo dr. José Palmeiro, que, talvez por ser botánico, tambem cultiva as flores de retórica. Ele e eu somos os maiores proprietários em toda a comarca, mas Deus Nosso Senhor, para sustentar o equilibrio do universo, deu a êle mais inteligência e a mim mais boleta.

Novas gargalhadas. Passado o riso, D. João Bacelar observou recordando:

— Eu conheci um capitão de voluntários realistas, da provincia de Alentejo, chamado José Palmeiro. Não sei se deixaria algum filho.

— O pai do dr. Palmeiro não era dos nossos.

— Ah! ironizou D. João Bacelar.

Decorrendo o outono dêsse ano de 1850, hospedou-se no palacête de Buenos Aires uma fidalga miguelista de Braga, D. Constança Pizarro, parenta remota dos Bacelares.

Parece que viera com o propósito de contratar, entre os correligionários, um noivo para a filha, porque a fidalguia da província prezava-se então muito de transfundir no seu brasão o melhor sangue azul de Lisboa.

A ilustre dama bracarense dizia-se encantada com os interessantes serões de Buenos Aires, e uma noite chegou em que ela pôde conhecer pessoalmente o

poeta João de Lemos, cujos versos eram lidos e apreciados pela boa sociedade de Braga — tradicionalista até à medula dos ossos.

Nessa mesma noite D. João Bacelar estava jogando a sua partida de *whist*, quando se ouviu parar uma seje.

Minutos depois, o velho escudeiro Manuel Brás vinha anunciar a seu amo que monsenhor Povolide e o sr. António de Albuquerque lhe pediam a fineza de os receber em particular.

Fazendo-se substituir pelo morgado Velasco — com desprazimento das senhoras — foi apressadamente Bacelar ao encontro dos dois amigos que o procuravam.

Um dêles, D. José Maria da Cunha, era filho do 4.º conde de Povolide e pertencêra, como seu irmão Miguel, à extinta Patriarcal.

Tinha 63 anos de idade e gozava da maior consideração entre os legitimistas.

Toda a gente o conhecia por «monsenhor Povolide».

O outro, António de Albuquerque do Amaral Cardoso, vulgarmente «fidalgo do Arco», representava então, com galhardia, os Albuquerques de Viseu.

Tinha trinta e oito anos. Era um homem de regular estatura, perfeito, loiro e corado, de olhos azuis: certa aparência germânica.

Militara no exército de D. Miguel e, depois de Evora-Monte, alistou-se no exército carlista. Teria sido fuzilado em Espanha, se não se houvesse remido a dinheiro. No regresso casou com uma filha dos marqueses de Alegrête, D. Ana Teles da Silva, que, no verdor dos catorze anos, saíra das Salésias para lhe dar a mão de esposa.

António de Albuquerque era generoso e bisarro. Tinha rasgos de verdadeiro fidalgo. Desde 1826 fôra

perseguido por um liberal exaltado, que jurára matá-lo. A instancias de amigos, Albuquerque saiu de Viseu e só ali voltou depois que D. Miguel viera. O seu perseguido tinha decaído com a alteração política: estava na miséria. Um dia foi à casa do Arco pedir esmola, como tanta outra gente. Albuquerque tirou uma bolsa cheia de pintos e deu-lha. Na rua, tendo visto a quantia que recebêra, o esmolado retrocedeu para dizer ao fidalgo que s. ex.ª por ventura se enganara, dando-lhe prata em vez de cobre. Albuquerque entrou no seu escritório e voltou dizendo: «Aqui tem; desta vez não me enganei».

Despejando os pintos, tinha enchido a bolsa com peças de ouro.

Bacelar conhecia perfeitamente, como sua filha, o assunto da visita, mas não a esperava à noite: por isso logo inferiu ser urgente qualquer resolução a tomar.

O assunto era o projectado casamento do senhor D. Miguel com uma princesa alemã. Ainda se não sabia ao certo quando se realizaria e em que termos. Monsenhor Povolide vinha agora comunicar ao conde de Altamira quais as cláusulas contratuais exigidas pelo principe de Lawenstein, irmão da noiva, e que o casamento ficara aprazado para o próximo ano de 1851.

Ora uma cláusula havia que importava pronta e cabal resolução do partido legitimista: sendo D. Miguel um principe pobríssimo, e não sendo a noiva rica, tornava-se necessário garantir ao casal uma dotação para alimentos, superior às mensalidades até então enviadas ao Proscrito pelos seus amigos.

Monsenhor Povolide não julgava conveniente convocar-se uma grande reunião do partido, que logo constaria e poderia criar atritos politicos; preferia, para maior segrêdo, ter êle o trabalho de colhêr, individualmente, o voto e compromisso de cada correligionário.

Imediatamente Bacelar escreveu e assinou a declaração do quantitativo com que subscrevia. Depois alvitrou que monsenhor, a quem já as mesadas eram entregues, fosse o tesoureiro da caixa em que semestralmente entrariam as prestações; e que por ocasião do casamento se mandasse a importância duma anuidade, a título de presente de noivado, independentemente do subsídio para alimentos.

Liquidado este assunto, monsenhor pediu a António de Albuquerque a pasta de marroquim escarlate que ficára sôbre uma cadeira, e abrindo-a tirou de dentro um cartão em que estava primorosamente gravado por um artista bávaro o retrato da princesa Adelaide Sofia de Lawenstein-Wertheim-Rosenberg.

— Eis a nossa prometida rainha, disse monsenhor numa atitude respeitosa.

E todos três, de pé, se demoraram contemplando o retrato.

D. João Bacelar notou que a princesa tinha uma fisionomia inteligente e doce, e que se a sua aparência era modesta, o seu vestuário era modestíssimo.

— E' muito simpática, posto não seja formosa, disse António de Albuquerque.

— A cara é muito alemã, coutinuou Bacelar, mas a alma é que deve ser formosíssima. Pois não vêdes, amigos, que esta princesa de sangue, digamos, esta menina de dezanove anos, que poderia aspirar a ser esposa dum principe reinante, compreendeu e sentiu a desgraça de um rei destronado, desterrado, espoliado, quase sem pão, e quis, piedosa e nobremente, compartilhar do seu infortunio para suavizar-lho com um afeto verdadeiramente desinteressado! Pois não poderia casar com um fidalgo rico, vaidoso de ligar à sua nobreza os pergaminhos de uma ilustre familia de antigos príncipes católicos! Vêde, portanto, quão formosa será a alma desta jóvem senhora, tão rica

de excepcionais virtudes, e a quem só bastaria a circunstância de ser a eleita do nosso rei, para que todos nós a venerássemos.

Destronado, desterrado, espoliado, quase sem pão, dissera D. João Bacelar. Assim era em verdade. A sorte das armas dizimara o exército de D. Miguel e o tratado da Quádrupla Aliança acabara por expulsá-lo do trono e de Portugal. A Casa do Infantado, que rendia anualmente cêrca de duzentos contos, foi-lhe confiscada a trôco de uma pensão de sessenta contos. Mas esta mesma pensão lhe recusaram, depois que o rei proscrito, chegando a Génova, proclamou dizendo: «Declaro e Protesto agora, que me acho em plena liberdade, contra a Capitulação de 26 de maio que me foi proposta pelo Governo actualmente existente em Lisboa; acto a que fui forçado e cedi, para prevenir maiores desgraças e a effusão de sangue de meus fieis vassallos.»

Honradamente, D. Miguel restituiu as joias da Coroa, e ainda algumas de seu uso particular para cobrir qualquer falha, partindo com as algibeiras vasias. No estrangeiro sofreu privações, e teria morrido de fome se lhe não acudissem dedicadamente os seus leais partidarios.

Durante a conferência de monsenhor Povolide com D. João, as senhoras abstiveram-se de fazer música; mas a fidalga de Braga provocara uma conversação literária com João de Lemos, sua mulher, a filha do dôno da casa e outras meninas, que Sofia muito prezava.

O cativeiro do morgado Velasco na mesa do *whist*, se prejudicara o bom humor do salão, concorrêra, porêm, para a escôlha de assuntos em que as belas-letras primavam.

António de Albuquerque fôra encarregado, por monsenhor Povolide, de ir apresentar os seus respei-

tos às senhoras e mostrar-lhes o retrato da futura raínha.

Logo que o fidalgo entrou no salão de música, Sofia Bacelar correu para êle preguntando com vivo interesse:

— E' a raínha? E' a noiva?

— Ela mesma.

Num instante todas as senhoras se levantaram para ir ver o retrato. E os parceiros do *whist*, obedecendo à voz do morgado Velasco, poisaram as cartas, talvez ainda mais curiosos do que as senhoras.

— Que interessante! exclamou Sofia, muito expansiva. Há nos seus olhos, há no seu ar, uma expressão de espiritualidade bondosa e simples, de mulher que pensa menos em si do que nos outros. Deve ser uma esposa afectuosa e dedicada.

— Tem razão, menina, obtemporou D. Maria do Carmo, casada em segundas núpcias com João de Lemos. As noivas costumam enfeitar-se quando se retratam, mas esta princesa faz excepção, certamente porque liga menos aprêço ao figurino do que à missão, que se impôs, de minorar quanto possivel a desgraça de el-rei.

— Vê-se que se retratou como costuma andar, com muita singeleza, observou Cecília Freire.

— Bandós lisos... disse Ema de Sequeira, chamando a atenção para o penteado.

João de Lemos, encostado a um contador, seguia atentamente as observações que se cruzavam rápidas e certas:

— Sôbre os bandós um vèuzinho quase freirático.

— No pescôço apenas um biquinho de renda.

— Primo Velasco, judiou Sofia, repare bem: apenas um biquinho de renda.

— Ah! priminha, respondeu êle, a etiquêta não per-

mite que na presença da raínha se digam zombarias a qualquer dos seus vassalos.

— Bem, replicou ela, como já recorre à protecção da raínha, não insisto no assunto, mas quero que nos diga a sua impressão a respeito do retrato.

— O' minha prima! isso é querer entalar-me entre a espada e a parêde!

— Diga, diga.

— Pois então aí vai. Esta senhora, se não se dedicasse ao senhor D. Miguel, rei destronado e pobre, far-se-ia freira ou irmã de caridade. E' o que me diz o seu retrato.

— Bravo, Velasco! aplaudiu João de Lemos. Tu és um fisionomista, um espírito que observa e vê bem. Sim, é verdade, há no rosto da princesa o que quer que seja de abnegação, de sacrificio e, por isso mesmo, de muita simpatia.

— Isso não soube eu dizer assim, porque tu és um poeta e eu sou um morgado estúpido como um granadeiro.

— Credo! exclamaram algumas senhoras.

E Sofia, rindo, rindo, comentou olhando Velasco:

— Fui buscar lã e vim tosquiada...

António de Albuquerque voltou com o retrato ao escritório de Bacelar, e em poucas palavras contou o que se passára com as senhoras.

— Continuando a nossa conversa, monsenhor, — prosseguiu Bacelar — eu sou menos optimista. Não creio que este casamento melhore as condições politicas do partido, ainda mesmo que dele provenha um sucessor. O passado não volta, nem poderá voltar, porque tem a responsabilidade de muitos erros e dêles a primeira vítima inocente foi el-rei nosso senhor, bom português, bem intencionado, amigo do seu amigo, valente como as armas, generoso e sensato, *sensato*, como notou em 1827 o famoso Metternich. Mas,

por infelicidade, teve más ilhargas, ministros imprudentes ou vingativos, que não quiseram dar a amnistia e que tudo puseram a ferro e fogo, provocando represálias; generais que, tendo de combater contra um deminuto exército e dispondo de um exército considerável, não o conduziram à vitória. Ainda peor que estes foi o tardio e desleixado Mac-Dónell. Um desastre! uma vergonha! Nós, eu principalmente, fomos caindo no desânimo ocasionado por sucessivas derrotas e provações e por uma nova e estranha atmosfera política e social que nos abafa.

— Mas, interrompeu monsenhor, o conde não vê nenhum aspecto proveitoso neste casamento?

— Vejo, replicou com vivacidade aquele que para os legitimistas ainda era o conde de Altamira — vejo, sim. Vejo a felicidade doméstica de el-rei nosso senhor, que bem a merece, e que nunca a teve. Vejo uma esposa, que ternamente se afeiçoou a um homem tão desgraçado como bom, que lhe não pode dar honrarias nem riquezas. Vejo, por ventura, uma prole, que Deus protegerá, e que há de estreitar ainda mais os laços de família. El-rei vai fazer cincoenta anos e a princesa vai fazer vinte. Eu tambem casei com idêntica desproporção de idade e fui felicíssimo, oh! felicíssimo. O coração do homem é como os vinhos generosos, vai-se depurando com os anos, faz-se melhor. E toda a mulher, que se reconhece adorada, agradece a adoração e em geral a retribue. Foi o que me aconteceu a mim e há de acontecer a el-rei nosso senhor.

— Assim seja, assim seja, disse monsenhor Povolide. Já não é cedo, meu caro Altamira, e ainda temos a tratar outro ponto.

— Qual?

— O de assentarmos na deputação que deve assistir ao casamento. O conde vai?

— Eu tinha pensado em ir ou como um dos representantes do partido ou como simples particular, acompanhado por minha filha. Mas ela opôs-se dizendo que me acompanharia da melhor vontade, se o fazê-lo pudesse evitar os incómodos da viagem a um velho de sessenta e um anos, achacoso e carecido de muitos resguardos e cautelas. Disse mais que el-rei seria o primeiro a desculpar-me, porque muito bem conhece o meu caracter e os meus sentimentos. Finalmente, acrescentou que ela sabia quanto eu desejava tornar a ver a minha casa de Altamira, onde nasci, casa que ela tambem muito deseja visitar, mas que por a viagem ser bastante incómoda, Douro acima, não tinha consentido em que a empreendêssemos. E o dr. Barnabé tem sempre reforçado, como nosso assistente e bom amigo, a opinião de minha filha.

— Muito sinto. O conde de Altamira, respondeu monsenhor levantando-se, faz sempre falta em toda a parte, especialmente numa côrte.

— Pelo amor de Deus!... monsenhor.

— E eu que vou na deputação, disse António de Albuquerque, terei ao menos o prazer de ser portador das felicitações e desculpas do conde, se quiser de seu próprio punho dirigi-las a el-rei.

— Quero sim, e muito lhe agradeço o seu amável oferecimento, meu caro Albuquerque.

No salão de música, a sr.ª D. Constança Pizarro teve ocasião de confessar a João de Lemos que, algumas vezes, recordando *A lua de Londres*, de que muito gostava, tinha dito comsigo mesma: «Quanto mais bela não será ainda esta poesia quando o autor a recite...»

— E contudo talvez assim não seja, contestou modestamente o poeta.

Mas Sofia Bacelar acudiu logo:

— Vamos lá fazer a experiência, tanto mais, dr., que eu, tendo-lhe ouvido recitar poesias suas, nunca lhe ouvi *A lua de Londres*, tão portuguesa, tão saudosa, direi mesmo tão humana, porque generaliza uma sensação de todos os que vivem ausentes da pátria, seja em Londres ou na Califórnia. Quantas vezes el-rei, no seu exílio, não a terá lido chorando! êle próprio ainda há três anos observaria pessoalmente a triste lua londrina amortalhada num véu alvacento e húmido.

Esta frase lançou uma ideia nova, que fez estremecer os corações.

Imediatamente, João de Lemos, muito impressionado, assentiu, e todas as senhoras prestaram ouvidos atentamente, respeitosamente, como se quisessem escutar a voz do senhor D. Miguel carpindo-se através das estrofes do poeta.

A exteriorização de João de Lemos não se adaptava aos moldes tradicionais dos seus colegas. Ele nem era o clássico poeta escaveirado e faminto, de rêpas caídas e bota rôta, nem o poeta romântico, magro, pálido e tossiguento, em caminho da tuberculose.

O autor da *Lua de Londres*, que estava então na força da vida — trinta e um anos — era de estatura meã, atarracado, nutrido: tinha um aspecto burguês, conquanto pertencesse a uma boa familia.

Seu avô paterno era fidalgo da casa real e comendador da ordem de Santiago. Uma sua tia-avó, D. Joana Rita de Lacerda, foi agraciada pelo príncipe regente D. João com o mais gentil e afectuoso titulo que ainda houvera — baronesa do *Real Agrado:* «tendo em consideração — dizia a carta régia — aos distinctos e relevantes serviços da sobredita, especialmente aquelles que lhe tenho visto fazer pelo espaço de 13 annos assistindo á Raynha minha Senhora e May com hum zelo, amor e assiduidade nunca interrompidos.»

Cinco anos depois, recebeu a mercê de viscondessa. Sucedeu-lhe no título um dos sobrinhos, Inácio Xavier de Seixas Lemos Castelo Branco, coronel do exército, e pai de João de Lemos.

Na recitação, a voz dêste poeta modulava-se cantante, segundo a escola declamatória da época, já um pouco modificada pelo exemplo de António Feliciano de Castilho, óptimo recitador.

Mas a sua dicção soava clara e firme, as tonalidades sucediam-se justas e próprias, e desde o primeiro verso

E' noite; o astro saudoso

o anseio emotivo e o brilho dos olhos iam acompanhando a alta graduação do sentimento, a veemência crescente, quase desesperada, de uma intensa nostalgia.

Todas as senhoras que o escutavam, num silêncio reverente como se fosse el-rei que estivesse contando as suas impressões de Londres, perdoariam nessa hora ao poeta o não ser mais elegante a sua figura, mais prometedora a sua fisionomia.

Todas as senhoras... que digo eu? uma era sua esposa. E essa sentir-se-ia orgulhosa de haver sido amada por aquele homem ilustre.

Quando o poeta se aproximava das últimas estrofes, a vibração da alma e da voz atingira a máxima sentimentalidade, subjugava o auditório, enleando-o em êxtase.

Na minha patria uma aldêa
Por noites de lua cheia
E' tão bella, e tão feliz!...
Amo as casinhas da serra
Co'a lua da minha terra
Nas terras do meu paiz.

Eu e tu, casta deidade,
Padecemos egual dôr,
Temos a mesma saudade,
Sentimos o mesmo amor;
Em Portugal o teu rosto
De riso e luz é composto,
Aqui triste e sem clarão,
Eu lá sinto-me contente,
E aqui lembrança pungente
Faz-me negro o coração.

Eia, pois, ó astro amigo,
Voltemos aos puros céus,
Leva-me, ó lua, comtigo
Preso n'um raio dos teus,
Voltemos ambos, voltemos
Que nem eu, nem tu podemos
Aqui ser quaes Deus nos fez.
Terás brilho, eu terei vida,
Eu já livre e tu despida
Das nuvens do céu inglez.

Aplausos frementes. Todas as meninas estavam sensibilizadas, e a sr.ª D. Constança Pizarro, antiga romântica, poisou num lenço de renda duas lágrimas de sala...

Velasco, finalmente liberto do *whist*, entrou no salão ao tempo que o poeta declamava:

Leva-me, ó lua, comtigo
Preso num raio dos teus.

E, acabada a recitação, aproveitou o rumor dos aplausos para se aproximar de Sofia e dizer-lhe o que teria dito ao poeta, se estivesse mais perto dêle:

— Priminha, o João, pendurado num raio da lua, devia fazer uma figura muito ratôna, visto cá de baixo...

Sofia mordeu o lábio para não rir.

II

Núvens em céu azul

> Com os arrufos dos amantes se torna a acender o amor.
>
> TERÊNCIO — *Versão do padre Bluteau.*

Em verdade, Sofia Bacelar receava que a débil saúde do pai se ressentisse duma viagem longa e das pungentes recordações que a Alemanha suscitaria no coração do viuvo saudosíssimo.

A vida de D. João Bacelar — conde entre os realistas — era muito pautada e serena, mas quanto possivel distraída sem fadiga.

Durante uma ou duas horas êle entretinha-se lendo a correspondência do feitor e dos caseiros; a *Nação*, órgão político do seu partido, ainda menina e moça, porque principiara a publicar-se em setembro de 1847; algum periódico literário, redigido tambem por amigos seus, como por exemplo *A Semana*, que, neste ano de 1850 em que estamos, viera à luz pública, tendo como principais redactores João de Lemos e Silva Bruschy; finalmente, ditando a Sofia a resposta às cartas que tinha acabado de receber.

Bacelar gostou de ver aparecer a *Nação* e gos-

tava muito de a ler, não porque a considerasse uma eficaz arma de guerra ou de propaganda aliciadora, mas porque a reputava uma bela página de história, que restabelecia a verdade de factos consumados pulverizando deturpações acintosas e que era superiormente escrita por um grupo de homens talentosíssimos e austeros.

Três ou quatro vezes na semana, desde a primavera ao outono ou ainda nas manhãs de inverno claras e mansas, D. João Bacelar dava passeios de carruagem com a filha.

Num dia iam ao Campo Grande, que era então a primitiva alamêda dêste nome, plantada no reinado de D. Maria I, contornada por um muro baixo e fechada por grossos portões de ferro nas extremidades.

Apeando-se, pai e filha passeavam algum tempo e quase sempre, saindo do Campo, batiam ao ferrôlho da casa de João de Lemos, que ali vivia com sua mulher

> .....na soidão das frescas sombras
> Do *campo de Alvalade*, onde me acoito.

Outro dia iam passear na deserta quinta dos duques de Cadaval em Pedroiços ou na quinta desabitada da duquesa de Lafões em Marvila.

Nesta quinta costumava o conde, ao passar junto dos altos mirtos, que outrora emboscaram o seu encontro com mademoiselle de Haucourt, tacteá-los carinhosamente.

— Somos amigos velhos... dizia êle sorrindo à filha. Cumprimento-os gratamente.

Algumas tardes de verão, nos dias certos em que o morgado Velasco jantava em Buenos Aires, iam fazer horas ao Passeio Público onde se encontravam com êle, e conversavam largamente sentados à sombra das árvores.

Era o morgado quem animava a conversação com o seu bom humor, as suas apreciações sôbre casos de sociedade, escândalos da política, discussões de botequim, historietas de Cintra, ou das Caldas da Rainha e tambem com a definação rápida mas incisiva das pessoas que iam passando.

Depois saíam juntos os três e, quando a carruagem passava, não faltaria quem dissesse que Sofia Bacelar era a noiva do morgado Velasco.

Alguns amigos dêle chegaram, por vezes, a interrogá lo ou a fazer claras referências.

— Não há namôro — respondia Velasco — nem projecto algum de casamento. Somos parentes e vivemos como família. Estimamo-nos reciprocamente e eu venéro D. João Bacelar, que foi amigo intimo de meu pai, e é um verdadeiro fidalgo.

— Mas toda a gente diz...

— Deixa falar; quando toda a gente diz, não fica ninguem para contraditá-la, e por isso se acredita. Mas neste caso, e por excepção, podemos ser três os contraditores: D. João Bacelar, sua filha e eu.

Em S. Carlos, na torrinha 113, que ficava por cima do camarote real, tambem uma noite falaram no assunto os outros três assinantes, amigos e correligionários de Velasco:

— Estás aqui, disse o Veiga Cabral, e estás a abandonar-nos.

— Morro? preguntou Velasco.

— Não. Casas.

— Duvído, contrapôs o Manique. A filha do Bacelar é pequenina, e tu sempre gostaste das altas.

Velasco riu-se e concordou:

— E' verdade.

— Que eu saiba, primeiro foi a Marsala bailarina, que era da tua altura e que parecia um fuso quando dançava. Depois foi a Pàolina, amasona do *Price*, que

todo o dia bebia champanhe, e cujas pernas passavam abaixo da barriga do cavalo.

Velasco ria muito e os outros dois tambem.

— Finalmente, continuou Manique, foi a giganta que esteve em exposição com o *tigre marinho* na rua da Palma e que se chamava...

— Rose Blanche, nome de cartaz, acudiu Velasco.

— Isso mesmo. Bonita, realmente, mas tudo nela era excessivo no tamanho: as pernas, os braços, o peito. Mulher de mais. Não achaste?

— Que menos se podia exigir duma giganta? respondeu irónicamente o morgado.

— E porque nenhuma outra podia ser mais alta, fizeste dela talvez a marca final das tuas aventuras de grande formato.

— Não digo que sim nem que não. Isso é como calhar.

— Então, se fôr uma noiva pequenina, destas que se podem trazer ao colo por casa, não dizes que não. Calhou assim.

— O que! Sofia Bacelar?

— Por que não?

— Amigos, falando sério, eu e ela conversamos, rimos, muitas vezes estamos em desacôrdo, mas tudo se passa na melhor intimidade. E estou até convencido de que, se eu pensasse em propor-lhe casamento, ela responderia logo: Não, não e não.

— Mas por quê?

— Porque ela é muito inteligente e eu não sou; porque é muito instruida e eu não o serei nunca; porque é uma idealista e eu sou um homem prático; porque recebeu uma educação de côrte e eu uma educação de morgado de provincia; porque é muito bonitinha e delicada e eu sou um brutamontes alentejano; porque, finalmente, tem vinte anos e eu tenho trinta e quatro.

— O pai é que talvez te quisesse para genro: parece muito teu amigo.

— E é.

— Como foi que te aproximaste tanto desses parentes?

— Não sabes? Meu pai, quando os seus padecimentos se agravaram, fez-me, entre outras recomendações, a seguinte: «Se o primo Altamira voltar ao reino, diz-lhe que sempre o considerei o meu melhor amigo e que até ao fim da vida tive muitas saudades dêle.»

— Ora ele voltou...

— Em 1845, acompanhando com a filha o cadáver da condessa. Assisti ao funeral e no dia seguinte fiz-lhe a minha visita de pêsames. Recebeu-me chorando e relendo o meu cartão: *Velasco .. Velasco.* Seu pai... já sei: isto é uma série terrivel de fatalidades. Mas felizes os que morrem. Eu é que perdi um grande amigo. *Velasco... Velasco...* diz este bilhête e o meu coração repete-o saudosamente. Amei o pai, hei de amar o filho, que é meu parente e que espero será tambem meu amigo.

Neste momento entrou na frisa um marialva muito conhecido no Chiado, filho dum cabralista que a raínha D. Maria II viscondizou; e dali a pouco entrava o filho dum setembrista, rapaz conhecido pelo «Ricardo financeiro», de quem Velasco dizia sempre: «Por dinheiro é capaz de vender o pai».

Estes e outros rapazes procuravam acercar-se do morgado em S. Carlos e no Marrare, atraídos pela celebridade dos seus bons ditos, da alegria do seu génio, da sua valentia e independência, das suas conquistas de mulheres célebres, a Marsala, a Pàolina e, principalmente, a giganta Rose Blanche. Que outro homem havia em Lisboa, na política, na sciência, nas artes ou nas letras, que tivesse apaixonado uma gi-

ganta, como se dizia que *Rose Blanche* se apaixonou por êle? A giganta que o morgado escalara pela fascinação amorosa, e o lindo cavalo luso-árabe, que ele montava com galharda perícia todas as manhãs antes de almôço, eram talvez os dois assuntos que os rapazes mais comentavam com entusiasmo e inveja.

Chegára a ser moda, entre êles, cumprimentar Velasco, tirar-lhe o chapéu, apertar-lhe a mão, pedir-lhe lume e, sobretudo, frequentar a torrinha 113, onde a graça esfusiava e às vezes estalavam gargalhadas de uma tão comunicativa hilaridade, que faziam rir quem estava nos camarotes ou na plateia.

E dizia-se então:

— Aquilo foi chalaça do Velasco. O que seria?

E os rapazes, que ainda não iam à torrinha, preguntavam aos que lá tinham estado, e depois espalhavam no salão, o que o Velasco dissera, dando-se ares de o terem ouvido a êle.

Contava-se que el-rei D. Fernando, com muita aptidão para o desenho, e talvez um pouco picado por saber que o Velasco escolhêra uma torrinha donde não tivesse de cumprimentar a familia real, o caricaturara atirando cartas de jogar para todos os lados da sala, incluindo o *galinheiro*.

Uma legenda explicava a caricatura: *Dando as cartas em S. Carlos.*

Foi depois disto que Velasco, quando no palacête de Buenos Aires tinha que referir-se a D. Fernando, não o tratava senão por — o morgado das Necessidades, meu colega honorífico.

Ele não se ressentiria da caricatura se não tivesse julgado haver nela algum despeito político.

Sadío, rijo, alegre e rico, o morgado Velasco achava a vida boa, gostava de conhecê-la em todas as suas modalidades e aspectos e não lhe desprazia colhêr às vezes a flor da boémia, que era, dizia êle,

a melhor das liberdades, por isso mesmo que não fôra concedida pela Carta liberdadeira.

Mas só o dizia entre legitimistas. Na presença de constitucionais não fazia referências, nem as tolerava, tanto ao novo como ao antigo regímen. E na torrinha 113 pregou sôbre a porta a seguinte

ADVERTENCIA PRÉVIA

A entrada é gratuita, mas pede-se a quem entrar o favor de deixar lá fóra a politica, os espirros e a tosse.

Aquela torrinha, indómita e autónoma, era tão conhecida dos espectadores que a ouviam conversar e rir, como dos artistas, a quem logo constava que dali partiam sempre os primeiros sinais de desagrado ou as primeiras manifestações de aplauso.

Com referência ao ano de 1850, podêmos asseverar, porque ainda o ouvimos contar a um antigo *habitué* de S. Carlos, que tanto a Clara Novello como a Amélia Vianetto, na noite da sua estreia, procuraram com a vista a torrinha 113, apenas entraram em scena.

O morgado Velasco era a alma desta famosa torrinha e, como entendedor de música, não se lhe podia negar imparcialidade e acêrto.

Tanto Sofia Bacelar como as suas colaboradoras nos serões musicais de Buenos Aires, sabiam o conceito em que S. Carlos o tinha: por isso se lisonjeavam da atenção com que êle as escutava e dos bravos com que, sempre a propósito, as aplaudia.

O leitor desejará talvez saber como foi que o morgado, nascido e criado no Baixo Alentejo, pôde educar o espírito e o ouvido no gôsto da boa música.

Vamos dizer-lho.

Simão de Lacerda Velasco, parente afastado, mas amigo íntimo do conde de Altamira, vivia, com a opulência dum grande lavrador, no seu vasto *monte*, conhecido, desde Setúbal até ao Algarve, por Monte-Velasco.

Esta designação abrangia, segundo o estilo transtagano, não só a residência do proprietário, tão alta como larga, e muito vasta, mas tambem o conjunto de todas as *cabanas* ou sejam oficinas e outras muitas dependências da vida agrícola.

Como em geral acontece, Monte-Velasco, muito caiado, alvejava sorrindo de longe ao viandante.

Parece que um nobre instinto de hospitalidade faz ter sempre bem caiadas as paredes dos *montes* para que o mendigo, o almocreve, qualquer outro transeunte da charneca as possa ver a distância e contar com hospedagem certa.

Simão de Lacerda Velasco tinha casado em 1815 com uma dama eborense de família rica e ciosa dos seus pergaminhos. Viveram sem a menor quebra de amizade, estima e mútuo respeito. Para dirigir a educação de Jorge, único filho que tiveram, veio de Évora um considerado professor de línguas e música, homem de bons costumes, viuvo sem filhos, que já havia dado provas da sua competência e seriedade quando educou o herdeiro duma nobre casa do Alentejo.

Chamava-se Elisiário de Morais Sarmento, poderia classificar-se hoje um humanista distinto, seguia sem exaltações a fé legitimista e, como preceptor, procedia sempre cautelosamente querendo perscrutar as tendências naturais do educando.

Orçava já pelos quarenta anos quando veio para Monte-Velasco, onde desde logo se fez estimar de toda a gente, em especial dos dónos da casa, pelo zelo, igual ao carinho, com que educava o futuro morgado.

Pena tinha Morais Sarmento de que o pai lho levasse, aos catorze anos, para caçadas e touradas, e gastasse tanto tempo no picadeiro a ensinar-lhe equitação.

Mas não podia deixar de transigir, porque era essa a educação fidalga da época, uma tradição que constituia, para assim dizer, um privilégio da mais privilegiada classe existente em Portugal.

E, apesar de conhecer os bons instintos e sentimentos do discípulo, Sarmento desgostava-se de o vêr regressar mais desenvôlto de maneiras e de chistes depois de cada viajata que fazia com o pai.

Isto é um perigo, mentalizava o professor, que os senhores morgados — assim se referia sempre aos dónos da casa — e todos os outros senhores da mesma categoria não chegam a conhecer; mas é realmente um grande perigo para o menino Jorge Simão pela boa companhia que faz, pela atracção da sua alegre fisionomia, da sua índole generosa e comunicativa e até dos seus apropositados e judiciosos ditos. Nosso Senhor o defenda de maus amigos e companheiros.

Quanto a instrução, o professor ensinava Jorge a bem falar a nossa língua, por um sistema a que teve de recorrer para captar a atenção do aluno, o qual se aborrecia de estudar e decorar as regras gramaticais.

— Sr. Morais Sarmento, dissera-lhe Jorge um dia, a gramática é uma bucha que custa a engulir. Nem os malteses nem os criados a aprendem e contudo falam quase tão bem como nós.

— Pois no quase é que está o busilis, contestou Sarmento. Um herbanário conhece as plantas, mas não é um botánico. Falta-lhe o quase e o quase é a sciência.

— Minha mãe diz que a Maria copeira tem a sciência de fazer cremes e bôlos finos tão bons como os

dos confeiteiros de Lisboa. Acho que não haverá gramática de fazer bôlos, mas ainda que a haja, a Maria copeira não a terá lido nunca, porque não sabe ler.

— O sr. Jorge é perspícuo e arguto nos seus argumentos — replicou vencido mas não convencido Morais Sarmento; porêm escusa de procurar outros, porque eu percebi o seu fito: quer que eu lhe ensine a gramática pela língua e não a língua pela gramática.

— Isso mesmo.

— Pois então conversaremos as nossas lições passeando às tardes ou nas grandes noites de inverno enquanto o azinho arder na braseira. O mesmo processo de ensino servirá para o francês; pelo que respeita ao latim, que é hoje língua morta, parece-me, porêm...

— Se é língua morta, interveio Jorge, de que serve estudá-la? Chega a parecer absurdo que os padres gastem tanto tempo a aprendê-la.

— E' a lingua em que a Santa Igreja Católica fala a Deus nosso Senhor.

— Nosso Senhor entende todas as línguas, até a dos mudos, que não é nenhuma. Sr. Morais Sarmento, o francês ainda pode servir-me, porque se fala, o latim será obrigação dos eclesiásticos, mas eu sou um morgado como meu pai e meus avós. Sabe do que eu pretendo toscar alguma coisa?

— Dirá e ouvirei.

— De música, em que vossa senhoria é um chavão, diz minha mãe.

— São favores da sr.ª morgada D. Henriqueta. Ela é que toca primorosamente cravo.

— Quando eu fôr homem e vá a Lisboa, quero ir a S. Carlos ouvir a ópera, como meu pai vai às vezes, e não desejo estar lá sem perceber patavina, fazendo má figura.

Morais Sarmento admirava-se de ouvir discorrer com tanta agudeza e desembaraço o seu discípulo, ainda quando não concordava com êle. Mas sentia-se estimado e respeitado naquela casa, sentia-se bem ali, onde nunca sofrêra um vexame, antes recebêra sempre provas de subida consideração. O morgado velho, se tinha de ausentar-se, encarregava-o de receber rendas e fazer pagamentos. Jorge Simão, conquanto gostasse de replicar a toda a gente, «porque, dizia Sarmento, tem sempre uma ideia nova para tudo e para todos», nunca nas réplicas ao preceptor se desviava do respeito que lhe devia.

Já conhecemos a bagagem literária com que o jóvem morgado Velasco se preparou para entrar na vida. Não era grande, mas não era maior nos outros morgados; e graças a uma natural sagacidade «o sr. Jorge, profetizava Morais Sarmento, havia de luzir muito na sociedade entre os que mais luzissem.»

E, pensando assim, apenas duas coisas o arrepiavam quanto ao procedimento do seu discípulo: era o costume de todas as manhãs tomar um banho de agua fria, podendo-o tomar de agua tépida; e ouvil-o dizer que já tinha licença do pai para, na primeira ocasião, tourear um novilho.

Mas estas duas contrariedades significavam amizade pelo educando, receio de qualquer doença ou perigo, o que tanto Jorge como seus progenitores reconheciam com desvanecimento.

Quando a morgada D. Henriqueta faleceu, tinha o filho dezasseis annos e já era alferes de milícias. Dois anos depois, em 1834, rasgou a farda. Rasgar é o termo. O pai, muito abalado de desgôsto pela queda do absolutismo, morreu em 1840, quando Jorge ia atingir a idade de ser emancipado. Simão de Lacerda Velasco, pouco antes de expirar, fizera algumas recomendações: uma a Jorge para que jamais deixasse

de socorrer o senhor D. Miguel 1.º e para transmitir a D. João Bacelar as palavras que já conhecemos; outra a Morais Sarmento para que auxiliasse e guiasse o herdeiro do vínculo na complicada administração da casa, que ele professor bem sabia render anualmente de 15 a 16 contos de reis.

Em 1850, Jorge Velasco era um homem alto, forte, moreno, com um bigode preto sempre muito bem tratado, e cabêlo cortado à escovinha. Nos olhos tinha uma clara expressão de alegria e firmeza; na bôca, por vezes, um geito de ironia ou desdêm. Irrepreensivelmente asseado, trajava fatos elegantes e caros. Nisto, e só nisto, confessava êle, não seguia o exemplo do «seu rei», que em Portugal e no exílio nunca deixou de vestir-se de pano nacional.

Habitava um segundo andar no largo da Abegoaria. Levantava-se cedo, hábito que trouxera do Alentejo, tomava o seu banho frio, depois uma chávena de café, acendia um charuto e ia montar o *Corisco* à porta da cocheira, na rua da Oliveira ao Carmo.

O pessoal da sua casa em Lisboa eram três criados: o cozinheiro, um escudeiro, como ainda então se dizia, e um criado para compras.

Vem agora a ponto dizer que a fidalga de Braga, D. Constança Pizarro, enquanto esteve em Lisboa conversou por vezes com Sofia a respeito do morgado Velasco.

Um dia preguntou-lhe:

— O' menina, tu tens namôro com o Velasco, pois não tens?

— Não tenho, assevero-lhe.

— Pois fazes mal. Quando se nos depara a fortuna de encontrá-lo, nunca se deixa escapar um homem tão raro como êle é.

— Raro?

— Sim, raro, porque é rico, porque é nobre, por-

que é muito simpático e insinuante, e porque já não tem vinte anos, isto é, porque já passou a idade das verduras.

— Ele até nem gosta de mim... aventou Sofia sondando a opinião da prima Constança.

— Por que dizes tu isso?! Pode lá ser!

Ladinamente começou Sofia a inventar alegações.

— Porque já uma vez me chamou bonequinha.

— E tu julgaste que não era um galanteio! Pois não és pequenina e graciosa como as lindas bonecas, que tanto nos encantaram na infância? Se ele te não tivesse observado com interesse, não faria uma tão justa e merecida comparação.

— Doutra vez, pareceu querer atingir-me quando disse que as mulheres se valorizam com fitas e rendas.

— Ele generalizou; atirou ao monte. E como não tem papas na língua, e estava entre parentes e amigos, falou com franqueza, talvez querendo dar-te a entender que tu não precisas de atavíos para agradar.

— Ainda há pouco tempo, creio que foi em setembro, êle, estando a conversar comigo, disse-me parecer-lhe ter descoberto um namôro muito romanêsco. Eu, como era natural, perguntei-lhe logo quem eram os namorados. E o primo Velasco, como se se arrependesse de falar comigo num assunto amoroso, respondeu um pouco severo: «Não quero fazer obra por simples conjecturas. Veremos se elas se realizam.» Ocultou os nomes porque não tem confiança em mim.

— Talvez se lembrasse de que se estava dirigindo a uma menina solteira, que ele respeita, e não quisesse por isso ir mais longe. Sabes o que te digo, Sofiazinha? que dá Deus as nozes a quem não tem dentes. Tivesse eu tido uma fortuna assim!

— A prima não foi feliz?

— O meu homem era muito novo quando casamos. Por isso deu com a cabeça pelas paredes. Mais tarde sossegou um pouco, mas as extravagâncias tinham-lhe arruinado a saúde.

— Eu tambem não sei o que terá feito o primo Velasco, nem isso me importaria, porque eu detesto ciumeiras.

— Podes crêr que já pagou à mocidade o tributo que êles todos pagam. Olha, digo-te uma coisa, tenho quarenta e oito anos, e ainda não sou nenhuma peste, como vês. Pois em casando a minha filha, se ele me quisesse a mim, aceitava-o logo. E' p'ra que saibas, concluiu D. Constança sorrindo, como para se desculpar da sinceridade.

Sofia sorriu tambem, mas através do seu sorriso havia talvez a preocupação de quem precisa resolver um assunto, que por timidez se tem adiado.

D. Constança Pizarro, quando lhe escrevia de Braga, insistia em aconselhar-lhe que não deixasse escapar o morgado.

«Nas salas de Braga, dizia-lhe numa carta, não ha um homem tão elegante, tão apurado, nem tão chistoso e alegre como elle. Se o não queres, manda-o para cá, e verás que não torna mais a Lisboa. Anda por aqui outro morgado a rentar-me, mas está arruinado, e não chega aos calcanhares do Velasco.»

Pouco depois voltava ao assunto:

«Eu tenho tornado conhecido em Braga o Velasco pelos seus bons ditos. Todos já o apreciam aqui, mesmo antes de conhecel-o pessoalmente. Hontem á noute contei no solar de Infias, diante de tudo o que ha de melhor em Braga, o dito d'elle a respeito da... Pois foi uma risota, que não fazes ideia!»

As reticências são do autor dêste livro. D. Constança Pizarro escreveu por claro o nome duma senhora, que conhecêra na infância, e havia casado com

um bacharel que estava dando muito que falar como ministro.

A fidalga de Braga tinha preguntado a Velasco, em Buenos Aires, se êle acreditava que a mulher daquele ministro apadrinhasse certas pretensões rendosas junto do marido. O morgado respondeu de pronto:

— Eu simplesmente direi constar-me que essa famosa dama foi outrora uma Beleza e que hoje é uma Esperteza.

Sofia Bacelar, cuja preocupação aumentou com o estímulo que as cartas de Braga lhe traziam frequentemente, decidiu perscrutar as intenções do morgado por um processo indirecto.

Estava-se em dezembro. Na primeira quarta feira em que Velasco foi jantar a Buenos Aires, disse-lhe à mesa:

— Sabe o primo quem lhe faz as melhores ausências? E' a Constança Pizarro em quase todas as cartas que me escreve. Do que me tem dito vê-se claramente que o primo lhe fez grande impressão, e como ela é viuva e o primo é solteiro, nada mais natural do que um casamento em perspectiva...

D. João Bacelar não interveio no diálogo, parecendo muito contrariado quando Velasco respondeu num tom sêco, de contrariedade ou despeito:

— Prima Sofia, eu não casei, não caso, nem casarei nunca.

Em nenhuma outra quarta feira como naquela noite de 4 de dezembro, tivera o morgado Velasco tanta pressa em ir para S. Carlos, onde aliás se repetia mais uma vez a ópera *Beatriz de Tenda*.

Quando êle saiu, disse D. João Bacelar à filha:

— O Velasco, se não vier ámanhã à noite, é porque ficou zangado, talvez ofendido, por tu lhe teres lembrado para noiva uma viuva de quarenta e oito anos com uma filha casadoira.

— Ela não é peste nenhuma. Mas o pai receia que êle não volte mais ?

— Receio bem que o faça. Não reparaste que, chamando-te habitualmente *primínha*, disse hoje *prima Sofia* quando te respondeu ?

— E' verdade, concordou ela, mas de semblante desanuveado.

D. João Bacelar tinha percebido que o morgado Velasco revelou, involuntáriamente, na diferente maneira de tratar a prima, que fôra ela a causa do seu desgôsto.

Um homem conhece sempre melhor o coração dos outros homens que o das mulheres.

Por sua parte, a filha não se mostrou inquieta.

Com a sagacidade peculiar ao sexo feminino, especialmente em problemas amorosos que lhe interessem, Sofia, sem receio nem sobressalto, disse consigo mesma :

— O primo Jorge ou não compreendeu que eu procurava sondá-lo ou, se compreendeu, quís pagar-me na mesma moeda. Mas estou hoje segura de que realmente gosta de mim. Se deixar de vir, então é certo que o seu despeito corresponde a um sentimento forte. Tanto melhor e, nesse caso, a ausência não será longa.

Depois, como o pai ainda parecesse apreensivo, Sofia aproximou-se dêle e disse-lhe com meiguice:

— Não pense mais nisso. O primo há de voltar, que lho digo eu.

Bacelar compreendeu-a então e, lembrando-se de Maria Manuela na quinta de Marvila, olhou a filha sorrindo contente.

III

Lagrimas reconciliadoras

Não chores mais d'esse penar liberta.

JOÃO PENHA — *Echos do passado.*

No dia seguinte, quinta-feira, Velasco estranhava-se, sentia-se aborrecido e impaciente.

Entrou no *Marrare do polimento* e pouco se demorou. A' noite, sem saber ao certo o que havia de fazer, decidiu-se a ir ao Ginásio, onde se anunciava a penúltima representação da ópera cómica em três actos *O andador das almas*. Tinham-lhe dito que era muito engraçada esta paródia à *Lucia de Lamermoor*.

— Pois bem, resolvêra o morgado; vamos lá ao Ginásio. Estou hoje tão casmurro, que só o Taborda me poderá fazer rir.

A hilaridade dos espectadores era frequente e contagiosa. Riam velhos e novos, ria toda a gente, com o jogo fisionómico, a naturalidade das inflexões e dos gestos, desse grande actor, que jamais foi excedido.

Durante o primeiro acto, Velasco tentou resistir a si mêsmo, interessando-se pelo espectáculo. Mas não o conseguiu. Só pensava em Sofia, insistentemente,

persistentemente e êle próprio se admirava confessando de si para si:

— Nem eu sabia que a amava tanto!

Uma única vez, como por influição cómica da peça e de Taborda, lhe passou pelo espírito esta faisca de ironia breve:

— Viesse agora o Manique dizer-me, se estivesse lendo no meu coração: Pois tu, o da giganta! doido de amor pela pequenina Sofia Bacelar! O que lhe responderia eu? Talvez lhe partisse a cara.

Saíndo do Ginásio, com a impressão de que os outros se divertiram muito, Velasco ia repetindo mentalmente:

— Como eu a amo! Como eu a amo!

Na sexta-feira havia récita em S. Carlos. O morgado, quase automáticamente, entrou na torrinha e logo os três amigos lhe notaram certa preocupação.

— Que tens tu, Velasco?

— O que é isso?

— Incómodo de saude?

— Vou amanhã ao Alentejo tratar de negócios. Não contava com esta maçada. Aborrece-me.

— Demoras-te muito?

— Eu sei lá! Os negócios levam sempre tempo.

E de manhã cedo partiu para Monte Velasco.

No sábado, Sofia Bacelar começava a crêr que se tinha enganado: que Velasco não voltaria, porque não a amava. Sem confessá-lo logo ao pai, que continuava a mostrar-se pesaroso, ela sentia-se desanimada, quase vexada. D. João Bacelar percebia-a e ternamente evitava falar no assunto. Mas a fisionomia traía-o, o que ainda amargurava mais Sofia.

A' noite, vieram os parceiros do *whist* e algumas outras pessoas. Estranhava-se a ausência de Velasco. Estaria doente? D. João deu ordem ao escudeiro

para ir ao largo da Abegoaria, pela manhã, saber do primo.

O escudeiro foi e trouxe a notícia de que o sr. morgado tinha partido na véspera para o Alentejo.

Sofia interveio interrogando com ansiedade:

— E você, Manuel, não perguntou quando viria?

— Perguntei, sim, minha senhora. Mas disseram-me que não sabiam.

Logo que o escudeiro saiu, Sofia, desolada, lançou-se nos braços do pai, que, muito comovido, lhe acariciava as faces e a cabeça.

— Sou muito infeliz, meu pai, dizia ela soluçando, e fui eu mesma que aniquilei a minha felicidade, porque... gostava dêle.

Então, mudaram-se os papeis, era D. João que, para sossegar a filha, queria mostrar-se animoso e ainda confiante:

— Não, filha, agora não raciocinas bem. Se ele tambem gosta de ti, virá mais tarde ou mais cedo. Se não te ama, eu perdi um amigo, mas tu não perdeste um noivo. Temos que resignar-nos. Paciência.

— Meu pai, veja se aprova a minha ideia, ora espere.

Sofia encostou-se à banca e escreveu rápidamente:

«Primo Velasco

Meu Paï e eu pedimos-lhe que não nos faça soffrer por muito tempo a sua ausencia.

Sophia.»

O pai ouviu lêr e aprovou.

Depois uma saudosa lembrança lhe acudiu ao espírito:

— E' como a mãe, expedita em achar uma solução escrevendo.

A carta foi ao seu destino, mas a resposta veio fria, apenas ceremoniosa.

Sofia leu-a mentalmente num rápido lance de vista e, já convulsa, muito pálida contendo as lágrimas a custo, leu-a depois em voz alta para o pai ouvir, acentuando intencionalmente as palavras com esfôrço e sacrificio.

«Ex.mo Sr. Meu prezado Primo

Inesperadamente chamado a casa, para resolver negocios urgentes e importantes, parti sem ter tempo de me despedir das pessoas amigas. O peior é que não sei quando me será possivel regressar a Lisboa. Entretanto envio os meus mais respeitosos cumprimentos a V. Ex.cia e a sua Ex.ma Filha, minha Prima e Senhora.

Com a maior consideração e estima,

De V. Ex.cia
primo e servidor

Monte-Velasco, Dezembro de 1850.

Jorge Simão.»

Foi numa ofegante explosão de chôro que Sofia terminou a leitura desta carta, ficando de pé, com os braços pendidos, olhando aflitivamente o pai.

Fazia lembrar a estátua da Saudade sôbre o mármore branco dum túmulo.

D. João, com a fisionomia alterada, levantou-se da sua cadeira, para acudir à filha, animando-a, confortando-a:

— Querida Sofia, precisamos convencer-nos de que só a morte é irremediável...

— Mas esta carta é uma despedida, é a morte moral.

— Apenas por agora, decerto, porque Velasco é filho do meu maior amigo e não há de querer infernar a minha velhice com um grande desgôsto, entre tantos outros. Ele bem sabe quanto eu o estimo, quanto aprecio a sua boa companhia e amizade.

— Então escreva-lhe o pai...

— Entendo que não devo fazê-lo já. E' possivel que entretanto venha em nosso auxílio a reflexão ou o amor.

— O amor?!

— Sim, o amor, porque a falar verdade parece mais um arrufo de namorado do que outra coisa. Eu nada lhe disse e o que tu lhe disseste não poderá classificar-se ofensa insanável. Logo há uma causa oculta, que êle não quer confessar. Nunca, acho eu, te confessou que te...

— Não, meu pai, nunca me confessou nada.

— Talvez pelo receio de ser recusado e ficar então numa situação que o vexaria nesta casa.

— Mas por que havia eu de recusál-o?

— Pensará que por ser catorze anos mais velho do que tu.

— Mas êle conhece o exemplo de meu pai e outros.

— Conhece, mas nem todos os génios são os mesmos. Ou ainda será por outra razão...

— Qual?

— A de não ter tanta cultura literária como tu.

— Isso sim! Tem muita graça, muito bons ditos, muito espírito.

— Podes dizer raríssima graça, raríssimo espirito.

— Pois é! De resto, que defeitos tem? Só se lhe quiserem notar às vezes umas certas maneiras de...

— De morgado, dize, atalhou o pai sorrindo.

— Aliás menos ridículas que as dos janotinhas do Chiado.

— Assim é. Velasco não tem papas na língua, diz o que sente e quase sempre sente o que é justo. Põe toda a gente à vontade e essa é a sua grande atração no meio de uma sociedade cheia de convencionalismos e hipocrisias, que a desastrosa mentira, chamada sistema constitucional representativo, implantou nêste desgraçado país. Quanto à nossa questão, Sofia, tem fé, tem confiança num homem que me parece amar-te e estar apenas amuado. Não o percas mostrando-te tambem amuada.

As palavras do pai, especialmente estas últimas palavras, fizeram grande impressão a Sofia, e, sobretudo, deram-lhe a coragem e tranquilidade precisas para tomar uma resolução definitiva.

Sem demora, entrando no seu lindo gabinête de trabalho, destapou o tinteiro de prata, ageitou uma fôlha de papel sôbre a pasta de marroquim, experimentou na unha do polegar esquerdo o bico da pena de pato e rápidamente escreveu, pela primeira vez na sua vida, uma carta íntima a ocultas do pai.

Apenas isto:

«Primo Jorge. Tenho chorado muito por sua causa. Venha.

Sophia.»

Fechou a carta, sobrescritou-a, lacrou-a e meteu-a no seio.

Depois, mais pensativa do que fatigada, recostou-se na cadeira, pousando casualmente a vista num espelho de parêde. Mas, ficou olhando, observando o seu busto, que o espelho nítidamente reflectia, até que se levantou radiante.

— Não... não... pensou ela. Foi tolice minha. O primo não há de querer que eu chore mais...

Por uma agradável coincidência, aconteceu que no

serão de Buenos-Aires um assunto amoroso fez, nesse mesmo dia, palpitar todos os corações, uns de esperança, outros de saudade, ou de saudade e esperança como o de Sofia.

De mais a mais estavam presentes dois homens ilustres, ambos dotados de alto espírito e vibrátil sensibilidade, que se interessaram pelo assunto em verdade tão casto como romanêsco.

Eram o dr. Bruschy e o poeta Antonio Pereira da Cunha, qualquer deles casado de pouco tempo e por isso mesmo ainda muito próximos do enlevo amoroso que faz da existência uma delícia inebriante.

Bruschy tinha então trinta e seis anos e uma já longa biografia como soldado realista, primeiro por D. Miguel, depois em Espanha por D. Carlos; como pobríssimo emigrado, sofrendo errores, prisões e fomes; como estudante laureado em Coimbra, onde só à volta de Espanha pôde concluir a formatura em direito; como legista notávelmente afirmado pela obra *Anotações a Waldeck* e proficientíssimo advogado em Lisboa; como um dos jornalistas que, fundando e redigindo *A Nação,* defenderam nobremente, sem benesses nem salário, o seu rei e o seu partido, por igual votados ao ostracismo; finalmente, como um dos promotores do *Grémio literário,* que literário foi naquele tempo, quando Bruschy ali regeu um curso de direito romano, e que depois se desliteratou renegando a origem e o sobrenome.

A fisionomia dêste eminente jurisconsulto era atraente e serena: a fronte ámpla, a bôca firme, os olhos temperados duma luz suave entre arguciosos e contemplativos.

O poeta Antonio Pereira da Cunha, mais novo cinco anos que Silva Bruschy, nascêra e vivia na grandeza, fôra seu pai um fidalgo de solar e êle mesmo tinha uma figura aristocrática, distinta. Casára em 1849 com

D. Maria Ana Machado de Mendóça Castelo Branco filha dos condes da Figueira, marqueses de Mortara e grandes em Espanha. Por esta ligação conjugal ficou Pereira da Cunha aparentado com algumas das mais conspícuas famílias portuguesas e relacionado em Lisboa com outras muitas. Assim se explica que, sem a menor quebra de política, acompanhasse sua mulher nas visitas de sociedade e nos bailes.

Era uma das poucas excepções ao retraimento sistemático dos legitimistas.

Ainda havemos de encontrar Pereira da Cunha numa das brilhantes festas dos marqueses de Viana.

Quanto a relações literárias manteve-as sempre, com Herculano e Garrett, seus adversários politicos, seguindo o exemplo dum ilustre apóstolo do miguelismo, o visconde de Juromenha.

A's sete horas e meia da noite já D. João Bacelar e os seus parceiros habituais tinham começado a partida de *whist;* já no salão de música conversavam animadamente as senhoras, — em especial Sofia — o poeta e o jurisconsulto, quando o escudeiro Manuel Brás veio anunciar mais uma visita: era o Manique, amigo e companheiro de Velasco.

Ele não chegára antes nem depois, porque estava habituado a ir para S. Carlos àquela hora. Em 1850 os espectáculos e os serões elegantes começavam às sete e meia.

Sofia pareceu ainda mais animada quando inesperadamente viu chegar um amigo do primo. Mas de súbito ficou apreensiva: seria Manique portador de alguma terrivel mensagem?

Em breve se tranquilizou, porêm, porque Manique logo declinou, na sua linguagem estouvada de marialva, o motivo que o trouxera a Buenos Aires.

— Eu venho procurar notícias desse misterioso Velasco, que se sumiu por um alçapão como qualquer

diabo de mágica. A torrinha, sem êle, chora que parece uma viúva inconsolável, e eu e os outros dois devemos parecer gatos pingados.

Havia risos sublinhando as comparações humorísticas de Manique. Ele prosseguiu:

— Os criados dizem que Velasco foi ao Alentejo tratar negócios. Negócios! Cantigas. Negócios trata-os o Morais Sarmento, que é o melhor dos administradores, incluíndo o do bairro do Rocio, onde tenho a honra de morar.

— O primo Jorge, interrompeu Sofia, escreveu a meu pai e tambem fala de negócios.

— Negócios! Cantigas. Ele já na sexta-feira passada nos tinha aparecido em S. Carlos com cara de caso. Estranhamos. E lá veio com a mesma cantiga: negócios. Ora adeus! O Velasco é capaz de resolver o maior negócio numa hora, ou, pelo menos, num dia. P'ra êle não há dificuldades. Mas esta demora! Quando virá êle?

— Diz na carta que não sabe ainda, respondeu Sofia.

— Boa vai ela! Pois se se demorar muito, abrimos falência à torrinha, e arrumou. Aquilo sem êle não presta. Em S. Carlos toda a gente pensa assim, e o *Corisco* é da mesma opinião.

Sofia explicou sorrindo:

— *Corisco* é o cavalo.

— E', sim, minha senhora, mas olhe que tem sentido muito a ausência do dôno. Ontem de tarde vi-o eu, quando o tratador o levou a beber ao chafariz do Carmo. Ia de mau humor, todo refilão. Aproximei-me e falei-lhe. Ele conheceu-me a voz...

De novo perpassaram risos na assistência.

— Não se admirem, porque todas as manhãs, antes de almôço, Velasco e eu passeamos juntos a cavalo. Ele ouve-nos conversar e vai daí conheceu-me

a voz... E os seus olhos, que logo se amansaram, pareciam perguntar-me: Quando vem o Velasco?

Agora estalaram risadas fortes. E Pereira da Cunha procurou suscitar qualquer observação drolática dêste alegre marialva, que todos os dias via os aspectos matutinos de Lisboa e dos arrabaldes:

— Deve ser muito interessante ver a cidade logo de manhã cedo, em flagrante sinceridade, antes de lavar a cara.

— A essa hora, respondeu Manique, a gente é outra, é a pobreza que trabalha, são os operários, os padeiros, os leiteiros, os trapeiros, e algum tunante que recolhe ainda. As mulheres do povo só começam a passar depois das oito, quando os *ateliers* abrem. Mas olhe, Pereira da Cunha, o subúrbio é mais interessante que Lisboa, pela manhã cedo. Tudo ali acorda ao mesmo tempo, os homens, as mulheres, os cães, os gatos e até as searas e as hortas teem um ar de quem acorda despreocupadamente, sem esperar crédores.

— E' que, disse Silva Bruschy, o maior crédor das searas e das hortas é Deus que as criou e que deu ao homem primitivo o instinto de cultivá-las. Mas esse grande crédor não persegue ninguem.

— Tem o dr. muita razão, porque de manhã, no campo, tudo é serenidade e paz.

— Que o digam, atalhou Pereira da Cunha, as margens do meu pátrio Lima...

— E às vezes, continuou Manique, surpreendem-se alguns segredos, alguns mistérios, porque bem diz a cantiga que quem tem amores não dorme.

— Conte-nos algum dêsses segredos galantes, pediu Pereira da Cunha, se fôr contável aqui.

— Oh! um é poético e puro como os que se encontram nos romances. Mas não deverá talvez contar-se. Se aqui estivesse o Velasco, decerto se opunha.

— E' boa! comentou Silva Bruschy. Sendo poético e puro, por que não há de contar-se?

— Por causa duma pessoa, cuja categoria impõe certa reserva, especialmente a nós os legitimistas.

— Mas nós ouvimos e não divulgamos.

Sofia começára a suspeitar que se tratava do mesmo caso romanêsco, que Velasco não quisera contar-lhe, e preguntou:

— Quando foi isso?

— No fim de agôsto ou principios de setembro. Pois sabe?!

— Não sei nada... mas calculei que não fosse no inverno.

— Ah! no inverno nem sempre podemos sair. O Velasco diz que não há nada que o vexe tanto como a chuva, quando o deixa a escorrer. Foi numa linda manhã em que seguimos pela estrada de Cascais, sempre ao acaso, como é nosso costume. Chegando a Caxías vimos ao longe um homem bem vestido, que estava de costas para a estrada e parecia andar procurando plantas. Oh! disse Velasco, ou eu me engano muito ou aquele é o meu vezinho dr. José Palmeiro, que pelas suas manias de botánico deitaria até cá. Velasco ainda gritou: «ó dr.! ó dr.!» mas o homem não ouviu. O dr. Palmeiro não é dos nossos, mas cura mais de sciência que de política e êle e Velasco fazem boa vezinhança. Não passamos do Forte da Giribita, porque Velasco disse: Voltemos, que eu quero ver se apanho ainda aquele mágico. E voltamos, mas quando voltamos vimos duas senhoras a quem Palmeiro, de cabeça descoberta, estava mostrando plantas que ia tirando da sua caixa de herborista e que as senhoras observavam muito curvadas. Duas senhoras! dizia Velasco. Quem serão elas?! Que pena não as podermos ver! Cheio de curiosidade, Velasco perguntou a um soldado que passeava fu-

mando: — O' camarada, aquelas senhoras, que estão acolá, moram por aqui perto? — Moram no Palácio Real. — No Palácio! — Acho que são as raínhas, concluiu o soldado continuando a passear.

Neste momento os ouvintes de Manique repetiram tambem surpreendidos:

As raínhas!

E logo Sofia, muito interessada, instou:

— Conte, conte.

Manique reatara:

— Nessa ocasião, disse-me Velasco: «Vê a falta que faz ao exército um rei autêntico, que êle conheça e estime e cuja presença o entusiasme como no tempo do senhor D. Miguel. Agora dizem aos soldados que o rei é uma raínha, e êles, que não a conhecem, vão chamando raínhas a quantas mulheres há no Paço.» «— E não calculas, perguntei eu, quem elas sejam?» «— Não, respondeu-me Velasco, nenhuma é D. Maria da Glória, e a imperatriz do Brasil acho que mora em Lisboa às Janelas Verdes.» «— Mas ouvi dizer que já veio da Alemanha a filha.» «— Homem, desengana-te que nós não sabemos senão o que diz *A Nação* e ela não costuma falar dessas pessoas.» Pelo caminho, Velasco disse que voltaríamos no dia seguinte porque desejava obsequiar o dr. Palmeiro. Com efeito voltamos, e vimos o dr. na mesma sua faina de procurar plantas e quase no mesmo sítio com pequena diferença. Senhoras não vimos nenhumas e no Paço apenas uma janela estava aberta. Velasco parou o cavalo e começou a bradar: «O' dr. Palmeiro! ó dr. Palmeiro!» A' segunda vez, êle olhou e acenou com o chapéu. Então Velasco gritou-lhe: «Quero que vá jantar comigo amanhã. Vai?» O dr. meneou a cabeça afirmativamente e nessa ocasião vimos chegar à janela duas senhoras, que pareciam as mesmas da véspera, uma das quais era nova e linda, muito linda.

«E' a imperatriz, não tenhas dúvida, disse eu a Velasco; e a outra deve ser a filha.» Chegamos até Oeiras e retrocedemos. O dr. Palmeiro, já um pouco mais longe, estava sentado numa pedra, parecendo observar qualquer planta que tinha na palma da mão; e na janela do Paço, em pé, retraíndo-se, só com os dedos poisados no peitoril, estava a linda criatura que pouco antes tinhamos visto. Ao outro dia Velasco não quís sair a cavalo e o dr. Palmeiro foi jantar com êle. Não sei o que conversaram, porque Velasco apenas me disse: «Não há dúvida que as duas senhoras são a imperatriz e a filha e desde que temos a certeza não nos fica bem passar em Caxías, como quem anda a espioná-las.»

— Acho que fez bem, observou Silva Bruschy.

— Estará realmente apaixonado pela princesa o tal dr. Palmeiro ? preguntou Pereira da Cunha.

— Para mim é ponto de fé, respondeu convictamente Manique.

— Outros portugueses, tornou-lhe Pereira da Cunha, em antigos tempos, tiveram idêntica infelicidade, porque não a há maior que um amor sem esperança... O *Beato Amadeu*, Bernardim, Camões...

— O *Beato Amadeu !* replicou Silva Bruschy, agora já nem os amantes infelizes podem fazer-se frades. D. Pedro e Aguiar despejaram os conventos, que depois foram vendidos por dez reis de mel coado. Que barbaridades!

Sofia Bacelar pensava de si para si que seria decerto esta a mesma história de amor a que Velasco se referira vagamente, talvez antes de ter jantado com o dr. Palmeiro e obtido a certeza de que êle estava apaixonado pela filha da imperatriz.

A imaginação de Sofia voejava no seu próprio idilio a par desse outro idílio que acabava de ouvir esboçar. Os dois poemas de amor eram, para ela, como

duas pombas, seguindo o mesmo vôo, e voando alto no azul do sonho.

E, como acordando dum êxtase, Sofia inquiriu de Manique as feições da princesa.

— Que tinha o rôsto oval, os olhos claros e a testa alta ; pescoço fino, bôca e nariz pequenos.

— Mas a expressão fisionómica ? insistiu Sofia.

— Inteligência, bondade, firmeza. Eis aqui está como eu, um legitimista, tive de fazer o elogío duma filha de D. Pedro.

— Os filhos, ponderou Silva Bruschy, não são responsáveis pelos erros e crimes dos pais.

— Nem os legitimistas, adveio Pereira da Cunha, são pessoas que neguem a verdade reconhecida por tal. Se a princesa é bonita, para que negá-lo ? Nós outros vamos sempre por caminho direito.

— E o rapaz é distinto ? Quantos anos terá ? preguntou a senhora viscondessa de Juromenha, cujo ilustre marido era um dos parceiros habituais do *whist*.

— Vinte e cinco, pouco mais ou pouco menos. Bigode e cabelo preto. Boas maneiras. Nos olhos há qualquer coisa que um marialva como eu não sabe definir. De cavalos é que entendo ; classifico-os à primeira vista.

Rumorejaram na sala leves risos, mas a voz de Pereira da Cunha suplantou-os dizendo :

— Olhos cheios de idealidade, talvez...

— Qualquer pieguice, continuou Manique. O homem tem manias. Pois o que será andar apanhando hervas, como um herbanário que precisa levá-las prá loje ?

— E' uma paixão scientífica, o amor pela botánica, advertiu Silva Bruschy. Ele terá estudos regulares ?

— Disse o Velasco que era bacharel em filosofia. O que eu não sei, confessou Manique, é o que tem as hervas com a filosofia.

— Tem tudo, replicou Bruschy. A botánica faz parte do curso filosófico e estuda os vegetais. E' tão natural uma pessoa gostar de cavalos e cães como de plantas e flores. Mas esse curso não abre uma carreira imediata e rendosa. E' quase um luxo do espírito ; por isso eu, que era e sou pobre, o abandonei. O rapaz deve ser rico.

— E', informou Manique, mas tem uma casa mais pequena que a do Velasco. Meu caro dr., desculpe-me agora uma pergunta: não tendo ido a Coimbra, o que é que sabem os herbanários ?

— Sabem o que a experiência e a tradição lhes ensinam.

— Pois bem, concluiu Manique erguendo-se em acção de despedir-se, mas eu, se quiser comprar alfavaca, tenho mais confiança no herbanário que no filósofo.

Uma tarde, em Monte-Velasco, estava o morgado conversando com Morais Sarmento no tom respeitoso com que sempre o tratava, e dizia-lhe:

— A sua administração, meu bom amigo e mestre, tem sido simplesmente maravilhosa. Não se pode administrar melhor.

Morais Sarmento esquivava-se aos elogios explicando:

— Apenas se resume em fiscalização e economia. Mais nada, sr. morgado. Mas eu já estou adeantado em anos e v. ex.ª não deve fazer grandes ausências depois que Deus me levar. Lembre-se da história das cotovias, que li no meu padre Manuel Bernardes, e que tantas vezes lhe contei. Se v. ex.ª tomasse estado e viesse habitar a casa de seus pais e avós, seria bom, seria optimo, não porque tenha esperdiçado dinheiro em Lisboa, isso não tem, mas porque na vigilância dos interesses caseiros melhor vêem quatro olhos que dois.

Veslasco teve um sorriso triste e replicou:

— Não, meu amigo, essa duplicação de vistas é que eu lhe não prometo. Mas demorar-me hei, aprenderei comsigo a administrar sábiamente, aqui viveremos os dois continuando a antiga intimidade e até, por ora, dispensaremos algumas obras e rebôcos de que esta casa vai precisando.

— Poder-se-iam talvez ir fazendo, porque a mão de obra está barata, e conservar a tempo e horas é tambem fazer boa administração.

— Mas sempre incomodam as obras. Depois, depois...

Nisto chegou uma carta de Lisboa. Velasco ergueu-se, impetuoso, para recebê-la. Reconheceu a letra de Sofia e os seus olhos irradiaram um clarão de contentamento.

O velho professor começou a perceber.

Foi rápida a leitura.

— Pois tenho de ir pela manhã para Lisboa, disse Velasco exultante. O homem põe e Deus dispõe. Olhe, meu bom amigo, se a mão de obra está barata, vá fazendo as obras que entender.

— Lembrava-me que poderiamos ampliar dois ou três aposentos, que, por antigos, são mais acanhados.

— Sim. . sim... é isso mesmo... concordou Velasco, muito distraído.

Nesta altura Morais Sarmento tinha percebido tudo e estava quase tão contente como Velasco pela sua teoria económica de que mais viam quatro olhos do que dois na administração duma casa.

De repente recomendou Velasco:

— Queira vossa senhoria mandar pôr ao pé da minha mala uma pequena caixa de ferro que está dentro do cofre. Tem a chave presa a uma asa.

— Nunca eu toquei nessa caixa, mas sei o que tem dentro, porque disso me preveniu algumas vezes o

pai de v. ex.ª Dizia-me êle que eram as joias das senhoras desta família, e eu muito desejo que as possa usar com a maior felicidade a senhora que vai suceder às antigas donas desta casa.

Contentíssimo, Velasco abraçou Morais Sarmento. Depois, olhando nêle, sorridente, preguntou-lhe:

— Vossa senhoria tinha percebido?

E o professor respondeu jovialmente:

— Tudo, desde a chegada da carta. E' o hábito da fiscalização...

IV

Quando o coração diviniza...

> « ..tout le monde est un peu fétichiste en amour. Il y a une dose constante de fétichisme dans l'amour le plus régulier.»
>
> BINET – *Le fétichisme dans l'amour.*

— E' o primo Velasco! E' o primo Velasco! trilou Sofia numa súbita expressão de amor e triunfo.

Por duas vezes sucessivas tinha soado a campaínha da porta da rua.

Era assim que o morgado costumava tocar.

Quase empurrando Manuel Brás, obrigando-o a receber com presteza qualquer objecto pesado e despedindo o portador, Velasco subiu rápidamente a escada, em cujo patamar Sofia o esperava ansiosa de impaciência...

— Priminha! querida priminha! é pois certo que a minha ausência a fez chorar? Desculpe-me, perdoe-me...

D. João Bacelar viera tambem e os seus olhos resplandeciam de contentamento.

Dir-se-ia que Velasco não o tinha visto.

— Se chorei? Que dias de inquietação e incerteza aqui passamos!

— Fazes bem em meter-me na conta, remoqueou alegremente D. João, porque o Jorge ainda não deu tino de mim. Pois aqui estou para o receber de braços abertos como a um filho muito dilecto.

Os dois abraçaram-se com profunda emoção.

E logo Velasco foi guiando Bacelar e Sofia, familiarmente, para o escritório, como se tivesse pressa de falar desabafando.

— Querida prima, meu bom primo, disse êle, eu é que tive toda a culpa desta complicação, que tambem me fez sofrer muito. Eu, um homem sem papas na língua, um homem sincero e quase rude, calei-me, moí-me, sem ter a coragem de dizer ao primo: «Desejo casar com sua filha. Veja lá se ela me quer.» Mas parece-me que receei uma resposta negativa... sim, era isso... foi receio de me ver deitado à margem e isso mesmo cuidei significarem as palavras da priminha a respeito da Constança Pizarro.

— As minhas palavras queriam provocar uma resposta do primo que eu entendesse.

— E entendeu? preguntou êle sorrindo.

— Ora entendia... ora duvidava... respondeu ela sorrindo tambem.

— Encantadora Sofia!

— Meu querido Jorge!

— Deus escreve direito por linhas tortas, disse Bacelar muito enternecido. Quanto sou feliz por vêr em caminho de próxima realização um dos dois sonhos mais teimosos da minha velhice!

— E o outro? qual é o outro? interrogou Velasco com vivo interesse.

D. João calou-se na desolada mudez de quem não ousa lembrar um impossível.

— O outro, respondeu carinhosamente Sofia, era tornar a vêr a nossa casa de Altamira, onde há muitos anos não vai, e onde eu nunca fui.

— Mas esse por que não ha de realizar-se tambem? aventou com afoiteza Velasco.

D. João esbugalhára os olhos, surpreendido e indeciso.

— Pode toda a gente ir à China ou a Jerusalêm, continuou Velasco, só não poderemos nós ir a Altamira, que fica ali acima, no Douro.

— E' que os velhos, Jorge, custam a mover.

— Mas eu não quero que o primo se mova. Eu me comprometo a pô-lo em Altamira sem grande incómodo. E digo-lhe mais, para que tenha em mim plena confiança: Sofia e eu casaremos em Altamira, na presença do primo D. João, que, depois do padre, nos há de abençoar a ambos.

Bacelar ria e chorava como a criança a quem se faz uma promessa que ela receia não poder ser cumprida.

Mas Velasco insistia na sua afirmativa e Sofia estava encantada dessa força de vontade e energia de ánimo que as palavras do seu noivo testemunhavam.

— E' uma tarde brumosa de inverno, exclamou Bacelar enxugando as lágrimas, mas parece que entrou o sol por esta casa dentro!

Digo-lhe mais, primo D. João, a nossa viagem há de ser uma festa como decerto o rio Douro ainda não presenceou. Eu vou antes estudar o itinerário, os cómodos, as precauções a que é preciso atender. E quando tudo estiver bem organizado, volto a Lisboa para os levar em minha companhia.

— Sou capaz de morrer pelo caminho, aguando-lhes a viagem.

— Qual morrer nem meio morrer, replicou resolutamente Velasco. O primo D. João ainda me não conhece bem. Mas vai conhecer. Eu sou capaz de ir ao inferno e esmagar Belzebú se êle quiser embaraçar qualquer plano meu.

— Mas nós iremos com Deus, atalhou Sofia numa doce inflexão de religiosidade.

— Assim seja, aditou Bacelar.

— Todo o bom legitimista é temente a Deus, ponderou Velasco. Dá-nos o exemplo o nosso rei, que tomou por divisa a cruz de Cristo, com as palavras *Deus e povo*. Deus não falta nunca; quem falta muita vez é o povo.

No dia seguinte veio o morgado almoçar a Buenos Aires para satisfazer a curiosidade de Sofia, que desejava conhecer o conteúdo da caixa de ferro, tão feia por fóra, dizia ela rindo.

— Mas bonita por dentro, asseverou Velasco. A priminha, depois de ver, dirá se falo verdade ou não.

Velasco tirou da algibeira uma chave e abriu o cofre, dentro do qual estava outro de sândalo, que tambem abriu, e que Sofia notou ser almofadado interiormente de setim branco, já muito amarelecido.

Ficou a descoberto uma grossa pasta de algodão em rama.

— Priminha, disse-lhe Jorge, o que aqui está dentro, pertence-lhe, é um presente de noivado, são as joias que minha mãe herdou de outras senhoras da família.

E Sofia, olhando o primo com ternura, levantou na ponta dos dedos a pasta.

Ténues camadas de algodão afofavam o lugar de cada estojo de veludo ou marroquim, acamando-o dentro do escrínio.

Aberto o primeiro estojo, Sofia colheu delicadamente nas mãos um colar de pérolas como ela nem seu pai tinham ainda visto outro. Cada pérola semelhava a forma duma pêra, e eram muitas, todas elas perfeitas.

— Dizia meu pai, elucidou Jorge, que este colar seria a joia mais antiga na familia, e que talvez datas-

se do século quinze ou dezasseis, não sabia ao certo. Tambem meu pai ouvira dizer que fôra um pescador do Golfo Pérsico que vendeu estas pérolas a um joalheiro napolitano, o qual as vendêra a um dos Velascos por alto preço. No dia do seu casamento, minha mãe pôs este colar, e dizia ela que lhe não ficava muito bem por ser morena e nutrida. Mas no pescôço branco da priminha, no seu pescôço fino e sêco, háde ficar divinamente.

Sofia acariciava as pérolas, beijava-as, olhando enternecida para Jorge; e D. João, muito impressionado, parecia não saber se devia olhar para a filha ou para as pérolas.

Fôram saíndo do escrínio, com longas interrupções admirativas, um pente de ouro e um broche em elipse, ambos cravejados de brilhantes; muitos alfinêtes, aneis e ganchos tambem de ouro, tendo os aneis e os alfinêtes uma infinidade de pequeninas pedras preciosas; uma pulseira de rubins e opalas, outra de ametistas, diamantes e turquesas; um largo bracelête romano com desenhos mitológicos finamente burilados; numerosos brincos, de vários feitios e dimensões, sendo o par de maior apreço o mais símples, formado apenas por duas raríssimas pérolas negras; ainda uma pulseira, de especial valor estimativo, toda de esmeraldas, grandes e límpidas...

O morgado comentou dizendo:

— Esta pulseira tem sua história. Foi duma irmã de minha mãe, a tia Rita, que por desgôstos amorosos professou em Beja, e na véspera de entrar no convento se desfez das suas joias, repartindo-as pelas irmãs e pelas amigas.

— Pobrezinha! carpiu piedosamente Sofia.

Continha o escrínio mais algumas preciosidades, que não eram própriamente joias, mas tambem atavios para dama: leques de sêda bordados a fio de

ouro, outros a lantejoulas; leques de renda com varêtas de madrepérola; leques de plumas, de tartaruga e de charão; ventarolas orientais e abanicos andaluzes.

Formavam um lote devoto sagradas relíquias vindas dos Lugares Santos e de Roma benzidas pelo Papa; um rosário de corais e contas de azeviche; três livros de *Horas*, um encadernado em marfim com altos relêvos e fechos de prata, ilustrado de primorosas iluminuras, constando que pertencêra a uma comendadeira de Santos; outro em veludo carmesim com fechos de ouro, havendo certeza de que o possuira uma abadêssa de Almostér; outro em pergaminho com fecho de ferro, que tinha sido de um antigo capelão de Monte-Velasco.

Sofia sentara-se e ficou alguns momentos silenciosa, correndo os olhos sôbre aquele levantino estendal de rútilas pedrarias, que fazia lembrar a vidraça de algum joalheiro antigo.

Súbitamente, numa rajada de alegria, levantou-se, e deante de Jorge gracejou com um donaire de encantador remoque:

— Sem fitas, sem rendas, mas com muitas joias, muitas joias, muitas joias...

Velasco desfechou uma gargalhada e, estendendo para Sofia as palmas das mãos, disse muito galhofeiro:

— Vá, Sofia, dê-me palmatoadas, que bem as mereço. A culpa é do amor, todas as contradições são próprias dêle, e pena tenho eu de não saber de cór uns versos, que já ouvi algures, em que se diz que o amor é em si mesmo uma contradição, por ser um fogo que não queima.

D. João Bacelar parecia meditativo, como se qualquer outro assunto, alêm da felicidade da filha, o preocupasse de repente. Mas não tardou a revelar o pensamento que o assaltara.

— O' Jorge! disse êle com ar grave...

Era a primeira vez que dava este afectuoso tratamento ao morgado, considerando-o já como filho.

— Veja, continuou, se concorda com o que eu vou dizer. Esta menina já tinha as joias que herdou da mãe. São algumas, não tantas nem tão preciosas como estas que temos agora ante os olhos. Ora, se vocês ambos estivessem de acôrdo com a minha ideia, esta noiva opulenta, digamos assim, poderia repartir com outra noiva, a quem faltam meios de fortuna...

— A raínha? atalhou Sofia muito contente.

— A raínha, sim, a nossa raínha. Poderias repartir, dizia eu, algumas joias, e mandar-lhas como presente de noivado, acentuando a galante coincidência de ser uma oferta de noiva a noiva.

— Eu, declarou logo Velasco, estou completamente de acôrdo com a ideia do primo, o que certamente acontecerá muitas vezes.

— Pois eu tambem concordo, repartirei de tão boa vontade como se se tratasse duma irmã, afirmou Sofia, mas farei uma restrição, apenas uma: o colar da mãe de Jorge é o que eu quero levar à igreja no meu dia de noivado.

— Justo. Muito justo, obtemperou D. João. E tu é que repartes...

— Eu e o Jorge..

D. João sorriu-se.

Velasco, voltado para êle e encolhendo os ombros sorridente:

— O' primo! então não me quer a Sofia meter em negócios femininos, de que não percebo nada! E ela bem o sabe, mas castiga-me generosamente.

No outro dia, pela manhã, disse D. João à filha que mandasse buscar a seje.

— Vamos aos Prazeres, Sofia, visitar tua mãe e participar lhe a boa nova do teu casamento, que a

sua afectuosa alma decerto aplaudirá tanto como eu aplaudo.

— Sim, meu pai, respondeu Sofia, soluçando.

— Tu costumas dizer, e eu acho-te razão, que para combater as agruras da vida é preciso poetizá-la cada um a seu modo. Pois, filha, a minha maneira de poetizar a vida ou de espiritualizá-la, assim é que tu dizes, é ter sempre presente a imagem de tua mãe, a minha querida Maria Manuela, a sua imagem em Queluz, em Marvila, em Lisboa, em França, a sua imagem ao pé do teu berço e do teu malogrado irmão; a sua imagem no exílio, em Espanha, em Roma, na Baviera; a sua imagem no momento da morte e, por que não hei de dize-lo? a sua imagem no céu, onde tantas vezes a vejo sonhando. E tambem sucede conversarmos um com o outro e, quando eu lhe tenho dito que tu és linda, e bondosa, e inteligente, que tu tens sido o amparo da minha viuvez, o esteio da minha velhice, a alma de tua mãe responde-me cantando louvores a Deus nas alturas...

Sofia abraçou-se no pai beijando-o nas faces e nos cabelos brancos. Ele parecia fatigado e abstracto, como se estivesse vendo e ouvindo alguma coisa que se passava longe dalí.

E então a filha fê-lo sentar e ajoelhou a seus pés, de modo que, cingindo-o com os braços, perfeitamente lhe ouvia as palpitações do coração precipitadas mas fracas.

Houve alguns momentos de silêncio até que D. João, quase restabelecido, disse pausadamente:

— De resto a saudade é a poesia redentora dos velhos. Sem ela, sem a idealização da saudade, como tu dirias, a vida dêles seria um sacrificio tremendo, o de andarem arrastando por toda a parte o peso dos anos, dos desgôstos e dos achaques.

D. João Bacelar encontrou no futuro genro outro

esteio da sua velhice, mais forte que o ánimo feminil e a compleição delicada duma menina de vinte anos, embora terníssima filha. A energia bem humorada com que Velasco resolvia quaisquer dificuldades, os seus ditos espirituosos a propósito de tudo, até dêle mesmo, a irradiação, permita-se-nos a frase, da sua bela saude e da sua robustez hercúlea, parecia haverem trazido à casa de Buenos Aires uma súbita invasão de ar, de luz, de fé e confiança, de alegria e despreocupação.

Não só as pessoas da casa, mas todas as suas visitas, se sentiam ali ainda melhor do que dantes.

Só os companheiros de Velasco na torrinha 113 se sentiam peor pela ausência dêle, e muitos outros espectadores diziam que a animação da torrinha era o Velasco, no que aliás estavam de acôrdo com os três saudosos companheiros, e que sem êle seria bom passarem-na a qualquer pai burguês que tivesse quatro ou cinco filhas muito tagarelas e risoteiras.

Algumas vezes Sofia pedira a Velasco que por amor dela não alterasse os seus hábitos, que fosse a S. Carlos, porque ela, e disto o prevenia, detestava o ciume, *brutalidade das mulheres*, que despedaçava duas almas sem proveito para nenhuma delas. A questão ficava sempre na mesma, ou ainda peor. Quem tem a coragem de atraiçoar, tem a coragem de não recuar. Um desatino é consequência do outro.

— Eu não receava que a prima tivesse ciumes, se eu fosse a S. Carlos. Não vou, porque lá pensava na prima; e agora, que estamos noivos, não penso em S. Carlos. Creio mesmo que os rapazes da torrinha suspeitavam do meu amor pela prima. Uma noite perguntaram-me por que não casávamos. E eu respondi que me parecia que a prima, se eu lhe propusesse casamento, responderia logo: Não e não.

— Santo Deus! mas por que?!

— Por tantas razões!...

— Diga ao menos algumas.

— Por ser mais inteligente e instruída do que eu.

— Oh!

— Por ser idealista e eu um hómem prático.

— Tão prático, que nunca me confessou o seu amor, nunca me deu motivo a dizer lhe que eu tambem o amava, tendo-me sido preciso, para saber se era amada, lembrar-lhe que a Constança Pizarro lhe não recusaria a sua mão.

— E' verdade, falei de menos... pela primeira vez na minha vida! Mas havia tantas razões...

— Pois ainda há mais!

— Por a prima ser muito bonita e delicada, e eu um morgadão da província, um brutamontes alentejano.

— Primo! não quero que torne a repetir essas tolices.

— Finalmente...

— Ainda!

— Ainda e talvez a maior razão.

— Essa deve ser tremebunda!...

— A diferença das nossas idades.

— Primo, isso é vulgar nas classes superiores, onde a idade vale menos que as altas qualidades pessoais. Lembre-se de meu pai com quarenta anos e de minha mãe com dezoito incompletos; lembre-se do dr. Palmeiro com vinte e cinco e da princesa imperial com dezanove.

— Como sabe a prima isso?!

— Contou-o outro dia cá em casa o Manique, quando veio perguntar se tinhamos tido notícias do primo.

— E a propósito de que?

— Do Pereira da Cunha lhe falar dos passeios que ambos vocês dão a cavalo, de manhã cedo, pelos arredores de Lisboa.

— E o que contou êle ?

— Terem visto o Palmeiro em Caxias uma vez conversando com duas senhoras, que depois souberam ser a imperatriz do Brasil e a filha; outra vez a princesa à janela e o Palmeiro a certa distância.

— Mais nada ?

Sofia deteve-se um momento a recordar-se.

— Ah ! tornou ela. Que o primo convidara o Palmeiro para jantar e dissera depois ao Manique que não convinha passearem para os lados de Caxias, o que o Bruschy achou muito correcto. Eu logo vi que o caso do Palmeiro era o mesmo a que o primo se referira um dia muito por alto, deixando-me cheia de curiosidade. Não imagina !

— Mas eu não sabia então mais nada. Depois é que soube, porque o dr. Palmeiro, louco de paixão, desabafou comigo, dizendo-me que era aquela a terceira vez que falara com a imperatriz e a filha. Que, da primeira, duas senhoras desconhecidas — elas mesmas — passaram perto dêle, e a mais velha lhe perguntou para que serviam as plantas que andava escolhendo; que êle respondêra que para os seus herbários, onde coligia espécies indígenas por ser apaixonado botánico. Que essa mesma senhora lhe perguntara ainda quem era, e que êle, um pouco estomagado, lhe respondera que se chamava José Palmeiro e declinára as qualidades de bacharel em filosofia pela Universidade de Coimbra e de proprietário no Alentejo. Que nessa altura a menina — que mais linda lhe parecia quanto mais reparava nela — lhe dissera em bom português que tambem estudára botánica, mas longe de Portugal, na Alemanha, e fizera alguns herbários, sendo o das orquídeas da Baviera o que mais estimava. Então a mãe — êle calculára logo que o fosse pela semelhança de algumas feições — lhe dissera, com legítimo orgulho materno, que se êle

queria vêr os herbários os mandaria buscar a Lisboa, e que o das orquídeas tinha merecido os gabos dos maiores especialistas alemães. Palmeiro aceitou e agradeceu o convite. Foi-lhe dito que três dias depois podia ir ao Paço de Caxias, às duas horas da tarde, para vêr os herbários. Foi então que Palmeiro se convenceu de que as duas senhoras eram a imperatriz do Brasil e a filha. Indo ao Paço no dia que lhe marcaram, viéra de lá deslumbrado, fanatizado pela inteligência, ilustração e beleza daquela encantadora menina que não precisaria ser princesa — e ainda mal que o era — para ser adorada por êle toda a vida. Comprehendi-o, concluiu Velasco, porque tambem eu amava, mas tive pena dêle.

— E por que?

— Porque esse amor há de ter um fim trágico.

— Mas se ela quiser casar com êle?

Velasco riu-se.

— Aquela gente vive encerrada num círculo de ferro, que lhe tolhe toda a liberdade de acção.

— Isso não obstou a que D. Pedro I amasse e casasse com Dona Inês de Castro.

— Sim, não obstou, porque se tratava dum principe, que tinha partido seu, e não duma princesa tutelada pela mãe, dispondo talvez apenas da confiança dalguma criada interesseira. Mas, priminha, veja que horrenda tragédia afogou em sangue o amor de D. Pedro por Dona Inês.

Logo que Velasco deixou de frequentar S. Carlos e se começou a falar no seu casamento com a prima, um dos assinantes da torrinha, o Veiga Cabral, ufanava-se de lhe ter profetizado uma noite: «Estás aqui, estás a abandonar-nos», porque estas palavras provavam que há muito tempo êle percebêra o namôro.

E Velasco, rindo, dissera-lhe no Chiado, entre um grupo de rapazes:

— A minha ausência deve ser um alegrão para todos os assinantes de S. Carlos, porque no fim de cada acto, quando os artistas se calam, tu, meu Veiga Cabral, cantas vitória na torrinha. São noites cheias.

Continuando a gracejar, afirmava aos da torrinha que jámais queria perder a ostentosa qualidade de *assinante crónico*, embora lhe marcassem falta ; e aos outros seus amigos dizia-lhes que o casamento não o estorvaria de rir com êles onde quer que os encontrasse.

Mas era certo que Velasco fizera falta em S. Carlos, porque os intervalos passaram a ser menos borborinhados e os cantores já algumas vezes desafinavam impunemente.

Uma noite, em Buenos Aires, o dr. Pinto Coelho, talentoso advogado, que se formara havia apenas sete anos, dissera que em S. Carlos até os diplomatas estrangeiros confessavam que o teatro amortecêra com a ausência do Velasco. Soubera-o por um seu cliente, que lhe preguntara onde o morgado aprendera tanta música, porque era sempre a propósito que vinha da torrinha um *ah!* ou um *oh!*

— Ora vejam, redarguiu o morgado, como se escreve a história! Eu sempre gostei de música, não há dúvida, mas foi o meu preceptor Morais Sarmento quem me desenvolveu, pelo exemplo, e por louvável insistência, essa tal ou qual inclinação que em mim percebeu. Ensinou-me as escalas, os rudimentos, e fazia-me sentar ao seu manicordio — que levou para Monte-Velasco — esforçando-se para que eu engatinhasse as manápulas sôbre o teclado.

Aqui começou a assistência a apreciar a graça da narrativa.

— Eu conhecia no papel as notas e o seu valor, eu metia a solfa no bestunto, mas todo me atrapalhava quando queria ferir no teclado a nota que es-

tava no papel e não era capaz, nunca fui, de mover ao mesmo tempo ambas as mãos. Assim, um belo dia, resolvi prescindir da mão esquerda, que nunca estava pronta, e fazer apenas serviço com a direita.

Riram, riram, os circunstantes.

E Velasco, muito sério, prosseguiu:

— O bom Morais Sarmento teve muito desgôsto com isso, minha mãe teve algum, porque até já tinha mandado pôr no meu quarto uma espinêta que fôra de minha tia Rita. Mas meu pai não se importou, e só dêsse era que eu tinha medo. Ora, diga-se a verdade, eu sentia-me às vezes artista, eu tocava coisas líricas sómente com cinco dedos, e julgava-me superior a quem, para se fazer ouvir, precisava de dez dedos — um desperdício! Desta aptidão veio-me certa prosápia e o desejo de ser assinante de S. Carlos, onde poderia fazer alguma figura, porque se a mão esquerda me tinha enganado sempre, o ouvido nunca me enganou. Mas já que estamos em maré de confidências, eu quero mostrar-lhes, aqui em família, as minhas habilidades musicais.

E de pé, em todo o vulto da sua elegante figura, inclinando apenas a cabeça para o teclado, pianejou com a mão direita, sem uma falha, o alegro da *Casta Diva*, cavatina da ópera *Norma*, então muito em voga.

A ovação correspondeu à surpresa: risos, palmas, bravos, abraços dos homens, felicitações das senhoras, especialmente de Sofia, que delirava de contentamento e de felicidade.

— E agora, minhas senhoras e meus senhores, pimponeou Velasco, queiram ter a bondade de dizer se haverá em S. Carlos muitos diletantes mais competentes do que eu.

Voltando à mesa do *whist*, donde se tinha levantado com os outros parceiros, quando perceberam ser Jorge o pianista, dizia D. João Bacelar:

— Este Velasco até me faz chorar com riso!

Entrou o ano de 1851 e os seus primeiros meses decorreram velozes para a família de Buenos Aires em passeios com Jorge, em alegres serões, em que a graça dêle faiscava, e em preparativos de casamento, que fôra marcado para o dia 25 de setembro logo que se soube que o senhor D. Miguel I casava nesse dia.

D. João Bacelar, a quem os anos pareciam agora pesar menos, porque readquirira alguma energia, escreveu uma longa carta ao senhor D. Miguel felicitando-o pelo seu próximo casamento, e solicitando-lhe a mercê de se fazer representar como padrinho no casamento de Sofia com o morgado Velasco, festa de família que se realizaria, em homenagem a el-rei e à sua augusta consorte, no mesmo dia de setembro. Para receber a procuração, no caso de sua majestade querer honrar mais uma vez «o seu velho amigo Bacelar», indicava o visconde de Juromenha, amigo de sempre e glória do partido legitimista.

O visconde, que era o segundo do titulo, tinha então quarenta e quatro anos, fôra um dos titulares signatários do auto dos três estados em 1828 e, cultivando as letras, já publicara, modestamente anónima, uma obra, *Cintra pinturesca*, que fôra revista por Herculano, e agora andava muito interessado em estudar a vida e as poesias de Camões.

A viscondessa, respeitabilíssima senhora, da família Ferreira Sarmento, dizia que a viagem a Altamira era uma boa pausa para o marido descansar de tantas fadigas intelectuais, e ela mesma recebeu procuração da infanta D. Isabel Maria para a representar como madrinha no casamento de Sofia.

Por sua parte Velasco requerêra dispensa do impedimento de consanguinidade para casar com sua prima Sofia Bacelar, fizera correr os proclamas, e

solicitára pelo bispado de Lamego autorização para o casamento se realizar na capela do solar de Altamira.

Cumpridas estas formalidades, Velasco partiu para o Porto, no dia 11 de agôsto, a bordo do vapor inglês *Ibéria*, que fazia serviço de paquête entre Soutampton e Lisboa, tocando no Porto e em Vigo, tanto à ida como à volta.

E' para notar-se a coincidência de que o sr. D. Miguel de Bragança tambem viajára pouco antes do seu casamento. Fôra a Londres visitar a exposição universal, unicamente com o fim de examinar os produtos portugueses — tantas eram no seu espírito as manifestações de apêgo e saudade pela pátria que perdêra.

Lá teve ocasião de abraçar alguns dos seus partidários.

Velasco preguntou no mar ao capitão, de apelido Burnay, quando calculava chegar ao Tejo no princípio do mês de setembro. O capitão fez os seus cálculos e respondeu que entraria provávelmente a barra no dia 7 e sairia no dia 9. Velasco tomou-lhe, para a viagem de Lisboa ao Porto, nessa carreira de setembro, seis passagens de primeira classe e quatro de segunda.

Logo que desembarcou, o morgado dirigiu-se à *Hospedaria da Águia d'ouro*, cujo nome toava em Lisboa entre marialvas e titulares viajáveis.

Entrando, reconheceu que a fama daquela apregoada estalagem não tinha melhor fundamento que a sua antiguidade.

Foi recebido pelo proprietário, num estreito escritório de pouca luz, e, sendo-lhe preguntado o seu nome, respondeu lacónicamente: Morgado Velasco.

Depois tratou de saber como poderia fazer a viágem para Altamira, no Douro. O proprietário nunca

tinha ouvido falar em Altamira, e ficou atrapalhado. Mas neste momento passava em frente do escritório um dos hóspedes, homem forte, de bigode aloirado, feições bonitas, talvez hebraicas, e bem trajado.

— O' sr. D. António, disse-lhe o da hospedaria, este cavalheiro, que é o sr. morgado Velasco, desejava saber como poderá ir a Altamira.

— O sr. morgado Velasco! repetiu o hóspede. Vem de Lisboa?

— Sim, sr.

— Folgo muito de o cumprimentar, porque as suas qualidades e bons ditos já por cá andam celebrados. Ainda outro dia, em Braga, me falou de v. exc.ª minha prima Constança Pizarro.

Velasco inclinou a cabeça agradecendo.

— Mas queira dizer-me, tornou o hóspede, D. João Bacelar está em Altamira?

— Não, sr. Deve chegar em setembro.

— Muito estimarei vê-lo, porque estamos aparentados desde o seu casamento com Maria Manuela de Haucourt, minha prima em quarto grau. Quer ver? E tirou da carteira um bilhete de visita.

Velasco leu mentalmente:

D. Antonio Peixoto Pinto Coelho Pereira da Silva Padilha de Sousa e Haucourt

— V. Exc.ª, disse Velasco, é conhecido em Lisboa por «fidalgo Padilha». Aprecío muito o nosso encontro, porque tambem vamos ficar aparentados.

— Sim?

— No mês de setembro realiza-se o meu casamento com Sofia de Haucourt Bacelar, minha prima pela linha paterna.

— Oh! que agradável surpresa! Somos desde este momento primos e seremos amigos.

Abraçaram-se.

— Quer ir, pois, a Altamira?

— Mandar preparar a casa para receber D. João, a filha e os viscondes de Juromenha.

— Pois desde já me ofereço como seu companheiro de jornada. Eu tenho agora aqui no Porto quatro cavalos e dois lacaios. O primo Velasco vem vêr os cavalos e escolhe um. Para dois homens como nós é um passeio fácil, de que vai gostar, se não conhece a região.

— Não conheço. Mas, primo D. António, eu não queria perder tempo.

— Naturais impaciências de noivo... reticenciou Padilha. Muito bem, partiremos de madrugada e tudo se fará como desejar. Ser meu primo, o morgado Velasco, de quem tanto ouvia falar! Venha escolher um cavalo, ande de aí.

Velasco sorriu-se, deteve-o com a mão, pediu uma fôlha de papel e escreveu uma terna cartinha a Sofia.

V

Douro acima

> Faltando o barco, é (o rio Douro) uma corrente mais ou menos caudalosa, mais ou menos apertada, mais serena ou mais revolta; apparecendo o barco, é o que de todos os rios portuguezes dá a nota mais animada e pittoresca da vida ribeirinha.
>
> MANUEL MONTEIRO — *O Douro.*

Durante a ausência de Velasco, Sofia abandonava-se frequentemente a uma agradável preocupação de espírito, a de em breve ir atingir a plenitude da existência feminina, porque, pensava ela, a mulher apenas começa a exercer o predomínio dos seus atractivos desde que é amada e ama.

De reflexão em reflexão sentia-se mais forte e corajosa, mais circunspecta e ponderada ao encarar de frente os graves problemas do casamento.

¿ Por que será, cogitava ela, que um marido, tão vulgarmente aborrece a mulher formosa que o tinha apaixonado ? E raciocinava conjecturando que, se a beleza e honestidade da mulher prevaleciam, a causa do tédio do marido devia ser um defeito de educa-

ção ou um êrro de inteligência, por parte de quem não sabia fazer valer os encantos da sua pessoa e da vida em comum.

Era como se um conquistador abandonasse por culposa negligência o baluarte que conquistara após um assédio glorioso.

E então, na quietude meditativa do espírito, acusava a mulher portuguesa de, a breve trecho do casamento, se desleixar no vestuário e no penteado, aparecendo habitualmente ao marido num desalinho que forçosamente a depreciava não só em relação ao que ela fôra no tempo de solteira e de noiva, mas ao que era depois, quando apenas se apurava para ir à missa, ao teatro, a compras ou visitas.

E ao passo que o marido, em casa, começava a achá-la menos tentadora, os outros homens, na rua, sentiam-se tentados por ela.

Sucedia que, alienando levianamente as suas prerrogativas de esposa, deixava o marido entregue ao perigo de ser fascinado arteiramente por qualquer dessas mulheres que vestem *toilettes* acirrantes para atrair e receber os homens.

Mas o lar doméstico, pela sua mesma honestidade de berço duma família, criada sob a protecção das leis civis e dos preceitos morais, é um templo que deve impôr respeito nas palavras, nas acções e até nos trajes, a quem nele celébra dia a dia o culto de Dever.

Sofia lembrava-se muito bem de ter visto na Alemanha as mulheres dos operários, com o seu vestido muito limpo, o seu colarinho e avental muito brancos, os seus sapatos largos muito lustrosos, lidarem dentro de casa, dando de comer aos filhos e ao marido ou vindo comprar leite, pão, legumes e frutas à porta da rua.

Ali mesmo em Buenos Aires via, das suas janelas, a mulher de um oficial de serralheiro, que ainda era

linda, mas trazia o cabelo emaranhado, o vestido sujo, e uns chinelos de trança acalcanhados e rôtos.

Idêntico facto, repetido em todas as outras classes, significava por certo um êrro de educação, mas de educação nacional, um deplorável êrro colectivo, que rebaixava a mulher portuguesa, porque, operária ou fidalga, não sabia conservar na vida íntima a ilusão, o agrado, o prestígio, o que quer que fosse de poesia, que subtiliza os prazeres e atenúa os desgôstos.

— Não, afirmava Sofia a si mesma, eu ganhei os meus louros de mulher, porque sou amada e amo, conquistei um coração em troca do meu, sou feliz, sou ditosa, e juro que nunca, nunca, por minha própria mão, hei de atirar à rua, desfolhados, os louros, que os passeantes banais quereriam talvez levantar do chão, mas que só me pertencem e ao Jorge, porque eu serei dêle como êle será meu. E se as nossas almas nunca bocejarem enfastiadas, se nunca formos para a janela aborrecer-nos como Luís XIV e a rainha Maria Teresa, se, pelo contrário, tivermos sempre, que ver, que fazer e que dizer dentro da nossa casa, eu terei provado a mim mesma e às minhas amigas que a felicidade no casamento só depende de Deus no céu e da mulher na terra.

Todos os dias, durante algumas horas, o espírito de Sofia se entregava deliciosamente a tão doces e tão íntimos assuntos.

Nêste meio tempo o partido legitimista pensava no casamento do seu rei; e D. João Bacelar no casamento do seu rei e da sua filha.

Organizara-se o fundo inicial da *Subscrição alimenticia da Real Familia Exilada*, com o rendimento de uma dotação a bem dizer fictícia, porque o capital não existia em cofre, mas o rendimento, garantido pela lealdade e cavalheirismo dos amigos do senhor D. Miguel, não faltaria nunca e nunca faltou.

Monsenhor Povolide era, como sabemos, um tesoureiro respeitabilíssimo.

A deputação, que devia ir representar o partido no casamento do rei, fôra escolhida: compunham-na o marquês de Abrantes, José Correia de Sá e esposa, António de Albuquerque do Amaral Cardoso, o visconde de Queluz, João Pacheco Pereira e Luís Cândido Tavares Osório.

As joias que Sofia Bacelar oferecia à futura rainha levá-las-ia António de Albuquerque, que tambem entregaria à mesma augusta senhora a letra dum hino que, sob o titulo *A Estrela do Norte*, João de Lemos compusera.

Desengastemos ao menos uma pérola dêste hino, para oferecê-la à justa curiosidade da leitora:

Gloria á esposa do augusto exilado,
Que a tão nobre infortunio se uniu,
Que ao Proscripto, de espinhos c'roado,
Os espinhos em rosas floriu.

Constancia e prudencia,
Fiel Portugal,
Que a c'roa florida
Tem côr festival.

E tinha, porque todo o partido legitimista estava em festa.

Eu creio piamente que o morgado Velasco, desde que chegára ao solar de Altamira com D. António Padilha, conquanto não pudesse duvidar-se da sua fé política, pensava mais no seu casamento que no de el-rei, o que aliás não deve causar estranheza a ninguem.

O certo era que não havia tempo a perder, porque a casa estava carecida de algumas obras, os estofos do mobiliário precisavam ser substituídos, a pintura

da capela e das salas precisava ser renovada, os reposteiros, as cortinas e sanefas caíam a pedaços.

D. António estava sendo um valioso auxiliar de Velasco nesta urgente transformação duma casa nobre do Baixo Douro, que durante vinte anos estivera fechada. Fôra êle, porque Velasco não conhecia o Porto, quem indicara o estofador que era preciso chamar a Altamira, e os arrais a contratar para organizarem a flotilha que devia conduzir a familia Bacelar e os seus convidados rio acima.

Operários de construção não faltavam por ali e esses foram logo procurados.

Passando minuciosa revista a toda a casa e suas dependências, Velasco e D. António viram no quarto dos hóspedes duas filas de bons leitos antigos, o que demonstrava ter havido outrora grandes recepções de amigos que viriam a banquêtes ou caçadas.

Roupas de cama, de lavatório e de mesa estavam perfeitamente conservadas dentro de fortes arcazes de castanho e eram abundantes, assim como as loiças, especialmente o *serviço doirado*, estavam bem defendidas da luz e do pó dentro de uma arca oblonga. Pratas acharam poucas, a não ser talhéres e um jarro, mas Velasco disse que outras teriam ido para Lisboa, onde andavam em serviço.

Notou êle que uma espécie de torreão, no ángulo oriental da casa, manifestamente acusava ser de mais recente data que o resto do edifício.

Então o feitor, que sucedeu ao pai no cargo, e que andava acompanhando os morgados com um mólho de chaves na mão, explicara que o sr. conde tinha mandado fazer «aquele mirante» quando casou em Lisboa, destinando-o para seus aposentos, mas que a sr.ª condessa nunca viera a Altamira.

— Se meu sôgro não quiser dormir neste mirante,

como cá lhe chamam, dormirei eu, porque é alegre, claro, espaçoso e muito independente.

— Precauções de noivo .. gracejou D. António.

Visitando a adega, encontraram o vasilhame pronto a receber a próxima colheita dum excelente «vinho de enforcado» como, em circunlóquio pictórico, fraseia o padre Carvalho na *Corografia*, referindo-se á região inferior do Douro. A média da produção em Altamira orçava por cincoenta pipas.

E viram tambem, com surpresa, duas mil garrafas, bem lacradas e muito poentas, que tinham o seguinte rótulo: Porto, 1799.

— Oh! isto é uma preciosidade! exclamou D. António.

— Mas sendo do Alto Douro, como viria aqui parar este vinho? preguntou Velasco.

— Meu pai dizia, respondeu o feitor, que o doutor de Jogueiros, antes de emigrar em 1828, mandou pedir ao sr. conde que lhe comprasse a garrafeira, e assim aconteceu. O sr. conde foi sempre bom até para os inimigos.

— Por quanto comprou?

— Isso não sei eu.

— Hoje cada garrafa vale pelo menos uma libra, observou D. António.

— Nunca ouvi falar nisto ao primo Bacelar! reflexionou Velasco. Certamente se esqueceu do negócio. Não admira! meteu-se tanta coisa depois!

Estavam em via de execução quase todos os preparativos de maior urgência, quando um dia Velasco desatou a rir dizendo que tinham pensado em tudo menos no que era mais necessário: o fornecimento de géneros alimentícios.

— Há tempo de falar no Porto com o homem da *Águia de ouro* para que êle se encarregue do fornecimento completo por sucessivas remessas sema-

nais. Se o primo contratasse com diversos fornecedores, isso havia de trazer confusão, falta de pontualidade e, no fim de contas, talvez saísse mais caro.

— Tem razão, concordou Velasco. Você, D. António, tem dedo para estas coisas.

— Acusam-me de um pouco espectaculoso, mas o que eu gósto é de viver bem.

Logo soou por aquelas montanhas duma e outra margem, onde tantos solares campeavam solitários, que o morgado Padilha, com um famoso morgado realista do Alentejo, tinham chegado a Altamira e ali se demorariam alguns dias.

Sabendo isto, todos os morgados legitimistas, de perto e de longe, especialmente os do concelho de S. Fins, cavalgaram seus fouveiros e correram a visitar os dois ilustres colegas recenchegados, alguns deles supondo talvez que o alentejano seria famoso por ter sido um guerrilheiro mais feliz, em salvar a vida, do que o *Remexido* no Algarve.

Enganaram-se nêste ponto, mas a sua prosápia ficou lisonjeada pela qualidade, fino trato e chistosa conversação de Velasco. Quanto a D. António Padilha, todos êles o conheciam e reconheciam como representante duma alta e pomposa estirpe fidalga.

Não menos os contentou saberem que D. João Bacelar, o *conde*, como todos diziam, chegaria breve e que ali se realizaria o casamento da filha num dia para êles memorável, o do casamento do senhor D. Miguel I.

Alguns, dos mais fanáticos, desejavam que el-rei tivesse ainda validez para constituir dinastia.

E outro morgado maliciosamente acudia dizendo que um bom rei não deixa nunca de cumprir o seu dever.

No Porto começara entretanto a correr o boato de ir realizar-se no Douro, com grande pompa, o ca-

samento da filha dum fidalgo realista com um rico morgado do Alentejo.

E este boato tomou maior vulto no fim de agôsto, quando ocorreram notóriamente dois factos com êle relacionados: aparecer naquela cidade um homem de figura elegante que passeava a cavalo com o fidalgo Padilha e outros morgados conhecidos; suceder que seis barcos *rabelos*, amarrados junto à Corticeira, estavam sendo transformados numa espécie de *chalets* flutuantes, com armação de madeira.

As regatôas e os carrejões da Ribeira exaltavam este nunca visto incidente dizendo que tudo aquilo devia custar um rôr de dinheiro, porque os barcos tinham suspendido as carreiras, os arrais andavam à boa vida, e as obras ainda haviam de levar tempo.

Ora, justamente pelo fim de agôsto, levantou-se no Porto o alarme de febre amarela nas freguesias de Massarelos e Miragaia. Constava que a trouxera a barca *Tentadora*, procedente do Rio de Janeiro com escala por Pernambuco e, desde agôsto, fundeada no rio Douro; que durante a viagem faleceram três passageiros; e que já no Porto tinham morrido algumas pessoas por haverem comunicado com a referida barca.

O espírito publico apavorou-se, e a primeira ideia de Velasco foi a de realizar o seu casamento em Lisboa no caso de se confirmar oficialmente a atoarda de febre amarela no Porto.

Com D. António foi ao governo civil procurar informações seguras. Aí, o governador, homem amável e baixinho como todos os seus irmãos — era D. Pedro da Costa de Sousa Macedo, sobrinho de Saldanha — disse-lhes que não havia motivo nenhum para sobressalto, porque tanto o delegado de saude como o guarda-mór de saude lhe tinham afirmado que apenas ocorreram alguns casos de caracter estacional,

explicáveis pelo calor excessivo e pelo abuso de frutas mal sazonadas. Que, ainda assim, mandara convocar alguns lentes da Escola Médica para os ouvir sôbre o assunto, e se a opinião deles fosse concorde, faria desmentir no *Diario do Governo* as notícias alarmantes publicadas na capital pela gazeta *A Lei*.

Em vista destas informações oficiais, Velasco pediu a D. António que até nova ordem mantivesse a execução de todos os preparativos, e deu-se pressa em partir para Lisboa a fim de tranquilizar Sofia se ela tivesse tido conhecimento do que dissera *A Lei*.

Veio num dos vapores da carreira, o *Porto*, que chegou ao Tejo no dia 28 de agôsto.

Felizmente, em Buenos Aires, nem ao pai nem à filha constára o que uma fôlha tinha díto, porque só ali entrava *A Nação*, que não dera curso ao boato, e os amigos da família Bacelar tambem mais nenhum outro jornal costumavam ler.

D. João estava contentíssimo, preguntava ao morgado mil coisas a respeito de Altamira, e decerto receberia uma perigosa contrariedade se a viagem tivesse de ser adiada.

Contudo, Velasco, pela primeira vez na sua vida, todos os dias ia procurar o *Diario do Governo* para ver se encontrava o desmentido oficial. Quando finalmente o leu, ficou satisfeito e rompendo *ad eternum* as suas relações com «a trombeta do *Terreiro do Paço*», expressão sua, escreveu a D. António que partiriam sem dúvida alguma.

Assim, pois, na terça feira 9 de setembro, o *Ibéria* saiu a barra com 96 passageiros, entre os quais a família Bacelar, os viscondes de Juromenha, *Frau* Keiser, o morgado Velasco, três criadas e o escudeiro Manuel Brás.

O dia estava fresco e sereno; o mar bonançoso. D. João Bacelar e a filha apenas denunciaram um

pensamento triste quando, descendo o Tejo, passaram à vista do cemitério dos Prazeres. Mas Velasco, surpreendendo esse pensamento, procurou desviá-lo com as suas rajadas de alegria, que o tornaram desde logo estimado entre os passageiros do *Ibéria*.

A viagem decorreu excelentemente, e só *Frau* Keiser enjoou nas primeiras horas.

A' vista do Porto, D. João Bacelar fazia lembrar um homem que tivesse ressuscitado naquele momento, e quando o paquête entrou a barra, e as margens do Douro se desenrolaram, o velho fidalgo legitimista contemplava-as numa absorção de alma, que ninguem ousava perturbar.

Como precaução contra a pasmaceira, D. António fizera passar os barcos para a margem esquerda, aconselhando que partissem de noite, porque no Porto toda a curiosidade indígena estava voltada para a «esquadra do Himeneu», segundo a frase dum folhetinista no *Guichard*.

O certo era que a flotilha oferecia um aspecto muito interessante com as suas câmaras de madeira, pintadas de verde, em todos os sete barcos de que se compunha, esguios e de fundo chato.

Janelinhas em losango iluminavam o interior das câmaras, que tinham uma porta à prôa e outra à pôpa.

O barco maior fôra destinado a casa de jantar com uma exígua cozinha para fazer chá e café ou para aquecer os alimentos frios.

Velasco chamava irónicamente a este barco — *o refeitório de S. Bento*.

Dizia-se no Porto que a despesa com os barcos subiria a dois contos de reis.

Mas algumas pessoas reputavam este cálculo exagerado.

D. António Padilha, depois de ter informado Ve-

lasco de que o homem da *Águia d'ouro* não faltou com as refeições de bordo, nem com a primeira remessa para Altamira, fez as suas amáveis despedidas até breve.

Já tinham dado onze horas quando, acêsas as lanternas, a flotilha partiu aproveitando a maré da noite.

Alguns curiosos mais pertinazes esperaram a largada e do alto da ponte pensil e do paredão das Fontaínhas festejaram-na com palmas e bravos.

Eram, na maior parte, rapazes portuenses, da burguesía, que, menos felizes que outros, não veraneavam na Foz e procuravam sôfregamente qualquer distracção na cidade.

Entre êles havia decerto algum poeta, porque apareceu na imprensa, dias depois, uma composição muito florída e sonhadora, sob o título — *Noite de Veneza*. Era o poema de amor de uns noivos italianos que passeavam a lua de mel numa gôndola iluminada.

Eu nunca vi rapazes com mais lirismo no amor do que os do Porto.

Foi no *refeitório de S. Bento* que os viajantes passaram a maior parte da noite conversando. Todos êles tinham que dizer, porque experimentavam uma sensação nova, a de viajarem Douro acima, ouvindo a cadência quase isócrona de muitos remos e o ringir pachorrento das espadelas. Em D. João Bacelar a sensação era mais intensa por ser renovada depois de largos anos de ausência e de saudade.

O ilustre visconde de Juromenha comentava aquela primitiva navegação rotineira que servia ao transporte e comércio dos vinhos do Baixo e Alto Douro.

— Vamos aqui, dizia êle, dentro de barcos ronceiros, com velhos aparelhos de manobra, como aconteceu aos teus remotos avós, João Bacelar, e, contudo, muitas dezenas de anos se meteram de per

meio, a máquina a vapor reduziu as distancias, e os governos do constitucionalismo dormem sôbre os louros de sua triste vitória esquecendo este pobre Douro, que vale milhares de contos de reis.

— Ah! tio Juromenha — era um tratamento de respeito que Sofia lhe dava — eu gósto de isto assim.

— Pelo contraste pinturesco...

— Por ser a expressão sincera de ingénuos costumes patriarcais. Isto parece ser a arca de Noé, apenas com mais alguma comodidade e luxo, graças ao primo Jorge.

— E' certo! concordou Velasco. Nem mesmo lhe falta a pomba...

Sofia sorriu, e *Frau* Keiser confirmou, com um meneio de cabeça, a frase galante do noivo.

— O curso deste rio é dificil de corrigir, disse temperadamente Bacelar, por causa dos *pontos*, isto é, das quedas ou diferenças de nível.

— Mas, objectou pronto o visconde, tenho ideia de ler há anos que já se modificou um cachão dos peores.

— O cachão da Veleira, explicou Bacelar.

— Pois muito bem. Fosse se procedendo do mesmo modo com os outros. ¡Nem isso, nem estradas marginais, nem pontes! de modo que tu, que precisavas fazer uma locomoção fácil e cómoda, terias de sofrer os solavancos e torturas de uma longa jornada, se não viesses embarcado como teus avós.

Era quase meia noite e Velasco, olhando para o rio, notou que o nevoeiro empastava em nuvens de algodão branco a atmosfera. Logo ordenou ao arrais que désse sinal para os barcos abordarem. Assim se fez o mais depressa possível.

Sofia e a senhora Keiser recolheram-se a uma câmara, os viscondes a outra; D. João Bacelar e o morgado à terceira câmara de primeira classe, segundo êle morgado classificou em linguagem naval.

Era que Velasco se propusera velar pelo futuro sôgro durante a viagem, de modo a evitar-lhe qualquer abalo maior.

Não pôde D. João conciliar de pronto o sono. Parecia-lhe um sonho toda aquela viagem, uma ilusão efémera dos sentidos, talvez uma deliciosa loucura senil. ¿Mas se não fosse? Se efectivamente êle ia navegando para Altamira, cuja saudade tantas vezes o torturava em Lisboa, se realmente, com a sua família e os seus amigos, ia demandando a casa onde êle nascêra, as montanhas onde brincara, se em verdade assim era, então tinha mêdo de morrer ou de cegar antes de finda a viagem...

E rezava sucessivas orações, umas já gratulatórias, outras ainda propiciatórias, ciciando-as baixinho, para Velasco não ouvir e julgar que êle era um ingrato; baixinho, muito baixinho e, por fim, movendo automáticamente os lábios, numa fadiga de emoção, mentalizava as palavras da reza confundindo-as.

O sono veio docemente como o de uma criança, que fosse embalada pelo compasso dos remos, pelo gemer da espadela e pelo chapejar da água contra o barco.

Velasco percebêra que D. João estivera rezando e sentiu-se feliz de contribuir para o contentamento duma límpida alma de velho fidalgo.

Ele Velasco é que pouco dormira. Logo ao romper da manhã os marinheiros viram-no à prôa, de pé, garboso e firme, com as mãos nos bolsos, observando os trechos do rio que a neblina, erguendo se, gradualmente ia deixando a descoberto.

Pouco depois, uma vózinha madrugadora soltava, noutro barco, um trilo melodioso como o da cotovía alando-se:

— Bons dias, primo...

Velasco, sentinela vigilante, respondeu de pronto:

— Coração àlerta está.

Em todos os barcos estalaram alegres risadas, e os marinheiros não foram os últimos a rir.

Marinheiros, diz-se, porque o rio Douro tem que saber como qualquer oceano.

Na frescura daquela manhã de setembro, quase já desassombrada de névoa, e na grande paz da solidão alpestre, que o aspecto severo do rio tornava por vezes solene, Velasco compreendia melhor do que nunca quanto foi preciso desbrutalizar o amor para fazer dum morgado um poeta.

Estas palavras traduzem exactamente o pensamento dêle.

Não tardou que estivessem todos os viajantes sentados à mesa do almôço, porque, D. João o dissera, o rio abre o apetite.

Jovialíssimo, Velasco disparava frases, apropósitos scintilantes como o lume do seu charuto.

Preguntou-lhe o visconde de Juromenha que impressão ia colhendo da paisagem duriense.

— Faz-me lembrar, respondeu êle, a cara dum escrivão da minha comarca, que tinha a alcunha de *Feio-lindo*. A cara era carrancuda e medonha, mas quando êle ria, temperava a fealdade de modo, que só com atenuá-la parecia bonito.

D. João concordou, acentuando, porêm, a beleza do seu Douro quando sorria. Lamentava terem passado de noite alguns lugares sorridentes. Por fim acrescentou convicto:

— Olhe agora, Jorge, para esta volta de rio, este comprido areal, que nos traz à mente os versos do nosso João de Lemos

> Quem foi ao meu pátrio Douro
> Sôbre fina areia de ouro;

veja aqui mesmo à beira de água esta choupana feita

de ramos verdes, onde se vende peixe frito, pão e vinho aos marinheiros. Estamos em Pé-de-Moura. E' aqui que êles costumam almoçar. Mas hoje, coitados! como nós lhe mandamos dar do nosso almôço, talvez não parem ou pouco se demorarão.

— Ah! primo, contestou Jorge, o homem-máquina tem hábitos automáticos. Apósto que vão parar.

E pararam, e foram beber uma caneca de verdasco, porque era seu costume parar ali.

Mais acima, coisa de uma légua, avistaram o areio de Melres, e causou estranheza a Jorge ver algumas juntas de bois postadas à orla do rio.

— São, explicou Bacelar, as que hão de puxar os barcos, porque o rio leva aqui muito pouca água no estio — bem se lhe está vendo o fundo — e nem à vara nem ao rêmo poderiam os barcos passar, faltando o vento.

— Quantas crianças lá vem descendo daquele monte que parecia despovoado! estranhou *Frau* Keiser.

— Aqui, à beira do Douro, continuou D. João explicando, há cabanas, grupos de casas, aldeias, que os montes nos encobrem, e que vivem da agricultura, mas que tiram do rio o maior partido possivel: por isso mandam os filhos pedir esmola aos navegantes.

— Vejam! vejam! quantas mulheres lá surdem agora! apostrofou a viscondessa.

Os rapazitos aproximavam-se já dos barcos pedinchando, e, na encosta pedregosa do monte, as mulheres, admiradas de tão vistosa esquadrilha, batiam palmas, riam, vozeavam num alarido estridente, quase selvagem.

Dali por deante, como se os boieiros houvessem anunciado a frota que ia passar, apareciam numa e noutra margem mulheres e crianças espreitando ávidas os barcos; e até um velho, de aspecto patriarcal,

se benzeu três vezes, como para significar que nunca vira coisa assim.

Enquanto os bois iam arrastando os barcos, Sofia pediu aos marinheiros que lhe cantassem alguma das modas de cima-do-Douro e êles, corpos tisnados pelo sol e emagrecidos pela fadiga, êles, almas rudes e resignadas, revelaram prazer na liberdade que lhes era concedida de despeitorarem as suas cantigas em falsête — cantigas do rio, como esta:

Lá vem o barquinho à vela,
Lá vem a sardinha boa.
Lá vem o meu amorzinho
Assentadinho na prôa.

— A sardinha! disse Velasco. Não percebo.

— Sim, Jorge, observou D. João, a sardinha salgada que os barcos trazem do Porto, e se vende depois nas povoações, que muito gostam de comê-la a rechinar assada sôbre um naco de brôa.

Os bois pararam onde o areal terminou. As margens tornavam agora a ser estreitas e alcantiladas, muito ásperas.

Pois logo todos os homens da tripulação saltaram ao rio e, silenciosos, tomando a sirga sôbre o ômbro direito foram por cima das rochas, curvados, derreados, pernas ao léu, peito descoberto, alando os seus barcos esforçadamente.

— Que duro trabalho! bradou, comovido, o visconde de Juromenha.

— Que miséria de vida! acrescentou Velasco.

— Sim, reflexionou Sofia, que seria dêles se não pudessem cantar...

— E bailar, filha, e rir, nas vindimas, nas esfolhadas, nas feiras e romarias, cada qual segundo sua idade. Este trabalho, realmente duro, herdaram no dos pais, que já o receberam dos avós. Não conhe-

ceram nunca outra vida, os miseros, e por isso não se desesperam. Em geral são homens bons, não há entre êles desordens nem crimes.

Enquanto os viajantes jantaram veio com a tarde uma aragem refrigerante e favorável. Içaram-se as velas em todos os barcos e a navegação foi desde esse momento tão rápida como recreativa.

— Uma vela, disse Sofia, bastará talvez para alegrar o rio; mas sete velas parece que o enchem de alegria e vida.

Casualmente um dos marinheiros tornava a cantar:

Lá vem o barquinho à vela,
Lá vem a sardinha boa...

Passaram Santa Clara do Torrão, vulgarmente Entre-ambos-os-rios, confluência do Támega com o Douro, então aldeia quase desconhecida, hoje tão concorrida e celebrada.

D. João chamou a atenção dos seus companheiros para a beleza do sítio, que eles apreciaram.

A propósito, Juromenha falou da interessante confluência do Zézere com o Tejo, que precisara conhecer por causa dos seus trabalhos camonianos em preparação.

E Velasco notou que até a paisagem dos rios preconizava o casamento, porque pareciam mais bonitos quando se juntavam.

Sofia riu da lembrança, dizendo que já o primo estava presumindo de mais bonito.

Mas não se fez esperar muito outra confluência, a do Paiva com o Douro, e essa menos graciosa, conquanto o Paiva, na explicação de Bacelar, fosse um rio exuberante de rude pitoresco. Haviam de ir vê-lo; valia a pena. Era um pequeno passeio. E haviam de comer-lhe as trutas.

De repente Sofia lembrou-se de lhe terem dito que passariam um *ponto*, felizmente um só, chamado *Pedras de Linhares* ou coisa assim.

— Onde êle já fica! atalhou Bacelar. *Pedras de Linhares*, é certo, mas não se faz sentir na estiagem.

— Pedras falsas, a final, gracejou Velasco.

Depois das quatro horas da tarde, quando os barcos descreviam uma curva suave, avistou-se por cima do recorte agreste da margem esquerda um monte alto e na sua encosta a fachada branca de uma casa ainda mal definida nos contornos.

D. João levantou-se de golpe, com os braços abertos e trémulos, os olhos parados em êxtase.

Sofia e Velasco quiseram cingi-lo e êle, enlaçando-os contra o peito, bradou como deslumbrado por um fulgor distante:

— ¡Altamira! Altamira!

VI

Casamentos legitimistas

Hymnen, oh! Hymneo.
Desce, Hymneo, do céu sagrado, desce
Coroado de rosas...

FILINTO ELÍSIO — *Epitalámio*

Como um homem que tivesse ressurgido do túmulo ou, pelo menos, regressado duma longa viagem, D. João Bacelar era quase divinizado em Altamira pelos seus caseiros, pelos seus vezinhos, dos quais a maior parte apenas o conhecia por tradição.

Muitos contemporâneos dos acontecimentos de 1823 a 1834 já tinham morrido, alguns dêles desgostosos da queda do antigo regímen, que aliás nunca souberam bem no que consistisse. Para os filhos dêsses o regímen decaído personificava-se unicamente em dois reis, D. João VI e D. Miguel I, de que ouviram falar a seus pais com grande reverência e de quem o sr. capitão-môr e o conde de Altamira foram amigos poderosos.

Nesta ordem de ideias, o velho feitor da casa, sempre que escrevêra a D. João Bacelar, tinha mandado visitas para o sr. D. Miguel; e o filho, actual feitor, não apeou da parêde o retrato daquele rei, que o pai

venerara à cabeceira da cama como o registo dum santo milagroso.

O fidalgo achava-se agora em face da segunda e terceira gerações de caseiros e criados. E entretinha-se, quando lhes falava, a procurar semelhanças fisionómicas entre as feições dos netos e dos avós, dos filhos e dos pais. Em alguns não havia um único traço de família, mas D. João Bacelar via pelos olhos da saudade, que relaciona egoistamente o nosso passado com o dos outros.

A nobreza legitimista de toda a comarca deu-se pressa em ir cumprimentar o venerável correligionário, e as camponesas de três ou quatro léguas em redor levavam flores à morgadinha, fazendo jus a uma espórtula generosa.

Muito activo, D. João, acompanhado por Velasco, examinava, dia a dia, as dependências agrícolas do solar, a adéga, os lagares de vinho e de azeite, o celeiro, os depósitos de lenha e madeira, as colmeias, a capoeira, vasto párque de criação; o redil, os currais, tudo aquilo que, juntamente com as frutas, os legumes e a caça, assegurava uma importante fonte de receita no mercado da cidade invicta.

Pareceu surpreendido D. João quando Velasco lhe mostrou na adéga as duas mil garrafas de *Porto* de 1799.

— Sim, é certo, reflectiu êle, não me lembrava já disto. Comprei-as ao dr. de Jogueiros, que era um cartista fogoso e que, por inimizades pessoais, teve de emigrar quando o nosso rei foi aclamado. Precisava dinheiro para a viagem e não duvidou pedir-mo. Mandei-lho. Dias depois dêle fugir, a sua familia enviou-me as garrafas que eu aliás não reclamara.

— Disse-me D. António que este vinho, observou Velasco, terá fácil colocação no Porto, por intermédio de algum corretor acreditado.

— Mas antes disso, Jorge, havemos de prová-lo no dia 25, que é dia de grande gala aqui... e lá.

Lá... em Klein Heubach, ou seja Heubach Pequeno, o que dá a impressão duma aldeia apenas notável pelo castelo dos Lawenstein, como aquela do nosso Douro pelo solar de Altamira.

Pois certo foi que ambas estas residências estiveram em plena festa no dia 25 de setembro de 1851.

D. João Bacelar, quando chegou, tinha achado o interior da sua casa revestido de novas alfaias, recompôsto de vívidas cores que nunca tivera, porque os antigos portugueses queriam as suas habitações menos embonecadas, direi menos *coquettes*, que os portugueses da actualidade.

Mas o recheio de mobiliário era geralmente bom pelo que tocava a leitos, cadeiras, contadores e bufêtes, quasi todos do século XVIII, com certo carácter nacional, que eu não sei se poderá chamar-se estilo D. João V, estilo D. Maria I, e porventura ainda algum mais.

Mas o que sei, e tambem ocorre a propósito, é que menos que o mobiliário prezavam os nossos morgados o exterior de seus paços, especialmente dos que dêsse tempo subsistem no Baixo Douro. Raros poderão notar-se com algum valor arquitectónico. Por via de regra são extensos, são vastos, teem muitas janelas, muitos acrescentos feitos em diversas épocas para comodidade, sôbre tudo a comodidade, das famílias e até dos hóspedes, mas revelam uma completa inópia de senso estético ou sequer de bom gôsto.

O solar herdado por D. João deve ser incluído nêste número de residências aristocráticas.

Na fachada do sul uma longa fila de janelas era interrompida ao meio por um terraço donde se gozava o panorama do rio e dos montes mais próximos. No ángulo oriental, ressaltava um acrescento, o cha-

mado mirante. Na fachada do norte, a simplicidade chegava ao extremo: um portão entre duas janelas baixas gradeadas de ferro. Mas o pátio de entrada tinha aspecto senhorial, era amplo, quadrilongo, orlado de limoeiros junto aos muros, que o flanqueavam, da cozinha e do dormitório para os hóspedes masculinos.

Digamos sem demora que a cozinha de Altamira, se não podia competir em dimensões com a dos bernardos de Alcobaça, ombreava por certo com a dos bentos de Alpendurada.

E, como afirmação da bisarra hospedagem fidalga, proporcionava se ao tamanho da cozinha o da casa de jantar e mais duas salas, sendo uma a «nobre» ou principal, contígua ao portão.

A capela não era grande, mas abertas as suas portas, que diziam sôbre a outra sala, os actos religiosos podiam ser presenceados por numerosas pessoas.

Todas as janelas da fachada sul correspondiam a quartos de cama, com ingresso pelo corredor que ligava a sala nobre às outras duas.

Os caseiros e os criados dormiam em dependências pouco distantes.

Ora em 25 de setembro de 1851 o solar de Altamira estava ainda mais pomposo e garrido, porque o adornava uma infinidade de flores, pouco variadas naquela estação do ano, mas enviadas de toda a parte à noiva por fidalgas e aldeãs.

E mais ainda alegrava toda a casa um não sei que subtil ar de festa de familia, que parece ser a evaporação de um divino aroma gerado nos corações felizes e nas almas contentes.

O casamento de Sofia estava marcado para as onze horas da manhã, mas desde as nove que foram chegando alguns cavaleiros e amasonas.

Na sala nobre, onde D. João, *Frau* Keiser e D. António Padilha faziam as honras da casa, havia sô-

bre um largo bufête, coberto de toalha adamascada, um duplo serviço de chá e café, com bôlos finos e pão de ló de Rezende, primeiro almôço oferecido aos recenvindos.

Duas criadas ajudavam as damas a despir os abafos com que pelo caminho resguardaram seus trajes de ceremónia, e o escudeiro Manuel Brás recebia dos cavalheiros o albornoz ou a capa de jornada.

E então era agradável vêr como esses fidalgos durienses, velhos ou novos, que já todos tinham passado pela plateia do teatro de S. João, ficavam elegantes na sua casaca azul de botões amarelos.

Perto do solar, e até no alto do monte, o povo das aldeias plantava-se embobado de admiração, mórmente quando viu chegar a liteira doirada que conduzia a fidalga de Nespereira, acompanhada por um lacaio.

Esta ilustre senhora, D. Isabel Júlia de Melo, saía raríssimas vezes e só para fazer visitas de etiquêta.

Tinha cincoenta anos de idade e conservava-se solteira.

A sua vida solitária, a moralidade dos seus costumes, e o seu génio acolhedor e benfazejo tornavam-na tão respeitada quanto estimada pelo povo, entre o qual era conhecida e tratada na ausência por «a Dona Jabelinha de Nespereira».

Os administradores de vínculos davam-lhe, na ausência ou na presença, o tratamento de morgada, que ela juridicamente não era, sem dúvida porque se honravam de incluir no seu grémio pessoa de tão relevante honorabilidade.

Do mesmo modo a trataremos nós por merecida homenagem.

O pai de D. Isabel Júlia fizera provanças de nobreza e recebêra da raínha D. Maria I o hábito de Cristo. Ele ufanava-se da sua categoria social dizendo: «Há morgados que não são nobres e eu que, não

sou morgado, sou nobre.» Era muito conhecido Entre-Douro-e-Minho pelo «Rodrigo de Nespereira», especialmente no Porto, que em rapaz frequentara dispendiosamente.

Possuia uma boa casa, constituida em bens livres e alodiais, mas gastava com largueza por espírito de ostentação.

Fôra na Foz do Douro que êle namorara uma senhora muito prendada e distinta, consanguínea, segundo se dizia, dos fidalgos da Bandeirinha. Desposou-a por inclinação e jactância, porque mais valia para êle a família que o dote da noiva.

Posto revestisse grande aparato este casamento, uma cunhada de Rodrigo tinha casado bem melhor, mas à capucha, com um negociante de grosso trato, que a fez baronesa e por morte lhe deixou avultados capitais.

Na casa de Nespereira as portas estavam sempre abertas para receber hóspedes e convidados. Havia frequentes festas sob qualquer pretexto. Os dónos da casa tratavam-se à lei da nobreza, a mulher e a filha de Rodrigo saíam numa liteira doirada, como só havia outra em Guimarães, e êle, Rodrigo, só gostava de montar cavalos de bom sangue e de boa estampa.

A ruína não tardou muito e a herdeira da casa teria ficado em precária situação se a tia baronesa, que morreu dois anos depois de Rodrigo, não houvesse nomeado D. Isabel Júlia de Melo, sua sobrinha e afilhada, herdeira de todos os bens que remanescessem de alguns legados pios.

— Bem empregada herança, dizia carinhosamente o povo de Nespereira, certo de que tambem seria indirectamente contemplado.

A fidalga pôde desempenhar as suas propriedades, mas continuou a viver retraída, apenas acessível aos pobres.

Por isso mais que nunca lhe custou a ela resolver-se a sair de casa para ir assistir ao casamento de Sofia, que não conhecia pessoalmente, como tambem nunca vira nem conhecêra Maria Manuela de Haucourt.

Era certo que, depois de 1829, D. Isabel tinha recusado propostas de casamento, e ainda agora, aos cincoenta anos, repelira as tentativas dum morgado viúvo e dum solteirão arruinado, que a epistolaram sem obter resposta.

Mas Bacelar não esqueceu D. Isabel entre as mais gradas senhoras da sua antiga convivência e o convite chegou a Nespereira quando menos era esperado.

Rendida a esta obrigante delicadeza, a morgada mandou arejar as suas mais graves e solenes vestes, algo antiquadas, mandou desempoar a liteira e a libré do lacaio e, apesar de constrangida por um especial melindre, meteu-se a caminho.

D. Isabel Júlia foi uma das figuras salientes que concorreram nesse dia ao solar de Altamira.

Depois dela cumpre mencionar o alto, moreno e anguloso Samuel Alvarenga, morgadão excêntrico, muito hibernante e lareiro, vivo armazem de copiosa leitura, que, aparecendo de longe em longe, despejava sôbre as suas vítimas torrentes de erudição indigesta. Alvarenga andara dois anos em Coimbra, não para se formar em direito, mas só «para ver aquilo», como êle dizia; andou outro ano na Politécnica do Porto com o mesmo fim, e era com igual propósito que êle correspondia ao convite de Bacelar. Ouvira dizer que o Altamira estava muito velho, que a filha era encantadora e que o genro era o mais espirituoso morgado que tinha aparecido em Lisboa: pois bem, quis «ir ver aquilo», certo de que ninguem lhe deitaria a barra adeante em sabença.

Na capela do castelo de Klein Heubach a assis-

tência seria mais aristocrática, e decerto foi, porque incluia os príncipes e princesas de Reuss, de Graetz, de Rohan, de Holenlohe, de Blerstein e de Loewensiein; os condes de Castell e de Esbach; o bispo de Wurtzburgo, que foi o celebrante, e a deputação dos fidalgos legitimistas portugueses.

Mas em Heubach os noivos eram uma princesa e um príncipe que fôra rei, por isso lhes assistia uma côrte composta de personagens cujos nomes estavam inscritos no *Almanaque de Góta*.

Em Altamira havia bom sangue e bom nome, laços de parentêsco ou antiga amizade e, com uma ou outra excepção, incolôr mas recomendável, o sr. D. Miguel I tinha ali fieis vassalos e dedicados amigos.

A's onze horas D. João reentrou na sala nobre trazendo pelo braço a filha, que fazia lembrar um lindo rosto de anjo rafaelêsco espreitando radiante por entre uma nuvem de bobinéte branco.

Logo o cortejo nupcial se formou de modo a abrir alas para dar passagem aos viscondes de Juromenha, representantes do rei e da infanta, a D. João Bacelar e á filha, a Velasco e à morgada de Nespereira, cuja inesperada presença chamara para ela todas as atenções e honras.

Frau Keiser teve de aceitar o braço de Samuel Alvarenga, que a conduzia quase dependurada, pela diferença de altura.

Cumpridas as fórmulas sacramentais, o pároco, entimidando-se deante de tão selecta assistência, não pronunciou alocução alguma, ao contrário do que nesse dia fizera em Heubach o bispo de Wurtzburgo, que predicou eloquentemente.

Dirigindo-se à sala nobre, os noivos receberam as saudações e parabens dos convidados, tendo Sofia e Velasco respondido com fráses amáveis, que ficaram na memória dos que as ouviram, como na me-

mória da deputação legitimista ficaram as palavras que lhe dirigiu a noiva do sr. D. Miguel ao sair da capela do castelo: «*Je suis fière d'être portugaise.*»

Pouco depois do meio dia começou o almôço, a que os noivos não assistiram.

Decorreu animada a conversação, tão animada que Samuel Alvarenga não pôde colocar alguma tirada de erudição. E apenas se resignou jurando a si mesmo que ao jantar se indemnizaria da sua mudez durante o almôço.

Uns convidados passaram o dia jogando o *whist* e o voltarête, outros conversando, especialmente em assuntos agrícolas e políticos.

As senhoras reuniram-se em grupo no pátio à sombra dos limoeiros e foi aí que *Frau* Keiser teve ensejo de se interessar pela conversação agradável e polida da morgada de Nespereira.

— Admiro, minha senhora, — dizia-lhe a professora de Sofia com o seu atenuado sotaque germánico — admiro que nunca fosse a Lisboa.

— Nunca fui, é certo, e chego a envergonhar-me disso, porque não tive ocasião de corrigir os meus defeitos e maneiras de provinciana.

— Pois eu digo que as suas maneiras, sr.ª D. Isabel, protestam contra as suas palavras.

— Muito obrigada... Mas eu creio que as senhoras do Douro, se não pisaram os salões de Lisboa e Porto, dão-se a conhecer em toda a parte por um acanhamento, uma timidez, não sei como dizer... Com os homens não é tanto assim, porque na mocidade, se não foram a Lisboa, frequentaram pelo menos no Porto os teatros e as casas nobres de alguns dos nossos mais respeitáveis correligionários. Meu pai, muito ferrenho em política, aborrecia o Porto desde 1820 e ainda mais o ficou aborrecendo depois de 1833.

— Bem percebo.

— De modo que eu apenas fui ao Porto duas vezes: uma ainda com meu pai, outra depois da morte dêle, para regularizar negócios da herança de minha tia.

— Mas v. ex.ª há de ter horas muito aborrecidas, não é verdade?

— Tenho e não tenho. Aqui, para as senhoras, a vida é simples e patriarcal. Interessam nos as nossas propriedades, damos ordens aos nossos caseiros e criados, fazemos as nossas contas... eu, pelo menos, porque sou solteira.

— Ah! que se eu pudesse fazer-lhe uma pergunta... disse *Frau* Keiser com o desembaraço duma senhora habituada à curiosidade das lisboêtas.

— Faça, sim, por que não?

— Nunca pensou em casar-se?

— Pensei... pensei. Depois... foi um sonho que passou.

— Mas que ainda lembra...

— Sim... talvez, porque na velhice lembra mais o que já fica muito longe.

Frau Keiser cativou-se desta insinuante morgada, que vivia naqueles montes como numa torre de marfim uma castelã de contos de fadas, que tivesse adormecido há vinte anos, sem que o sonho e o encantamento houvessem cessado ainda.

E lembrou-se de preguntar a D. António Padilha o que êle porventura soubesse do romance de D. Isabel Júlia, tanto interesse e estima inspirara a *Frau* Keiser a morgada de Nespereira.

O banquête nupcial principiou depois das sete horas da tarde. Assistiram os noivos. Sofia estava encantadora na simplicidade gentil do seu vestido côr de rosa, do seu cabeção de rendas da Bretanha, e dos seus preciosos brincos de pérolas negras. Nenhum mais adorno trazia. Os sapatinhos — lembremo-nos

dos seus pés e mãos de boneca — eram da côr do vestido. Velasco brilhava mais que os outros morgados na sua casaca azul de botões amarelos, na sua gravata e colête brancos, nas suas claras calças de lista, especialmente pela distinção, desembaraço e elegância das maneiras.

Os noivos nunca se permitiram durante o banquête as ridículas denguices e requebros dos noivos burguêsmente piegas, nas bôdas domingueiras do *beaulieu* então descritas por Paulo de Kock. Apenas os seus olhos se encontravam às vezes num relance fugitivo.

D. João exultava de alegria e felicidade, êle mesmo se encarregava de dirigir a conversação de modo a que nenhum conviva, dama ou cavalheiro, ficasse por sua vez silencioso.

A palavra autorizada do visconde de Juromenha era ouvida com veneração. E Samuel Alvarenga obteve, finalmente, ser escalonado na devida altura. A tése que se propôs demonstrar foi que aquêle banquête era superior aos de Roma tanto pelo número dos convivas como pela qualidade nutritiva dos alimentos; e não ficava inferior aos banquêtes da Grécia no sal ático da conversação.

Demonstrando, disse que estavam ali à mesa vinte e oito pessoas, ao passo que o imperador Augusto não admitia nos seus festins mais de doze mulheres e doze homens, e o imperador Varus nem mesmo em honra de Júpiter Máximus permitia mais de doze convivas.

Quanto à suculência dos alimentos fez o elogio dos pratos que já tinham sido servidos e que por certo avigoravam muito mais o estómago e muito mais enriqueciam o sangue do que a língua das aves canoras e os caracois e gafanhôtos que os romanos ingeriam sumptuosamente.

Alvarenga concluiu afirmando que no brilho da

conversação, Altamira não ficava inferior a Atenas, graças ao verbo sentencioso do ex.mo sr. D. João Bacelar, ao verbo erudito do ex.mo visconde e ao verbo scintilante do ex.mo noivo, sr. morgado Velasco.

Sofia e as outras senhoras protestaram graciosamente contra o facto de não terem merecido ao orador qualquer referência amável as frases por elas intercaladas na conversação, posto que singelas e breves.

Aqui se viu Samuel Alvarenga verdadeiramente atónito, porque lhe faltava a subtileza de um argumentador. E não achou na sua memória obra feita, citação apropriada para este mau passo.

Acudiu-lhe Velasco dizendo que em toda a parte, mórmente em boa sociedade, era costume não afrontar os delicados e tímidos sentimentos peculiares às damas, o primeiro dos quais era a modéstia, que o ex.mo Alvarenga cavalheirosamente tinha respeitado durante a sua eloquente oração.

Expludiram risos estrepitosos, e, por coincidência, foi então servido o *Porto de 1799*, que D. João tinha reservado para os brindes de honra.

Ele mesmo, D. João Bacelar, de pé, e com manifesta emoção, ergueu o seu cális pronunciando com prudente reserva, para que não se pudesse dizer que o banquête fôra político:

— A' saude daquele que nós muito amamos e da virtuosa eleita do seu grande coração.

Todos de pé, os convivas, secundaram este brinde, com igual reserva, como tinha sido combinado préviamente.

D. João tornou a levantar o copo:

— A' saude da excelsa madrinha, tão dignamente aqui representada pela senhora viscondessa de Juromenha.

Os convivas corresponderam respeitosamente e sentaram-se.

Quase todos êles bebiam o precioso vinho aos goles, compassadamente, parecendo mastigá-lo, e intrometiam apóstrofes laudativas:

— E' um néctar!

— Um bálsamo!

— Um elixir!

Samuel Alvarenga não perdeu esta nova ocasião:

— E' para nós o que era o Falerno para os romanos, e o Corinto ou o Samos para os gregos.

— Cala-te! retorquiu D. António Padilha. A prosa não basta. Este *Porto* merecia ser cantado por um poeta de fama.

— Merece, não há dúvida, replicou Alvarenga, e eu faço-te a vontade, evocando o famoso árcade António Denís, que nos dirá:

Oh se eu pudera
Em bôca e línguas
Todo tornar-me
Só por fartar-me
Dêste elixir!

Quando esmoreceu a hilaridade que a réplica de Alvarenga suscitára, o visconde de Juromenha, numa linguagem tão desafectada como distinta, brindou pelos noivos, fazendo votos para que permanecessem felizes na *Terra Prometida* a que a mão do Amor os conduzira, e onde certamente encontrariam a flux todas as venturas de que eram merecedores. Terminou congratulando-se com D. João Bacelar por tão auspicioso casamento.

Velasco respondeu agradecendo. Disse que se julgava feliz por ter desposado sua prima. Uma longa convivência entre parentes dera-lhes a conhecer reciprocamente os seus génios, a sua maneira de pensar, as qualidades morais e, pelo que a êle respeitava, os defeitos que Sofia se habituara a desculpar-lhe.

Com esta preparação o casamento tinha uma base segura de mútua estima e respeito, que dia a dia se foi solidificando como garantia de futura existência tranquila e agradável. Além disto, vinham ambos daquela útil escola de bem casados, que é o exemplo dos pais, o espelho límpido de suas vidas e virtudes.

E, de repente, numa apóstrofe humorística:

— Acabo de fazer o primeiro discurso de toda a minha vida e v. ex.as hão de ter compreendido que Deus nosso Senhor me não chamou para este caminho. Mas um dia não são dias. E eu prometo apresentar-me oratóriamente melhor no dia em que celebrarmos as minhas bôdas de prata, e muito melhor ainda, talvez um Cícero, no dia em que celebrarmos as minhas bôdas de ouro. Até lá vou estudar. Assim eu possa aprender.

Teve um grande éxito esta cambiante final. Sofia chorava de riso. E a todos os morgados agradou imensamente a inesperada transição do sério para o jocoso.

Por último, D. João Bacelar, muito enternecido, felicitou-se pelo genro que a boa fortuna lhe deparara, e a quem devia o milagre de ter voltado a Altamira. Agradeceu aos amigos que desde Lisboa o acompanháram, especializando os viscondes de Juromenha, e depois dêles a antiga professora de Sofia. Agradeceu tambem às damas e cavalheiros, que se tinham dignado honrar com a sua presença aquela festa de família.

Passaram os homens à sala nobre, onde lhes foi servido o café.

As senhoras ficaram ainda na casa de jantar, com Sofia, que se dirigiu a cada uma, dizendo-lhe palavras de agradecimento e fineza.

Foi então que fez maior reparo na morgada de Nespereira, cujas feições puras e correctas e cujas

faces pálidas, semelhantes ás de marfim antigo no rosto das imagens, lhe causaram uma profunda impressão de simpatia e respeito, reforçada a breve trecho pelas suas palavras discretas e maneiras cortêses.

Depois foram as senhoras ao terraço e, como a noite estivesse um pouco fria, acolheram-se à sala nobre, onde os convidados já estavam entretidos com os jogos de vasa.

Num relance *Frau* Keiser contou a Sofia, em alemão, o que pudera saber de Padilha: que a morgada de Nespereira tivera na mocidade uma grande paixão por um patrício e que, dêsde que êle casara com outra, ela morgada recusou muitos casamentos.

— ¿Quem era o patrício? Não sabe o nome?

— Sei. Era o sr. D. João Bacelar.

— ¿ Meu pai?!

— Sim, sim.

Sofia deteve-se um momento e disse-lhe:

— *Frau* Keiser, como tomou o encargo de fazer as honras da casa a todas as senhoras, peço-lhe que não deixe partir logo pela manhã a morgada.

— E se ela teimar?

— E' natural que teime. Mas diga-lhe que eu ficaria muito desgostosa se ela tal fizesse. E decerto não partirá, porque me falou olhando-me com muito carinho.

Era que D. Isabel Júlia estivera pensando enquanto conversaram: «Se a mãe foi tão bonita como a filha, razão teve D. João para a preferir.»

Já os noivos, e depois deles todas as senhoras, se tinham recolhido quando o dono da casa pediu licença aos morgados para retirar-se, mas, conhecendo bem os costumes da sua terra, deu-lhes a liberdade de ficarem jogando até à hora que quisessem.

E êles ficaram, e unindo as mesas umas às outras

improvisaram uma grande banca, e começaram a jogatinar a batota ou, como se dizia mais eufónicamente, o *monte*.

Sem batota não havia naquele tempo nenhuma assembleia de morgados.

VII

Visões do passado

> ...do proprio modo que a lenha odorifera lança hum vapor leve, alvo e cheiroso, assi a Saudade modesta e regulada dá indicios de hum Amor fino, casto e puro.
>
> D. FRANCISCO MANUEL DE MELLO — *Epanophora amorosa.*

Em geral, nas duas márgens do rio Douro as estradas eram péssimas e as povoações distanciadas umas das outras.

Entendia-se talvez que não podia haver melhor estrada que a fluvial, apesar de perigosa, por ser a mais barata e mais curta.

A incomodidade das jornadas, a longura das distâncias, e ainda um certo espírito tradicional de hospitalidade e bisarria, faziam que as festas rijas, naquela província, durassem pelo menos três dias.

Nem os hóspedes se despediam antes, nem eram despedidos, especialmente se tinham sido convidados.

Assim, pois, honrando os costumes da sua raça e da sua terra, D. João Bacelar havia determinado que as vindimas começassem no dia seguinte ao do casamento, estimando a coíncidência de poder propor-

cionar a festa agrícola mais popular e alegre em toda a região duriense.

Este número do programa animava os campos e os montes, atraía grande número de rapazes e raparigas, que principiavam a cantar logo de manhã em cima das árvores, onde as vides se *enforcavam*, e acabavam cantando e bailando ao fim da tarde depois da merenda.

Para o terceiro dia estava marcado o passeio ao rio Paiva, que D. João prometera mostrar aos seus hóspedes de Lisboa, e cujo aspecto se poderia observar dum cabêço eminente à margem direita.

Findo o tríduo iriam ou não iriam embora os hóspedes, mas era natural que a maior parte dêles quisesse ir batotear à feira do Escamarão, que se faz pelo S. Miguel.

D. João Bacelar gostou muito de tornar a ver as vindimas em Altamira, onde este trabalho agrícola conservava ainda o seu caracter primitivo, assim como tambem era ainda o mesmo todo o processo de vinificação. E Sofia, que nunca tinha visto uma vindima, e Velasco, que só as vira no Alentejo e na Extremadura, onde a vinha quase rasteja, seguiram com vivo interesse os episódios bucólicos da colheita das uvas por entre os ramos das árvores.

— E' pitoresco! é bonito! comentava Sofia. Parece que as saias garridas das raparigas embandeiram festivamente o arvoredo.

— Muito mais pitoresco do que na minha terra, replicou Velasco. Não há dúvida. E até muito mais lisonjeiro para os vindimadores.

— Por que? preguntaram vozes.

— Porque, ao menos uma vez cada ano, se colocam numa posição superior à dos proprietários e, se forem trocistas, podem estar a deitar-nos a língua de fóra através dos ramos.

Os morgados acharam graça à *blague*. Mas Sofia acudiu dizendo:

— O' Jorge, esta pobre gente, escravizada pelo trabalho, não pode ter a noção da ironia.

— Nisso te enganas tu, minha filha, objectou D. João. Hás-de ouvi-los cantar ao desafio e verás como as réplicas são por vezes picantes e mordazes.

— E' que a ironia, disse Velasco, generalizou-se no género humano desde a criação do mundo. Quem a inventou foi Deus nosso Senhor quando fabricou de barro o primeiro homem podendo fabricá-lo de porcelana.

— Endiabrado Velasco! apostrofou com entusiasmo D. António. Tem resposta p'ra tudo!

— Menos p'r ás cartas anónimas, por não saber a direcção, tornou de pronto Velasco.

Com o fim da tarde se interromperam os trabalhos da vindima e, depois da merenda, vieram os vindimadores para o pátio onde cantaram e dançaram na presença dos dónos da casa e dos convidados.

Esta diversão teve uma nota extremamente cómica, muito hilariante, como sempre acontecia quando o famoso *Mano Querido* aparecia nos bailaricos.

Era êle um velhote são e alegre, mas pateta, e ainda que apaixonado por folias coreográficas, trabalhava acumulando as funções de sapateiro, recoveiro, curandeiro e caiador.

Baixo, entroncado, lesto, não se fatigava nunca, lidando ou dançando, e tornava-se uma espécie de bôbo entre as raparigas, a quem tratava por *manas*, o que explica o facto delas lhe terem posto a alcunha de *Mano querido*.

Na sua qualidade de primeiro bailarim, assumia o comando nas danças, marcando-as e, por vezes, reanimando-as com vozes de incitamento ou repreendendo os pares que não dançavam certo.

Assim, para estimular a animação, usava este estribilho:

— O' manas, batei o pé.

E, para censurar, usava estoutro:

— Não quebreis o cabrêsto, gentes.

O cráneo do *Mano querido* estaria completamente descabelado, se não fossem duas longas farripas, que ele cruzava de um lado ao outro, mas que, nas danças, se esbandalhavam pendendo e abrindo como as barbatanas dum golfinho brincão.

Era de morrer a rir vêl-o nessas ocasiões, pulante, vermelhusco, suarento, num desengônço macabro, sem querer que nenhum par afrouxasse:

— O' manas, batei o pé.

E elas galhofavam, mas obedeciam, e o chão parecia estremecer ao compasso duro do batuque.

Muito riram os assistentes, especialmente os de Lisboa, para quem o *Mano Querido* correspondia a uma novidade funambulêsca.

D. João convidara a cantadeira e o cantador de mais fama para um desafio discreto, prometendo boa espórtula. Logo que chegou o Zé Carteiro, que distribuira o correio e papara léguas para não faltar em Altamira, o bailarico terminou.

A Gracinda Malhôa tomou o seu lugar e esperou que a sorte designasse se competiria a ela ou ao Zé Carteiro a vantagem de romper o desafio. Foi êle o favorecido no sorteio, o que visivelmente contrariára a Gracinda.

Muito pimpão, Zé Carteiro começou rasgueando na viola e cantando:

Tu espreitas à janela
Quem passou ou vai passar.
Se tu não tens outra freima
Senão a de namorar!

Gracinda, tomando calor, respondeu risonha:

Quando me passas à porta,
Estando eu à janela,
Dá-me cá dentro uma raiva,
Que inté me faço amarela.

E êle, desdenhoso, irónico:

Pois se te dá uma raiva,
Não é porque eu te requeira;
Que só pretendo cachopa,
Que seja trabalhadeira.

Gracinda ripostou apanhando a *deixa:*

Não me busques, nem pretendas,
Que eu não quero a tua mão,
Que tem corrido as aldeias
Apregoada em leilão.

Nesta altura do desafio, dizia a morgada de Nespereira conversando com Sofia:

— Tem razão v. ex.ª em achar que eu passo uma vida muito excêntrica. Mas a verdade é esta. Não sei o que vai pelo mundo senão quando mo dizem sem que eu o pergunte. Habituei-me ao silêncio e à solidão, que a princípio são como os remédios fortes, custam a tragar; mas que lentamente vão constituindo um hábito, uma segunda natureza. Desde que abandonei o mundo, fui esquecendo todas as antigas relações do tempo de meus pais. Por isso me surprêendeu e penhorou o convite do sr. D. João Bacelar, e por isso o aceitei com o alvorôço de quem ia sair dum túmulo para assistir a uma festa de amor e felicidade.

— E veio certamente muito constrangida. E contrariada pelos seus hábitos de silêncio e de solidão aqui tem v. ex.ª estado no meio de tantas pessoas e de tanto bulício.

— Contrariada, não. Apenas às vezes estranha, entregue aos meus pensamentos habituais, que eu não quero repelir nunca, porque são êles que me teem amparado no isolamento do meu ermitério. Parece impossível que se possa viver de recordações...

— E' o sonho da saudade, anotou Sofia, porque tudo o que passou é sonho.

— Diz muito bem, sr.ª D. Sofia, é o sonho da saudade. Ah! minha senhora, quanto eu estimo conhecê-la tão linda, tão inteligente, tão amável e bondosa!

— Penhoram-me as suas palavras, sr.ª morgada, e sinceramente me felicito por ver que correspondem à simpatia que desde a primeira hora me inspirou. Eu quisera até apelar para a nossa amizade, que já agora deixaremos firmada como um contrato das nossas almas, para lhe pedir outro sacrificio...

— Diga, sr.ª D. Sofia...

— O de se demorar mais alguns dias em nossa casa.

— Eu tencionava ir àmanhã.

— Não, isso não pode ser, tenha paciência, minha boa amiga. Temos muito que conversar, porque nos entendemos perfeitamente. A sr.ª D. Isabel vive do sonho da saudade, que é a poesia do passado, e eu penso que a existência humana precisa, para ser menos dura, que lhe não falte o sonho na realidade. Se a realidade é feliz, o sonho diviniza-a; se não é feliz, o sonho adoça-a. Mas então, sr.ª morgada, o meu pedido?

D. Isabel Júlia escutára Sofia enlevada na surpresa e no encanto de encontrar, na bôca daquela linda criaturinha, expressões que eram mitigantes como um bâlsamo cristão de piedade e ternura. Acordando do seu enlevo, quando Sofia lhe pediu uma resposta, a morgada respondeu sorrindo:

— Posso eu recusar!...

Esse sorriso era talvez o menos triste de toda a sua vida.

Sofia glosou-o mentalmente, pensando: «Pobre senhora! a mulher que não amou, não viveu. Mas aquela que tendo amado, não foi correspondida, vive morta dentro de si mesma. Assim vive ela, por culpa de ninguem, porque o casamento de meu pai não foi um acto de ódio ou despeito, contra a pobre morgada; foi apenas a consequência duma paixão que brotou tão violenta como um incêndio inesperado. Minha mãe, que nunca a viu, se estivesse agora aqui, e eu lhe dissesse ao ouvido o romance da morgada de Nespereira, iria logo sentar-se junto dela, dizer o que eu lhe disse, pedir-lhe talvez perdão de a ter infelicitado involuntáriamente.»

Muito alegre, Sofia apertou a mão da morgada, e beijou-lha com tanta estima como respeito.

Era tambem a primeira vez que alguem pousava um beijo sôbre a sua mão ebúrnea.

Ao outro dia, pela tarde, realizou-se o passeio ao Paiva.

A distância era pequena, por isso o caminho, posto que mau, não enfadou ninguem, incluindo D. João Bacelar.

Mas, perto do lugar do Couto, encontraram um charco, que era preciso atravessar passando por cima dum eito de três alpondras. Bacelar, o visconde, a viscondessa e *Frau* Keiser passaram sem grande hesitação, graças ao auxílio da bengala de Bacelar, que serviu para êle e para os três hóspedes, porque a morgada de Nespereira, as outras senhoras e os morgados atravessaram sem bordão. Mas Sofia tomou-se de medo e Velasco resolveu a questão pegando nela ao colo com a galanteria com que poderia assentar no braço direito uma criança ou uma boneca.

Neste lance, o visconde de Juromenha, lembrando-se do seu Camões, declamou:

> Não sente, quem a leva, o doce peso,
> De soberbo com carga tão formosa.

Chegando à márgem do Paiva, foi Sofia a pessoa que primeiro se mostrou surpreendida com a perspectiva daquele rio estreito, pedregoso e mugidor, que no fundo do vale vai serpejando por entre alcantis escabrosos, até entrar no Douro.

— Cem anos que eu viva, disse ela, nunca me esquecerá a severa catadura dêste rio, nem o ruído que êle faz lá em baixo. O que eu admiro é ver uns homens, acolá, metidos na água, por entre as pedras, tão sossegados como se estivessem recreando-se.

D. João explicou:

— Andam a ganhar a vida, filha, a apanhar por entre as taliscas dos penedos as últimas trutas que logo havemos de comer. Já decerto terias ouvido dizer alguma vez que não se pescam trutas a bragas enxutas. Estás agora reconhecendo a veracidade do adágio. E eu estou certo que te reconciliarás com o rio Paiva depois de teres comido as suas tão saborosas trutas.

Os morgados contaram a Velasco interessantes pormenores sôbre a pesca da truta, à linha ou à mão, pesca muito dificil e demorada, diziam êles, porque a truta é um peixe muito desconfiado e manhoso. Foge das águas claras e alaparda-se nos dias de bom sol. Mas os pescadores experientes, como aqueles que estavam vendo, conseguem desentocá-las com perícia, escolhendo para isso as horas mais sombrias, a madrugada e o fim da tarde.

No dia 28 despediram-se quase todos os convidados, e as senhoras que êles acompanhavam — suas

mulheres ou suas parentas. Abalaram para a feira do Escamarão, sempre muito concorrida por clero, nobreza e povo. Eram dois dias de variedade e de... jogatina. Velasco não foi; desculpou-se com D. António, dizendo que já conhecia muitas feiras, quase todas, incluindo a *da ladra* em Lisboa, onde algumas famílias vendiam e outras compravam seus avós pintados a óleo.

E, diga-se a verdade, não foi sem uma íntima impressão de bem-estar que Sofia, a viscondessa, *Frau* Keiser e a morgada de Nespereira — embora o não confessassem — viram despejar-se a casa e restabelecer se uma tranquilidade tão cómoda como agradável.

— Até já se ouve caír a água no tanque! dizia Velasco a Sofia.

— Talvez faltasse.

— Isso sim! Não se ouvia com o barulho de cavalos e cavaleiros.

Em poucos dias, poderia dizer-se até em poucas horas, D. Isabel Júlia tornou-se um centro de atracção, que reunia em volta das suas altas qualidades morais a simpatia de todas as pessoas da casa. Era como se a afeição de Sofia a tivesse proclamado digna do aprêço e acatamento de quem se avezinhava dela.

Falando a seu respeito com D. João e Velasco, disse o visconde numa hora em que estavam sós:

— Esta senhora D. Isabel Júlia conserva o tipo heroico de muitas damas portuguesas, exemplares de brio e pundonor, tão severas comsigo mesmas que às vezes se puniam voluntáriamente de qualquer sentimento excessivo, embora puro, que tivessem experimentado. Quantas se meteram freiras! outras perderam a razão ou a vida.

— Eu encontro-lhe muitas semelhanças com minha

falecida mãe, recordou Velasco, tanto no acêrto do falar como nas maneiras simples e afáveis. Por isso me tem feito impressão.

Serenamente, pausadamente, D. João Bacelar revelou estes factos de sua vida :

— Amigos: devo contar-lhes que conheci D. Isabel quando ela não tinha ainda quinze anos e já se fazia notar pela sisudez, correcção, e até pelo esmêro com que, ensinada pela mãe, lia e recitava. Então, ou pouco depois, houve entre nós sinais de mútua e pura afeição, que se foi prolongando, sem contudo haver promessa ou ajuste de casamento, nem mesmo entrevistas furtivas ou correspondência epistolar. Não era própriamente um namôro e menos ainda um compromisso. Mas onde quer que nos encontrássemos atraíamos um ao outro e tínhamos sempre que dizer sem avançar nem recuar. Pensei muitas vezes que essa afeição serena conduziria ao casamento; e éra natural que D. Isabel pensasse do mesmo modo e que tambem assim pensassem seus pais. Tendo que sentar praça — porque um alvará de 1797 obrigava os sucessores nos vínculos a fazerem-no até aos vinte anos — alistei-me em Lamego. Eu pedia licenças para vir a casa, e de fugida passava por Nespereira. Meu pai julgou, porêm, que eu tinha direito a servir na côrte, o que fácilmente conseguiu Foi em Lisboa que mudei de arma. O certo é que nunca mais vi D. Isabel Júlia, porque desde 23 a 28 estive em Viena de Áustria, em 29 casei em Queluz com Maria Manuela, que ali tinha visto e por quem logo fiquei fascinado, louco de amor. Em 1830 saímos para França, em 31 regressamos e em 34 emigramos, durando o nosso exílio onze anos. Em 1845 — ano fatal! — morreu a minha querida Maria Manuela, cujos restos mortais trouxe para Portugal, e não tornei a saír de Lisboa. Haverá seis ou sete anos visitou-me lá um padre de

Nespereira, que ia paroquiar no Alentejo. Perguntei-lhe por muitas pessoas conhecidas, entre elas D. Isabel Júlia, que eu julgava tivesse casado. Disse-me o padre que era solteira ainda e que recusára bons casamentos. Tinha desempenhado a casa com a herança duma tia materna, mas vivia solitária, talvez desgostosa. Pareceu-me extraordinário e admiti então a hipótese de eu haver sido mais amado por ela do que supunha. Pesava-me ser a causa involuntária do seu desgôsto, se a minha hipótese fosse verdadeira. E querendo significar a D. Isabel a consideração e estima em que sempre a tive, mandei-lhe convite para o casamento de Sofia. Receei que não o aceitasse, mas eu fiz o que entendi, porque deixar de convidá-la seria um vexame injustificável, monstruoso. D. Isabel poderia ter-se desculpado por uma carta ou por um simples bilhête de visita. Mas veio pessoalmente e eu muito estimo que Sofia lhe tenha prestado a homenagem que realmente merece, até como indemnização do mal que eu lhe houvesse causado, se a minha hipótese fosse verdadeira.

Velasco, num impeto de franqueza e sinceridade, tão próprio do seu carácter leal, interveio:

— Pois é, primo D. João; é verdadeira.

Bacelar fitou no genro um olhar baço, mas firme, como é em geral o olhar dos velhos quando interrogam com interesse.

Jorge Velasco respondeu a esse olhar contando como *Frau* Keiser por vagas palavras da morgada de Nespereira, relativas à sua solidão e retraimento, suspeitou um romance de amor infeliz. D. António explicou-lhe dizerem os velhos que a morgada tivera na mocidade uma grande paixão pelo morgado novo de Altamira e recusara depois vantajosos casamentos. Sofia simpatizou logo no primeiro dia com D. Isabel, mas desde que *Frau* Keiser lhe revelou o que

soube por D. António, ficou impressionada e começou a tratá-la com muita benevolência. A mim me disse Sofia, rematou Jorge, que sua mãe procederia do mesmo modo se tivesse conhecido o segredo da morgada.

— De certo, obtemperou Bacelar, porque Maria Manuela era um nobre e generoso coração. Nunca lhe ouvi palavras de malquerença, muito menos de ódio, contra quem quer que fosse. Eu apenas conjecturara... Mas era certo, meu Deus! O que resta fazer é dispensarmos todos à sr.ª D. Isabel Júlia aquelas provas de suma consideração que ela merece. Sofia é uma digna herdeira de sua mãe na pureza dos sentimentos. Abençoada filha...

O visconde de Juromenha concordou que o porte da morgada era respeitabilíssimo. Não se enganara, pois, quando há pouco o definiu. E disse que conquanto ela não tivesse professado, fizera da sua casa um convento, e entregára-se a uma vida quase monástica.

A familia Bacelar fôra ainda visitada por outros legitimistas, que vieram de mais longe e pelos íntimos, que tornaram, por vezes, especialmente D. António Padilha.

Mal pensaria talvez D. António que dali a cinco anos iria buscar a Travanca, na margem direita do Paiva, a sua formosíssima noiva.

D. João tencionava partir nos primeiros dias de outubro, por causa dos viscondes e de *Frau* Keiser, que seria então esperada pelas suas discípulas.

Entretanto a amizade entre Sofia e D. Isabel estreitara-se tão afectuosa, que não foi dificil a Sofia conseguir que D. Isabel se demorasse em Altamira enquanto a familia Bacelar ali estivesse.

— Esta separação — disse Sofia ao marido nas vésperas da partida — vai ser um transe doloroso para a pobre morgada e, digo-te com franqueza, tambem

para mim, que a estimo muito. Custa-me deixá-la voltar para o seu destêrro, depois de ela ter conhecido corações sinceros que desejariam demovê-la de continuar vivendo na solidão.

— Ah! custa-te isso! respondeu Jorge. Pois eu convidarei a morgada para ir comnosco e passar uma temporada em Monte-Velasco.

— Como?

— Pois tu poderias imaginar que teu pai passasse, sem grande abalo moral, desta vida alegre de Altamira para a sua vida monótona de Lisboa? Vamos levá-lo ao Alentejo, logo que tenha descansado alguns dias em Buenos Aires. Quero que êle e tu conheçam a tua nova casa, como eu conheci Altamira. Há-de distraír-se muito, êle, conhecendo uma lavoira e costumes que não são os do Douro. E tu, querida Sofia, tomarás posse da terra em que nasci e me criei.

Sofia ficou doida de contente; apenas duvidou de que a morgada anuísse.

— Conta comigo e verás, concluiu Velasco no tom enérgico das suas mais decisivas palavras.

Seria muito longo contar ao leitor como, na presença de Sofia e D. João, Jorge pediu, instou com a morgada, consentindo apenas que, sob palavra de honra, ela fosse à sua casa de Nespereira regular negócios e preparativos para maior demora.

Os aldeões, vendo passar três vezes em quinze dias a liteira doirada, fizeram espanto.

D. Isabel julgava sonhar, tamanha era a sua imprevista felicidade. Sentia-se acariciada por Sofia, respeitada por D. João, mas não era aquele velho de barba branca, um pouco trémulo, que ela contemplava olhando-o e ouvindo-o: esse velho dissipava-se como um nevoeiro através do qual ela via sempre o elegante rapaz, com a sua farda de oficial, com as suas maneiras desembaraçadas e distintas, que vira

outrora em Nespereira junto de si, porque fôra esse que ela amára e jamais pudera esquecer.

Por sua parte, D. João Bacelar, nas atenciosas homenagens com que preiteava a morgada, não se esquecia nunca da *outra*, de Maria Manuela, que se lhe representava tão linda e graciosa como no Paço de Queluz e na quinta de Marvila.

VIII

Em Monte-Velasco

> «Ali, ora em conversação aprazivel, ora em moderado, e quieto jogo, se passava o tempo, se gozavão as noytes, se sentiam menos as importunas chuvas, e ventos de Novembro, e se amparavão contra os frios rigorosos de Janeyro.»
>
> RODRIGUES LOBO — *Côrte na aldeia.*

Não sem custo pôde Jorge convencer sua mulher de que ela não devia criar o filho que ansiosamente esperavam.

— Tu és débil e fraca, e acabarias por arruinar-te completamente, sem proveito algum para a pobre criancinha, que ficaria sendo uma criatura tambem fraca. Não, querida Sofia, não consinto nêsse inútil sacrifício. Virá uma ama sadia e forte; uma rapariga que venda saúde. Já a mandei procurar e não tardará. Está resolvido. Quero poupar a tua saúde e garantir a do nosso filho. E' o meu dever de chefe de família.

No dia 26 de julho de 1852, Sofia déra à luz uma criança do sexo feminino, que foi baptizada com o

nome de Maria Manuela, por indicação da madrinha, D. Isabel Júlia de Melo, que estava presente.

Pode calcular-se quanto a escolha do nome comoveria o padrinho, D. João Bacelar, avô materno, e sua filha.

Praticando esta primorosa delicadeza, dera a morgada pleno testemunho de que no seu coração não cabiam despeitos nem ressentimentos, pelo que se tornou ainda mais benquista de toda a familia Bacelar.

Poucos dias depois, em 5 de agosto, nasceu no castelo de Heubach uma criança, tambem do sexo feminino, filha do sr. D. Miguel de Bragança e da princesa D. Adelaide Sofia.

Na pia baptismal recebeu o nome de Maria das Neves, e foram padrinhos o príncipe de Loewenstein, seu tio materno, e a infanta D. Isabel Maria, tia paterna, que se fizera representar.

Por coincidência, nos dois baptizados ambas as neófitas receberam o nome de Maria e ambas as madrinhas tinham o de Isabel, circunstância que não deixou de agradar a D. João como velho e dedicado legitimista.

Havia meses que, em Monte-Velasco, a vida de familia era menos buliçosa do que o fôra em Altamira, sem deixar de ser recreativa. Vinham menos frequentemente visitas e hóspedes do que no Douro e por isso se dispensavam rigores de etiquêta, que no trato intimo seriam risíveis.

Conversando com o sôgro, Jorge sustentava que, pôsto a propriedade, em geral, estivesse mais dividida no Douro do que no Alentejo, a vida do proprietário alentejano era menos folgada e ociosa que a dos morgados durienses, os quais passavam o tempo fora de casa, em visita uns aos outros; percorrendo as feiras, realizando caçadas, frequentando no verão a Foz

do Douro, no inverno o teatro de S. João, e sempre as casas de jogo, como *pontos* ou banqueiros.

A este teor de vida chamava Jorge a «boémia dos morgados»: alguns dêles, se não muitos, estavam decadentes, endividados e em risco de empobrecer completamente no dia em que as vinhas, por efeito de qualquer epifitia, deixassem de produzir ou produzissem menos.

— No Alentejo, o bom administrador, chame-se morgado ou chame-se Morais Sarmento, continuava Jorge, trabalha desde pela manhã até à noite, visita as oficinas, percorre as herdades, fiscaliza e vigia constantemente. E, salvas raras excepções, não joga senão com a família, no seu *monte*, que não tem nada que ver com o *monte* dos durienses.

D. João achava razão ao genro quanto a ser mais activa a vida agrícola no Alentejo, mas dizia que o regímen da propriedade e as condições do solo impunham por si mesmos maiores obrigações ao agricultor alentejano, que tinha de as cumprir se queria viver. Daí, menos vida de relação, menos divertimentos e festas, menos ociosidades, realmente.

— Olhe o primo D. João aquele famoso Samuel Alvarenga, que tem tempo para devorar a história dos gregos e dos romanos, com que vai causticando a humanidade.

— A casa dêle é um pequeno vínculo, portanto, fácil é a administração.

— Mas chegam-lhe os rendimentos para comprar livros indigestos e inúteis.

— No Porto, em segunda mão. E, se pode pedi-los emprestados, não os compra.

Morais Sarmento vinha às vezes interromper este e outros amenos conflitos de regionalismo para levar D. João a alguma das oficinas, onde pudesse interessá-lo qualquer acto da vida agrícola ou para ir mos-

trar-lhe qualquer processo de cultura apropriada às condições especiais do solo e clima do Alentejo.

O certo era que D. João encontrara no antigo professor um companheiro, um interlocutor e cicerone, que muito apreciava pela ilustração, pela bondade e honradez. A breve trecho fez dêle um amigo quase inseparável, a quem já obedecia quando Morais Sarmento lhe lembrava preceitos de higiene que não deviam ser alterados por amor da saúde.

Nos meses que precederam o baptizado, D. Isabel, convidada para madrinha do primogénito de Sofia, não dava tento dos dias que iam passando velozmente enquanto ela costurava, com muito amor, o enxovalinho, tarefa que não quisera vêr entregue a ninguem mais.

Lisboa, onde esteve apenas duas semanas contadas desde o regresso do Douro até à partida para o Alentejo, não lhe agradara, aturdira-a, quase lhe fizera pavor.

— Nesta cidade, confessou ela então, não era eu capaz de viver um ano.

— Não gosta? preguntaram-lhe.

— Não me habituo, nem me habituaria nunca. E peço-lhes que se não riam se eu disser que não trocaria o Tejo, que é largo, pelo Douro, que é estreito. Sou como os serranos da Gralheira, a que poderei chamar meus vezinhos...

— Pode saber-se em que? interrogou Sofia.

— Eles costumam dizer: Lisboa é cousa boa, mas a Gralheira! a Gralheira!...

— O Tejo, sr.ª D. Isabel, retorquiu Jorge, não é sempre largo, mas aqui em Lisboa faz-se pimpão, motivo por que a maior parte dos lisboêtas o querem imitar presunçosos. Pimpões que se alimentam com fava rica, alface, alcomonia e figuinho-da capa rôta, como decerto se alimentavam os moiros pobres, não

oferecem garantias de resistência. E' tudo fingido... e a cidade tambem o é. Para capital acho-a pouco brilhante; para cidade de segunda ordem seria grande de mais. Se descontarmos as séjes, os ónibus, as carroças e o tráfego do rio, Lisboa é uma cidade parada, quase tão morta como Evora e Beja. Em conclusão, há só uma coisa que os provincianos poderão invejar: é S. Carlos.

— Ah! sr. morgado, gostei muito de ouví-lo, porque a sua opinião proteje a minha, que é fraca, mas sincera. A S. Carlos não fui nem irei, porque uma pobre provinciana como eu que figura lá faria!

— A sr.ª D. Isabel, observou D. João, está sempre bem na sociedade pelas suas boas maneiras e discretas palavras. Eu há muitos anos que abandonei S. Carlos e a minha Sofia não o viu ainda. Contudo sabíamos o que lá se passava, graças ao Jorge, que tem sido sempre a alegria da nossa casa.

— O sr. Jorge é um conversador impagável, uma pessoa estimabilíssima.

Logo que tinham chegado a Monte-Velasco, D. Isabel manifestou simpatia e interesse pelo aspecto severo da paisagem e pela actividade agrícola do solar. Quanto à paisagem, dir-se ia que lhe agradava por ter alguma semelhança com a duriense, não na configuração geométrica, mas nas tintas melancólicas e saudosas. Quanto à labutação, o interesse que lhe inspirou proveio da surpresa, do espanto que lhe causara.

— As nossas terras de cima do Douro, ponderava a morgada, não são tão vastas nem tão produtivas como estas do Alentejo. Para alêm da Régua há algumas quintas grandes, que produzem muito vinho. Mas contam-se pelos dedos. Lá é preciso aproveitar as encostas dos montes fazendo degraus ou socalcos para dispôr a vinha. Os vales e planícies são

raros. Aqni parece que a mesma terra, estendendo-se plana deante dos olhos, quer oferecer-se à cultura, tanto mais que está ainda muito despovoada a provincia, como já tive ocasião de ouvir dizer.

— Há falta de água, elucidou Velasco. Era preciso abrir canais de irrigação.

— Mas há pastos e isso é uma riqueza. No Douro tambem falta água e até sucede que a de uma ou outra nascente é distribuida, em dias certos, por diversos proprietários. Os pastos tambem são poucos, porque não há planícies e os montes são em parte adaptados à vinha.

Trabalhando no enxovalinho ou conversando e lendo, D. Isabel repetia a miude:

— Está-se aqui no céu! Eu nunca pensei que tivesse de passar horas tão agradáveis, dias tão suaves, entre pessoas de fina educação, que me acompanham e amimam tratando-me como se eu fôra uma velha amiga da casa ou uma parenta. Mas os hóspedes não devem eternizar-se, ainda que sejam bem recebidos e tratados; depois de feito o baptizado, recolherei a Nespereira, contente de ter sido feliz alguma vez.

Sofia enternecia-se:

— Não pense nisso por ora, sr.ª D. Isabel. Acho que estes ares lhe teem feito bem. Está corada, um pouco mais nutrida, muito mais animada...

— E até já vou aprendendo a falar, que a gente dentro de casa, isolada numa aldeia, perde todos os hábitos de sociedade.

— Não se deprecie, que é injusta comsigo mesma. E eu ralho, olhe lá...

A morgada sorria alegre quando era afagada pela «encantadora criatura», como ela tanta vez designava a filha de D. João.

E, quando Jorge Velasco contava alguma das suas

anedotas, ela ria a bom rir, chegava a chorar de riso, como naquela noite em que êle falou do menino de Bencatel, que foi menino antes de ser môsca e que depois de ser môsca tornou a ser menino.

Velasco pretendeu quebrar um silêncio, que lhe pareceu tristonho por parte de D. João e da morgada. Sofia folheava um livro. E o marido, para reatar a conversação, procurava mentalmente qualquer assunto. Forneceu-lho uma ruidosa môsca vareja, que entrou na sala do serão, como lá se dizia, e que volitava estonteada pela luz de um enorme candeeiro de quatro bicos.

O menino de Bencatel, segundo contou Velasco, foi até aos sete anos uma criança dócil e mansa, adorada por seus pais e estimada por toda a população.

Era incapaz de fazer mal a qualquer animalzinho e por isso não armava boízes aos pardais nem dava caça às borbolêtas.

Mas, logo que fez sete anos, rompeu nêle uma espantosa íra contra as môscas varejas, que até parecia endemoninhado quando pretendia agarrá-las sem o poder conseguir.

Os pais ralhavam com êle em casa, porque o rapaz, sentindo zumbir alguma vareja, trepava às cadeiras, dava palmadas na parede, partia pratos, saltava com estrondo e até lhe sucedeu o desastre de torcer um pé.

Todo o tempo que esteve na cama, de perninha, coisa de um mês, raivava desesperado sempre que via ou sentia a vareja.

Mas até esse momento — e foi um momento que durou trinta dias! — não tinha logrado apanhar uma única môsca, como se todas, sabendo do ódio que êle lhes votava, aparecessem com o propósito de vexá-lo.

Então o menino de Bencatel jurou aos seus deu-

ses que havia de inventar um instrumento com que désse cabo de todas as varejas presentes e futuras.

Começou a magicar, a parafusar, tanto matutou, tantas voltas deu ao miôlo, que pôde fazer um terrível aparelho apenas composto de duas longas hastes de arame, que fechavam como qualquer navalha e abriam em X como qualquer tesoura.

Este instrumento não revelava muita capacidade inventiva, e o seu bom éxito dependeu em grande parte da destreza e prontidão com que era manejado pelo inventor.

Assim como um caçador que vai à caça leva comsigo a espingarda, o menino de Bencatel, que sempre andava caçando as varejas, jamais se esquecia de trazer o mortífero aparelho.

Em aparecendo uma vítima, o menino desdobrava-o, abria-o e, tomando posição, colhia a môsca entre as hastes de arame. Assim entalada queria que ela sofresse perneando e roncando, porque as varejas na agonia dão um ronco medonhento.

Os ouvintes de Velasco esperavam risonhos o desfecho da história, mas o historiador ia-a prolongando como se quisesse ter suspensa a atenção do auditório.

De uma vez, Sofia interrompeu-o:

— O' Jorge! pelo amor de Deus, abrevia, que já estamos cheios de curiosidade.

E êle, negaceando, prosseguiu imperturbavel:

— Perto dos catorze anos, quando o menino de Bencatel tinha um cadastro de mosquicidios muito maior em volume que o Diario das côrtes...

(Aqui brotou na assembleia uma risadinha irónica).

— ... sonhou coisas terríveis uma noite de inverno, que não sei se era tempestuosa, mas devia ser.

— O' Jorge! tu estás a inventar! disse Sofia sorrindo-lhe.

— Tanto não estou que não afirmei que a noite fosse tempestuosa, porque o não sabia ao certo. Depois desse horroroso sonho, em que se viu transformado numa grande môsca vareja, forte e assanhada, o menino de Bencatel ficou pateta, julgava ser môsca realmente, e andava pela rua sempre a correr, com os braços abertos como asas, a correr e a zumbir, fazendo menção de querer poisar na gente. E assim êle começou a ser môsca depois de ter sido menino.

O narrador fez uma paragem, durante a qual lhe pareceu que os seus ouvintes estavam mais entretidos do que crédulos e ficou contente.

— Notou-se, porém — prosseguiu êle — que o menino-môsca, quando passava pelos homens, zumbia apenas, mas quando passava pelas mulheres zumbia e ia-lhes com as mãos ao fato, fingindo pousar. Isto era talvez de ser menino...

Quanto Sofia riu!

— Certo domingo apareceu a falsa môsca no adro da igreja à hora da saída da missa das almas e nunca a môsca lá tivesse aparecido, porque principiou a implicar com as mulheres e fê-las fugir espavoridas.

Uma caíu e esmurrou o nariz; outra caíu e quebrou um dente. Os respectivos maridos, muito indignados, correram sôbre a môsca, e como ela era o menino foi o menino que apanhou duas tremendas cacetadas indo de ventas ao chão com uma perna partida. Mas sete parentes dêle vieram sôbre os dois maridos e tão rija pancadaria ali ferveu, que dos nove homens que eram, tres e meio ficaram mortos. Digo meio, porque um ficou apenas semi-morto. Desde esse dia nefasto nunca mais o menino tornou a ser môsca, permanecendo menino até que foi homem e pai de família. Aí vem o sr. Morais Sarmento, que não sei se teria tido notícia deste caso.

— Qual caso, sr. morgado?

Sofia atalhou dizendo:

— O do menino de Bencatel, que foi môsca depois de ser menino e que tornou a ser menino depois de ser môsca.

Morais Sarmento gargalhou e disse:

— O sr. morgado tem muito engenho para inventar casos graciosos. Sempre assim foi. Ao pé de s. ex.ª não há ninguem triste!

— Pois engana-se vossa senhoria, porque tanto meu sôgro como a nossa hóspeda estavam tristes ao pé de mim. E como eu quero vêr todos alegres nesta casa, inventei a história do menino de Bencatel, que foi a primeira tolice que me lembrou.

— Eu pensei que seria verdade, confessou D. Isabel, porque há dessas manias e abusões pelas aldeias. No Douro temos por lá muitas.

— Pois eu, disse Bacelar, comecei a suspeitar de haver fábula por ver rir Sofia.

— Mas estivemos bem entretidos aditou a morgada. Por minha parte, agradeço a distracção, especialmente a amável intenção com que foi ditada. Mas deixe-me dizer-lhe, sr. Jorge, eu estou sempre bem nesta casa, muito bem, ainda quando esteja silenciosa. Nesses momentos sabe v. ex.ª no que penso? E' na feliz temporada que tenho passado junto da minha querida Sofia e de v. ex.ªs.

O que mais agradava à morgada no Monte-Velasco era o encanto da vida doméstica irradiando, como um resplendor invisível, da linda mulher de Jorge; era a harmonia permanente entre os sentimentos e os costumes, entre as palavras e as acções, entre o que se pensava ou dizia em familia e o que podia ser observado pelos hóspedes, pelas visitas e pelos serviçais.

Como frisante contraste, e lembrança dum passado longinquo, a morgada recordava-se de muitas casas

da sua província onde se vivia num contínuo inferno de ciumes, de ralhos, de discórdia, de desperdícios e esbanjamentos ou, mais raras vezes, de mesquinhez e avareza miseráveis. Recordava a azáfama com que naquelas e outras casas era preciso mascarar o desarranjo e desmazêlo para receber alguem: limpavam à pressa os móveis, varriam os soalhos e desempoeiravam as loiças. Tambem lhe acudia à memória o cómico respeito com que, na presença de visitas, alguns cônjuges se tratavam v. ex.ª cá, v. ex.ª lá, sendo notório que na intimidade trocavam vitupérios e insultos até deante dos criados.

Já no palacête de Buenos Aires a morgada tinha recebido a impressão da mais perfeita ordem que ali reinava, do fino gosto e da simplicidade elegante que pareciam traduzir o génio, o espírito e até o caracter da dona da casa — uma rapariga de vinte anos apenas.

Os costumes eram fidalgos, mas não pretenciosos. E o dinheiro de D. João — a grande herança do Poitou e os rendimentos de Altamira — não se impunha nem afrontava ninguem, conquanto se percebesse na abundância e comodidades do regímen quotidiano.

Ostentações, pompas, aparato não os havia, o que a morgada muito estimou para não ter que constranger-se.

A afabilidade do trato familiar era sincera e cativante. E na maneira como os criados procediam sentia-se um respeito que não era só obediência, mas tambem apêgo ou amor à casa.

Poucos dias depois de Sofia ter entrado em Monte-Velasco dir-se-ia que ela transplantara para ali um desdobramento de Buenos Aires, alterando a seu modo a disposição dos móveis antigos e banindo os que destoavam por modernos; reunindo na sala do serão tudo quanto podia aligeirar as horas das grandes noites de inverno, o cravo e a espinêta, que foram da mãe e

da tia de Jorge; a cítara que ela mesma trouxera de Lisboa; as colecções de revistas ilustradas, vindas de Londres e Berlim, que tanto tinham entretido D. João; as caixas de fixas e os baralhos de cartas, as pedras do dominó, os cartões do lôto, o taboleiro do xadrez, o do gamão e damas, livros de versos e de viagens; o excelente estereoscópio que tanto agradava a *Frau* Keiser, essa dilecta *Frau* Keiser, que já viera passar o Natal de 1851, mas que não se dava bem senão em Lisboa.

Sofia caprichou em não tirar aos aspectos da sua nova residência o que nêles havia de genuína caracterização provincial. Assim foi que nesta espaçosa sala do serão manteve o costume de conservar o soalho alcatifado durante o inverno com magnificos tapêtes de Arraiólos e durante o verão com as frêscas e já então raras esteiras de Alcácer.

Na casa de jantar operara-se uma rápida transformação, ficando a mesa junto à galeria envidraçada, donde a vista abrangia por cima do arvoredo da herdade — azinheiras, sobreiros, carvalhos, oliveiras — e para alêm das courelas e ferregial, uns longes de charneca em plena paisagem alentejana, que D. Isabel Júlia muito gostava de contemplar.

— Nós, os do Douro, dizia D. João, admiramos a linha recta, que lá não temos.

Até o velho escudeiro Manuel Bràs, que viéra de Lisboa com os amos, e era um fanático alfacinha, confessava que a vista da casa de jantar em Monte Velasco era mais desafogada que em Buenos-Aires. Pudéra não ser!

A capela, situada à direita no pátio do solar, tambem mereceu a atenção de Sofia: vieram de Lisboa pelo estafeta vestimentas e estolas novas, assim como um calis de prata que *Frau* Keiser fôra encarregada de comprar.

E durante algumas semanas Dona Isabel e Sofia, tendo ali ao pé a ama com a menina no colo, fizeram lindas almofadas para as pessoas da casa e os hóspedes poderem ajoelhar-se quando ouviam a missa do padre Gonçalves, que vinha todos os domingos dizê-la, ou quando queriam ir rezar.

Morais Sarmento repetia jubiloso:

— Vê se que entrou aqui uma senhora, e que senhora tão ilustrada e tão artista!

Todavia ela era uma criança, ia agora completar vinte e dois anos, sómente.

Mas o seu espírito tinha reflexos brilhantes que o engrandeciam e que o denunciavam.

O professor, como D. Isabel, logo o surpreendeu e cada vez o apreciava mais.

Sempre vestida com elegância e simplicidade, calçando meias de fio de Escócia e sapatinhos de Lisboa, Sofia velava pelo bem-estar da familia e pelos interesses do casal. Quase todos os dias levava comsigo D. Isabel quando visitava a queijeira, o laneiro, a atafona, as arribanas do gado, as arrecadações, e quando inspeccionava as condições de asseio da «alpendorada», da capoeira, do pombal, da pocilga e das cavalariças.

As criadas, raparigas morenas de cara redonda, saudavam-na mesurando e flectindo um olhar cheio de simpatia; os criados, os malteses e os pastores desbarretavam-se perfilados e seguindo-a com a vista até que desaparecesse.

Se acontecia encontrar-se com Jorge, que alegria a dêle mirando-a como um namorado! E se encontrava D. João e Morais Sarmento — quase sempre juntos — o pai afagava-a carinhosamente nas faces e o professor inclinava-se como se ela fosse uma velha morgada já encanecida e trôpega.

A's vezes Sofia desejava ouvir cantar as raparigas,

que logo lhe obedeciam modulando a voz inculta naquele ritmo lento, algum tanto árabe, com que no Alentejo se canta.

Ela achava uma natural correlação entre a paisagem e o estilo musical de cada provincia.

— Pois não é verdade, D. Isabel, que há uma vaga parecença entre o cantar do Alentejo e o do Douro? São duas provincias de aspecto agreste e severo. Lá os montes; aqui a charneca.

— Mas aqui o tom das cantigas é mais triste...

Duma vez Morais Sarmento explicou:

— A demora dos mouros foi maior no sul do que no norte do país. Por isso a sua influência até no canto é aqui mais saliente. Além disto o Douro deve ser algo influenciado pelo Minho, tambem provincia do norte, rica de veigas e rios, onde, segundo oiço dizer, os estilos do canto são muito alegres.

— Há, respondeu a morgada, algumas danças comuns às duas provincias, como por exemplo a *Caninha Verde*. Mas onde eu acho maior parecença no cantar do Douro e do Alentejo é nos jogos de prendas que se dançam de roda, tais como *Eu vi Anália* e *Lá está o bicho*. Aqui no Alentejo tambem hão de cantar-se provávelmente algumas das modas beiroas ensinadas pelos ceifeiros que de lá véem, como aqueles que eu vi chegar outro dia, no fim de maio.

— Sim, minha senhora, os *ratinhos* deixam sempre qualquer moda nova, mas acontece que o estilo alentejano, em vez de subordinar-se a ela, acaba por submetê-la ao nosso ritmo, ralentando-a.

De Lisboa trazia o correio, pela posta de Aldeia Galega, quase todos os dias, cartas das amigas de Sofia, especialmente de uma ou outra das suas três colaboradoras musicais; cartas dos amigos de Bacelar, parceiros do *whist* ou principais cultores da boa conversação; cartas dos íntimos de Velasco, dos com-

panheiros da torrinha, mais frequentemente do Manique.

Todas essas cartas lastimavam uma tão longa ausência, que privava os signatários, elas e êles, dos serões deliciosos de Buenos Aires, os quais não podiam ser substituidos por nenhuns outros, pois que Sofia, «a musa inspiradora», dizia João de Lemos, era insubstituível. E quase todas as cartas exprimiam o receio de que Velasco e Sofia não quisessem voltar para Lisboa, ficando D. João a acompanhá-los, como era natural.

De mais a mais, Cecília Freire, a meiga harpista, escrevêra: «Eu tenho immensa pena, querida Sophia, de não beijar a tua néné, que hade ser linda como tu, e decerto não haverá n'essa terra quem lhe possa tirar o retrato.

«P. S. Se dizes isto a teu Marido, ele é capaz de me crucificar n'um Calvário... de espirito.»

No fim de agôsto *Frau* Keiser lamentava se epistolarmente:

«Primeiro que tudo um beijo meu na pequerrucha. Este anno de 1852 tem sido cruel para mim, porque se me aggravou muito o rheumatico. A Cecília Freire convidou-me para ir passar com elles o mez de setembro em Cintra. Não vou, com receio dos nevoeiros e da humidade. Ah! que se Monte-Velasco fosse mais perto. . Que falta fazem os caminhos de ferro em Portugal! Só agora estes srs. da liberdade se lembraram de mandar estudar a construcção do primeiro!»

Sofia ocupava-se, uma ou duas horas, em fazer a correspondência do Pai e a sua. Para as amigas tinha sempre saudosas palavras de amizade. Prometia ir vê-las quando menos o esperassem, e pedia-lhes

que fossem passar uns dias com ela, todas, todas, porque a casa era bem grande para as hospedar e às suas familias. Quanto à jornada, Jorge a organizaria o mais cómodamente possivel.

O morgado, como em Lisboa, depois do banho e do café, saía a cavalo, visitava as herdades, ia ver os montados e às vezes os rebanhos que andavam longe. Depois de almôço, conversava em familia. Quando se levantava da mesa tratava negócios com Morais Sarmento e inteirava-se dos serviços do *Monte*, que o entretinham muito.

Em carta datada de 10 de setembro de 1852, preguntava Manique a Velasco se o dr. José Palmeiro estava no Alentejo; se não estivesse, teria ido provávelmente para a Ilha da Madeira.

«Eu te conto, visto que não lês jornaes, nem frequentas o *Marrare*. A princeza Maria Amèlia, no outomno do anno passado, adoeceu em Caxias com sezões. Quando já estava curada, veio-lhe uma escarlatina acompanhada de violenta inflammação de garganta. E' um debil organismo, extenuado pelas mil coisas que a obrigaram a estudar na Allemanha, onde esteve com a mãe desde 1838 até 1850, em casa da avó. Pobre rapariga! até astronomia lhe ensinaram! Que brutos! E ainda agora tinha como professor de qualquer coisa o conselheiro Freire de Carvalho. Melhorou da garganta, mas este anno, no principio da primavera, que em Lisboa esteve muito aspera, a princeza andando a passear no jardim das Necessidades, constipou-se. Levaram-n'a em maio para Calhariz de Bemfica, para a quinta da Buraca (é a do Lopes Pastor que nós conhecemos) mas não tardaram a reconhecer que estava tisica. Foi por esse tempo que eu saíndo a cavallo, encontrei na estrada de Bemfica o dr. José Palmeiro, que me pareceu ir allucinado. O

seu cavallo (bem bonito que elle era!) passou junto ao meu e o dr. nem para mim olhou. Ultimamente levaram a princeza para a Ilha da Madeira, sendo acompanhada pela mãe, pelo marquez de Rezende e pelo dr. Barral. Vai mais morta que viva, segundo me disse o boticario que hontem, em Bemfica, me contou p-à-pá Santa Justa toda a doença da pobre princeza, que não tem culpa das trampolinices políticas que o pai fez.»

Velasco maçava-se escrevendo e tinha especial embirração com a correspondência epistolar, que reputava impertinente. Dizia êle que o homem nasceu para falar como o pássaro para cantar; que, entre todas as criaturas com voz, apenas o homem insensatamente carteava os seus semelhantes e que mais lhe valeria seguir o exemplo dos doutos animais chamados burros, que se correspondem oralmente, zurrando.

Mas desta vez respondeu logo à pregunta de Manique:

«Apenas aqui cheguei, fui a Monte-Cisne procurar o dr. Palmeiro. Fallou-me o feitor, que vi muito afflicto e me disse que o patrão andava ausente havia muito tempo; e que por vezes tinha mandado buscar dinheiro, que lhe era entregue em Lisboa. Este anno (seria no fim de julho) veio o feitor dizer-me que o patrão pedira mais dinheiro para ir viajar. Todo o medo do pobre homem era que o dr. andasse mettido com alguma senhorita alfacinha que lhe comesse os olhos da cara. A este respeito tranquillizei-o completamente. Caro Manique, deita até cá um dia se poderes resistir à saudade do bulhento Chiado.»

— Queres saber? disse daí a pouco Jorge a Sofia. A princesa Maria Amélia foi tísica para a Ilha da

Madeira e parece que o dr. Palmeiro a terá seguido.

— Que duas infelizes criaturas! Tenho sincera pena dela e dêle, tanta como se os conhecesse a ambos.

— Tambem eu tenho pena, respondeu Jorge.

IX

Dois berços e dois túmulos

A gente é o sol d'um dia.

FERNANDO CALDEIRA — *Mocidades.*

Foi um médico português, o dr. Francisco de Assis de Sousa Vaz, que, no ano de 1832, defendendo a sua dissertação inaugural em París, sustentou a superioridade do clima da Madeira sôbre os do sul da França e da Itália para o tratamento da tuberculose pulmonar.

Uma tese scientífica proclamada na capital da França fazia-se ouvir em todo o mundo civilizado, e assim se percebe que desde então começasse a afluir àquela ilha grande número de pessoas que «sofriam do peito», como ao tempo se dizia.

A princesa imperial D. Maria Amélia chegou à Madeira no dia 20 de agôsto de 1852 e desembarcou no dia seguinte, indo habitar com sua mãe o palácio da quinta Lambert, próximo do cemitério das Angústias, no arrabalde do Funchal. O estado da princesa era já muito grave e a impressão geral foi que ela não poderia salvar-se por haver chegado tarde.

Contudo não apresentou sintomas aterradores durante os meses que decorreram até ao fim do ano.

Em janeiro de 1853 peorou muito, e o desenlace fatal fez-se anunciar para breve. Conheceu-o a própria doente que se confessou, recebeu o sagrado viático, escreveu com mão trémula cartas de despedida, e distribuiu algumas lembranças de amizade.

E' de supôr que umas e outras tivessem chegado ao seu destino, porque a imperatriz, que adorava a filha, quereria respeitar todas as suas últimas vontades.

Os poemas de amor lícito e honesto não eram então tão raros, nas côrtes da Europa, como o haviam sido outrora, e tanto assim que no dia 30 daquele mês o imperador Napoleão III desposava em Notre Dame de París não a filha de um rei ou de um príncipe, mas uma formosa condessa espanhola, que o apaixonára.

Portanto não deveria admirar-se o alto mundo dos convencionalismos protocolares se uma princesa amasse um homem que não fosse rei nem príncipe, mas que ela reputasse digno do seu amor pelas demonstrações frequentes de um sentimento puro e sem esperança.

No dia 3 de fevereiro a doente experimentou alguns alívios desde pela manhã até às três horas da tarde. Era a «visita da saude», porque sua alteza faleceu na madrugada do dia 4, tendo apenas vinte e dois anos de idade, a maior parte dêles consagrados a um estudo exaustivo e os últimos dois atormentados por sofrimentos atrozes.

Em todo o reino causou emoção esta dramática morte prematura, principalmente no Funchal, onde toda a gente tinha visto chegar a princesa quase moribunda, como lá diziam, e onde algumas pessoas a viram às vezes encostar-se pálida e ofegante a uma vidraça do Paço, demorar-se momentos, e retirar-se chorando ou tossindo. Duma dessas vezes a impera-

triz, aparecendo de repente, seguiu o olhar da filha, e abraçou-a com efusiva ternura. Compreendeu talvez que seria o derradeiro adeus enviado casta e saudosamente a alguem que não estava longe.

Nessa ocasião passava em frente do palácio, como por acaso, o dr. José Palmeiro, bacharel em filosofia e proprietário no Alentejo.

Os responsos fúnebres foram rezados na sé do Funchal. Muitos olhares curiosos procuraram no templo aquele rapaz triste, que, segundo era voz corrente, se apaixonara pela princesa. Mas ninguem o viu. Era que êle tinha o nobre pudor das grandes paixões, que vivem na sombra como as violetas, mas que involuntáriamente se denunciam pelo seu mesmo disfarce como as violetas pelo aroma.

Depois dos responsos, o féretro voltou para a capela do palácio Lambert, onde permaneceu até à sua trasladação para S. Vicente de Fóra.

Em Lisboa a rainha ordenou que durante três dias se fechassem os teatros, os tribunais e secretarias. A família real e a côrte tomaram luto e no dia 19 realizaram-se as primeiras exéquias, que foram celebradas na igreja da Encarnação e promovidas pelo conselho director das casas de asilo da infância desvalida.

Fez o panegírico da princesa um orador então em voga, o padre João Cândido de Carvalho, alentejano, que tivera uma vida política muito acidentada e que acumulava o ministério do altar e do púlpito com a produção de alguns romances populares, tais como *Eduardo ou os mysterios do Limoeiro* e as *Memorias de um frade ou os mysterios do claustro.*

O auditório comoveu-se principalmente quando o orador enumerou as prendas, virtudes e algumas frases da princesa; mas os criticos literários disseram qne o sermão os não satisfez, certamente por lhe fal-

tar a elevação do sentimento, a dolorida poesia que o assunto impunha.

Seguiram-se as exéquias oficiais na Sé Patriarcal, a que assistiu a rainha com a côrte.

Dois meses depois a câmara municipal anunciava que os restos mortais da princesa deviam chegar brevemente a Lisboa.

Assim foi. No dia 10 de maio, pela tarde, espalhou-se a notícia de que os vapores de guerra *Duque de Saldanha* e *Infante D. Luís* tinham chegado à baía de Cascais e entrariam a barra de manhã.

No dia seguinte, logo que o vapor *Duque de Saldanha* amarrou em frente do Terreiro do Paço, foram a bordo a raínha, el-rei D. Fernando, os presidentes das câmaras legislativas, os ministros de estado e outros altos funcionários públicos.

Era nêste vapor que vinha o féretro, em câmara ardente, armada com simplicidade.

Sôbre um fundo negro de crepes um Cristo crucificado parecia inclinar a cabeça num doce movimento de ternura e clemência para contemplar os restos mortais duma vida em flôr.

Depois de orarem junto ao féretro, todas aquelas personagens se dirigiram para outra câmara, onde a imperatriz, muito consternada, recebeu os silenciosos cumprimentos do estilo e ouviu lêr uma alocução que o presidente da câmara municipal levava escrita.

A etiquêta oficial tem conservado, em todos os tempos e países, algumas práticas absurdas, tais como a de obrigar a imperatriz, com os olhos cheios de lágrimas e o coração cheio de amargura, a ouvir um discurso repleto de lugares comuns e ôco de sentimento.

Ao menos desta vez a alocução, ainda que mal redigida, falava inteira verdade quando dizia referindo-se à princesa: «A terra possuia nela um anjo de inocen-

cia, um tipo de bondade, um modêlo de pureza nos costumes; o Céu invejou-lhe a sorte, e usurpou-lhe a posse.»

A doutrina não seria muito ortodóxa, mas os vereadores raras vezes são teólogos.

O préstito fúnebre organizou-se segundo a pragmática dos régios funerais, havendo a notar apenas a circunstância de que num mesmo côche iam dois mordomos móres, o da casa real e o da imperatriz, que levava as chaves da urna funerária.

José Palmeiro tinha embarcado para Lisboa poucos dias antes da trasladação do féretro.

Pôde encontrar no Terreiro do Trigo uma casa de hóspedes, extremamente modesta — como convinha ao seu desejo de não ser reconhecido — e ocupou um quarto com janela para a rua.

Até ao dia do funeral não saiu, o que deu que scismar à estalajadeira, tanto mais que o fato e as maneiras do misterioso hóspede inculcavam um homem fino, posto que não trouxesse bagagem nenhuma.

Declarou chamar-se Luís Costa e ser negociante na província. Dizia-se doente e precisar duma hospedagem tranquila.

Encomendou à dona da casa um ramo de rosas brancas, das melhores que, sem olhar a preço, fosse possível encontrar, querendo recebê-las logo pela manhã cedo do dia em que tencionava partir.

Foi encostado à ombreira da janela, e ocultando-se por detrás de meia porta cerrada, que o dr. José Palmeiro, com indizível amargura, viu passar o préstito fúnebre.

Toda a noite tinha passeado no seu quarto e disse depois um hóspede que êle às vezes falava só, não se percebendo o que dizia.

Pela manhã, revelando na fisionomia os sinais duma vigília tormentosa, recebeu as flores, pagou-as sem

discutir, liquidou a conta da estalagem e saiu levando êle mesmo o ramo.

A dona da casa, com a curiosidade habitual na sua profissão, mandou seguir aquele cavalheiro desconhecido por um rapazito, que veio informá-la de ter «o sr. Costa» entrado na igreja de S. Vicente.

Estes factos e a deposição de um formoso lio de rosas brancas sôbre a urna que encerrava o cadáver da princesa, homenagem autorizada e presenceada pelo claviculário do panteom real, deram origem à atoarda de que um fidalgo português, fantasiavam os mais sensatos, ou um príncipe estrangeiro, aventavam os mais fantasistas, tivera uma grande paixão pela malograda filha da imperatriz Amélia.

Quando a atoarda corria toda a cidade já o dr. José Palmeiro tinha chegado a Monte-Cisne, à sua casa no Alentejo, extenuado de fadiga e envelhecido no semblante como um romeiro dos Lugares Santos que tivesse caminhado muitas léguas a pé.

Aqueles legitimistas que uma noite, no palacête de Buenos Aires, ouviram pronunciar o nome de José Palmeiro, nunca o revelaram, como haviam combinado, por melindre político.

Nem menos de tres exemplares da *Nação* eram recebidos no Monte-Velasco, porque naquela casa havia outros tantos assinantes ou subscritores: D. João Bacelar, o morgado Velasco e Morais Sarmento.

Geralmente a leitura deste único jornal constituia a primeira parte dos serões e a princípio D. Isabel e Sarmento tinham sido investidos no cargo de leitores.

Mas à medida que a menina Maria Manuela foi exigindo maiores cuidados e atenções, D. Isabel dedicou-se-lhe tão afectuosamente que só tomava parte no serão depois que a menina adormecia.

Um instintivo sentimento maternal leva a mulher solteira e honesta a amar as crianças de quem se

aproxima. Mais uma vez se podia observar este fenómeno na pessoa da morgada de Nespereira.

Dia a dia ela tomava quase inconscientemente o papel de segunda mãe. Já falava menos vezes nas suas propriedades e estava muito tranquila a respeito dos seus negócios desde que o feitor, espavorido com os assaltos do José do Telhado na região duriense, se lembrara de ir depositar as joias e os rendimentos «da senhora D. Jabelinha» na casa Pinto Leite, do Porto, banqueiro acreditado com quem a morgada transacionou por ocasião de ter liquidado a herança da tia baronesa.

As terras de Nespereira rendiam anualmente muito mais que alguns dos melhores vínculos naquela província. Era que o feitor as cultivava com o zêlo de quem já descendia de antigos feitores da família Melo. E D. Isabel Júlia vivia com grande modéstia: no seu orçamento de despesa só avultava uma verba, a de beneficência, que nunca se esquecêra de mandar distribuir, desde que se ausentára.

Mas vinha eu dizendo, ou queria dizer, que do mundo exterior apenas se sabia em Monte-Velasco o que a *Nação* noticiava.

E o que maior atenção merecia era a informação de política legitimista relativa à França, à Espanha e a Portugal, isto é, ao conde de Chambord, a D. Carlos de Bourbon e a D. Miguel de Bragança.

Ora justamente no princípio de 1853 a questão legitimista francesa tinha tido mais uma recrudescência... platónica.

Fôra o caso de aparecer na imprensa uma carta, atribuida ao general Changarnier, cujo teor dizia: que a guerra era inevitável em vista dos armamentos que se estavam fazendo na Europa e que, portanto, os amigos dos Bourbons deviam tratar de pôr no trono Henrique V e de restabelecer o regímen absoluto.

Este Henrique V, a favôr de quem seu avô Carlos X tinha abdicado, era o conde de Chambord, solitário pretendente que só de vez em quando recebia os seus amigos no castelo de Frohsdorff, em território austro-húngaro, como sucedia a D. Miguel I no castelo de Heubach, em território bávaro.

Voltando à carta, que seria ou não seria do general Changarnier, o certo é que não a receberam bem aqueles legitimistas franceses que, menos puritanos, se julgavam compativeis com o regímen constitucional.

O assunto foi caturrado em França e Portugal como «questão de princípios, que era preciso liquidar a tempo». A tempo, por que? Por estar periclitante Napoleão III? Qual! Napoleão estava noivo e contente de mais para se lembrar de Henrique V; dava e aceitava esplendorosos bailes; e tão feliz se mostrava pelo seu casamento, que chegou a oferecer à sogra, condessa de Montijo, uma dotação de quatrocentos mil francos.

Este facto de querer pagar um generoso *pretium virginitatis* tem sido raro depois da idade-média.

Mas o facto da sogra recusar a dotação é talvez ainda mais raro, e a condessa de Montijo recusou-a.

Na vida de Monte-Velasco houve um motivo de contentamento nêste ano com o nascimento da segunda filha de Sofia, que recebeu na pia baptismal o nome de Henriquêta — o mesmo da avó paterna — e que teve como padrinhos duas pessoas já nossas conhecidas, o fidalgo do Arco e sua mulher.

A morgada de Nespereira ficou intímamente receosa de que a segunda menina viesse roubar afectos a Maria Manuela, «tirar-lhe o lugar», segundo a expressão consagrada, e a si mesma jurava que a sua predilecta seria sempre a primogénita.

Mas, dali a pouco, quando a recen-nascida choramigava, logo a morgada clamava chamando a ama.

D. João, ternamente perplexo entre as duas netas, não sabia a qual delas devesse afagar mais, porque em ambas se sentia renascer ou, segundo a sua frase, em ambas ressuscitava.

Pouco depois — como numa aposta entre casados do mesmo tempo — nascia a 19 de setembro o segundo filho do senhor D. Miguel de Bragança, desta vez um filho varão, facto que muito alegrou aqueles legitimistas portugueses mais crédulos que D. João Bacelar, e o morgado Velasco, numa possível restauração tradicionalista.

Nascêra, diziam êles, «um herdeiro da corôa», e logo pensaram em dar ao baptizado uma pompa realenga, mais ainda, um formalismo que autenticasse na pessoa do recen-nascido a sua categoria e nacionalidade.

Entre si escolheram a deputação que havia de ir a Heubach representar o partido naquela ceremonia religiosa, e que ficou assim constituida: conde de Bobadela, visconde de Queluz, D. Sancho Manuel de Vilhena, Salvador Correia de Sá, D. Frei José da Silva Tavares (Sacra Família), o comendador de Malta António Augusto da Mata e Silva, o comendador António Taveira Pimentel de Carvalho ,Ventura Malheiro Reimão Marinho Teles de Menezes e António de Castro Lemos de Menezes.

Esta deputação muniu-se de uma porção de terra portuguesa, sôbre a qual devia realizar-se a ceremónia, e uma porção de água da mesma fonte de Guimarães que, séculos antes, a tinha fornecido para o baptizado de D. Afonso Henriques.

Um octogenário bispo português, D. Joaquim José Pacheco e Sousa, que em 1832 pastoreára a diocese da Guarda e que desde 1834 estava no exílio, ministrou o baptismo, impondo ao recen-nascido o nome de Miguel.

Alêm dos legitimistas assistiram algumas princesas aparentadas com a senhora D. Adelaide Sofia.

Foi com o maior enternecimento que os portuguêses ouviram a resposta do rei exilado aos seus votos e parabens.

«Vejo nas vossas expressões, disse-lhes êle, assim como no facto da vossa presença neste lugar, e por êste motivo, mais uma prova daquela extremosa dedicação dos portuguêses que, fazendo a minha maior glória, têm sido meu generoso auxilio na adversidade e meu constante incentivo aos deveres impostos pelo grande principio que represento. Aprouve à Divina Providencia conceder-me um novo filho, o que significa, por mais de uma razão, que a todos se nos acrescentou a família, visto que não tenho, nem quero ter outra senão a portuguêsa.»

Quando estas palavras chegaram a Monte-Velasco, D. João Bacelar emitiu a opinião de que el-rei procedêra correctamente passando de leve sôbre a sua situação política, mas pondo em relevo a firmeza de sentimentos de amizade e carinho, «de laços de família» existentes entre o senhor D. Miguel I e tantos fieis correligionários.

— Que el-rei reivindique os seus direitos percebo eu, dizia êle. Cumpre um dever e a História o registará. Mas nós, os que o amamos, não devemos iludir-nos. O nosso tempo passou. Quando às vezes, bem erradamente, queremos avançar um passo, os governos e os partidos do actual regímen alvoroçam-se, sobressaltam-se logo e pensam em vexar-nos. Pois não é certo que ainda há pouco um ministério tinha pensado em exercer pressão para que suspendessemos o subsídio a el-rei? Eu creio que se consultassemos alguma vez o eleitorado, não obteriamos mais

que dois ou três deputados. Mas esses mesmos seriam perseguidos na câmara com todas as possíveis tricas políticas para os esmagar.

— Peço perdão, observou Velasco, mas suponho que não chegariam a ir à câmara, porque nas aladroadas eleições liberais os votos que se contam não são os que entram na urna, são os que ... saem.

— Isso é infelizmente verdade. E contudo, Jorge, quantos homens de talento nós poderiamos levar às côrtes!... o Pereira da Cunha, o Bruschy, o Pinto Coelho, o Gomes de Abreu, o D. Luiz Carvajal, o João de Lemos, quantos! quantos!

Em meados de novembro chegou a Monte-Velasco uma notícia que ali causou dolorida impressão: a rainha D. Maria II tinha falecido. Os legitimistas mostraram-se sinceramente penalizados, pondo de parte as suas divergências políticas. A família Bacelar durante alguns dias não falou doutro assunto, e D. João dizia que a rainha não fôra menos infeliz que a princesa imperial apesar de ter vivido mais. Recordava o seu casamento com o princípe Augusto de Luchemberg, que morreu ao segundo mês de casado, havendo por essa ocasião tumultos populares. Contou as diligências que alguns legitimistas depois fizeram para que a rainha passasse a segundas núpcias com seu tio o senhor D. Miguel.

— Eu combati tal projecto, declarava D. João, porque os ódios políticos eram ainda recentes e nem a ligação dos cônjuges nem a ligação dos partidos podia assentar em bases sólidas e conciliadoras.

— Ao certo quanto tempo estaria viuva a rainha? preguntou D. Isabel.

— Um ano apenas. D. Fernando foi o noivo indicado pela raínha Vitória, que já pensava em casar com um irmão dêle, o duque Alberto de Saxe. E os políticos portuguêses estimaram esta proposta, porque

estavam muito preocupados com a sucessão dinástica. O sr. D. Miguel era para êles uma constante ameaça de reivindicações. D. Fernando tornou-se tão dócil quanto os governos desejavam, mas teve desilusões e desgôstos. Ainda recentemente aquele desaire de Coimbra...

— Esse não foi pequeno! observou Jorge.

— Mas enfim criou uma família por tal modo numerosa, que os políticos ficaram tranquilos quanto à sucessão. Você, Jorge, não se lembra de que há dois anos a raínha dera à luz uma infanta, que morreu logo? Pois ouvi então contar que o barão de Késsler, médico de D. Fernando, prevenira a sr.ª D. Maria II de que outro parto poderia pôr em risco a sua vida. A profecia saiu certa.

Dali a dias a *Nação* levou a Monte-Velasco uma poesia em que João de Lemos nobremente convidava os seus correligionários a darem tréguas à paixão politica durante o luto da familia reinante.

Soldados, que ha vinte annos
Com esforços sobrehumanos
Batalhais por vossa fé,
Soldados, eia, de pé!
Respeitem-se aquelas maguas
E do nosso pranto as aguas
Lavem d'odio o coração;
Não ha odios deste lado,
Nem se deshonra um soldado
Quando abraça seu irmão.

— Pois decerto, comentou Sofia, não há entre nós quem se não comova com a morte de uma senhora que, na força da vida, deixa para sempre o seu marido e a sua prole.

D. Isabel meneava afirmativamente a cabeça.

Desde maio a novembro Jorge Velasco apenas se

avistara em *Monte-Cisne* duas vezes com o dr. José Palmeiro, a quem procurara em sua casa.

Da primeira vez foi encontrá-lo de cama ardendo em febre, muito desfigurado e abatido, falando pouco e dizendo frases curtas e desligadas.

Mas Palmeiro conheceu-o e apertou-lhe convulso a mão.

Estavam presentes a velha ama que o tinha criado, e o feitor da casa, pessoas bondosas mas rudes.

Velasco preguntou se fôra chamado o médico.

José Palmeiro fez um sinal negativo.

Então Velasco disse-lhe que se encarregaria de ir chamá-lo, se entendessem ser preciso.

Palmeiro repetiu o sinal negativo.

— E que alimentos toma?

A ama respondeu que o sr. dr. enjoara os caldos e só bebia leite com água fervida.

Reconheceu Velasco que estava constrangendo o doente e despediu-se oferecendo os seus serviços.

Palmeiro fez um sinal afirmativo, procurou esboçar um sorriso e logo fechou os olhos caíndo em torpôr.

Velasco, ao sair, levava a convicção de que o doente viveria pouco tempo.

Quando mandava pedir informações, a resposta era que estava na mesma ou um poucochinho melhor.

Passado mais de um mês responderam-lhe que já se tinha levantado do leito, ainda que muito fraco.

Velasco deu-lhe tempo para recobrar algumas forças e voltou a visitá-lo.

Achou-o muito exaltado, querendo falar mais do que podia, porque ainda se fatigava muito. Mas era só de si que falava, da sua desgraça de viver, do peso incomportável dos seus desgôstos.

— Muitas vezes, disse Palmeiro, esperei a morte, desejoso de que ela não tardasse. Parecia-me que a

minha vida era já tão fraca, o meu alento tão débil, que eu me libertaria sem custo desta escravidão terrena, e entraria, enfim, numa vida de eterna paz, prémio e consolação dos tristes.

Aconselhou-o Velasco a que partisse imediatamente para Lisboa e fosse convalescer numa casa de saúde, a do dr. Felipe Dart, por exemplo. Quando completamente restabelecido, fizesse uma viagem longa, que tão bons resultados costumava dar em casos análogos. Mas tivesse cuidado em evitar os países do norte, onde a cólera-morbus grassava, dizia-se.

Confessou-lhe Palmeiro que já pensara numa e noutra cousa, porque ali, na solidão da sua casa, onde outrora vivêra tão bem, acabaria por endoidecer, e era isso o que mais temia.

Ouvindo isto, Velasco insistiu no seu alvitre, instou, rogou que o pusesse em prática sem demora.

Palmeiro prometeu fazê-lo.

E nunca se referiu directamente à princesa imperial.

Quando Velasco se ergueu para sair, reparou que estava aberto um livro sôbre a banca de Palmeiro.

— Folgo de que o dr. pretenda entreter-se um pouco lendo.

— Eu não leio, rezo.

Velasco, inclinando ligeiramente a cabeça, viu apenas que eram versos.

Contou depois a Sofia tudo o que se tinha passado e ela mostrou-se pesarosa de não saber que versos seriam.

Podemos nós dizer ao leitor que eram a mais sublime oração de amor e saudade que se tem escrito em língua portuguesa; aquela breve oração suavíssima e profunda que um poeta compôs e que principia:

Alma minha gentil, que te partiste

X

Oásis de felicidade

«un vrai loyer, une vraie famille,
des chaudes et sûres affections...»

LÉON GROC — *Une comédienne.*

O ano de 1854 entrou triste e ameaçador, porque a cólera-morbus, que pela terceira vez invadia a Europa, já aparecêra em Espanha, atacando a Galisa.

Nem todos os portugueses saberiam que em dezembro de 1853 se tinham dado alguns casos em Valença do Minho, mas sabíam-no os poderes públicos e assim se explica que, logo em janeiro, fosse apressadamente promulgada uma lei autorizando medidas extraordinárias de defesa sanitária.

Este diploma legislativo era assás transparente e causou alarme, apesar de discretamente redigido.

O certo é que desde os primeiros dias de janeiro toda a população do país ficou mais ou menos sobressaltada e receosa, com raríssimas excepções, entre as quais devo mencionar a família de Monte-Velasco.

Ali não tem havido terror, mas apenas a condolência própria de almas bem formadas.

A vida quotidiana decorre serena, ainda que algumas vezes se fale vagamente da epidemia.

Mas Jorge a todos inspira coragem e confiança, desde que disséra certa manhã à mesa do almôço:

— Eu declaro-me ditador para garantir a defesa da nossa casa, se por desgraça a cólera se aproximar. Cortarei todas as comunicações: ninguem sairá daqui, nem aqui entrará ninguem. Temos de portas a dentro subsistências que fartem. Deixem o caso por minha conta e não pensem mais nisso.

— A sr.ª D. Isabel tem receio? preguntou Bacelar à morgada de Nespereira.

— Nenhum, respondeu ela convictamente. Para mim todas as doenças são maneiras diversas de cumprirmos a lei geral da morte. Pouco importa que tenham êste ou aquele nome. O que se deve pedir a Deus, entendo eu, é que sejam rápidas e pouco dolorosas, para que os doentes sofram o menos possível e não aborreçam a quem os trate.

— Quanto à cólera-morbus — insistiu resolutamente Velasco, confiem em mim, que eu os defenderei a todos. E para qualquer leve macacôa temos no Monte o famoso herbanário *Cházinho*, que não mata por conta da sciência e salva em nome da natureza. Agora pergunto eu à sr.ª D. Isabel se já o conhece?

— Sim, conheço, não só a êle, mas tambem ao outro criado excêntrico...

— O *Sete-estrêlo*...

— Isso. Foi a sr.ª D. Sofia quem mos indicou dizendo-me os títulos da celebridade de ambos e dois. Por sinal que, pensei eu, um tem a manía de olhar para a terra e o outro a de olhar para o céu.

— A frase é delicada e verdadeira, comentou Sofia. Qualquer dêles tem o seu ideal e por isso a vida lhes será menos pesada do que aos outros criados. O *Cházinho* é o médico de toda a criadagem e o caso

é que vai curando com certas ervas que ele escolhe e de que faz infusões. Não é assim, Jorge?

— E', sim. Quando o consultam, anima o doente dizendo-lhe: «Isso passa com um cházinho.» E' o seu estribilho e foi a razão da alcunha. Veja a sr.ª D. Isabel se há nêste mundo outro médico mais agradável, mais modesto e mais barato!

— ¿Então, preguntou Bacelar, não exige que lhe paguem o tratamento?

— Algumas vezes lhe ofereceram dinheiro e êle ofendeu-se. Minha mãe, que Deus haja, gostava de o ouvir, por ser muito falador e saber o nome de todas as ervas e flores. E eu posso dar testemunho de que o dr. Palmeiro, quando cá estava, alguma vez o consultou sôbre o nome popular de uma ou outra planta. Primo D. João, olhe que o Monte tem civilização própria, tem algumas celebridades, um astrólogo, um curandeiro...

— E' uma cidadezinha completa, atalhou D. Isabel.

— Mas realmente é, confirmou Sofia.

— E o outro criado maníaco? disse Bacelar, interessando-se.

Velasco elucidou complacente:

— Ah! esse tem a alcunha de *Sete-estrêlo*, porque não se farta de observar os astros e o povo geralmente não conhece outro grupo de estrelas. O sr. Morais Sarmento chama-lhe astrólogo e diz que o estima por êle contemplar o firmamento, que apregoa a glória de Deus. *Sete-estrêlo* fala pouco, só quando lhe puxam pela língua. Não sabe ler, mas confessa que lê no céu alguns acontecimentos futuros.

— Sendo astrólogo... interrompeu Bacelar. E o que diz a isso o nosso Sarmento?

— Diz que alguns augúrios tem saído certos, e

nada mais diz ou quer dizer. O primo D. João não conhece o *Sete-estrêlo?*

— Não conheço.

— Pois o sr. Morais Sarmento ou eu lho mostraremos qualquer dia, hoje mesmo se calhar. Verá que é um velho de barbas e cabelos brancos, muito simpático, mas com um certo ar de filósofo ignorante.

— De filósofo ignorante? Tem graça!

— Mas é assim mesmo, primo. Tem o ar dum homem que pensa sem saber o que pensa e por que pensa.

Em agôsto soube reservadamente Velasco que a cólera invadira povoações espanholas fronteiriças de Portugal pelo sul. Ficou mais vigilante por ter como certo que ela passaria ao Algarve e ao Baixo Alentejo, e, com a maior discrição, organizou um cordão sanitário de combinação com os mais próximos proprietários ou, se alguns estavam ausentes, com os seus feitores. E combinou-se entre êles o modo de terem notícias por mensageiros ou postilhões que não entrassem nos Montes nem se aproximassem muito do cordão sanitário.

Velasco percorria todos os seus postos de vigilância, lembrando às vedetas a responsabilidade em que incorreriam, e o perigo que elas mesmas correriam, se não estivessem atentas como quem espera um salteador ou um assassino.

Assim, pois, quando soube, no mês de outubro, que já tinha havido alguns casos no distrito de Beja, em Mértola, sôbre a margem direita do Guadiana, e que a epidemia já penetrara tambem no Alto Alentejo por Elvas e Campo Maior, não se acobardou, antes promoveu que todos os habitantes dos concelhos de Serpa, Barrancos e Moura se preparassem de comum acôrdo para maior defesa e vigilância.

Em Monte-Velasco, Jorge parecia cada vez mais

despreocupado e, como tinha mandado suspender a remessa da *Nação*, nenhuma pessoa da família sabia o que realmente se passava, mas apenas o que êle dizia e eram sempre notícias tranquilizadoras.

O perigo de Mértola passára, e no fim de 1854 chegou-se a pensar, não só no Alentejo, mas em todo o país, que a epidemia desaparecêra.

Não era assim, infelizmente.

Em 1855 manifestou-se nos subúrbios de Lisboa, como se andasse ensaiando o salto para investir com a cidade.

Todas as providências adoptadas não puderam sanear rápidamente as condições materiais da capital, onde a higiene pública era inconscientemente combatida por nocivos hábitos inveterados, alguns dos quais faziam ainda lembrar a sordidez alfacinha do século XVIII. De modo que o contágio alastrou para dentro da cidade, sem todavia romper com grande violência.

Em Monte-Velasco só uma pessoa conhecia por vagas informações a marcha da epidemía sôbre a Estremadura. Era Jorge, mas ignorava quaisquer pormenores e tudo quanto as gazetas poderiam ter contado do que se passava no país e fóra do país.

Quando chegou o mês de setembro, já desde muito antes designado para a aclamação do senhor D. Pedro V, por ser aquele em que sua alteza real completava dezoito anos de idade, Velasco não sabia ao certo o que teria sido resolvido em virtude das circunstâncias anormais do reino.

Parecia-lhe até razoável evitar que um rapaz tomasse as rédeas do governo em tão verdes anos numa hora de tantas aflições e angústias.

A corôa, pensava êle de si para si, era naquela ocasião uma prerrogativa que, se fosse pósta em hasta pública, não teria licitantes, apesar de tudo ser vaidade neste mundo sublunar.

— Eu bem sei, continuava mentalmente o seu raciocínio, que um rei constitucional, segundo o liberalismo de D. Pedro, apenas tem duas coisas a fazer: cumprir algumas vezes a Carta e rasgá-la ainda mais vezes. Mas, para ser aclamado, tem que aparecer ao povo, tem que sorrir para que lhe sorriam, e como poderão êle e o povo sorrir um ao outro sob a pressão dum flagelo tal como esta epidemía, que aparece ao norte e ao sul do país e parece ameaçar a própria côrte?...

A's últimas cartas de Sofia para as suas amigas de Lisboa já não viera resposta e, se viesse, Velasco manda-la-ía queimar fóra da linha de vedêtas.

Mas Sofia estranhou a falta de correspondência e Jorge aquietou-a:

— Por enquanto não escrevas tu tambem, porque as cartas são perigosas quando há epidemias. Podem transmitir o contágio.

— ¿Mas então grassa a cólera em Lisboa?

— Creio que sim. Devemos, porêm, guardar ambos absoluto segrêdo.

— Pobre *Frau* Keiser! pobres pequenas! disse Sofia lamentando-as.

Pobres pequenas! era assim que ela se referia às suas amigas como se fosse muito mais idosa que elas. Já falava pelo teor de senhora casada em relação a meninas solteiras.

— E os amigos do papá, lembrou Sofia, hão de estranhar a falta de notícias.

— Já escrevi ao visconde de Juromenha e ao João de Lemos desculpando o nosso silencio. Tambem escrevi ao feitor de Altamira, e ao de Nespereira em nome da D. Isabel, ordenando-lhes que não escrevam até nova ordem.

— Mas como ha-de explicar-se ao papá que não venham cartas?

— Dizendo-lhe que certamente as não deixam passar por causa da cólera.

— Ah! meu querido Jorge, para ti não há dificuldades! E eu conto comtigo para me ajudares a vencer qualquer preocupação que meu pai manifeste.

— Conta comigo sempre, querida Sofia, minha querida Sofia.

Ela estava cada vez mais linda, porque a vida higiénica do Alentejo lhe tinha fortificado sensivelmente o organismo. Melhor saúde assetinava a brancura da sua pele e o colorido das faces adquirira uma tonalidade firme, ainda que delicada.

Os braços saíam das mangas largas do vestido numa perfeição de escultura, lisos e polpudos, sem nenhum sombreado de frouxel, tais como os das belas estátuas femininas.

Por momentos Jorge quedou-se a olhá-la amoroso.

Setembro fôra decorrendo; estava quase no fim. O plenilúnio caíra numa terça-feira, exactamente nove dias depois de haver sido aclamado rei o sr. D. Pedro V, facto de que em Monte-Velasco não havia certeza.

D. Isabel Júlia gostava das noites claras do outono, de as observar por detrás da vidraça do seu quarto, porque, dizia ela, nunca tinha podido vêr *tanto céu*, nem tão luminoso.

Naquela noite de 25 de setembro algumas núvens encobriam frequentes vezes a lua cheia e então, por cima da rama verde-negra das árvores, podia ver-se, para alêm da herdade, o longo estendal de miríades de estrelas.

Num momento em que a lua se descobria, reparou D. Isabel no vulto de um homem que parecia contemplar o firmamento com muita atenção, imóvel e concentrado.

Afirmou mais a vista e reconheu *Sete-Estrêlo*. Ins-

tigada pela curiosidade, começou a observá-lo. Notou que êle, de quando em quando, cortava a sua imobilidade com movimentos bruscos, fosse levantando para o céu os braços abertos, fosse estremecendo numa convulsão violenta.

Tendo contemplado demoradamente as estrelas, o pobre homem voltou-se para o disco da lua e D. Isabel pôde ver-lhe melhor a fisionomia, que os cabelos e as barbas como que afogavam entre muitas cãs.

Agora *Sete-Estrêlo* estava ainda mais agitado e convulso, especialmente quando, umas após outras, grossas núvens negras encobriam a lua, dando a impressão de cetáceos monstruosos navegando lentamente num mar azul.

De repente, *Sete-Estrêlo* arremessou ao chão o chapéu, caíu de joelhos e pôs as mãos olhando ansiosamente para o alto numa atitude de súplica e terror.

Assim se conservou algum tempo até que, sacudido por um estremeção, apanhou o chapéu, levantou-se, e largou a correr como se fugisse de uma fera.

— O que seria que êle viu ou julgou vêr ? preguntava a si mesma D. Isabel.

Procurando a causa, conjecturou que teria sido a aglomeração de núvens que tapavam a lua, sendo duas delas maiores que as outras, pelo menos mais extensas e quase juntas.

D. Isabel Júlia impressionou-se com êste incidente nocturno, que se desenrolara no meio dum silêncio profundo, e que ela não sabia interpretar.

Fez logo tenção de pela manhã revelar a Sofia o que presenceára. Ela decerto lograria obter uma confissão sincera dos pensamentos ou visões de *Sete-Estrêlo* enquanto esteve contemplando o céu.

Aquele homem falava pouco, segundo disséra Velasco. Mas Sofia era a «senhora morgadinha», tinha

o prestígio da sua posição e dos seus encantos pessoais, inspirava respeito e simpatia, e *Sete-Estrêlo* não lhe recusaria a explicação completa do que vira e pensára nas suas observações de rude astrólogo alentejano.

Quando Sofia o mandou chamar e hábilmente provocou uma revelação, *Sete-Estrêlo* mostrou-se enleado e constrangido. Hesitou, titubeou, mas Sofia redobrou instâncias num tom de benevolência tão persuasivo e ameno, que *Sete-Estrêlo*, com os olhos pregados no chão, e muito perturbado, falou enfim:

— Ah! senhora morgadinha! as estrelas choraram toda a noite, porque elas estão muito perto de Deus Nosso Senhor e sabem tudo o que vai acontecer. Quando as estrelas choram, todos os povos da cristandade devem esperar desgraças, muitas desgraças, e grandes serão por certo as que hão de vir em breve...

Ficou pensativo um momento e continuou convicto e assustado:

— Eu nunca vi tantas núves negras nem tamanhas a roerem a lua, que até pareciam um bando de corvos esfomeados. No meu entender, senhora, as núves são desgraças que hão de vir e Deus Nosso Senhor faz anunciar aos mortais para que se arrependam de seus pecados. E assim como a lua desaparecia, desaparecerá a alegria do mundo. Pestes, fomes, tormentos, muita aflição e mortandade virão cada dia e todos os dias até que Deus Nosso Senhor tenha piedade de nós. Uma das maiores núves pegou com outra; isto quer dizer pela certa que um flagelo pegará com outro flagelo. E no meio de tanta desgraça o que fará o principe coroado que lá está em Lisboa? As estrelas choravam por êle e por nós, e êle, que eu vi lá em cima, numa estrela muito alta, chorava tambem e desfalecia, que o vi eu desfalecer.

Uma explosão de chôro aflitivo sufocou as palavras de *Sete-Estrêlo*, a quem a emoção havia fatigado.

Sofia tinha-o ouvido com surpresa, crendo-o às vezes um louco, outras vezes um profeta, e ainda que a sua clara razão sobrelevou a credulidade, sempre no seu espírito ficou um leve fermento de apreensão por futuras calamidades.

O mesmo aconteceu a D. Isabel Júlia quando Sofia lhe contou as revelações de *Sete-Estrêlo*.

— Eu, disse-lhe ela, nunca na minha vida acreditei em bruxas, em mulheres que deitam cartas e em adivinhões, mas vi o *Sete-Estrêlo*, vi-o transfigurado como por uma inspiração sobrenatural, vi-o de joelhos a implorar a misericordia divina, tão convencido e sincero, tão amargurado e crente, que ainda que as suas profecias se não realizem, nunca mais esquecerei a tortura do profeta, a atribulação da sua alma.

Sete-Estrêlo fôra naquela noite do reinado de D. Pedro V um obscuro sucessor de mestre Guedelha no tempo de el-rei D. Duarte.

Veio o inverno prematuramente nesse ano de 1855. Copiosas chuvas destruiram muitas searas, prejudicando a colheita, e principiando desde logo a esboçar-se uma crise alimentícia.

Como se não bastasse a invernía, a moléstia das videiras reapareceu: escassa foi, portanto, a produção de vinho.

Aqui, alí, a cólera-morbus continuava a fazer vítimas. Ameaçada Coimbra, houve ordem para encerrar-se temporáriamente a Universidade. Em Lisboa e nos arredores davam-se alguns casos fatais.

O senhor D. Pedro V abriu as côrtes no dia 2 de janeiro de 1856, pela primeira vez dêsde que subira ao trono.

Notou-se que vinha pálido e triste, mas a sua voz, como em geral a dos Braganças, soou volumosa e

forte, posto denunciasse algum esforço, quando, na leitura do discurso da coroa, se referiu à invasão da epidemía, aos estragos causados pelas chuvas copiosas e à carestia de «todas as subsistências».

Este discurso ficou constituindo a primeira página sombria do seu reinado, ainda que, no tocante à epidemía, o governo tivesse procurado atenuar naquele discurso o terror público, dizendo que a mortalidade fôra em Portugal menor que em outros países invadidos.

No mês de abril a cólera-morbus recrudescêra, o número de casos aumentára tanto na capital como nas provincias. Em junho, deu-se em Lisboa a singularidade da epidemía saltar do bairro ocidental, já muito dizimado, para o bairro oriental, poupando o centro da cidade.

As familias abastadas fugiam para os arrabaldes, especialmente para Cintra e Queluz. Pois aí mesmo não escapavam ao contágio...

As côrtes estiveram abertas até 19 de julho, tendo havido em junho mudança de governo: sairam os regeneradores e entraram os históricos.

D. Pedro V foi pessoalmente encerrá-las e, referindo-se à epidemía, lamentou que tivesse voltado; isto é, recrudescido. Mas lançando uma palavra de consolação e esperança disse que ela «ia diminuindo de gravidade e que, felizmente, nunca chegou a ser assustadora».

Os teatros não se fecharam, decerto subsidiados pelo govêrno, com o fim de proporcionar-se alguma distracção ao público, mas a concorrência era deminuta. S. Carlos funcionara até maio: el-rei assistia sempre ao espectáculo, dava o exemplo de ser preciso afastar do espírito a ideia do perigo. Mas D. Pedro deixava entrever na fisionomia as preocupações que o amarguravam. O teatro reabrira em setembro

e os artistas, a linda Margarida Bernardi, Silvia Dynanni, Neri Beraldi, Beneventano, atrairiam concorrência em melhor ocasião.

No mês de agôsto o povo amotinára-se, em Lisboa e no Porto, por causa da carestia das subsistências.

Havia peste, havia fome; faltava apenas a guerra para completar-se o número das maiores calamidades deste mundo.

Só em setembro a cólera-morbus começou a declinar, mas não estava ainda extinta quando ocorreram em Belem alguns casos de febre suspeita.

Iria começar uma nova epidemía sôbre os restos de outra?

Pensa a gente naquelas duas grandes núvens negras que, na visão sinistra de *Sete-Estrêlo*, pareciam ligar-se. E' caso para tambem nós preguntarmos se êle seria um louco ou um profeta.

Em Monte-Velasco continuava uma doce ignorância dos lastimosos acontecimentos que tinham ocorrido e estavam ocorrendo ainda. Apenas Jorge ouvira dizer a um postilhão que Lisboa ardia em cólera. Sofia, desde que não vinha a *Nação* e se interrompêra toda a correspondência, compreendeu que as circunstâncias eram graves, mas nada preguntou ao marido, respeitando o segrêdo que êle mantinha. D. João, numa infantilidade de velho feliz, entretinha-se brincando com as netas e conversando com as outras pessoas da casa, especialmente com Morais Sarmento. D. Isabel Júlia suspeitava que a cólera grassasse ainda no país, o que atiladamente inferia do silêncio de Jorge. Agradecia a Deus o ver-se tão acompanhada em ocasião de tanto perigo, e, conquanto apenas sentisse uma ténue saudade pelo tristonho solar de Nespereira, sobressaltava-se pensando no que teria acontecido ao feitor, à família dêle, aos mais antigos criados, aldeões boníssimos e fieis.

Tambem se ignorava em Monte-Velasco todo e qualquer acontecimento político referente ao partido legitimista. Jorge pensava até que os seus correligionários estariam acabrunhados pelo terror da epidemía. Mas não era assim. A sessão legislativa encerrada em julho fôra a última da legislatura e novas eleições gerais iam realizar-se. O partido legitimista resolvêra propôr candidatos seus, tendo esta resolução desagradado a alguns partidários. D. João e Jorge, se tivessem podido ser consultados, votariam contra.

Supondo que a notícia do triúnfo eleitoral de cinco legitimistas houvesse chegado logo a Monte-Velasco, causaria a maior das surpresas, mórmente se alí se pudesse saber que um dos eleitos era Pereira da Cunha, o qual tinha sido sempre contrário a que o seu partido apresentasse candidatos: entendia êle que o resultado havia de ser inferior à importancia das fôrças partidárias, pois que sómente usaria processos honestos e os do governo não o eram.

— Mas — digâ-mo-lo nós aqui sem que em Monte-Velasco o oiçam por ora — desta vez a urna falou tão alto que nem os caciques nem os galopins, nem os regedores a puderam fazer emudecer quando ela, antes da assembleia de apuramento, proclamou deputados eleitos cinco legitimistas.

E, se me é permitido, eu conduzo já o leitor ao Parlamento para lhe dizer que, no dia 2 de janeiro de 1857, o senhor D Pedro V fôra abrir as côrtes e pronunciára o discurso da coroa mostrando-se tão preocupado e melancólico, ou mais ainda, que no ano antecedente.

El-rei falou da recrudescência que a cólera-morbus tinha tido em todos os distritos do reino, especificadamente no Funchal, onde fizera milhares de vítimas.

E já nessa hora estariam passando no seu espírito

receios e cuidados pela nova epidemía que ameaçava Lisboa.

Depois, com visivel amargura, recordou outros dolorosos acontecimentos: a escacez das subsistências, quase geral na Europa; o aumento assustador da emigração; a fome e a violência do contágio em todo o arquipélago de Cabo Verde; a má cobrança de impostos por efeito da deminuição das colheitas.

Em todo esse desalentado discurso entreluz apenas um assunto consolador: é o interesse, a fé que el-rei mostra ter no progresso moral e intelectual do país pelo desenvolvimento da instrução, relevantemente a primária.

Procuremos nós tambem, o leitor e eu, um oásis que mitigue a aridez de tantos e tão pungitivos acontecimentos.

Entremos em Monte-Velasco, nesse ou outro dia de janeiro de 1857, à hora em que depois de almôço quase toda a família está conversando na sala grande, onde a braseira arde.

Interrompeu-se de súbito a conversação, não porque tivessemos entrado, mas porque uns passinhos leves e miudos se aproximavam.

Era Maria Manuela, que parou no limiar, linda, rosada e loira, na beleza e na graça infantís dos seus quatro anos de idade.

A mãe preguntou-lhe logo:

— A tua irmã onde está?

— A bincar com a quiada.

A madrinha, D. Isabel Júlia, acenou-lhe que entrasse e a pequenita correu para ela, que a levantou afectuosamente nos braços e foi levá-la ao avô.

D. João beijou a neta, muito enternecido e, sentando-a sôbre a perna direita, pediu-lhe que cantasse a sua cantiguinha alentejana.

Sofia e Jorge reviam-se na filha com aquele sor-

riso de satisfação que um adágio traduz perfeitamente: Quem os meus filhos beija, a minha bôca adoça.

— Canta, filha, canta, disse Sofia instigando-a com maternal meiguice.

— Maria, faz a vontade ao avôzinho, disse Jorge num meio tom imperativo, inconscientemente autoritário.

A menina, baixando os olhos com tímidez, começou a cantar, num fio de voz e numa língua atrapalhada, esta quadra popular que uma rapariga do Monte lhe havia ensinado:

Alentejo não tem sombra,
Senão a que vem do céu.
Assente-se aqui, menina,
Debaixo do meu chapéu.

Foi uma ovação em família, toda de beijos e carícias.

Jorge, que tinha ido buscar ao cabide o seu forte chapeirão de inverno, pô-lo na cabeça, levantou Maria até pousá-la no ombro direito, segurou-a com o braço, aprumou-se cantarolando:

Assente-se aqui, menina,
Debaixo do meu chapéu.

E saiu levando a filha como S. Cristóvão o Menino Jesus.

— Que feliz génio tem este Jorge! ficou dizendo Bacelar.

— Nunca está triste, confirmou Sofia.

E a morgada de Nespereira, com o olhar levemente embaciado, acrescentou:

— Bendito seja Deus! vim aqui aprender como se vive feliz.

XI

O juramento político

> «Juramento político, em um systema que se funda essencialmente na liberdade de opinião, não é só uma anomalia, é um verdadeiro absurdo.»
>
> ANTÓNIO PEREIRA DA CUNHA — *Discurso parlamentar.*

Naquela provisória sala da câmara electiva, laboratório abarracado onde tantas leis foram manipuladas entre longos tabiques azuis e brancos, estavam decorrendo, em janeiro de 1857, as sessões da junta preparatória.

António Pereira da Cunha, deputado pelo círculo de Viana, já tinha anunciado, em seu nome e dos outros quatro deputados legitimistas, a apresentação de uma proposta tendente a modificar o regimento da câmara.

Logo os linces da política viram ao longe qual seria o alvo da proposta: era a questão do juramento político.

No dia 20 de janeiro, depois de ter proferido um discurso tão cortês como elevado, Pereira da Cunha propôs a anunciada modificação, que consistia numa

redacção, talvez mais concisa, talvez mais vaga, do preceito regimental relativo ao juramento político.

Os legitimistas — na câmara dizia-se quase sempre «os realistas» — comprometiam-se «a fazer tudo quanto fosse conducente ao bem geral da nação, dentro dos limites da Carta Constitucional e do Acto Adicional.»

Mas só isto. Nenhuma referência à pessoa do rei reinante.

Ora esta magna questão deixaria de o ser se de parte a parte pudesse haver um entendimento desapaixonado: os legitimistas aceitavam a Carta para o efeito de respeitá-la, mas a Carta, além de ter sido doada por D. Pedro, declarava categóricamente que «a senhora D. Maria II reinava sempre em Portugal».

Assim, pois, se os legitimistas respeitariam a Carta, respeitariam, *ipso facto*, a dinastia; e os liberais bem poderiam desinteressar-se da questão, porque dentro dos limites da Carta estaria eternamente a raínha.

Mas, de um lado e outro, a questão era mais pessoal que política: D. Miguel I ou D. Maria II, filha de D. Pedro.

A junta preparatória deliberou enviar a proposta à primeira comissão de verificação de poderes.

E como os cinco signatários da proposta continuassem a frequentar as sessões, na do dia 24 Tomás de Carvalho provocou uma resolução no sentido de ficar estabelecido se o deputado eleito, que não tivesse prestado o juramento regimental, podia tomar assento na câmara.

A junta decidiu por unanimidade negativamente.

Em consequência desta resolução, o presidente convidou os deputados legitimistas a sairem da sala.

Pereira da Cunha trocou com a presidência rápidas, acaloradas frases, e, sendo-lhe cortada a palavra, abandonou a câmara com os seus quatro correligionários.

Eram êles José de Magalhães Meneses Vilas Boas e Dionísio José Barroso, abade de Bairro, ambos eleitos por Barcelos; Francisco Hilário Ribeiro de Sousa e Brito, advogado, eleito por Braga; e Francisco Maria Caldeira Castelo Branco de Almeida e Vasconcelos, eleito por Torres Vedras.

Até aqui os factos decorreram com brevidade e aspereza, podendo talvez dizer-se baldos de generosidade contra adversários, que não ofereciam o perigo de derrubar o regímen com discursos.

Mas a verborreia nacional, que já tinha criado sólidas raizes no Parlamento, não consentiria que numa questão política, digamos facciosa, lhe amordaçassem tão violentamente a ressoante bocarra.

Por isso esperou que fosse apresentado o parecer da comissão de verificação de poderes para sôbre êle abrir os diques do raciocínio, da ironia e, porventura, da facécia.

Veio o parecer, que espraiava considerações convergentes à rejeição da proposta Pereira da Cunha; contudo admitia que tanto este deputado como os seus correligionários fossem convidados a ir à barra defendê-la, segundo propusera o conde de Samodães.

A este parecer não se pódem negar méritos: o de pretender doirar a pílula, para que os legitimistas tivessem menos custo em engulí-la, e o de deixar a porta aberta para a verborreia nacional se descongestionar.

No dia 31 de janeiro discutiu-se o parecer da comissão. Falou-se muito. Fizeram-se longos e eloquentes discursos. E quando a bossa oratória murchou, 65 votos decidiram que os legitimistas fossem convidados a ir defender a proposta. Mas, como remate, uma questão transcendente expludíu, a de saber que lugar êles ocupariam na sala. E, por 57 votos contra 40, foi decidido que não deviam sentar-se dentro da

teia, mas *ir à barra*, isto é, discutir fóra das bancadas.

Esta pieguice parlamentar da *barra* suscitou várias considerações em tons diferentes.

Rodrigues Sampaio, nutrido e pachorrento, disse nobremente:

«...fizemos um convite generoso, não estejamos a discutir sôbre o lugar onde se hão de sentar os indivíduos que convidamos a vir aqui.»

Tomás de Carvalho, formato mendinho, nariz grosso e adunco, olhos piscos, suissas espadanantes, ricto zombeteiro, fez espiríto no seu teclado habitual:

«...Mas não sei como se discute esta questão de barra! (*Riso*) E' o nome que tem, não tem outro, e alguns acham na tão estreita que nem por ela entendem que cabe aquele chaveco legitimista!» (*Riso*).

Santana e Vasconcelos, figura bem estatuada, tambem feriu a nota humorística, aliás menos sarcástica:

«De resto, sr. presidente, assim como o sr. D. Miguel chegou à barra, entendo que os srs. deputados eleitos devem vir a ela, e serão bem recebidos por nós *com prazer e alegria* como dizia a antiga canção.»

Na sessão de 3 de fevereiro foi lido na mesa um ofício em que os cinco legitimistas declaravam que não iriam ocupar outro lugar senão aquele a que os seus diplomas davam direito e que remetiam um exemplar do protesto em que explicavam as razões do seu procedimento.

A câmara, diz a respectiva rubríca, ficou inteirada. A's vezes esta rubríca quere dizer, como nessa ocasião, «ficou embuchada».

A lição que recebeu foi severa e digna. Pelo menos assim a consideraram os dois gloriosos marechais do exército libertador. Diremos quando. Foi nessa mesma noite, no palácio do Largo do Rato, onde os

marqueses de Viana davam um daqueles sumptuosos bailes a que sempre concorria a fina flor da aristocracia lisbonense.

António Pereira da Cunha e sua mulher assistiram; os duques de Saldanha e da Terceira tambem. Cunha não se teria decerto aproximado dêstes dois adversários ilustres para se referir ao conflito parlamentar. Foram êles, primeiro Saldanha, depois Terceira, que de mótu próprio o felicitaram pela ombridade e correcção com que havia procedido.

Estava-se no príncipio do ano e, não obstante alguns casos de febre que uns clínicos capitulavam de amarela e outros não, a vida elegante de Lisboa recomeçara como para desforrar-se do parêntese tenebroso da cólera-morbus.

Em julho, porêm, já não havia dúvidas sôbre o diagnóstico da doença predominante e em agôsto já se não abriam os salões dos fidalgos nem as salas dos burgueses. A febre amarela lavrava intensa, caminhando, em geral, de nascente para ocidente, mas vexando menos o ocidente que o nascente.

Ao contrário do que acontecêra na invasão da cólera, o bairro central da cidade, onde a população era mais densa, foi o mais atacado.

Um terror imenso desolava toda Lisboa, porque este novo flagelo tendia a tomar ainda mais sinistras proporções do que a epidemía anterior.

Além dos hospitais permanentes, improvisaram-se outros, improvisaram-se muitos, e ainda pareciam poucos para comportar a enorme aluvião de doentes.

Desde 20 de agôsto até 20 de outubro a epidemía atingira um máximo de 200 casos por dia.

Nos andares dos prédios de habitação ou havia enfermos ou luto. Famílias inteiras morriam em dois ou três dias, algumas em poucas horas, porque se deram casos fulminantes nos maiores focos epidémicos.

As lojas de comércio ou estavam fechadas ou desertas e pelas ruas solitárias apenas transitavam as macas e as carrêtas que, de dia ou de noite, transportavam enfermos para os hospitais, cadáveres para os cemitérios.

Sómente dois ou três cavaleiros militares, sempre os mesmos, atravessavam diáriamente a cidade, a qualquer hora, com todo o tempo, serenamente.

Eram o rei — aquele triste rapaz de vinte anos que um fatal destino coroara — e o seu ajudante ou ajudantes de campo.

D. Pedro V visitava todos os hospitais, percorria as enfermarias, abeirava-se dos catres, confortava com palavras carinhosas os doentes e, se algum dêles, procurava com as suas mãos, álgidas ou esbraseadas, as mãos do rei, sempre as encontrava, porque nunca se retraíam medrosas.

Suspeitou-se que D. Pedro V, vergando sob o peso do ofício de reinar, como êle lhe chamava, queria oferecer-se às garras da morte.

Não crêmos que fosse assim, porque êle era profundamente religioso; mas, se assim fosse, até a morte o respeitou, porque ela parece temer quem não a teme.

Como no tempo da cólera, e pelas mesmas razões, os teatros funcionavam. S. Carlos conservou-se aberto durante o período culminante da epidemía, setembro, outubro e novembro.

El-rei não faltava nunca ao cumprimento desse dever de um chefe de estado consciencioso e altruista: o de ser o último a desanimar nas grandes crises da nação.

Mas não olhava para ninguem, ainda que pouquissimos espectadores havia; não trocava uma palavra com os dignitários de serviço; e crêmos que nem ouviria a ópera.

Estava ali, mudo e imóvel na cogitação dos seus pesares, sempre na mesma atitude, as mãos pousadas nos copos da espada, que entalava entre os joelhos.

No mês de novembro, após uma recrudescência, a epidemía passou por alternativas de mais ou menos casos, até que no fim de dezembro os médicos e as autoridades a consideraram extinta.

A dentro de Lisboa tinha feito catorze mil vítimas, entre as quais algumas pessoas de categoria superior.

Uma destas pessoas foi o cardeal patriarca D. Guilherme Henriques de Carvalho. Ele andava em visita pastoral pelas freguesias ao sul do Tejo. Um jornal acusou-o de pusilanimidade por não ter secundado o rei no interesse pelos doentes e pela capital. O patriarca voltou logo. Voltou e faleceu de febre amarela no dia 15 de novembro de 1857.

¿Varrida finalmente a epidemía, teria o jóvem rei alguma suave trégua, de que o seu espírito contristado tanto precisava?

Não teve, porque se levantaram manifestações antilazaristas, como então se dizia, contra a entrada de irmãs de caridade francesas, para se encarregarem do ensino e educação das crianças orfanadas e recolhidas nos asilos.

A questão apaixonou grandemente a opinião pública, dividindo-a. Dir-se-ia que o povo português, depois de duas epidemías, ficára tão desassombrado que procurava entreter-se com uma questão irritante.

Quem se lembraria ainda, e sempre, da febre amarela era D. Pedro V, porque nunca deixou de trazer ao peito a medalha com que a câmara municipal quís premiar os seus heroicos serviços humanitários e que êle apreciava muito.

— Esta ganhei-a eu, dizia el-rei num gesto tão sincero quanto modesto.

Foi só na primavera de 1858 que, pela resposta a uma carta dirigida ao governador civil de Beja, Jorge teve a certeza de que já nenhuma pestilência grassava em Portugal e de que todas as comunicações estavam restabelecidas.

Só então mandou levantar o cêrco de Monte-Velasco, como êle dizia galhofando, satisfeito por ter livrado do contágio a sua família e a sua casa.

Durante alguns dias Jorge e Sofia, principalmente Sofia, estiveram escrevendo cartas às pessoas amigas e aos feitores de Altamira e Nespereira, pedindo notícias em nome de D. João e da morgada.

Demoraram-se as respostas muitos dias.

Sofia dissera uma vez ao marido com desalento:

— ¿ Morreriam todas as pessoas a quem escrevemos ?

Pelo espírito de Jorge tambem passou a ideia de que poderia ter sido assim, mas quís desviar a apreensão de Sofia dizendo:

— ¿ Tu pensas, filha, que na cidade ou na aldeia alguem sai de uma epidemía longa e perigosa tão fresco como se saísse dum banho ? Olha que recear a morte e esperá-la deve talvez ser peor do que senti-la. E' preciso dar tempo ao tempo para que os ánimos serenem e voltem à sua vida normal.

A razão que demorou as respostas foi realmente essa.

Chegou em primeiro lugar uma carta do visconde de Juromenha, dizendo que tinha escrito a participar o falecimento da viscondessa, desgôsto que profundamente o acabrunhára. Via agora que a sua carta não havia sido recebida em Monte-Velasco, pois que o velho amigo D. João lhe pedia quaisquer notícias sem aludir áquele triste acontecimento.

Sofia lastimou-se de ter perdido tão dedicada e acariciadora amiga.

Uma única resposta não chegou nunca. E só pelas cartas mais íntimas se explicou o motivo.

Bastar-nos há lembrar a afectuosa missiva de Cecília Freire em alguns dos trechos mais interessantes.

«A colera foi um pavor, matou muita gente e uma das victimas foi a nossa boa Frau Keiser, que só pensava no seu rheumatico e não se acautelava nada da colera. Pobre amiga! Faço ideia de quanto vais sentir esta cruel noticia.

«Depois da colera, logo depois, veio outra calamidade ainda maior, a febre amarella! Horror sobre horror! Quem não morreu — e tantos morreram! — ficou nervoso para toda a vida. Eu tenho andado como apatetada, e por isso, querida Sophia, não te escrevi mais cedo. Meus pais agradecem e retribuem os vossos amaveis cumprimentos. Elles, felizmente, nada soffreram, senão o medo. De mais a mais as duas epidemias fizeram adiar o meu casamento e agora não me deixam casar sem melhorar dos meus nervos. Quando será isso! Que ferro! Graças a Deus que o Ricardo não foi atacado. Elle agora foi ao Porto acompanhar a tia viuva, que chegou do Brasil.

(Permita o leitor que de conta própria intercalemos esta breve nota para dizer que o Ricardo é aquele mesmo Ricardo *Financeiro*, de quem Velasco, em Lisboa, costumava dizer: Por dinheiro é capaz de vender o pai.)

. . . . . .

«Visto que ahi não chegou epidemía nenhuma, tens decerto feito muita musica. Eu vai para dois annos que não ponho mãos na harpa. Deve estar muito deteriorada e eu muito esquecida.

. . . . . .

«D. Pedro 5.º portou-se muito bem durante a febre amarella. Todos os dias visitava os hospitaes. Por

detraz da vidraça vi-o aqui passar a cavallo. Como elle ia triste! E' um rapaz simpathico. Vai casar e acho que a noiva já vem em viagem. Chama-se Stephania (do nome não gosto). E' uma princeza allemã como a nossa Rainha, e tambem pobre. Diz-se que D. Pedro 5.º manda uma mezada ao sr. D. Miguel I, seu tio-avô. O D. Jorge Locio disse-nos que o dinheiro não passa pelo cofre da Subscripção, mas crê que será enviado directamente,[1] porque ha mezes alguem do Paço andou colhendo informações sobre os recursos do augusto exilado. Se fôr verdade, D. Pedro 5.º mostra bons sentimentos. Os netos não podem responder pelas culpas dos avós.

. . . . . .

«Quando fallei dos nossos Reis esqueceu-me dizer-te que a nossa Rainha tem dado á luz uma filha cada anno. Já ha mais duas princezas, D. Maria Thereza e D. Maria Josepha. A Real Familia Exilada está agora residindo em Bronnbach, pequena povoação tambem na Baviera. Diz isto a teu pei de mando do meu.

. . . . . .

«Estimei immenso, repito, que nenhuma das epidemias entrasse em Monte-Velasco. Tu e a tua familia foram muito felizes em não terem estado aqui. E tu foste decerto o anjo bom que a todos protegeu.

---

[1] E D. Pedro V queria que assim fosse. Entregava em segrêdo o dinheiro a um dignitário, que o guardava... para si.

Temos o testemunho de Camilo:

«... então sómente (*depois da morte do monarca*) em um secreto livrinho de lances, que o rei deixara escriptos de sua vida intima, se encontrou a verba mensal de trezentos mil reis votada a D. Miguel de Bragança. Ora haveis de saber que o irmão do sr. D. Pedro IV nunca recebeu a mezada do rei de Portugal ..»

. . . . . .

«Tomára já ver-te e ás tuas filhas. A Maria Manuela, com as gracinhas dos seus cinco annos, deve estar um amor.»

Sofia e Velasco liam primeiro todas as cartas, receosos de que alguma notícia má pudesse chegar de repente ao conhecimento de D. João ou de D. Isabel Júlia.

Esta precaução foi sensata, porque ambos resolveram ocultar tanto o falecimento da viscondessa como o de *Frau* Keiser, que Velasco e Sofia sentiram sinceramente e que deveria causar maior impressão à morgada que a Bacelar. Ela estimava a viscondessa, mas dera-se muito com *Frau* Keiser em Altamira: ficaram sendo amigas. Bacelar, depois que os seus padecimentos renais aumentaram, tornara-se menos sensível, por vezes indiferente, ao que se passava em roda dêle. E alguma vez se queixou de que, recordando factos remotos que praticara, lhe parecia agora terem sido praticados por outrem.

A propósito da carta de Cecília disse Jorge conversando à puridade com Sofia:

— A Rainha Adelaide vai tendo muitos filhos. Os partos repetidos são a velhice, a ruína prematura das mulheres. Vai-se-lhes com a saúde a beleza. E' que as mulheres são como as nossas terras de pousio. ¿ Sabes por que se chamam assim ?

— Não sei.

— Porque, para se conservarem fortes, as deixamos descansar um ano depois de uma ou duas novidades consecutivas. Não, querida Sofia, tu não terás que perguntar-me nunca: «O que fizeste tu da minha beleza, que eu te dei com tanto amor ? Despedaçaste-a brutalmente como a criança estouvada pode quebrar uma linda taça de Sevres.»

— Olha, Jorge, vou responder-te com a passagem de um dos livros, que encontrei na estante de teu pai. Chama-se *Carta de guia de casados* e foi escrito por um fidalgo. E' antigo. Pois diz lá estas palavras, que eu decorei pensando em ti: «as mulheres são como as pedras preciosas, cujo valor cresce, ou mingúa, segundo a estimação que delas fazemos.» Isto é certo. Eu não valho nada ou valho pouco. O teu amor, o teu cuidado, todos os teus extremos são que me valorizam.

— Tu! tu és uma criatura ideal, que possues o segredo de viver, coisa bem diferente de existir; e de encantar, coisa bem diferente de agradar. Quantas vezes, sendo tu solteira, eu dizia comigo mesmo: «Que pena se esta rapariga fôr dar a mãos que a não estimem como eu a estimaria.»

— Se mo tivesses dito logo, escusávamos de ter perdido tempo...

— Mas assim foi melhor, porque os factos nos convenceram de que o nosso amor era sincero. Eu fugi e tu choraste. Nas mulheres honestas chorar é amar. E quando um homem, que não é cobarde, foge, está verdadeiramente alucinado.

— Quanto somos felizes, meu Jorge...

— Eu por mim nunca li a tal *Guia de casados* e não sei se ela ensinará marido e mulher a viverem mais felizes do que nós.

— Não ensina, nem podia ensinar.

— Eu vi aos dezoito anos esse livro entre os poucos de meu pai. Folheei-o aqui, ali, e fechei-o dizendo com os meus botões: Cada um governa-se como entende. E' o que eu tenho feito desde a mocidade. Sempre li mais nas pessoas que nos livros. Tu bem sabes, querida Sofia, quão pouco lido eu sou.

— O bom senso e a agudeza de espírito dispensam a leitura.

— Eu dispensei-a, e desses livros de meu pai apenas li um, que lá deve estar e que êle me obrigou a ler. E' uma *Arte de cavalaria* atribuída ao marquês de Marialva, D. Pedro. Li-a às colheradas, como se tomam os remédios, mas não aprendi tanto lendo-a como vendo meu pai no picadeiro. Era um cavaleiro de mão cheia! disse Jorge com entusiasmo. Pois, filha, olha que em Monte-Velasco não li mais nada, e olha que em Lisboa ainda menos livros compulsei. Lá o sistema de me instruir era outro.

— Qual?

— Observar e comentar sentado na torrinha de S. Carlos e quando parava no Chiado, no Passeio Público ou na rua do Ouro. Então me fartava eu de ler.

— E que lias tu?

— Romances, dramas, tragédias, comédias, tratados de filosofia social.

— Gostavas?

— Não, enjoava-me. Eram misérias, eram torpezas e infámias, todos os aspectos vulgares e escabrosos da vida: autores e protagonistas, homens e mulheres que eu binoculava ou que passavam. Uma vez perguntei a certo literato muito em voga a razão por que êle e os outros escritores não pintavam a felicidade no romance ou no drama. Respondeu-me, encolhendo os ombros, que a felicidade era inverosímil. Tive dó dêle, e hoje ainda teria mais. Pois eu já a vi duas vezes, ambas em Monte-Velasco: uma em vida de meu pai; e a outra...

— Agora, atalhou Sofia.

— Exacto, respondeu Jorge.

— Tendo da segunda vez, replicou ela sorrindo, começado em Buenos Aires.

E Velasco, dando uma gargalhada:

— E's muito melhor historiador do que eu.

Temos que deixar por algum tempo o Alentejo e

que voltar ao Parlamento, onde vão estar em jôgo, outra vez, os interesses políticos do partido legitimista.

A câmara electiva fôra dissolvida no princípio daquêle ano de 1858, por decreto de 26 de março.

Enquanto a princesa Estefánia de Hohenzolern Sigmaringem chega a Lisboa, se realiza o casamento real, se fazem as eleições e as côrtes reabrem, tratemos de dispôr o espírito para assistirmos às pugnas parlamentares, ainda que pelo menor tempo possível.

São dois os deputados que a opinião legitimista elegeu para esta nova legislatura.

Ei-los tomando parte nos trabalhos da junta preparatória, entre os seus adversários políticos, estando por ora todos de acôrdo em queixarem-se de haver câmaras no mês de junho, cujo calor fará amarrotar os colarinhos e a eloquência.

Estes sinais de concórdia são ovos de Pásqua, que dentro em pouco hão de quebrar-se.

Desenganemo-nos figurando um episódio ruidoso da sessão de 21 de junho, quando já constituída a câmara:

Barros e Sá (buliçoso, ossudo, voz fanhosa) — Eu requeria a v. ex.ª que tivesse a bondade de informar a câmara sôbre o que se passou com os srs. deputados Pinto Coelho e Estevão Palha, na ocasião em que íam a prestar o juramento.

Presidente — E' minha obrigação informar a câmara, quando se pede uma informação do que se passou. O presidente estava procedendo a tomar o juramento aos srs. deputados, e quando chegou ao sr. Pinto Coelho disse este sr. deputado: «juro na fórma da minha declaração anterior»; não quís jurar na fórma do regimento.

Pinto Coelho (testa ampla, face larga, fisionomía prasenteira, olhos que brilhavam através das lunetas) — Não foram essas as palavras que eu disse; as minhas palavras foram estas «conforme o que disse, assim o juro». (*Riso*).

Presidente — E' o mesmo. (*Riso e confusão de vozes*).

Pinto Coelho — Eu peço ordem, é da dignidade desta câmara...

Vozes — Ordem! ordem! (*Grande sussurro e agitação*).

Presidente — O sr. Pinto Coelho não póde falar.

Vozes — Ordem! Ordem!

(O presidente tocou a campaínha).

Paulo Romeiro (vinte e cinco anos, estatura regular, pálido, cabêlo castanho-escuro, barba toda) — Peço a v. ex.ª que consulte a câmara, se dispensa o regimento para ouvir as explicações para que pediram a palavra os ilustres deputados eleitos os srs. Pinto Coelho e Palha.

Vozes — Não póde ser, é contra o regimento.

Outras vozes — Póde, póde.

O orador — Póde e deve ser, e por isso mesmo que é contra o regimento, é que eu peço a dispensa dêle (*com veemência*). Sr. presidente, o que perde a câmara em ser tolerante e generosa? (*Muitos apoiados*) O que perde a câmara em ser tolerante e generosa? (*Prolongados apoiados*).

«Lamento do fundo de alma o caminho seguido pelos ilustres deputados eleitos, porque, filho da nova geração, quisera sinceramente ver esquecidos e extintos esses motivos de discórdia e de rancôr, que tão fatalmente tem dividido e enfraquecido a família portuguesa. (*Apoiados*).

«Entendo que os ilustres deputados não servem o seu partido e o seu país, abstendo-se de entrar leal

e francamente nesta casa, e de colaborar comnosco nos meios de fazer prosperar e engrandecer a terra em que nascemos. (*Apoiados*).

«Mas respeito os seus escrúpulos, e quero ouvir a razão dêles, não para alterar as suas convicções, que estão firmes e arreigadas, mas porque entendo que o princípio da tolerancia é a primeira condição e a primeira beleza do sistema liberal.

Vozes — Muito bem, venham à barra.

O orador — O que é a barra para um partido, cujos representantes os ilustres deputados se declaram? (*Apoiados*) Expliquem-se do lugar em que se acham, e ouçámo-los com generosidade, já que os provocamos; e se não quiserem sujeitar-se à nossa lei, sáiam com a responsabilidade da sua contumácia e do seu erro. (*Muitos apoiados*).

«Peço à mesa que submeta à votação da câmara o meu requerimento, e peço à câmara que seja generosa e tolerante, porque não ganhava nada em ser parcial e exclusivista. Vozes que se abafam nesta casa, ecoam com maior estridor na imprensa, que felizmente é livre, para corrigir muitas vezes o despotismo da tribuna, o peor de todos os despotismos. (*Apoiados*).

Vozes — Muito bem.

Seguiu-se um discurso do deputado D. Rodrigo de Menezes — mais tarde 3.º conde de Cavaleiros — visando a conseguir que os dois deputados fossem ouvidos, falando dos seus lugares ou indo à barra.

Durante este discurso, que D. Rodrigo repisou, vários deputados safaram-se para ir fumar, muitos faziam a sua correspondência, alguns conversavam; um, que era surdo, dava atenção ao orador, outro, que era jóvem e janota, de polainas brancas, relia sucessivas vezes uma carta que... não era a *constitucional*, antes parecia ser de namôro, escrita em papel côr de rosa.

Dêle estava dizendo um deputado crónico a outro antigo assinante de S. Bento:

— E' literato, por força. Eu conheço-os pelos pés.

Na galeria das senhoras ondulavam os leques batendo a calma de junho.

Uma loiraça — cincoenta e pico — liberal por temperamento, congestionou-se a ponto de monologar:

— E tudo isto por causa do Miguel, arrenego-o eu!

Ao lado, uma lisboeta intrometida chiou-lhe sôbre o ombro esta frasezinha venenosa:

— A sr.ª sofreu talvez muito por causa dêle.

A outra, azedada:

— Credo! Cruzes! eu então era pequerruchinha.

Para a tribuna da Presidência olhava insistentemente um legislador que nos ia escapando: tambem dos novatos e janotas.

De repente um colega vem ao encontro dêle e diz-lhe:

— Olhe que é a mulher dum colega nosso, e êle está observando tudo.

— Diabo! diabo!

E assim, de maneiras diferentes, todos os deputados se interessavam pela coisa pública.

Encostados ao fogão — que no pavimento da sala ficava à esquerda da Presidência — conversavam dois contínuos, um alto e outro baixo.

— Vês aquele deputado careca? Tem mesmo cara de agiota. Ninguem lhe poderá apanhar uma gorgêta.

— E tu vês, logo adeante, aquele que tem bigodes de mandarim? Pois olha que não é melhor. Prégunto-me ontem se a câmara tambem fornecia as estampilhas.

Finalmente, D. Rodrigo acabou e sentou-se.

Então a câmara resolveu, por unanimidade, que não podia continuar na sala quem não jurou.

Presidente (*dirigindo-se a Pinto Coelho e Estevão Palha*) — Em virtude da resolução da câmara, convido os ilustres deputados eleitos a saírem da casa. (*Apoiados*)

Paulo Romeiro — Mas eu tinha feito um requerimento para se consultar a câmara, sobre se consentia que estes srs. deputados se expliquem agora.

Vozes — Não póde ser.

Presidente — Depois da decisão unánime da câmara, não posso consentir que estes dois srs. deputados eleitos continuem a estar na sala (*Apoiados gerais e repetidos*), portanto convido-os a que sáiam.

Pinto Coelho — V. ex.ª não tem direito de convidar-me a que sáia da sala, e peço a palavra para o demonstrar.

Vozes — Ordem, ordem, não póde falar, não é deputado.

Presidente — O sr. Pinto Coelho não é deputado, e por isso não póde falar nesta casa (*Apoiados repetidos*), convido-o a sair da sala. (*Apoiados*)

Pinto Coelho — Eu sou deputado pelos poderes que recebi dos meus constituintes, jurei conforme a procuração que recebi, e portanto tenho direito a estar aqui e a falar.

Vozes — Não tem.

Presidente — Não póde falar.

Pinto Coelho — Posso.

Presidente — Chamo-o à ordem.

Pinto Coelho — Se v. ex.ª me chama à ordem reconhece que sou deputado, e posso falar.

Presidente — Não, senhor, é um homem que está falando nesta casa sem lhe pertencer; (*Apoiados*) é estranho, completamente estranho à câmara. (*Apoiados gerais*)

Pinto Coelho — Sou um homem que estou aqui com o mesmo direito com que v. ex.ª está.

Vozes — Ordem, ordem.

Muitos deputados pedem a palavra.

Grande agitação na assembleia.

Presidente (*tocando a campainha*) — Está levantada a sessão.

No átrio do edificio os dois deputados legitimistas eram esperados por um correligionário que tambem, mas no exercício de outras funções, havia sido vítima da sua recusa a prestar o juramento político e que assistira à sessão da câmara, como qualquer anónimo, na galeria popular.

Chamava-se António Joaquim Ribeiro Gomes de Abreu, doutor em medicina, e entrára no professorado da Universidade tendo dado provas brilhantes.

Era minhôto e pobre. Calculavam-se-lhe 46 a 48 anos. A sua aparência prometia pouco, a não ser na expressão do olhar, docemente perspicaz. Mas era um alto espírito e um alto caracter. Legitimista de raiz, inabalável no seu crédo político.

Estava regendo em Coimbra uma cadeira, ganha exclusivamente pelo seu talento e saber, quando lhe foi intimado o decreto de 5 de março de 1856, que obrigava todos os funcionários públicos a prestarem juramento de fidelidade à Carta e ao rei reinante, devendo a recusa ser considerada como renúncia do cargo.

Gomes de Abreu resolveu prontamente o dilema: não jurou.

Chegára a Lisboa pobríssimo e propunha-se ganhar a vida como médico ou como explicador.

Lembraram-lhe que fundasse um colégio. Nisto pensava então.

Em 2 de julho a câmara resolveu, sôbre o parecer da respectiva comissão, que os dois deputados não

fossem admitidos sem que primeiro prestassem o juramento nos devidos termos.

Eles responderam no dia 9 que tendo a maioria da comissão declarado que a fórmula regimental do juramento não devassava o fóro íntimo, nem prejudicava a liberdade de opinião, obrigando contudo os deputados a respeitarem e fielmente cumprirem a lei existente; e não havendo a câmara dado por válido o juramento tal como êles o fizeram: iriam prestá-lo segundo o texto que o regimento impunha.

E foram.

Quando a notícia dêstes factos chegou a Monte-Velasco, D. João e Jorge, sempre contrários à representação do partido nas Côrtes modernizadas pela Carta, mostraram-se descontentes.

D. João limitou-se a encolher os ombros e a repetir por vezes:

— Não gósto, não gósto.

Já a política lhe importava menos. Era a doença.

Jorge definiu a sua opinião dizendo:

— Nem as tricas parlamentares nem os bons discursos trarão cá o senhor D. Miguel. Quem o há de trazer é o povo... se trouxer.

XII

Almôço na herdade

Que bem que nos i sabia
Quanto na mesa era posto!
. . . . . .
Não vinha nada da praça,
Ali da vossa cachaça,
Ali, das vossas perdizes!

SÁ DE MIRANDA — *Carta.*

Quase no fim de Junho de 1858 uma agradável surpresa alvoroçou Monte-Velasco.

Foi o caso terem chegado inesperadamente quatro pessoas num «sociável» [1], que pertencia ao morgado Labério, de Montemór-o-Novo, e que êle mesmo guiava a duas parelhas.

Este *sportman*, como hoje diriamos, trajava à alentejana, jaquêta de alamares, faixa prêta, e chapéu redondo.

A seu lado, na boleia, vinha servindo de trintanário o tratador do gado, tambem vestido à alentejana.

---

[1] Veículo próprio para campo, podendo comportar seis pessoas; e no tejadilho, que era de tirar e pôr, transportar bagagens.

Jorge, ouvindo o tilintar das guiseiras, saíu a ver quem passava. Reconheceu o morgado Labério e viu-o de repente sofrear os cavalos. Com um gesto convidou-o a entrar e teve em resposta um sorriso e um sinal negativo.

Mas então reparou Jorge nos passageiros que se apeavam e aí foi que a surpresa estalou. Viu descer sucessivamente o Manique e após êle o dr. José Palmeiro, os quais cuidadosamente ajudaram a descer do estribo duas senhoras: Cecilia Freire e sua mãe. Correndo para todos os quatro passageiros, Jorge fez-lhes uma recepção festiva, sincera e cordealmente alegre.

— Caíram do céu! dizia êle, porque mal podíamos esperar a felicidade de os vêr neste momento em Monte-Velasco.

Entretanto o seu olhar perspicaz viu logo que Cecilia vinha doente e que o dr. José Palmeiro vinha restabelecido. A mãe de Cecilia pareceu-lhe apoquentada. Quanto ao Manique dir-se-ia que não tinham passado alguns anos.

O «sociável» abalára e desaparecêra.

Palmeiro ia a despedir-se, alegando que viria mais tarde, e em ocasião mais oportuna, fazer a sua visita de gratidão e agradecimento pelos cuidados que durante a doença tinha merecido. Mas Jorge, abraçando-o, significou-lhe o gôsto que sentira ao vê-lo tão bem dispôsto de saúde e o desejo de apresentá-lo imediatamente a Sofia, como «um bom, um excelente vezinho ressuscitado», palavras suas.

A estas palavras ligou Palmeiro um duplo sentido, que o cativára: entendeu que elas exprimiam mais que um cumprimento de ocasião, exprimiam tambem o esquecimento de antigas lutas políticas entre os pais de um e outro.

Pela primeira vez entrava em Monte-Velasco, mas

Jorge já o visitara em Monte-Cisne e as suas expressões de agora acabavam de passar uma esponja sôbre o que, realmente, já era tempo de esquecer-se entre as duas famílias.

Sofia viera muito azafamada, muito alegre. E parara um momento, ao entrar a porta da sala, comovida pelo aspecto doentio de Cecília. Tendo mão em si, acariciou-a com ternura, beijando-a, abraçando-a, dizendo-lhe que o ar de Monte-Velasco era optimo para restabelecê-la da fadiga da jornada, bem como a sua mãe.

Depois Jorge apresentou a Sofia o dr. Palmeiro com palavras de subida estima e consideração.

A' saída, Sofia e Jorge pediram ao dr. que os honrasse amiudando as suas visitas, o que êle prometeu.

Logo que Palmeiro partiu, Sofia saíra da sala com as duas senhoras. E Jorge, a quem a curiosidade mordia, preguntou ao Manique:

— ¿ Mas como foi que vocês vieram com o dr. Palmeiro ? Como foi isto ? Isto o que é ?

Manique, rindo e acendendo o charuto, respondeu:

— Isto foi e é uma coisa muito simples. Vi o outro dia na rua do Oiro. Reconheci-o, abordei-o e perguntei-lhe se efectivamente era o dr. Palmeiro. Respondeu que sim. Eu disse-lhe: «Sou o Manique, amigo do morgado Velasco, e, tencionando ir visitá-lo com duas senhoras muito íntimas da mulher dêle, desejava ser informado quanto ao itinerário.» Palmeiro sorriu dizendo que a ocasião era propícia, se quiséssemos tê-lo por companheiro de viagem num «sociável» que o morgado Labério pusera à sua disposição na «casa das postas» [1] em Aldeia-Galêga. Estava certo de que

[1] Antiga alquilaria para serviço do correio e de particulares. Modernamente, desde 1829, partia dalí a «real diligência» para Badajoz.

aquele seu amigo, com quem ia jantar na *Hospedaria dos Irmãos Unidos*, não se recusaria a conduzi-los. Fizemos outras combinações sôbre o dia e hora da partida p'ra Aldeia Galêga e depois dei-lhe o meu cartão para o caso de haver qualquer dificuldade. Pronto. Tudo arrumado, como eu costumo arrumar todas as coisas. Dali fui sem perda de tempo a casa das Freires.

— E elas? Que doença tem a filha? Como se resolveram a vir ela e a mãe?

— Quem as resolveu fui eu, já há dias, porque a pequena precisa distraír-se e tomar ares. Mas a sôpa caíu no mel. A sôpa fomos nós três e o mel foi o Palmeiro. Sempre te digo que é um homem muito agradável. Menos grosseiro e mais ilustrado que eu. Pois já é preciso!... Fez-nos excelente companhia, falou-nos das suas viagens, entreteve-nos. Parece que já lhe passou a patetice da princesa.

— Muito se apoquentou êle. Então tu querias que ficasse sempre na aflição em que o vi? Teria endoidecido ou morrido. E a Cecilia? Ainda me não disseste de que sofre.

— Do coração.

— Do coração?!

— Como quem diz uma paixão encravada.

— Mas então ela não está para casar com o Ricardo?

— Não está. Esteve.

— E' caso para se lhe darem a ela parabens. Mas que foi que aconteceu?

— Aconteceu que êle é um pulha.

— Isso sei eu há muito tempo. E então?

— Então o casamento com a Cecilia estava ajustado, mas imagina que chegou do Brasil uma tia do Ricardo viuva e rica, ainda frescalhona; imagina que êle a foi acompanhar ao Porto, onde ela vai risidir e

que durante a viagem disseram coisas ternas um ao outro entendendo-se a ponto de combinarem casar. E então êle escreveu descaradamente ao Freire retirando a palavra. *Retirando* tem graça. Fala como os deputados: retirando a moção, retirando a proposta.

— Pobre velho. De quem eu tenho pena é do pai Freire, que está em idade de não poder castigar a afronta. A pequena essa há de ir curando-se. Quanto ao pulha do Ricardo vê lá se eu me enganava quando dizia: «Este, por dinheiro, é capaz de vender o pai.» Vendeu-se a si próprio, vendeu a sua honra e dignidade.

— E teu sôgro, que ainda não vi?

— Coitado! Não passa bem.

— Que tem êle?

— O mal da Bright.

— Traduz-me isso em português.

— Doença dos rins.

— Olha que espiga! E' do que eu hei de morrer.

— Não sejas tôlo. Tu estás aí rijo e são, e D. João, conquanto tenha alternativas, sente-se doente. Agora está passando peor e o médico deu-lhe ordem para que se alimentasse unicamente a leite. Pobre velho!

— Se fosse eu, preferia o cognac.

— Pateta. Deante de Sofia nunca te descaias sôbre o estado do pai.

Manique ficou silencioso um momento. Depois a sua bossa de marialva expludiu:

— Olha lá, ó Velasco, eu quero dar um abraço ao *Corisco*.

Jorge riu-se.

— Pois anda daí.

— Eu e êle somos amigos velhos. Vais vêr a festa que êle me faz.

— E' verdade: e o teu *Califa?*

— Muito obrigado. Esse vai passando regularmente em sua importante saúde.

Junto de Sofia, o primeiro desabafo de Cecilia foi de exaltação contra o vil Ricardo; depois chorou e as lágrimas acalmaram-na. A mãe, como todas as mães, estava ali amargurada da amargura da filha. A velhice dos pais é em geral um Calvário, onde êles se divinizam pela corôa de espinhos.

Inteligentemente, carinhosamente, Sofia pôs em acção todos os recursos do seu espírito e da sua ternura para curar a alma atribulada de Cecília.

Jorge não era menos solícito em procurar distraí-la gracejando ou filosofando. E de um modo ou de outro sempre concluía por dizer-lhe:

— Um vilão não vale nem uma lagrima de mulher, quando ela é digna, interessante e prendada como a menina. Não chore, que ainda há de sorrir quando eu puser a seus pés cem, duzentos, trezentos morgados a disputarem a sua mão. O caso é que a menina não se faça feia chorando de mais.

Cecília sorria tenuemente. A mãe gargalhava satisfeita com as animosas palavras do morgado.

Um dia, sem que ninguem o pudesse esperar em Monte-Velasco, exceptuando Sofia e Jorge, chegou a harpa que, a pedido de ambos, o pai Freire mandara para o Alentejo depois de afinada. Esta surpresa foi um tónico espiritual que auxiliou outros factores terapêuticos tendentes a combaterem o desgôsto de Cecília.

Entre esses factores os mais importantes eram certamente a cariciosa e franca hospedagem, a distracção, e, mais que tudo, a acção benéfica da vida que se vivia em Monte-Velasco.

Vai muita diferença dos melhores palácios de Lisboa aos melhores solares do Alentejo pelo que respeita à maneira de viver. Toda a vantagem é do Alentejo, mercê da tradição dos costumes e da largueza

de administração doméstica. Sómente em Lisboa a *mise-en-scène* é mais aparatosa e o formalismo mais requintado.

A família Freire, por ser legitimista, convivia com as famílias gradas do seu partido. Tinha meios, mas não podia dizer-se rica. Em algumas casas gozava da maior intimidade, qual a de João Bacelar, graças à simpatia e amizade que Cecília inspirara a Sofia.

Mas tanto Cecília como sua mãe receberam uma forte sensação de encanto ao conhecerem os processos da vida alentejana, os costumes privativos daquela provincia, a variedade e actividade duma grande lavoira e, especialmente, a existência feliz, tranquila, serena sem indolência nem aborrecimento, sincera, clara e dignificante que se passava em Monte-Velasco no meio duma charneca... arborizada.

— Eu gósto imenso disto! dizia Manique, aqui não se vive aos andares, não se manda à Praça da Figueira, não nos impingem bilhêtes de benefício, não há deputados, não há ministros e póde a gente sustentar os seus cavalos sem ter que mandar comprar a palha nem a fava. Até o *Corisco*, de farto que está, não quis reconhecer-me, achou-me pelintra.

Tambem teve graça Manique a contar um episódio da jornada:

— Em certa altura do caminho — não sei o nome daquele sítio — vi a distância três homens a cavalo, de clavinas ao ombro, abrigados na sombra de um muro de vedação. E disse comigo mesmo: Um dêles é o capitão de uma quadrilha de salteadores, que está por aqui perto, e vai mandar-nos fazer alto. Mas reparei que o morgado de Montemór não fustigava os cavalos nem lhes largava as rédeas. Se houvesse assalto, as senhoras só nos podiam servir de embaraço. Talvez desmaiassem e tinha sido eu que lhes aconselhei esta jornada. Olha que espiganço! Fui

à socapa apalpando a coronha da pistola no bolso do guarda-pó. Mas o carro passou e os três homens cumprimentaram atenciosamente. Tive nesse momento a impressão de que na província do Alentejo os salteadores eram tão civilizados e corteses que até respeitavam as senhoras. O dr. Palmeiro, certamente lendo na minha cara esta bacoquice, apressou-se a dizer: Aqueles três homens são o feitor e dois criados do morgado Velasco, que devem vir de Lisboa.

— E eram, respondeu Jorge sorrindo. Se vocês os tivessem roubado a êles, não perdiam o tempo nem o feitio.

— Que pena! exclamou cómicamente Manique.

Dias antes estiveram em Monte-Velasco o tabelião e o procurador da comarca que costumavam encarregar-se de lavrar as escrituras e de promover o andamento dos negócios jurídicos ou forenses daquela importante casa.

Sofia, Jorge, D. João Bacelar e a morgada passaram procurações ao feitor de Monte-Velasco para o levantamento de fundos: os juros da herança do Poitou recebidos semestralmente por intermédio do Banco de Portugal; as rendas acumuladas de Altamira e Nespereira que o banqueiro Pinto Leite, do Porto, havia transferido para o mesmo Banco.

Aproveitando o ensejo, D. Isabel Júlia fizera o seu testamento, no qual declarava ser de maior idade, solteira, não ter herdeiros legítimos, nem outros quaisquer parentes, e legar todos os seus bens à sua afilhada Maria Manuela, com excepção apenas da Quintinha que deixava ao seu honrado feitor de Nespereira, ou, no caso de já ser morto, à família dêle. Por último fazia recomendações de caracter beneficente.

— Sinto-me hoje mais tranquila do que nunca, dissera a morgada quando acabou de assinar as suas disposições testamentárias.

Ora justamente os três homens, que Manique receou na estrada, tinham ido a Lisboa levantar o dinheiro que viera de França e do Porto.

D. João Bacelar passava agora, como já sabemos, mais incomodado. Abstraía-o uma quase indiferença; e os edêmas palpebrais revelavam a doença de que sofria. Quando melhorava destas crises e voltava ao uso moderado de uma alimentação mista, parecia menos abstracto e taciturno e, por vezes, jogava à noite o *whist* com as pessoas da família, as quais se desvelavam em tratá-lo dedicadíssimamente.

Incluímos no rol das pessoas de família a morgada de Nespereira e Morais Sarmento.

Enquanto durava o regímen lácteo, D. João Bacelar não ía à mesa e Sarmento não consentia que outra pessoa senão êle ficasse entretendo o doente à hora das refeições famíliares.

Felizmente, pouco depois da chegada dos hóspedes, D. João melhorou algum tanto e à noite preferia ouvir música a jogar a sua partida, porque, dizia êle, se fatigava menos e entretinha mais.

Todas as manhãs Jorge e Manique saíam a cavalo, percorriam a herdade que tinha agora especial interesse, porque se estava fazendo o descortiçamento dos sobreiros, ou seja a tirada da cortiça, operação que se realiza de nove em nove anos ou de dez em dez, e que para a morgada de Nespereira, Cecília e sua mãe era completa novidade.

Destas três senhoras, a que mais se interessava pelos assuntos agrícolas era a morgada, coisa fácilmente explicável numa proprietária rural, de mais a mais sendo de diferente região. Fazia preguntas, queria conhecer todos os processos de lavoira empregados no Alentejo, e confrontá-los com os usos da província duriense.

Para que ela pudesse satisfazer a sua curiosidade

quanto ao descortiçamento, Sofia e Jorge resolveram almoçar um dia na herdade com os seus hóspedes.

O Manique foi encarregado de organizar e dirigir o almôço, porque tinha prática de diversões campestres em boa sociedade.

E afirmemos desde já que se desempenhou proficientemente desta alta missão de confiança.

Ele andava nas suas sete quintas, dizia, tinha às ordens o cavalo que o feitor lhe cedêra, dava longos passeios, conversava, ria, e concluia dizendo: «como-lhe bem e bebo-lhe melhor».

Viera por oito dias, mas escrevêra para Lisboa arranjando as suas coisas de modo a poder demorar-se um mês.

Para este almôço fôra convidado o dr. José Palmeiro, que já passara dois serões de música em Monte-Velasco; ficando assente que êle retribuiria almôço por almôço em Monte-Cisne, sob o mesmo pretexto da tirada da cortiça, que em geral se faz simultâneamente em toda a parte, de junho a agôsto.

Enquanto, à sombra de um grupo de azinheiras, José Palmeiro conversava com Sofia e as senhoras Freires, e Jorge, junto das filhas, com a morgada de Nespereira, ordenava Manique os últimos retoques na disposição elegante das viandas e iguarias.

— Na minha terra, dizia D. Isabel Júlia, o sobreiro não abunda e apenas se lhe aproveita a lande para a engórda e a lenha para a queimar no fôrno ou na lareira. Nem sequer lá pensamos na indústria da cortiça.

— Por isso eu, há pouco, chamei ao descortiçamento um trabalho verdadeiramente alentejano. Na Estremadura e outras regiões tambem se cultiva o sobreiro. Mas nós aqui no Alentejo é que possuimos os maiores montados, ou sejam estas extensas matas de azinheiras e sobreiros que v. ex.ª está vendo.

— Deve ser bem remuneradora a produção da cortiça.

— Sim, é. Contudo deve notar-se que o sobreiro não produz cortiça superior antes dos vinte anos, e que o descortiçamento se faz com um longo intervalo de tempo. Ainda assim, o sobreiro é para nós a árvore de maior estimação.

— Como a vinha para o Douro.

— Certo é, mas a vinha produz todos os anos.

Nesta ocasião, Manique, soprando furiosamente numa busina, que servia para chamar os criados e pastores, deu o sinal de ir começar o almôço e todos os convivas, rindo dêste episódio, abancaram bem dispostos.

Da família de Monte-Velasco faltavam ali apenas duas pessoas: D. João Bacelar e Morais Sarmento.

Era a primeira vez, desde a sua vinda para aquele solar, que Sarmento não assistia a uma tirada de cortiça. Mas de bom grado se prestou a acompanhar o doente, dever que a amizade pessoal e a caridade cristã lhe impunham.

Ficaram frente a frente os dois velhos, ambos septuagenários, que mutuamente se estimavam, sentados à mesa do almôço, e Morais Sarmento tomou a palavra para entreter Bacelar enquanto a familia não voltasse da herdade.

O primeiro assunto que lhe acudiu foi, como era natural, a chegada dos corticeiros e a descrição do descortiçamento.

Teve uma interessante digressão quando, como bom alentejano, fez o elogio do sobreiro, árvore abençoada, que tantos préstimos tinha e tanto lucro dava.

Nas suas palavras transluziu por vezes aquela galanteria sentenciosa que o clássico Bernardes, de que êle muito gostava, usou nas graciosas e educativas historiêtas da *Nova Floresta*.

Apesar de velho, Sarmento conversava ainda com vigor; apenas a sua voz carecia pausar de quando em quando.

— Porque o sobreiro, dizia êle, é como certas pessoas que, nascendo humildes, se fazem estimar pelos beneficios que prodigalizam magnánimamente. Seu berço e nascimento contentam-se com terrenos pobres e fracos, ainda que sejam arenosos. A senhora azinheira já assim não é. Requere terra forte, é vaidosa desde que nasce, e não vale tanto. Quase sempre a vaidade tem o contra de ser um pouco balofa e vã. A's vezes, muitas vezes, quem nasce humilde chega a ser útil e prestante. Ora o sobreiro não é, digamos assim, uma «árvore genealógica», porque a sua orígem envolve-se na obscuridade do tempo. Como se formou a primeira grande família, ou seja a primeira mata deste vegetal? Espontáneamente, proveio dos frutos que, antigos sobreiros, avós tão ignorados quanto previdentes, deixaram cair no chão. Durante a infância, o sobreiro chama-se chaparro, como o homem se chama criança... O' sr. D. João olhe que o leite esfria.

— Já vou. Gósto muito de o ouvir, sr. Morais Sarmento.

— São favores de v. ex.ª. Mas vá tomando o seu leite, que eu irei contando... Assim... Agora conto. Em geral os rapazes de pouco prestam até aos vinte anos e o mesmo são os sobreiros. E se dos homens se não pode esperar uma grande obra até aos vinte, tambem se não deve esperar que nessa idade o sobreiro dê boa cortiça. Certo é que não dá. Mas passa outra década e opéra-se a segunda tirada, mais fácilmente do que se extrai um quisto, salvo seja... Sr. D. João, olhe que ainda não esgotou a sua provisão de leite. Faça favor de olhar para o fundo da leiteira.

D. João obedeceu e preguntou:

— Como se faz essa operação?

— Os corticeiros são homens rudes, ignorantes, mas sabem do seu ofício, e operam hábilmente. O instrumento que empregam é um machado de tão fino gume como certas línguas maldizentes que nêste mundo enxameiam. E no cabo toma a forma de palmeta: assim é que um só instrumento vale por dois. O corticeiro risca um golpe de alto a baixo no tronco da árvore e terá que repeti-lo se fôr preciso. Depois abre dois golpes em volta do tronco, um no alto, outro em baixo. Finalmente, com o cabo do machado, ou seja a palmeta, levanta a cortiça pelos cortes como um cirurgião experimentado pode levantar a pele do corpo humano com uma pinça.

— E convirá que os córtes sejam muito certeiros, ajuizou D. João.

— Sem dúvida, para que as pranchas de cortiça tenham todas o mesmo tamanho e para que o machado não ofenda o entrecasco fazendo-lhe um ferimento, que pode ser mortal.

— A que chamam cá o entrecasco da árvore?

— A' parte do tronco que fica entre a cortiça e a madeira.

— Então os senhores esperam que chegue o tempo da tirada sem terem que importar-se nem antes nem depois com o sobreiro. São uns felizarrões!

— Infelizes é que não somos, mercê de Deus. E negligentes ou ingratos nunca seremos. Tão benéfica árvore é tratada com os devidos cuidados. Faz-se-lhe a limpeza do chão desbravando o mato em redor do tronco, e faz-se a limpeza do ar, dizemos nós, podando os ramos sêcos, que dão boas acendalhas para a cozinha. Porque, sr. D. João, o sobreiro não se cansa de ser dadivoso na vida ou na morte. A cortiça remunera o proprietário do montado, bem como os corticeiros e as fábricas onde êles a manipulam

por conta do fabricante. A boleta ou bolota, como lá para cima dizem, engórda o gado suíno. O entrecasco utiliza-se no curtimento de cabedais. E ainda depois de morto o sobreiro enche muitas carradas de boa, excelente lenha, que chamejando na lareira reconforta os serviçais e que nas salas tempéra com o rescaldo da braseira a friura do ar. Mas, sr. D. João, que eu não pareça injusto preconizando os benefícios duma só árvore, porque não esquecerei outra, que enriquece a província onde v. ex.ª nasceu, incluindo a região em que floresce e frutifica aquela espécie de cêpa cantada pelo grande Camões:

> Entre os braços do ulmeiro está a jocunda
> Vide cuns cachos roxos e outros verdes.

D. João sorriu agradecendo e talvez recordando.

Sarmento acrescentou judicioso:

— Lá como Camões pôde encontrar vinhas de enforcado na Ilha dos Amores é que eu não sei, porque tambem ignoro a situação da Ilha.

Bacelar, sorrindo outra vez, mas visivelmente saudoso, respondeu:

— A Ilha dos Amores é onde cada um ama ou amou. Para mim foi Queluz...

Agora sorriram ambos: porque ambos tinham amado.

Durante o almôço na herdade, Jorge e Manique aviventaram a conversação com grande aprazimento das senhoras.

— Eu, suscitou Manique, vou p'ra Lisboa dizer a todos que em Monte-Velasco os hóspedes quase morrem de fome e se aborrecem terrivelmente.

— Vais desacreditar-me, marôto! gracejou Velasco.

— Vou salvar-te, porque se eu fosse dizer a verdade, os teus amigos, os teus conhecidos, e talvez os

peraltas famintos e apeados a quem nunca falaste, viriam a galope de pés pedir-te hospedagem e comer o teu pão ou, melhor direi, a tua padaria. Dentro de dois anos estarias completamente arruinado. Mas eu, o teu velho amigo Manique, prometo salvar-te dizendo a toda a gente que a tua mesa ainda é mais modesta que a do senhor D. Miguel de Bragança.

— Olha que está presente o dr. José Palmeiro, observou Jorge, e eu não quero que assunto algum possa maguá-lo.

— Por Deus! replicou Palmeiro, com presteza. Eu desejo que me considerem como um amigo sincero, e não pretendo obstar a qualquer conversação familiar em que se expandam franca e nobremente os sentimentos de cada um. Peço-lhes que continuem, porque me darão assim mais uma prova da sua boa amizade. E tudo isso já fica tão longe, que só os maus corações poderão alimentar ainda ódios. Não creio que o que se passou no Parlamento, à parte uma ou outra palavra menos delicada, possa representar fereza de sentimentos por parte de uns e outros oradores. V. ex.as, honra lhes seja, teem dado um exemplo nobilíssimo. Os versos de João de Lemos à morte da senhora D. Maria II... Eu sigo esse exemplo, creiam.

— O dr. Palmeiro é um caracter de subido quilate, disse Jorge, e por isso todos aqui o estimamos muito.

— Eu até, volveu Palmeiro, desejaria saber, por mera curiosidade, quais os recursos financeiros do senhor D. Miguel no exílio.

Cecília e sua mãe tinham ouvido atentamente. Educadas num apêgo ferrenho ao miguelismo, segundo a tradição intransigente de 1829, trocaram entre si um rápido olhar de estranheza, a que se seguiu outro olhar, mais claro e demorado, que inconscientemente exprimía respeitosa admiração.

Palmeiro surpreendeu ambos estes olhares, e Velasco tambem.

— Antes de chegar ao assunto a que se referiu o sr. dr. Palmeiro, respondeu Manique, devo dizer que aqui há um tempo o senhor D. Miguel escreveu ao Pereira da Cunha, a propósito da sua passagem pelo Parlamento, felicitando-o pela atitude que tomara e dizendo-lhe que se não desgostasse com o sucedido, porque, em política, as conversas valem mais que os discursos.

— A mim parece-me, ponderou Jorge, que nem conversas nem discursos restauram tronos.

— Comunicava-lhe — prosseguiu Manique — o nascimento da infanta D. Maria Josefa em 1857 e acrescentava que no seu lar apenas se pensava em fazer economias para aplicá-las à educação dos filhos. Tanto assim, que o seu jantar de família constava apenas duma sôpa e dois pratos.

— O sr. D. Miguel, interrompeu Sofia, tinha ainda mais frugal jantar na Alemanha quando era solteiro. Meu pai surpreendeu isto uma vez e ousou lastimar o facto. Mas o senhor D. Miguel respondeu que não podia dar-se banquêtes quem vivia do favor de amigos.

— Eu, minhas senhoras, perorou Manique, nasci com um tal apetite de tubarão que me não permitiria ser princípe exilado em dieta de meias doses.

— Escusas de o confessar. E, contudo, já uma vez, tu, estando sem dinheiro, te privaste talvez de jantar bem...

Manique fez-lhe um gesto de silêncio.

— Agora fico eu muito curioso... disse Palmeiro.

— Não é mistério nenhum, acudiu Jorge. No dia em que o Manique devia entrar com a sua prestação no cofre destinado a subsidiar o senhor D. Miguel e a sua família, sucedeu-lhe não estar habilitado a fa-

zê-lo. E então, não querendo faltar, vendeu uma junta de bois que tinha em muita estimação.

— A minha simpatía pelo sr. Manique redobra desde este momento, afirmou Palmeiro.

— Pois eu tambem estou curiosa por outro motivo diferente, interveio Sofia.

— V. ex.ª dirá.

— Eu gostava que o sr. dr. Palmeiro nos desse a conhecer algum episódio das suas longas viagens.

— E eu satisfarei, muito lisonjeado, a curiosidade de v. ex.ª, quando me derem a honra de ir almoçar à minha herdade. O que desde já posso confessar é que me foi muito útil o conselho de seu marido, que me tinha dito : «Convalesça e viaje.» Se não fosse o morgado Velasco eu teria sucumbido.

Neste momento ia passando a distância, cabisbaixo e respeitoso, de chapéu na mão, o velho *Sete-Estrêlo*.

Vendo-o, Velasco chamou-o.

Sete-Estrêlo obedeceu logo, aproximando-se cheio de timidez e acatamento.

— Por que andas tu tão triste, meu pobre velho ?

— Ah ! senhor morgado, tudo vai a pior...

— Quem te meteu isso na cabeça ?

— São os astros que o dizem.

— Mas o que te disseram êles ?

— As estrelas choram.

— Por que ?

— Porque uma estrela caíu do céu e apagou-se. Era muito linda. E o príncipe coroado, que a viu apagar-se, ficou ainda mais triste e desfalecido.

— Isso são ilusões tuas. Como havias de conhecer o príncipe coroado, que nunca viste ?

— Se o tenho visto, meu senhor ! Muitas vezes.

— Aonde ?

— Lá em cima, disse apontando para o firmamento. E as estrelas nunca choraram tanto como agora...

XIII

A dôce Samaritana

> «Ora ali havia um pôço chamado a fonte de Jacob. Fatigado pois do caminho, estava Jesus assim sentado sôbre a borda do pôço. Era isto quase à hora sexta. «Veio uma mulher de Samaria a tirar água. Jesus lhe disse: Dá-me de beber.»
>
> *Evangelho de S. João*, cap. IV, 5 e 6.

O leitor talvez ainda se lembre de que uma noite, no palacête de Buenos Aires, tinha Manique descrito o dr. José Palmeiro como sendo um rapaz de bigode e cabelo preto, distinto por suas maneiras. Quanto aos olhos não soube classificá-los. Mas o ilustre poeta Pereira da Cunha supôs que seriam cheios de idealidade.

Vão passados oito anos desde essa noite.

A fisionomía de Palmeiro alterou-se entretanto. Os olhos ganharam em doçura o que perderam em fogo; no cabêlo e na barba mesclava-se um ou outro fio de prata, precoce anúncio de velhice aos trinta e três anos, porque as fortes emoções apressam a velhice.

Quanto à correcção de maneiras poderá dizer-se que se havia aprimorado nas viagens, através de sociedades mais civilizadas e cultas do que a nossa.

Palmeiro dava a impressão de um homem que sofrêra desgôstos íntimos e por isso se avelhentára prematuramente; mas que, sendo inteligente e instruído, pudera interessar-se pela vida dos países que percorreu, estudando os seus costumes, visitando os seus museus e bibliotecas, apreciando a sua flora, não já como botánico, porque deixára de herborizar, mas como um simples viajante que gosta de flores.

A botánica era agora para êle uma paixão morta, talvez porque se relacionasse com outra paixão que a inclemência do destino desfolhara irremediávelmente junto de um túmulo.

Na alma de cada homem ilustrado há sempre, como nas livrarias selectas, um livro de subido valor, que se guarda e defende da leitura de pessoas ignaras.

Esse livro é a história completa de uma paixão intensa, de um drama de amor quase sempre infeliz, que as conveniências sociais mandam ocultar da curiosidade alheia. Mas às vezes nas almas que muito amaram fica um rescaldo suave, que lhes permite acalentarem alguma nova afeição, por certo menos violenta, ainda que tão sincera quanto humana.

Tambem, em Buenos Aires, tinhamos ouvido dizer ao morgado Velasco, sem nos recordarmos exactamente das suas palavras, que o dr. José Palmeiro era um homem bem falante, se não eloquente.

Não tinha a pretensão de orador e menos ainda de interruptor. A sua palavra cortês, a sua frase por vezes romântica, adaptava-se sempre a uma prudente oportunidade. Vinha a propósito, não escalava a conversação, e era fluente sem que fosse desordenada. Ouvia-se com interesse e agrado, especialmente quando descrevia reproduzindo impressões pessoais.

Dotado de boa índole e de génio tolerante, Palmeiro nunca sentira ódios políticos, que o tornassem agreste com as pessoas que seguissem outro crédo partidário; e se nessas pessoas reconhecia qualidades que as valorizassem moralmente, não duvidava aproximar-se delas. Fica assim explicada a orígem das relações que travou com o morgado Velasco.

Mas o seu caracter purificou-se ainda mais, como o seu coração, desde que o espírito atingira um alto ideal amoroso, dêstes que não só elevam a graduação social das pessoas, mas tambem lhes insinuam maior nobreza de sentimentos.

Shakspeare fixou esta verdade na bôca de Yorick, «ajuizadíssimo» bôbo do rei de Dinamarca, — assim o qualifica Garrett nas *Viagens* — que passou a vida apaixonando-se já por esta, já por aquela princesa e que apenas se sentia capaz de uma acção vil, contrária à generosidade e benevolência, no intervalo de uma paixão a outra.

O leitor fica desde agora conhecendo melhor José Palmeiro e há de reconhecer, quando o seguir de mais perto, quando o observar e ouvir, que lhe não favorecemos o retrato.

A casa de habitação em *Monte-Cisne* era menos ampla que a de *Monte-Velasco* e o rendimento da herdade era tambem menor, mas podia computar-se na média de dez contos de reis anuais.

Dava o nome ao *Monte* um cisne modelado em lioz branco, na atitude de querer voar, que encimava a porta de entrada. A escultura era ingénua e estava deteriorada. Estas duas circunstâncias faziam supôr que datasse de muita antiguidade, talvez do século XIV. Mas nos documentos vinculares, nem em qualquer outra memória de família, se encontrava referência alguma a pessoa ou facto que o cisne pudesse simbolizar. Por sua parte, o doutor confessava não

saber que na sua gente tivesse havido poetas ou poeta, a que o cisne fizesse alusão; nem *palmeiro* que de longes terras houvesse trazido um dos primeiros cisnes aclimados em Portugal.

Era antiga, de um classicismo valioso, a mobília da casa, mas no dia em que ali entraram a família e os hóspedes de Velasco, para o almôço a que foram convidados, sentia-se ainda um certo «ar de solidão», que denuncía longa ausência e abandôno.

— Ah! meu amigo! dizia Jorge a Palmeiro percorrendo as salas com as senhoras e Manique. Ah! meu amigo! é certo que mandou abrir as janelas e desempoeirar os móveis; há luz e ar, há jarras com flores — galante lembrança de um hómem amável que tinha de receber damas (porque não foi certamente em atenção ao Manique e a mim, dois brutamontes, que as flores foram colhidas); mas, amigo, falta aqui a alma de toda a casa bem organizada, (a minha em Lisboa era dirigida por um triumvirato de criados, faça ideia!), falta aqui uma alma de mulher, que seja o lar, que seja a família, que seja, numa palavra, tudo quanto aqui falta e eu não sei dizer melhor.

— Nem eu. Mas falas certo, apoiou Manique.

As senhoras riram e Palmeiro respondeu sorrindo:

— De certo, de certo. Contudo, meu caro Velasco, eu envelheci tão depressa... que já tenho trinta e três anos e pareço talvez mais velho.

— Diacho! Diacho! você agora carambolou por tabela. Eu casei aos trinta e quatro com esta menina que ainda hoje parece ter vinte.

— Como o sr. meu marido está lisonjeiro! comentou Sofia.

— Eu tenho sido extremamente feliz, continuou Velasco, e meu sôgro, que aos quarenta anos casou com uma senhora que tinha, creio eu, menos de vinte, tambem o foi. E' ouvi-lo. Mas como êle aqui não está,

diga a sr.ª D. Raquel (era a mãe de Cecília) o que se lhe oferecer a respeito desta magna questão da idade dos maridos.

— Apoiado, aplaudiu Manique.

D. Raquel provinha remotamente de cristãos novos da Covilhã e por atavismo personificara na mocidade o tipo genuíno das hebreias formosas. Em Lisboa fôra conhecida pela «linda judía» e ainda agora, perto dos cincoenta anos, se lhe notavam alguns vestígios da antiga beleza.

Sua filha Cecília pouco degenerara das feições maternas. Era tambem elegante e morena, ainda que o fosse menos; mas nos seus olhos luzíam radiações de diamante negro como em todas as mulheres israelitas. E uma noite de carnaval, em que ela foi a casa do marquês de Penalva, vestida de Samaritana, o poeta João de Lemos classificou-a de «visão bíblica, a que nem sequer faltava o perfil hebraico». Donde veio que as suas amigas e outras pessoas mais íntimas a designavam pela «dôce Samaritana» conjugando a recordação daquela noite com a brandura do seu génio.

— Francamente direi, respondeu D. Raquel, que eu, quando era nova, não teria casado com um velho, ainda que me pesasse a oiro. Mas julgo que os homens de meia idade terão a vantagem de não ser já môços, que podem enfastiar-se, nem ainda velhos que aborreçam. Isto é o que eu penso, porque de experiência própria não posso falar: sou apenas mais nova dois anos que o meu Jerónimo, e êle foi sempre, na sociedade e em casa, um homem delicadíssimo. Isto é que me parece essencial: ser delicado.

Esta discreta resposta foi cortada pela aparição da velha ama de Palmeiro, que vinha participar à sr.ª D. Sofia — préviamente investida na missão de fazer as honras da casa—que podia servir-se o almôço quando s. ex.ª determinasse.

Como em Monte-Velasco, porque o pretexto da refeição fôra o mesmo, os convivas em Monte-Cisne tambem almoçaram à sombra de azinheiras, longe do sitio onde os corticeiros andavam trabalhando.

Não precisou Sofia lembrar ao dr. Palmeiro a sua promessa, porque êle mesmo a recordou, e com a maior singeleza e naturalidade começou esboçando levemente alguns episódios de viagem.

Eu não os vou seguir a par e passo, para não espraiar a narrativa; limitar-me hei a sumariá-los de conta própria.

Contando as suas impressões da Andaluzia, foi de Sevilha que principalmente falou, não para repetir o que está dito e sabido, mas para acentuar algumas observações pessoais, revelando, por exemplo, que as mulheres de Sevilha em geral não eram formosas, ao contrário do que se pensava. Qual seria então a orígem desta lenda? Certamente o facto de afluirem à celebérrima feira mulheres de toda a Espanha, entre as quais muitas haverá realmente formosas que ali irão enfeirar-se.

— E posso desde já afirmar a v. ex.as, minhas senhoras, acrescentou êle, que, depois de uma longa viagem através da Europa, trago a plena convicção de que a mulher portuguesa nada perde na simpatia do semblante em confronto com as dos outros países, posto que menos se preze de conservar a primeira impressão que produziu. Ressalvemos, é claro, as excepções.

Sofia denunciava-se contente de vêr confirmados, pela lição dos factos, pensamentos seus, opiniões arreigadas, que eram muito suas.

O dr. confessou haver-se demorado pouco em Sevilha por ter tido pressa de chegar à Alemanha, para conhecer a Baviera. Era, sabêmo-lo já, a terra onde a princesa imperial fôra educada de 1838 a 1850.

Como quem vai de caminho, passou a França, que no regresso apreciaria melhor, dirigindo-se logo a Munich, resolvido a demorar-se na capital bávara por tempo indeterminado.

Assim aconteceu.

Disse que tinha entrado na Baviera com a esperança de encontrar ali uma região cantante e ridente, digna de ter sido habitada por um anjo.

— Mas encontrei altas montanhas contendo lagos, como a nossa áspera serra da Estrela; encontrei um clima frio, nevoeiros espêssos, nortadas agrestes. E esta primeira impressão, que me desgostou, nunca pôde ser vencida pelo aspecto dos jardins, das planícies floridas, dos castelos nobres e dos rios tão decantados, o Reno, o Danúbio e o Meno. Percorrí, é certo, todos os lugares que me interessavam, mas foi na Baviera, justamente na Baviera que eu tanto ambicionava visitar, foi aí que senti o primeiro rebate de saudade da pátria. Há no coração humano contradições inexplicáveis! Lembravam-me as nossas flores, o nosso céu azul, o nosso clima temperado e, olhando para o Meno, recordava-me do nosso estreito, claro e poético Mondêgo, que eu não me fartara de ver durante o meu tempo de Coimbra. Mostraram-me na Baviera grandes sábios e eu detestei-os, porque êles, quando descarregam a sua erudição, esmagam os seus alunos, de um e outro sexo, deixam-nos fatigados, exaustos, arruinados de saude, são, a bem dizer, uns sabichões homicidas. E tornei a lembrar-me de Coimbra, dos seus moderados doutores, bem mais estimáveis por certo, porque ensinam apenas o que os estudantes precisam saber e é o que eles doutores sabem apenas. Apesar de tudo, demorei-me quase mês e meio na Baviera, que minuciosamente vi. Aconselharam-me que fosse à Austria, onde a vida é mais animada e ruidosa.

De repente, Palmeiro voltou-se para Sofia, inquirindo:

— Mas v. ex.ª esteve algum tempo na Alemanha se não me engano.

Ela respondeu:

— Estive sim e achei graça ao que o sr. doutor disse a respeito dos professores bávaros, porque um dêles, a quem meu pai declarou quais as disciplinas que me devia ensinar, abespinhou-se todo recusando a quem quer que fosse o direito de lhe impôr um programa. Em vista disto meu pai não o contratou e êle retirou-se olimpícamente com toda a sua independência e prosápia.

— Se êles são todos assim...

— E de Viena gostou? preguntou Manique.

— E' realmente uma capital alegre e sumptuosa, cheia de ostentação e bulício. O seu *Prater* é verdadeiramente estonteador depois das cinco horas da tarde e os seus cafés, onde se faz talvez a mais electrizante música do mundo, são grandes centros de reunião à noite, desde que os teatros fecham até que a madrugada espreita pelas vidraças. Mas eu às vezes sentia-me aturdído, fatigado, e fugia do meio de uma concorrência tumultuáriamente cosmopolita.

— E' que deve ser triste viajar só, observou Jorge.

— Certamente que é; eu o verifiquei.

— E fui eu que lhe aconselhei a viagem, porque reconheci ser-lhe precisa uma vida inteiramente nova, que o arrancasse da atonia em que estava. Mas, pela minha parte, não viajei nem gósto de viajar. E' mudar de hábitos, perder comodidades, aturar maçadas, conhecer gente que se não torna a ver mais, dormir numa catacumba numerada e ter de acordar ao toque de campaínha de hóspedes retardatários, que entrando nos seus quartos atiram as botas como se fossem calhaus.

— E' isso... é isso, confirmava Manique.

— E, meu caro Palmeiro, nós cá, os lavradores do Alentejo, viajamos sôbre os nossos cavalos pelas nossas terras, temos sempre que fazer e vêr, entretemonos e encontramos dentro das nossas casas o descanso, a tranquilidade, a independência, que se perde nas hospedarias onde todas as pessoas teem direitos iguais aos nossos. Como remédio pode aceitar-se por necessidade. Dr., desculpe a interrupção.

— Conheci em Viena um viajante muito excêntrico, mas homem inteligente e sabedor. Havia entre nós certas afinidades de caracter e situação. James Richmond viajava por desgôstos íntimos, morrera-lhe a mulher e a filha. Queria esquecer, distraír-se. Mas não o tinha conseguido ainda. Regressando da India inglêsa, onde perdêra a família, intentara uma viagem longa: já vinha do norte da Europa quando o encontrei em Viena. Eramos companheiros certos e, conquanto ele fosse um excelente conversador, caíamos frequentes vezes no tédio, no *spleen*. Uma noite, Richmond disse-me: «Creio que estamos ambos saturados de Viena, das suas valsas eternas, das suas cantoras poliglotas, dos enxames de arquiduquezas e arquiduques que tornam a côrte imperial uma espécie de agência de casamentos principêscos. ¿ Vamos procurar alguma variante na pequena república suissa, onde a vida não será decerto tão incómoda para nós?» Eu limitei-me a responder: «Perfeitamente de acôrdo» e no dia seguinte partimos. Em Berne foi-nos preciso regularizar logo os passaportes e às oito horas da manhã tivemos de ir solicitar não sei que sanção do presidente do conselho federal, que é ao mesmo tempo o presidente da Confederação Helvética. Não ousaríamos ter batido à porta se já o não tivesse feito um boletineiro carregado de telegramas, que nos disse: «Isto tudo são notícias da cólera, que vem avançando

do norte.» Um homem singelamente vestido, podendo ser um merceeiro em sua casa, abriu a porta, recebeu os telegramas, e, quando soube o que pretendiamos, pegou nos passaportes, fez sinal para esperarmos, e voltou breve. Era o presidente da Confederação, como quem diz da República. Esta democracia de costumes entusiasmou Richmond; eu disse-lhe apenas: «Nem tanto». Nesse mesmo dia, ao jantar, não se falava senão de cólera e alguns dos nossos companheiros de hospedaria declararam que iam refugiar-se na Itália. Nós ficamos. ¿ Dois homens aborrecidos e tristes, que receio poderiam ter da morte? Permanecendo na Suissa, fizemos despreocupadamente várias excursões, vimos alguns dos seus lagos, dos seus cantões mais produtivos, das suas oficinas metalúrgicas mais notáveis, e assim passamos três semanas sem que a cólera chegasse, o que pouco nos importava. Um dia, depois de consultar o mapa, lembrei a Richmond que tinhamos uma estrada, pela vertente suissa dos Alpes Peninos, para o Grande S. Bernardo, onde eu gostaria de conversar os frades e os cães. Richmond aplaudiu sorrindo: *Oh! yess.* Quando sorria, aprovava incondicionalmente. Tive a ideia desta excursão por que vi no museu de Berne o corpo embalsamado de um benemérito cão de S. Bernardo, que salvou mais de quarenta pessoas transviadas entre os turbilhões de neve ou nas geleiras. Chamava-se Barry e a sua morte foi devida ao equívoco de um homem que, vendo correr para êle um cão corpulento e hiante, o temeu e matou abrindo-lhe a cabeça com o bordão ferrado.

— Eu gostava muito, disse Cecília, de um casal de cães de S. Bernardo que dantes havia na quinta das Lapas, tão inteligentes, tão afectuosos!

— Mas v. ex.ª viu-os fóra da montanha e é lá que êles são heróis sublímes na busca e salvamento dos

viajantes em perigo. Aí é que são admiráveis, assombrosos de perspicácia e caridade.

— ¿Há um hospício para recolher os viajantes?

— Há dois, junto do convento, no tôpo duma garganta dos Alpes. Nós fomos gentilmente hospedados pelos religiosos de Santo Agostinho, que nos confiaram aos cuidados de um dêles, Fra Benigno, natural de Messina, homem de cincoenta e tantos anos, insinuantíssimo. Tinhamos um bom aposento, braseira, licores, livros, taboleiro do xadrez, baralhos de cartas, sentiamo-nos muito bem ali, apesar de bloqueados pela neve. Que soberbo espectaculo esse! Quando algum cão tocava com os dentes a sinêta, iamos assistir à chegada do viajante para que êle pedia socorro e ao seu tratamento. Esses lances produziam-nos sempre uma profunda emoção. Quisemos remunerar a nossa hospedagem e Fra Benigno recusou declarando que o convento aplicava à hospitalidade uma verba anual de cincoenta mil francos (cêrca de dez contos de reis). Contudo entendemos que não deviamos abusar e falamos em partir. Fra Benigno disse-nos que toda a Europa ardia em mortífera cólera de norte a sul e que não consentiría a loucura de seguirmos viagem. Ficamos sem constrangimento. E, semanas depois, Richmond propôs-me que nos associássemos de vez aos serviços humanitários dos religiosos de Santo Agostinho ficando ambos ali indefinidamente. Dissemos isto a Fra Benigno; êle não se mostrou surpreendido, mas sorriu tristemente. Depois confessou que estava capacitado de que Richmond e eu tinhamos desgôstos íntimos e que procurávamos esquecê-los. Mas que tentávamos um caminho errado, porque a vida monástica é, para as doenças do coração, um remédio de efeito muito lento e nunca absolutamente eficaz. Ele amára apaixonadamente e fôra ludibriado. Numa hora de desespêro vestiu a

batina e a murça de Santo Agostinho, escolheu o mais solitário e alpestre convento da ordem, qual era aquele em que estava, mas de tempos a tempos revoltava-se, combatia os seus próprios desígnios e, quando ao cabo de trinta anos se resignara, tinha envelhecido de amargura. «Não, os senhores não tomem essa resolução intempestiva, que os havía de flagelar pela saudade da sua pátria, da sua família, da sua casa, de amigos, de companheiros de outrora.» Então eu revelei a Fra Benigno que já em Viena tinha sentido uma crise de nostalgia; mas que não tinha família nem parentes.

— ¿ O que lhe respondeu êle ? preguntou Velasco.

— Vê, me disse então, como eu conheço o coração humano ? Ambos os senhores estão no mesmo caso e o remédio deve ser o mesmo para um e outro. Precisam fundar uma família.

— Ah ! esse frade, atalhou Velasco, era um sábio maior que os da Baviera todos juntos. Quando se apanha um médico desses manda o bom senso que se lhe aproveite o receituário.

— Mas eu sou hoje um homem incapaz da coragem de fazer uma declaração de amor, nos termos em que elas se fazem aos vinte anos, conquanto esteja convencido de que poderia ser um marido aceitável pela compreensão do que será a felicidade doméstica e pelo que, meu caro Velasco, tenho presenciado na sua casa.

— Pois bem, dr., sôbre êste assunto não precisa consultar Fra Benigno. Eu não sou peor conselheiro (modéstia à parte) e estou muito mais perto. Quando quiser fazer uma declaração, diga-me que eu a farei em termos hábeis como seu bastante procurador. E, para desempenhar melhor o seu papel, o que posso fazer é ensaiar-me antes com a nossa doce Samaritana.

Sorrisos alegres agraciaram todas as fisionomias.

— Com quem? interrogou Palmeiro.

Então Sofia, muito contente, interveio para explicar a razão desse carinhoso tratamento que as amigas de Cecília lhe davam na intimidade.

O dr. tinha acompanhado com um gesto de aplauso a explicação de Sofia.

Mas Velasco, homem de resoluções prontas, voltou-se para Cecília, cujas faces se tinham purpurejado, e disse:

— Se a Samaritana estivesse à beira da fonte e um caminheiro, bom e triste, se lhe quisesse declarar, o que faria ela?

Cecília respondeu com doçura e dignidade:

— Naturalmente contar-lhe-ia primeiro a história das suas próprias desventuras.

Como um homem que, supondo-se semi-morto, adquirisse súbitamente a esperança de ter ainda a viver uma nova existência, o dr. Palmeiro, muito surpreendido de si mesmo, deixou perceber a sua comoção dizendo:

— Depois dêste agradável incidente, os restantes episódios da minha viagem empalideceriam perdendo qualquer interesse que possam ter. Ficarão pois adiados para algum dos nossos serões em Monte-Velasco.

Manique, dali a pouco, rosnava com a maior seriedade a Jorge:

— Vê lá agora se te lembras tambem de casar-me com a D. Isabel Júlia!

Sofia, exultante, beijava Cecília. D. Raquel, simulando conversar com a morgada, enfiava palavras sem nexo, como num sonho ou num delírio.

A' noite, em Monte-Velasco, o dr. Palmeiro foi sentar-se junto de Cecília para lhe pedir a narrativa das amarguras que a Samaritana quereria contar ao caminheiro triste.

Com a sinceridade de um bom caracter e sem o constrangimento burguês que embaraça as maneiras, ela miudamente referiu a história do seu namôro, do seu projectado casamento e, por fim, a perfidía vilanaz de Ricardo. Concluiu dizendo que, por intermédio dum amigo da família, lhe tinham sido restituídas as suas cartas, devidamente numeradas, e que ela as entregaria lealmente ao homem que houvesse de ser seu marido.

— Pois esse homem sou eu, respondeu convictamente o dr. Palmeiro. A nossa situação é identica, com uma única diferença apenas. A «doce Samaritana» amou e eu amei. Mas a «Samaritana» encontrou um vilão e eu encontrei um anjo. O vilão fugiu, desertou indignamente. O anjo bateu as asas para o céu, talvez contente — quem sabe? — porque outra solução lhe não permitiriam as conveniências sociais. Aqui está a diferença. Já vê a «doce Samaritana» que estamos um e outro em igualdade de circunstâncias. Nas mãos da minha noiva depositarei um cofrezinho contendo memórias do passado. Assim permutaremos o mais claro testemunho da nossa mútua confiança e lealdade. Agora resta ponderar que as nossas idades são diferentes...

— E Jorge? e Sofia? interrompeu ela.

— E' verdade. Mas importa saber se poderá haver perfeita concordancia entre os nossos corações, como entre Sofia e Jorge.

Cecília ia responder, quando Sofia, abeirando-se radiosa, desfechou esta pregunta:

— Estão entendidos, não é verdade?

Palmeiro e Cecília responderam com um sorriso que afirmava.

— Pois então, tornou Sofia, dou ao sr. dr. Palmeiro os meus cordiais parabens, porque escolheu para sua mulher uma criatura angelical, de nobre coração, de

caracter imaculado, de génio submisso, que eu amo como se fosse minha irmã dilecta. Sinto-me contente por saber que ela vai ficar perto de mim, entregue a um marido, que eu e o Jorge estimamos muito pelas suas raras qualidades.

— Minha senhora, agradeço comovidamente as suas felicitações, que eu recebo como sendo a profecia certa da minha felicidade conjugal. Um acaso me aproximou da sua dilecta irmã, e assim como a Biblia diz que foi pela Samaritana que se congraçaram os habitantes de Samaria e os da Judeia até então malavindos, tambem eu posso dizer que pelo meu casamento se desvanecem completamente antigas dissidências políticas, já muito delidas pelo tempo.

Ainda depois da primeira quinzena de novembro se falava insistentemente do terremoto do dia 11 daquele mês, que causara estragos, e ainda os jornais traziam pormenores do grave incidente da barca francêsa *Charles et Georges*.

Um ano antes, em 1857, êste navio havia sido apresado pelo patacho de guerra português *Zambeze* na baía de Condúcia ao pé mesmo da cidade de Moçambique, por ter a seu bordo 110 escravos, dos quais 58 foram comprados em Quitangonha, e iam amarrados uns aos outros no porão.

Trazido, como boa prêsa, para o Tejo, uma longa correspondência foi trocada entre o governo de París, que reclamava a restituição da barca francesa, e o governo de Lisboa, que se negava a fazer a entrega.

Mas, em fins de outubro de 1858, os ministros de Napoleão III passaram das palavras diplomáticas à violência dos factos e mandaram o aviso-a-vapor *Le Requin* buscar ao Tejo a barca negreira *Charles et Georges*, exigindo ainda uma indemnização de cêrca de 63 contos de reis.

O governo português entregou a barca, sem resistência, e pagou a indemnização.

Quanto maguaria o rei D. Pedro V e o brio da nossa gente êste vexame nacional!

D. João Bacelar, ouvindo da bôca de Morais Sarmento a narração de tão deploráveis acontecimentos, tirou da sua debilidade de doente um resto de energía varonil, para sentidamente pronunciar estas palavras:

— Foi a segunda vez!... Ainda me lembro bem... Em 11 de julho de 1831 entrou no Tejo uma esquadra, enviada pelo governo de Luís Felipe, que a pretexto de retalições nos levou para França quase todos os navios da nossa esquadra. Foi que o senhor D. Miguel I não teve melhores ministros que seu segundo sobrinho, actualmente reinante.

Nisto sentiram-se discretos passos junto aos aposentos de D. João Bacelar. Eram Cecília e Palmeiro, que em plena lua de mel vinham cumprimentar, acompanhados por Sofia e Jorge, o velho conde de Altamira.

XIV

Alvores da libertação da terra

> «...a minha opinião era pegar em meia folha de papel e publicar uma lei acabando com todos os morgados; e se os senhores os não quizerem agora destruir, lá virá algum dia um homem energico, como outros que têm apareciido, e acabará com elles.»
>
> JOSÉ ESTÊVÃO — *Discurso parlamentar*, *1854*.

O casamento de Cecília Freire produzira na sociedade legitimista uma grande sensação, especialmente entre as mais íntimas amigas da noiva.

Ema de Sequeira e Mimi de Vilhena — as duas virtuoses que completavam o quartêto — tinham ido hospedar-se em Monte-Velasco, sendo acompanhadas na viagem por D. Raquel, que viera a Lisboa buscar o marido, e por Manique, de quem se podia dizer, porque êle o dizia, que se tambem veio a Lisboa foi pelos cabêlos.

Cecília permanecêra em Monte-Velasco, junto de Sofia, desde a noite da declaração de Palmeiro, noite que lá se ficou chamando «o serão da Samaritana».

Jorge, sincero e generoso, como em geral os alentejanos, gostava de ter hóspedes em casa, mórmente se não fazia ceremónia dêles. Mas desta vez ficou contentíssimo de receber as duas amigas de Sofia e de Cecília, o que equivalia a uma ressurreição, pelo menos temporária, das noites de Buenos Aires.

— Teu pai, dizia êle a Sofia, tambem há de estimar tornar a ouvir-vos todas quatro, e bem precisa que o distraiam porque a doença vai-lhe apurando a paciência, coitado.

— E' verdade, é, pobre pai! soluçava Sofia.

E logo Jorge, para desviar o assunto triste, disse a meia voz:

— Sabes tu que estou muito atrapalhado?

— Com que?!

— Com a chegada da Ema e da Mimí, que certamente ouviram dizer em Lisboa que eu fundei uma agência de casamentos em Monte-Velasco e vinham fiadas em que lhe arranjaria noivos com tão boas informações como o dr. Palmeiro. ¿Mas onde os há?! Onde os temos nós?! Até já me lembrei do Morais Sarmento...

Sofia largou a rir.

— Tens coisas! Tens coisas!

Na ante-véspera do casamento, Palmeiro recebeu da mão de Cecília o maço de cartas escritas a Ricardo e, serenamente, foi queimá-lo na braseira que, decorrendo já novembro, aquecia o salão de Monte-Velasco.

Um ou dois dias depois do casamento, Palmeiro cumprira o que havia prometido: entregou a Cecília o cofre em que guardava quaisquer memórias da sua vida de solteiro.

Era uma bocêta de sândalo, abaùlada, com fechadura e argolas de prata.

Recebendo-a, Cecília pediu um momento de de-

mora: foi ao seu toucador buscar uma fita de sêda branca e, chamando o marido ao escritório, cintou o cofre com a fita, lacrando-a depois com o sinête dos Palmeiros: um cisne levantando as asas.

Muito gentil esta recíproca galanteria dos noivos, e basta talvez como programa da estima e delicadeza com que se tratariam na intimidade. Mas o leitor e eu sentimos, decerto, ficar ignorando que segrêdos e recordações se continham naquêle cofre de sândalo, onde porventura encontraríamos alguma página brasonada, mais simples e eloquente que as biografias oficiais de personagens principêscas.

Houve no partido legitimista alguns caturras que não gostaram do casamento de Cecília com um liberal. Mas, diga-se a verdade, foram poucos, porque a geração dos intransigentes estava já morta ou, pelo menos, já moribunda.

D. João Bacelar, homem de claro juizo, maior que a sua ilustração, depois da desgraça de D. Miguel continuou amando pessoalmente o seu querido rei exilado, mas discordava frequentes vezes da orientação política do partido. Tivemos ocasião de o ouvir discorrer a este respeito mais de uma vez. Era, há longos anos, um desiludido, e agora, moído pela doença, com o coração limpo de ressentimentos antigos — ódios jámais êle sentira — definiu numa rápida frase a sua opinião sôbre o casamento de Palmeiro:

— Foi bom, foi bom. E' melhor assim. O que a paz não fizer, nunca o poderá fazer a guerra.

De janeiro de 1859 em deante os padecimentos de D. João foram a única sombra que pairava no plácido horizonte de Monte-Velasco. Palmeiro e Cecília iam passar muitas horas numa dôce familiaridade com os seus vezinhos e amigos, fazia-se música, se D. João o desejava, ou jogava-se, quando êle o podia supor-

tar; e as duas filhas de Velasco já vinham à sala recitar versos que lhes tinha ensinado a morgada ou pianejar no manicórdio rudimentos, exercícios, composições facílimas, que lhes ensinava pacientemente Morais Sarmento.

A's vezes D. João queria que a morgada lesse trechos da Bíblia, que êle gostava muito de ouvir, ou algumas páginas dos bons poetas e prosadores do Romantismo. A morgada era, realmente, uma leitora primorosa e sabia, como poucos ensaiadores, ensinar a arte de bem falar e dizer. Isto ficou plenamente demonstrado esse ano no septuagésimo aniversário natalício de D. João, em que D. Isabel apresentou Maria Manuela e Henriqueta a dialogarem umas conceituosas quadrinhas, que Morais Sarmento, homem de aptidões omnímodas, soube escrever evitando a falsa noção zoológica e a fictícia moralidade propinadas às crianças pelos apólogos.

Eram estas redondilhas símplices:

— Boa menina! que trazes
N'esse teu lindo cestinho?
Não vão travêssos rapazes
Derrubar-t'o no caminho.

— Eu luctaría três horas
Co'a força que um leão tem,
Porque levo aqui amoras
Para dar a minha Mãe.

— Que grande felicidade
E' ter Mãe! Triste sou eu,
Que perdi em tenra idade
Aquella que Deus me deu.

— Vem vêr a minha, desejo
Concorrer para o teu bem.
Ella dá-te logo um beijo,
Que te há de saber a Mãe.

Oh! quanta gracilidade inocente na intenção, na inflexão, na côr de cada frase que passava pelos lábios vermelhos e finos das duas pequeninas *diseuses*, não tendo uma sete anos completos, nem a outra seis!

Ao avô, aos pais, a todas as pessoas que ali estavam nessa noite encantou aquele infantil diálogo, antecedido por um sólo de harpa, que Cecília tocou modelarmente, e seguido de uma *rèverie* na cítara em que Sofia conseguiu atingir a brilhante interpretação de um vago sonho de artista.

Já Ema de Sequeira, Mimi de Vilhena e Jerónimo Freire tinham regressado a Lisboa. Em Monte-Cisne ficára D. Raquel, e em Monte-Velasco o Manique, que fazia ausências de quando em quando para tratar dos seus negócios, mas voltava logo que podia para não perder os seus «direitos de hóspede crónico».

D. João Bacelar chorou e riu ouvindo as netas, e escusado seria dizê-lo, porque no sorriso dos velhos há sempre alguma lágrima, visível ou oculta, lágrima que é a expressão da saudade, do desalento e talvez do receio de que aquele sorriso seja o último.

Desde que a doença o enervava tudo ia morrendo nêle, menos a memória das coisas remotas e com ela o clarão desse luar da alma que nos deixa ver o passado frio e morto como os montes desertos e os vulcões extintos da lua.

Então falava enternecido do senhor D. Miguel, das senhoras infantas, dos saraus e espectáculos em Queluz, das toiradas em Salvaterra, das caçadas de Mafra, das merendas e cavalgadas, de toda uma sociedade que se afundára nas suas mesmas recordações serenas e melancólicas.

Fazia repetidas vezes o elogío do senhor D. Miguel por estas ou idênticas palavras:

— Vejam como êle, desde que não sofre o embate

dos políticos, revela prudência, tino e dignidade no que diz e escreve. Vejam com que espírito de economia e decência este senhor sempre se tem administrado no exílio, principalmente agora que lhe pesam as responsabilidades e cuidados de uma família já numerosa. Bem sei que tem a seu lado a raínha, senhora de muita ponderação e de outras grandes virtudes. Tivesse tido el-rei a acompanhá-lo outrora homens que valessem tanto como ela...

Depois que despeitorava estes íntimos desabafos, ficava silencioso por algum tempo, até que, suspirando a espaços, acabava por abrir a sua bolsa de prata e tirar dela duas moedas de ouro, que mirava, remirava num enlevo de saudade.

Eram duas peças de 7$500 reis, uma que fôra cunhada em 1828 e outra em 1830.

Ambas tinham a efígie de D. Miguel, na idade pouco distante daquela em que o retratou Giovanni Ender, em Viena de Austria.

Bacelar contemplava o perfil do rei numa adoração extremosa e, muitas vezes, beijava respeitosamente cada peça como se fosse a régia mão.

Certo dia chegou uma carta de Bronnbach, que Sofia e a morgada receberam no caminho quando, por um tépido sol de inverno, regressavam de Monte-Cisne, a pé, apenas acompanhadas pelo escudeiro Manuel Brás e o cão de guarda.

Sofia já de algum tempo havia modificado as *toilettes* de passeio, por combinação com a morgada, num sentido de maior simplicidade, especialmente de absoluta independência das prescrições da moda e das modistas.

Os chapéus caros de Lisboa, que variavam caprichosamente de ano para ano, foram banidos, substituindo-os uma espécie de coifa, que Sofia se lembrava de ter visto numa revista francesa, a qual lhe dava o

nome de *bavolet* e a descrevia como toucado modesto de camponesas.

A morgada aceitara logo o plano e executára-o com a singeleza que um costume aldeão requeria e com o bom gosto que a sua adopção por senhoras de boa sociedade não podia deixar de impôr.

Os casacos, as capas, os manteletes de veludo ou de pano foram substituídos por uns modestos capotinhos de cabeção, que pendiam elegantemente até aos pés, e que resguardavam o pescôço com uma gola alta, fechada por alamares.

O calçado para inverno eram os antigos chapins portugueses, de que usaram as raínhas da primeira dinastia, e não sei se outras, feitos de quatro ou cinco palmilhas de sobreiro.

Dizem cronistas velhos que as damas, em geral, gostavam deste calçado, que as fazia mais altas.

Velasco não era da mesma opinião, porque, dizia êle, a figurinha de Saxe que era sua mulher perdia com os chapins a galanteria dos pés, das passadas saltitantes de arvéloa e da estatura de boneca.

Ela respondia-lhe, rindo, que o chapim, se não era madrigalêsco, era prático, e que certos reis até consignavam, por doação, verbas especiais para os chapins das raínhas.

— Sim, minha senhora, afirmava Morais Sarmento, as rendas da vila de Alenquer pertenciam ao senhorio das raínhas com aplicação aos seus chapins.

— Vês tu, Jorge?

E Sofia marchava triunfal deante dêle, muito graciosa com o seu *bavolet*, o seu capotinho azul-escuro e o seu bordão ferrado, triunfando da grossura dos chapins.

Velasco rendia-se ao encanto dessa pequenina peregrina, que parecia vir de muito longe, talvez do tempo de Afonso III, convencida por certo de que,

se as raínhas eram lindas, os chapins não as desfeavam.

Sofia, quando recebeu a carta e pelo sinête reconheceu de quem era, mandou chamar Jorge.

Ele veio e preguntou que novidade tinha havido.

— Esta carta de el-rei.

— Ah! vamos lê-la, que o primo D. João terá prazer em ouví-la.

O senhor D. Miguel felicitava o seu bom amigo conde de Altamira por estar residindo no Alentejo com sua filha, genro e netas. A vida de província era quase santa, pelo menos era patriarcal. Êle, D. Miguel, assim vivía em Bronnbach, tendo apenas o pesar de Bronnbach não ser uma terra portuguesa, porque a saudade da pátria, ainda que adoçada por uma agradabilíssima vida doméstica, o não abandonava nunca. Participava que a sua família tinha aumentado com o nascimento de mais uma filha, que recebêra o nome de Aldegundes. Dizia-se agora mais feliz do que se reinasse em Portugal, país tão flagelado por desgraças de toda a espécie. E, a propósito, referindo-se a seu sobrinho o sr. D. Pedro V, dizia: «Pobre rapaz! que me parece ser digno de melhor sorte.» Falava da raínha Adelaide como da melhor das esposas, e dos filhos que confessava serem interessantes crianças, inteligentes e meigas. Por último não se esquecia de mandar cumprimentos para os seus dois correligionários, «senhora D. Isabel Júlia de Melo e o sr. professor Morais Sarmento, que faziam parte da família Bacelar, por justo título».

D. João, muito comovido, mal pôde dizer:

— Que grande coração o dêste príncipe tão mal julgado!

A morgada e Morais Sarmento tinham os olhos rasos de lágrimas.

Sofia, querendo cortar este impressivo incidente, pôs na sua voz uma tonalidade alegre:

— Meu pai, a senhora D. Isabel e eu trazemos-lhe uma agradável notícia.

D. João ergueu os olhos chorosos, como se interrogasse.

— O dr. Palmeiro disse hontem à Cecília que tinha encarregado o Jerónimo Freire de subscrever em nome dela para os alimentos da real família exilada, e que lhe entregára logo a primeira prestação, encarregando-o de lembrar-lhe as seguintes.

— Vejam se eu tenho ou não razão quando digo, comentou com voz trémula Bacelar, que nunca poderia a guerra conseguir o que a paz não puder fazer.

— Agora peço eu a palavra para dizer duas coisas, parlamenteou Jorge.

— Tem a palavra o sr. morgado Velasco, respondeu Sofia, mas há de dizer quatro coisas.

— Direi duas, que hão de valer por quatro.

— Adeus, modéstia...

— A modéstia é a hipocrisía dos vaidosos.

— O sr. morgado Velasco está fóra da ordem.

— Que admira! Como não sou padre, nunca tomei ordem nenhuma.

— Faça de conta, sr. morgado, que eu tóco a campainha.

— Pois bem. Já estou campainhado e, mesmo sem copo de água, vou falar.

— Posso mandar-lhe servir café, que é bebida mais própria para os discursos de inverno.

— Aceito e agradeço.

— Pois fale e o café virá.

— Confio na presidência e falarei. Dizia eu ..

— Ainda não tinha dito nada.

— Dizia eu que ia dizer.

— Queira então dizer o que ainda não disse e devia ter dito.

Todo êste rápido jogo floral de gracejos, que borboleteava sôbre uma evidente felicidade conjugal, foi sublinhado pela fisionomía risonha dos ouvintes, incluindo o valetudinário D. João.

— Atenção, que vou principiar. Quem descobriu a nobre alma do dr. José Palmeiro fui eu e por isso o atraí a mim e lhe dei sempre a consideração que merecia. E' um sábio? é um poeta? Seja como fôr é um homem de bem, um perfeito cavalheiro Acabo de dizer a primeira coisa para que pedi a palavra. Direi agora que sinceramente me congratulo com el-rei pelo nascimento de mais uma infanta, mas que faço votos para que a fisionomía, as virtudes e o destino de sua alteza sejam mais brilhantes que o seu nome de baptismo.

— Não tem nada de bonito, não, concordou a morgada.

— Minha senhora, é preciso reconhecer que os nomes dos princípes, especialmente das princesas, quando soam bem ao ouvido do povo, são elementos indirectos de propaganda monárquica. O nome e sobrenome de el-rei o senhor D. Miguel vulgarizaram-se entusiásticamente. Depois que a mãe do senhor D. Pedro V subiu ao trono surgiram dezenas de Marias da Gloria. E há um ano a esta parte o nome de Estefánia, que não era corrente em Portugal, já vai aparecendo até nas aldeias.

— Pois não é, segundo parece, porque a princesa alemã que veio para Portugal procure a evidência. Já o Manique nos contou que o senhor D. Pedro V e a sua noiva aparecem pouco em público e apenas dão alguns passeios campestres pelos arredores de Lisboa.

— A mim disse êle, acrescentou Jorge, que a se-

nhora D. Estefánia vestia com simplicidade e que usava o penteado em bandós, como tu.

Longe estava de pensar a família de Monte-Velasco, nessa hora, que dentro de poucos meses a raínha de Portugal faleceria prematuramente, vitimada por uma angina difetérica, ao cabo de treze meses de casada, no dia 17 de junho dêsse ano de 1859.

Os astros que *Sete-Estrêlo* tinha visto chorar falavam verdade.

E as profecias sinistras dêle continuavam a trazê-lo amargamente preocupado, a ponto de certo dia revelar em segredo a D. Isabel:

— Senhora morgada, reze, reze, porque eu vi maus sinais sôbre Monte-Velasco.

D. Isabel ficou muito impressionada, recomendou-lhe silêncio e ela mesma o guardou, sem contudo poder afastar do seu espírito uma vaga apreensão.

Só os tempos ditosos parece correrem velozes, mas os últimos meses de 1859 e os primeiros de 1860 dir-se-ia que passaram depressa, conquanto não trouxessem surpresas agradáveis nem para o reino, nem para a família de Monte-Velasco.

Na câmara dos pares viera à discussão um assunto, que interessava os administradores de casas vinculadas e por isso era versado por Jorge e Palmeiro, quando não estava presente D. João, cujos padecimentos se haviam agravado entretanto.

Tratava-se de uma proposta de lei, em que se fundiram três, e que tivera iniciativa naquela câmara.

Não se propunha ainda a desvinculação geral ou a libertação incondicional da propriedade. Mas para lá se caminhava por um processo lento.

A proposta de lei restringia a ordem de sucessão, obrigava os administradores de vínculos a registrarem-nos dentro de dois anos nos respectivos governos civís e considerava como livres e alodiais os que

não fossem registrados; permitia a desvinculação por terças partes e a venda de bens vinculados para pagamento de dívidas, bemfeitorías e encargos diversos; abolía desde logo os vínculos que não tivessem de rendimento anual líquido quatrocentos mil reis.

Respeitava os que fossem administrados pelos pares do reino, ainda que rendessem o mínimo fixado na lei, e os da casa de Bragança.

Uma noite, em Monte-Velasco, dizia Jorge ao dr. Palmeiro:

— A instituição vincular, para ser radicalmente extinta, apenas espera a aparição de um homem ainda mais audacioso que o marquês de Pombal e Mousinho da Silveira, os quais a modificaram deixando-a de pé. Que a aniquilem pouco me importa, porque eu continuarei a ser para toda a gente o morgado Velasco: hábitos adquiridos não se perdem fácilmente. E você continuaria a ser o morgado Palmeiro, se o povo o não tratasse por doutor. Eu herdei a vinculação sem lhe desconhecer as vantagens, sendo a primeira a integridade das casas, nem os defeitos, o maior dos quais não afectou a minha família, porque não tive irmãos, ninguem ficou prejudicado pelo meu direito hereditário.

— Nem eu os tive, interrompeu Palmeiro.

— Nem meu sôgro os tinha.

— Mas todos nós conhecemos morgados que dissipavam as suas casas, ao passo que os irmãos viviam das magras sôpas que a lei lhes dava, e o morgado às vezes lhes regateava.

— Assim era. A desigualdade de posição dentro da mesma família sempre me repugnou e afianço-lhe, meu caro Palmeiro, que eu não haveria usado o direito de primogenitura se tivesse tido irmãos. Mas como não tinha, meti-me dentro do meu papel e tratei de ser morgado com mais algum juizo que a maior

parte dos nossos colegas. Quanto a letras sempre fui uma lástima...

Palmeiro sorriu-se.

— Mas peor era ainda com as irmãs dos morgados, fidalgas irrisóriamente pobres, que não tinham quem quisesse casar com elas e por isso ou se refugiavam nos conventos ou faziam tolices escandalosas. Caro dr., eu não registrarei os meus bens, porque tambem os quero livres, não desejando que uma das minhas filhas seja, por herança de seus pais, mais rica do que a outra. Positivamente, não registro.

— Temos ainda dois anos deante de nós, temperou Palmeiro.

— Não registrando poderemos dar vivas à libertação da terra com bem mais dignidade que os pares do reino, que vão pimpando de liberais e salvaguardando os seus vínculos. Que maganões estes legisladores, que a si mesmos se exceptuam à sombra de uma legislação de funíl!

— Seu sôgro, meu caro Jorge, teria desgôsto se soubesse o que se passa?...

— Decerto, porque êle é fundamentalmente um tradicionalista. Mas tem bom senso, tem razão clara... Teve, coitado! porque já está muito indiferente, a não ser quando se fala da pessoa do senhor D. Miguel.

Na câmara dos pares a discussão de tão importante proposta de lei fez-se em quatro horas apenas.

Na câmara dos deputados tudo correu (correr é o termo) com idêntica velocidade. A proposta chegou lá no dia 23 de julho, nomeou-se uma comissão especial, escolhida a dedo, que no dia 24 deu o seu parecer, o qual foi impresso no dia 25 e, ainda molhado do prelo, distribuido nesse mesmo dia, começando a ser discutido no dia 26.

O deputado Antonio Feio propôs como questão prévia o adiamento da discussão por oito dias.

Esta questão prévia ficou em discussão conjuntamente com a matéria principal.

Um nobre orador extraviado da casa de Marialva, o mesmo D. Rodrigo de Menezes que nós já conhecemos, usou da palavra não para combater a proposta de lei, mas para censurar a incongruência das excepções.

Produziu hilaridade um dos trechos do seu discurso, em que dizia:

«Sr. Presidente. Deus criando a terra deixou-a livre para todo o homem a adquirir com o seu trabalho e a sua indústria; e desde o momento que se permite, por uma lei vincular, que em uma, duas, três ou quatro famílias se vincule uma grande porção de terra, desde esse momento acabou para todo e qualquer homem a liberdade de adquirir, porque se aqueles que possuem os vínculos tivessem tido o necessário juizo para os governarem, v. ex.ª havia de ver que Portugal todo era um grande vínculo; mas, por fortuna, Deus assim que o homem herda um vínculo tira-lhe metade do juizo necessário para o governar, e quando alguns herdam dois perdem todo o juizo».

— Isto é falso, comentou Jorge quando Palmeiro lhe mostrou o *Diário de Lisboa*, porque eu administro agora dois vínculos e tinha juizo para administrar quatro... com a ajuda do Morais Sarmento.

Falou depois o deputado Pequito de Seixas e logo após Nogueira Soares, que defendeu os interesses dos menores e interditos e fulminou à maioria uma apóstrofe indignada: «Mas notai vós, que hoje ides espoliar tantas famílias: podeis amanhã tambem ser espoliados das vossas propriedades.» Em seguida orou Melo Soares metendo a ridículo os tímidos, que julgavam a monarquia perdida se aquela proposta de lei fosse aprovada.

Nesta altura o deputado Rocha Peixoto assoprou

um tremendo abafarête, o qual apagára os pavíos intelectuais da discussão, pelo que foi rejeitada a questão prévia e aprovada a generalidade da proposta de lei: 75 votos contra 22.

Passou-se à especialidade, mas a breve trecho reconheceu-se haver falta de número.

No dia 27 continuou a discussão por títulos.

Pinto Coelho salientou que esta lei era uma lição dada aos autores dela, que a julgavam o único meio de restabelecer a instituição vincular de acôrdo com as instituições vigentes, ao passo que a comissão dizia aceitá-la como um dos meios de extinguir os vínculos.

Tal êrro de optica política, apontado pelo tribuno legitímista, devia surpreender... as galerias.

José Estêvão disse energicas e severas palavras. A sua voz troou bradando: «A instituição dos morgados deve cair, porque é a negação dos direitos de família, porque é imoral, porque é condenada pela religião, porque é o comunismo mais estulto e funesto que há.»

Foi aprovado novo abafarête e, pouco depois, toda a especialidade estava votada.

Começavam a debandar os deputados, mas José Estêvão susteve-os para dizer ainda: «Mousinho da Silveira declarou, à hora da morte, que as duas cousas de que levava profundo arrependimento eram ter sido ministro na nossa terra e não ter abolído os morgados.»

A's quatro horas e um quarto da tarde encerrou-se a sessão.

Nesse mesmo dia, a essa mesma hora — singular coincidência — falecia em Monte-Velasco, vitimado por um ataque de urémia, o morgado de Altamira, D. João Bacelar.

As pessoas da família revezavam-se de dia e noite na assistência ao doente.

Quando êle expirou, velava junto ao leito a morgada de Nespereira com enternecida piedade.

Depois, a soluçar convulsa, ajoelhou para rezar, e esteve em oração mental alguns minutos.

Erguendo-se, como que tentou reconhecer a fisionomía de D. João, agora macabramente perturbada pelos edemas palpebrais, pela contorsão da bôca e pelo livor das faces e pescôço.

Enquanto fechava os olhos ao morto, D. Isabel Júlia, evocando lembranças de um passado longinquo, insistia nêste pensamento que a horrorizava:

— Como a velhice e a doença puderam desfigurar assim o homem insinuante e distinto... que eu tanto amei!

XV

Abjurando S. Carlos

A tua casa! Um dia abençoou-a Deus,
E quem deixa cahir os astros pelos ceus,
Quem deu ao campo a flor e cobre as ruinas d'hera
Encheu-a d'affeições, e luz, e primavera!

GUILHERME BRAGA — *Heras e violetas.*

Sofia e Jorge acompanharam até Lisboa os restos mortais de D. João.

E o velho escudeiro Manuel Brás veio tambem, prestando homenagem à memória de seu falecido amo, a quem tinha seguido para Monte-Velasco, conquanto o minassem saudades da terra natal, que refinam com a velhice.

A irmã de Manuel, mulher de um sargento reformado do corpo de marinheiros, vivia na *cave* da residência de Buenos Aires, cuja guarda lhe havia sido confiada.

Por vontade de Sofia, a urna funerária esteve durante algumas horas em câmara ardente nesse palacête, de que seu pai tanto gostava, e no mesmo gabinête que fôra escritório dêle.

Dir-se-ia que Bacelar ali estivera ainda na véspera, vivo e são, porque os móveis conservavam a mesma

posição em que a família os deixou, e uma pena de rama, poisada sôbre o tinteiro, parecia poder ter servido, pouco antes, ao pai ou à filha, mais verosímilmente à filha.

Reparando nos móveis, Sofia revoltou-se contra a indiferença soberba das madeiras, que vivem séculos, ao contrário das flores, que vivem horas. Um colôsso vegetal, ainda que enfêrmo, não se deixa demolir senão a ferro e sofre a sua queda com o estoicismo dos atletas, mas a agonia duma rosa, que emurchece para morrer, é uma coisa bem perceptível e visível. Irritava-a a serenidade altiva dêsses lenhos, que o marceneiro trabalhou, companheiros de tantos anos, testemunhas de tantos lances da vida íntima, confidentes de tantos segredos de família. Pois nem a luz amarelada de quatro círios parecia iluminá-los e aquecê-los: eram crassamente insensíveis, irritantemente ingratos.

Mas ainda mais impressionou Sofia, pelo contraste com o mobiliário, a imagem de um Cristo de marfim pregado numa cruz de pau santo com embutidos de madrepérola, em cujas faces doloridas escorriam fios de lágrimas e de sangue orvalhando uma divina expressão de clemência, misericórdia e doçura.

O escultor soubera espiritualizar a figura suave do compassivo Nazareno numa alta concepção de arte e de verdade. Por isso aquele Cristo de marfim merecêra sempre grande estimação a D. João Bacelar, que todos os dias, ao entrar no escritório, erguia para Êle um olhar reverente e confiante.

Mas nesse dia triste era Cristo martirizado que parecia olhar piedoso para a urna que encerrava os restos mortais dum crente sincero, de um homem bom e honrado, que jámais semeara ressentimentos ou ódios.

Pelas salas de Buenos Aires passaram, em visíta de pêsames, dezenas de senhoras, talvez centenas de

homens, que constituíam a mais pura aristocracía legitimista: dêles, já muito poucos restavam da geração cuja mocidade florescêra entre 1823 e 1834, mas eram filhos e netos seus, que guardavam a fé partidária, sem terem conhecido a côrte do rei agora exilado.

Quando o prior da Lapa entrou para «levantar o corpo» Sofia ergueu-se de golpe, numa alucinação de dôr e, procurando Jorge, travou-lhe da mão, indo ambos ajoelhar-se junto da urna funerária.

Ali permaneceram angustiados até que, saindo o prior, veio o visconde de Juromenha buscar Sofia, levando-a pelo braço à sala onde era aguardada por muitas senhoras, algumas suas amigas íntimas.

Jorge viu transportar a urna para o côche e acompanhou-a ao cemitério dos Prazeres na séje do conde de S. Vicente.

Ao longo das ruas de Buenos Aires e dos Navegantes havia muito povo esperando o funeral. Nas janelas de uma ou outra casa, rostos femininos observavam, porque a lisboêta de todos os tempos não perde um entêrro de primeira classe que ela possa ver passar. Considera-o um divertimento gratuíto, a sua curiosidade fixa-se nas carruagens e toda se desvanece quando algum convidado a cumprimenta.

Desde que o funeral se exterioriza na rua, o respeito pelos mortos afunda-se na lama da bisbilhotice e na maledicência de soalheiro.

Assim, aquele homem tão respeitável e respeitado, que se chamou D. João Bacelar, não escapou nem podia escapar à regra geral.

Junto da rua de S. Ciro um grupo de operários em descanso baforava tabaco e palavras:

— Com que então era miguelista! Havia de ser bom...

— O que parece impossivel é que ainda haja desses carolas do arrôcho e da fôrca.

— Ele não tinha má cara.

— Ora adeus! Dize-me com quem vives, dir-te hei as manhas que tens.

Os sinos da basílica da Estrela dobraram quando o acompanhamento passou no Largo.

Duas varinas matronaças taramelavam:

— Os sinos não tocam senão pelos ricos.

— E este era?

— Prégunta ali em Buenos Aires quem foi o D. João Bacelar e lá te dirão a bagalhoça que êle avezava.

— Deixa filhos?

— Tem só uma filha. Nós cá então os probes é que nos vêmos consumidinhos com filharada.

— Que rica qu'ela há de ser! Casada ou solteira?

— Casada com um morgado do Alentejo, que tem um dinheirão da altura daquelas tôrres.

— Credo! os rios correm p'r'ó mar... E' feia ou bonita?

— O palmo de cara é engraçadinho. Mas se ela andasse de canastra à cabeça ninguem lhe veria a cara.

— Então é baixinha?

— Pequena como a petinga e a filha do meu compadre Eleutero.

— Mas o ricaço pegou-lhe!

— Entendo eu que lhe pegaria ao colo.

No largo dos Prazeres um «veterano da liberdade» fanfarronava em voz alta para um boleeiro de praça:

— Tudo isto são miguelistas. Em Almostér a 18 de fevereiro de 1834 — que data! — sendo eu soldado de caçadores 2, êles fugiam diante de nós como lebres! Aquilo é que foi carnage!

Reles condição humana, tu envenenas hora a hora, momento a momento, um dos mais nobilitantes dons que te foram concedidos: a linguagem.

No dia do funeral faltou em Buenos Aires uma das senhoras que Sofia mais admirava por suas nobres qualidades e cuja companhia sempre apreciava muito.

Era D. Ana Teles da Silva, apenas mais velha quatro anos que Sofia.

O luto recente pela morte de seu marido retinha-a em Viseu, onde desde logo, ela, até então estranha a quaisquer negócios, tomara conta da administração da casa.

António de Albuquerque, «o fidalgo do Arco», tinha morrido em 1859 na força da vida.

Nós, o leitor e eu, conhecemo-lo nas salas de Buenos Aires. Mal poderiamos então supôr, vendo-o alegre e forte, que não chegaria a envelhecer.

A senhora D. Ana Teles, noiva aos catorze anos, estava viuva aos trinta e quatro.

Venerava-a toda a cidade de Viseu, onde um certo maldizente lendário confessava, entre os grupos de má língua:

— Essa é a única pessoa de quem eu não sei dizer mal.

Na carta de maviosas condolências, que a fidalga do Arco escreveu a Sofia, dizia-lhe:

«Não posso sahir de Vizeu, porque me estou dedicando á tarefa de pagar as dividas da nossa casa, o que espero conseguir apenas com alguma moderação nas despesas durante poucos annos e sem fazer sangue em ninguem, porque tu bem sabes que não tenho génio para isso.»

Sofia e Jorge demoraram-se dez ou doze dias em Lisboa. Ela para tratar do luto da família e do seu próprio; Jorge para entender-se com o dr. Bruschy sôbre particularidades jurídicas da herança. Feito isto,

foram agradecer pessoalmente as visitas de pêsames, e dizer mais um adeus saudoso junto ao jazígo do cemitério dos Prazeres. Depois, fatigados de Lisboa, como de uma viagem à roda do mundo, recolheram a Monte-Velasco.

O escudeiro Manuel Brás pediu licença, que foi concedida, para ficar algum tempo em Lisboa a matar saudades da sua família e da sua terra. Tinha acompanhado o sr. D. João, disse êle, até ao dia em que falecêra e declarava-se muito grato ao sr. morgado Velasco, à sr.ª D. Sofia, como a todas as outras pessoas da casa, pela confiança que sempre nêle depositaram. Não fazia uma despedida, porque não poderia encontrar melhores amos; pedia apenas algum tempo de licença, porque nem sabia explicar como apertava tanto com êle a saudade dos sítios que lhe recordavam a infância e a mocidade. «Acho que isto é da velhice ou será um sinal de morte próxima», concluiu Manuel Brás chorando.

Jorge Velasco desvaneceu-lhe esta preocupação senil e asseverou-lhe que podia ir receber todos os meses o seu ordenado a casa do procurador.

Sofia abraçou-o e agradeceu-lhe a dedicação com que sempre havia servido seu pai.

O pobre velho afastou-se abafado em lágrimas, porque êle pertencia áquela raça de criados antigos que choravam sinceramente.

Raros exemplares, muito raros, poderão encontrar-se hoje dêste clássico tipo de escudeiros portugueses, dignos, por seus actos e maneiras, da casaca que habitualmente envergavam, e da consideração com que eram tratados.

Em Manuel Brás a nostalgia subjugou-o a ponto de ser uma obsessão dominante. Ele receava morrer sem tornar a vêr a sua querida Lisboa, parecendo-lhe até impossível que pudesse ter vivído no Alentejo

mais de oito anos, por vezes distraído e até contente.

Era que a afeição pessoal a D. João Bacelar equilibrava, se não excedía, a lembrança da terra natal.

Mas o fidalgo deixára de existir, e o seu escudeiro, tendo nascido numa classe inferior, cuja capacidade psíquica é mais estreita que nas classes ilustradas, pensou ingénuamente poder curar a nostalgia na convivência da irmã e passeando solitário pelas ruas de uma Lisboa, que já não era a da sua mocidade.

Não se dera idêntico fenómeno na alma da morgada de Nespereira, que provinha de raça nobre e tivera educação aprimorada, quanto o podia ser na época e região em que nascêra.

Isabel Júlia amara até ao sacrifício D. João Bacelar, ainda depois dêle a ter esquecido. Continuara a amá-lo em Sofia e, sendo êle já morto, o amor da morgada parecia renascer fiel na carinhosa dedicação com que se afeiçoára às suas netas.

Em Lisboa, Sofia, respondendo às pessoas que lhe tinham preguntado pelas filhas, dissera invariávelmente, com absoluta confiança:

— Ficaram entregues à morgada de Nespereira, de quem elas gostam muito, e que as adora. E' uma segunda mãe e uma senhora finamente educada. Estou tão tranquila como se as tivesse ao pé de mim.

Tinha razão. Quando Sofia e Jorge chegaram a Monte-Velasco, fôra D. Isabel Júlia quem, avistando-os de longe, primeiro os veio receber com Maria Manuela e Henriqueta, todas três de braço dado.

O professor Morais Sarmento, mais tardo nos passos, viera coxeando um pouco.

E Cecilia e Palmeiro, que tinham visto passar a carruagem, entraram a breve trecho.

A recepção não podia ser alegre nem festiva, mas patenteou uma unánime cordealidade de sentimentos,

como se todas aquelas pessoas pertencessem à mesma família.

Durante alguns dias falou-se da viagem a Lisboa, não faltando ao serão Palmeiro e Cecília, que vinham acompanhar os seus vezinhos e amigos.

Tanto Sofia como Jorge contavam as impressões que traziam: depois do funeral, afirmavam ambos, teriam partido logo para Monte-Velasco, se isso fosse possivel.

— Imagine você, disse Jorge a Palmeiro, que até o Manique me pareceu em Lisboa menos espirituoso. E' a influência funesta do meio. Ele próprio o reconhecia e prometeu vir brevemente ao Alentejo para restaurar a graça perdida.

— A cidade pareceu-me árida e monótona, confessou Sofia. Concordei plenamente com a opinião da senhora D. Isabel.

— E' verdade que estamos em agôsto, ponderou o dr. Palmeiro, e no verão vão para fóra muitas famílias.

— Mas aparecem outras que ninguem conhece e que não sei onde passam o inverno, replicou Jorge.

— As pessoas das nossas relações, referiu Sofia, estavam lá e fizeram o favor de nos visitar, mas quase todas me disseram que eu fazia muito bem residindo em Monte-Velasco, porque Lisboa, depois da cólera mórbus e da febre amarela, parece uma seára queimada, como disse João de Lemos.

— No Chiado, recordou Jorge, vi de passagem três ou quatro conhecidos e pouca diferença lhe achei.

— Decerto mais velhos? sublinhou Palmeiro.

— Qual! Um estava de calças brancas e outro de chapéu de palha. Dois amores... pintados.

— E' o que menos lá falta.

— Na minha casa, interpôs Cecília, já sei que todos estão bem, mas como acharam as pequenas?

— Olha, a Mimi Vilhena, muito desgostosa pela morte da sua gatinha branca, pareceu-me infantilmente sensibilizada, respondeu Sofia.

— Então é porque não tem namôro, filosofou Jorge.

— Pelo menos disse-me que não tinha.

— E a Ema?

— A Ema é que me confessou andar a namoriscá-la um rapaz do Cartaxo.

— Isso é namôro engarrafado. Pode durar muito tempo.

— Não te rias da pobre pequena, Jorge.

— Não rio. Mas se eu soubesse isso tinha-lhe aconselhado um namôro mais dôce, algum moscatel de Azeitão, por exemplo.

D. Isabel, entrando na sala, informou Sofia de que as meninas já tinham adormecido. E Sofia, colhendo-lhe as mãos, beijou-lhas.

— E' uma bela educação deitar e levantar cedo, ponderou o dr. Palmeiro. E a senhora D. Isabel ninguem a poderá exceder como discreta mentora de meninas. Muita vez falamos em Monte-Cisne a seu respeito, durante a ausência da senhora D. Sofia e de Jorge.

— A minha vida, respondeu com dignidade e modéstia D. Isabel, foi tão inútil durante longos anos, que eu mais uma vez agradeço a Deus o ter-me permitido que, na velhice, pudesse prestar algum serviço de amizade a esta boa família que tanto me estima. Mas ainda assim toda a minha dedicação seria ineficaz, se as meninas não tivessem um professor abalizado, como é o senhor Morais Sarmento. Eu acompanho-as às suas lições, e aprendo tambem; depois repito, insisto no que ouvi e assim auxilío as duas adoráveis crianças, que são inteligentissimas. Pedem-me que lhes dê explicações sôbre o que vêem, e ouvem,

e eu dou-lhas, se posso. Se não sei, pergunto ao sr. Morais Sarmento e ás vezes, se a curiosidade de Maria Manuela respeita a flores ou plantas, assuntos de que ela gosta muito, consulto v. ex.ª, sr. dr. José Palmeiro, como já tem acontecido. Maria Manuela lê correntemente e vai escrevendo menos mal. Henriqueta tem um vivo desejo de acompanhar a irmã. Ambas são muito briosas. Se o sr. Morais Sarmento aqui estivesse...

— E' verdade! Onde estará êle? interrogou Jorge.

E o dr. José Palmeiro explicou a meia voz:

— Depois que lhe faltou o seu companheiro, entretem-se à noite a escrever uma obra que terá por título *A defesa dos morgados*.

— Já não vai a tempo o nosso bom Sarmento para defender condenados, gracejou Jorge.

— Deixa-o lá, retorquiu Sofia, o trabalho, quando não é uma esperança, é uma resignação.

— E' verdade, coitado! concordou Jorge bondosamente.

— Que idade terá? indagou Palmeiro.

— Setenta e três anos. Mas ainda está rijo.

— Há dias tem caído um pouco.

Cecília pediu noticias do «tio Juromenha» como Sofia e ela o tratavam.

Jorge antecipou-se a responder:

— Esse, depois que a viscondessa morreu, todo se voltou para o Camões.

— E' um ideal literário, contraveio Sofia, como a viscondessa foi um ideal amoroso. Sem Camões, que vida passaria êle? Santo homem! Outro dia disse-me lá em casa: «Tiveste agora este grande desgôsto de família. Mas vejo que és conjugalmente feliz.» — Muito, respondi eu. E olhe que nem a mim nem ao Jorge esqueceram aquelas abençoadas palavras do «tio Juromenha» no brinde que nos fez em Altamira. — Não

me lembram agora, mas podes estar certa de que falei a linguagem do coração.

— Foram estas (e repeti-as acentuando-as): «Faço votos para que os noivos permaneçam felizes na Terra Prometida a que a mão do Amor os conduziu e onde certamente encontrarão a flux todas as venturas de que são dignos.» — Ora ainda bem que acertei. Monte-Velasco é, pois, a Terra Prometida da minha querida Sofia e do seu Jorge. — Positivamente, tio Juromenha. — E o que me dizes tu da nossa boa Cecília? — O marido é um espírito muito culto e um caracter primoroso. Ela é sempre a doce Samaritana, uma pérola. São felizes tambem.

— Sempre a doce Samaritana, repetiu convictamente Palmeiro.

— ¿E não disseste ao visconde que estavam à espera?... preguntou Jorge reticenciando malicioso.

— Credo! eu dizia lá isso ao tio Juromenha!

Cecília e Palmeiro riram muito.

Outra noite, Jorge, falando de Lisboa, disse que no tempo em que lá vivia apenas a conhecêra superficialmente. Agora é que êle sabia os grandes infortúnios que se ocultavam nos recessos sombrios da cidade.

— Não me refiro à devassidão, ao vício, que são evidentes; mas à pobreza envergonhada, ao horror da fome que ninguem vê nem pressente.

— E como pôde você descobri-lo agora? inquiriu Palmeiro.

Jorge, numa hesitação, olhou para Sofia. Ela encolheu os ombros e disse:

— Conta, porque estamos em família, e não é por vaidade nem por ostentação que o fazes.

— Sim, retorquiu Jorge, eu bem sei que a religião recomenda absoluto sigilo, mas trata-se de uma impressão que trouxemos e que revelamos como todas

as outras aos nossos amigos. O caso é muito simples. Resolvemos dar algumas esmolas por alma de meu sôgro e destinamos cem mil réis para outros tantos pobres. Porêm a Sofia reflectiu que dez tostões podem ser o pão de alguns dias, mas nunca uma tábua de salvação. E manifestou-me o desejo de que fossem apenas cinco as esmolas, de vinte mil réis cada uma, distribuidas a famílias verdadeiramente necessitadas, que o Fernando Pedroso pudesse descobrir. Aprovei logo e o Fernando Pedroso, que é o homem mais prestável e activo que eu conheço, trouxe-nos um rol de cinco famílias, pedindo-nos que por nossos próprios olhos fossemos verificar se haveria engano involuntário. Fomos. A alguma distância das casas indicadas deixavamos a séje, para não dar rebate à vezinhança. Entravamos indo eu adeante para sondar o caminho. Onde havia escadas, eram estreitas, escuras e escorregadias. Eu segurava Sofia pela mão. Vamos lá! ela teve mais coragem do que eu esperava. Começamos pela rua do Mercatudo.

— Nem eu sei onde é, disse Cecília.

— Ao Conde Barão; uma daquelas alfurjas que ali há. Parávamos onde o boleeiro dizia. Subimos à mansarda e batemos à porta de Josefa Maria, a cujo respeito Fernando Pedroso pusera no rol: *Protegida ameudadas vezes por ordem do Ex.mo Marquez de Abrantes.* A pobre mulher, que parecia ter sessenta anos e nos declarou ter apenas quarenta e tantos, ficou surpreendida ao ver-nos, e isto aconteceu em toda a parte, mas o nosso luto explicava por si mesmo o motivo da visita. Eramos então acolhidos com um sorriso de triste consolação, que eu não sei explicar.

Sofia atalhou:

— Sorriso ao mesmo tempo de amargura e lenitivo, de tormento e fé. Não seria ?

— Bem sei, bem sei, confirmou a morgada quase num múrmurio.

Cecília e Palmeiro prestavam atenção.

— O homem de Josefa Maria fôra catraeiro. Bebia muito e era valente. Desaviera-se a bordo com um colega, que lutou com êle e acabou por atirá-lo ao rio. Em seguida ao resfriamento veio a paralizia geral. De vez em quando, na impossibilidade de falar, sôlta uns uivos como de lôbo esfaimado. Há cinco anos que a pobre mulher não sai à rua e, quando vai à escada, para fazer qualquer compra, logo o paralitico começa a uivar desesperadamente. Nenhum dos dois pode ganhar a vida. Recebem algumas esmolas, mas passam fome quando não as recebem. Ah! meus amigos, que vida horrorosa, que escuridão de casa, que pavôr de existência! Quando Sofia entregou a Josefa Maria o nosso donativo, a pobre mulher ficou como que embrutecida de pasmo. Nem chorou, nem agradeceu. Já vinhamos descendo a escada, ouvimos o paralitico uivar: fazia realmente lembrar o lôbo no inverno quando a neve e a fome o apertam.

— Como tiveste ánimo, minha querida Sofia, para ver todos esses horrores! balbuciou Cecília.

— Este foi apenas o primeiro, mas ainda vimos peor, disse Jorge.

— Não contes o da travessa do Pé-de-Ferro para não impressionares a Cecília.

— O melhor de tudo é ficarmos por aqui, porque o assunto nada tem de consolador senão como sacrificio que Sofia quis fazer pela alma de seu pai. A' saída de cada uma das cinco casas dizia-me ela muito comovida: Como êle nos há de agradecer o dia de hoje! Meus amigos, graças a Sofia, que tão sensatamente guiou a minha atenção para os mistérios recônditos da pobreza envergonhada, cheguei a esta firme conclusão: dê-se qualquer mealha à mendicidade

das ruas, ainda que o seu peditório tanto possa ser uma desvergonha como uma indústria, porque a intenção de quem dá é quase sempre sincera e boa. Mas a esmola verdadeiramente santa e justa, por ser a mais útil, é a que se dá a quem a deseja e não a pede, quero dizer, à pobreza que ninguem vê, porque está sepultada em vida na mansarda, onde é preciso ir descobri-la como debaixo dum entulho.

— Estes assuntos deviam constituir doutrina educativa desde as primeiras letras, observou Palmeiro, para não acontecer que só a meio da vida possamos ter ideias bem definidas sôbre a indigência e a assistência. Eu, por mim, confesso que a breve narrativa do Jorge me fez pensar hoje neste problema social mais do que nunca.

— Já pedi à sr.ª D. Isabel, disse Sofia, para de vez em quando conversar com as minhas filhas sôbre as grandes desgraças humanas que a caridade pode atenuar. Uma senhora — e esta senhora mais que nenhuma outra — fácilmente consegue fazer acordar, pela sua mesma ternura, os bons sentimentos nas almas infantis.

— ¿E que dirias tu, brincou Jorge, se aqui estivesse o professor Morais Sarmento?

— Diria que ele é um sábio e que a sr.ª D. Isabel é, como disse ainda há pouco o sr. dr. Palmeiro, uma inexcedível educadora.

Teriam passado quinze dias, uma inopinada notícia correu em Monte-Velasco desde as «cabanas» até às salas.

O velho escudeiro Manuel Brás regressára de Lisboa.

Chegou de manhã. Trazia fome e comêra, trazia sono e deitara-se. Não viera ainda à fala com os seus patrões, que por este motivo ignoraram durante algumas horas os motivos do regresso.

— Mas por que voltaria êle tão depressa? preguntou Sofia.

— Neste momento está gozando as prerrogativas dum antigo escudeiro, respondeu Jorge. Depois de ter comido, dorme. Enquanto dorme, não fala. E enquanto não falar continuaremos desconhecendo as razões do seu precipitado retôrno. Tudo isto é natural e lógico.

Foi só à hora do jantar que Manuel Brás reapareceu oficialmente envergando a casaca profissional, digámos assim, a qual não trazia vincos nem rugas que denunciassem ter sido mal acondicionada durante a viagem.

Cumprimentando, o escudeiro contaria logo a sua odisseia, se Jorge não o houvesse atalhado dizendo:

— Não, Manuel Brás. Isso fica para logo, porque não prescindimos de saber tin tin por tin tin a causa da tua volta, que não esperávamos tão cedo.

O escudeiro suspirou e submeteu-se.

Aquele suspiro prometia revelações dolorosas, que êle realmente fez quando na sala do serão foi servido o café.

Manuel Brás começou por dizer que lhe parecêra a princípio ter em Lisboa mais vida e mais saúde. A si mesmo explicava este fenómeno pensando: Sempre são ares pátrios. E abria bem a bôca e dilatava as narinas (êle disse ventas) para encher o peito com as frescas brisas do Tejo e... dos saguões. Ou êle, Manuel Brás, não fosse genuíno filho de Lisboa... No primeiro dia saiu só e não viu ninguem conhecido. Aborreceu-se, cansou-se. O cunhado fez-lhe troça dizendo que fôra muito bem feito, porque, se tivessem saído juntos, veria o que era conversar e rir no alto de Santa Caterina com os veteranos da armada real, que para ali iam tomar sol.

No dia seguinte acompanhou o cunhado, mas não

simpatizou com os veteranos, nem com as suas conversas, que eram todas marítimas, parecendo-lhe que cada um dêles impingía aos outros os maiores carapetões possíveis sôbre piratas, temporais, naufrágios, carraspanas dos camaradas e anedotas dos comandantes. Como Manuel Brás era paisano, pouca importância lhe ligaram e deixaram-no estar de pé muito tempo, pois só ali havia três bancos para outros tantos grupos de caturras.

Tendo apanhado muito sol na cabeça e nas costas, Manuel Brás chegou a casa adoentado, pelo que o cunhado lhe tornou a fazer troça: «Se você alguma vez tivesse provado uma boa dóse de sol na Africa, ficava vacinado contra as maiores soalheiras.» E iria contar-lhe talvez terríveis casos de insolação tropical, mas o pobre Manuel respondeu-lhe com uma saraivada de dez ou doze espirros e foi curar o defluxo dentro da cama com um grogue. Transpirou muito de noite e no dia seguinte estava melhor, mas resolvido a emancipar-se do cunhado, do alto de Santa Caterina e de histórias de água salgada.

Saíndo sózinho, propôs-se ir dar uma vista por todo o bairro da Lapa, tão seu conhecido, que seria capaz de o percorrer com os olhos fechados. E melhor fôra que os não abrisse, porque a breve trecho se desalentou profundamente com o que vira e ouvira.

Naquele bairro os prédios bons, habitados por boa gente, ou tinham campaínha à porta da rua ou guarda-portão.

Manuel Brás bem sabia isto. Não estranhou, portanto, vêr fechadas tantas casas, mas, achando já outros guarda-portões e outros lojistas, entrou confiadamente na antiga padaria, que fornecêra a família Bacelar, onde esperava que o reconheceriam.

Como dentro do balcão visse caras novas, de-

sentranhou toda a sua surpresa e desapontamento. Falou com o coração nas mãos, dizendo quem era e a razão de ter ficado em Lisboa, por seu mal, pois dos antigos conhecidos não encontrava nenhum.

Então o padeiro contou que o seu antecessor fôra para a terra bem governado, passando-lhe a casa por uma continha calada. Outra muita gente faltava no bairro, uns porque tinham morrido da cólera ou da febre amarela e outros porque ainda puderam fugir a tempo de salvar a vida.

— Os seus patrões, se tivessem cá estado nesse tempo, correriam grande risco. Tambem morreu gente fina. Pois então! é como é. Mas o palacête esteve sempre fechado e só aqui vinha comprar pão a velhota que guarda a casa. Mas vamos ao que importa. Poucos dias depois do funeral os seus patrões voltaram para o Alentejo, não é verdade?

— Só eu fiquei.

— Zangou-se com êles?

— Isso sim! Com aquela gente ninguem se zanga. Fiquei, sabe por quê? Para matar saudades de Lisboa, minha terra natal.

— Essa é boa! Saudades das pedras da rua ou de alguma namorada tão velha como você? Ora não há!

E uma rapariga, que estava dentro do balcão, começou a rir inclemente e gaiata.

Manuel Brás aborreceu-se, desesperou-se: já não podia sofrer gente estúpida ou grosseira, que não compreendia o que era uma pessoa amar a sua terra e que tratava por você um antigo escudeiro de casa nobre, como o seu chapéu alto e a sua sobrecasaca sumptuáriamente demonstravam.

Fugiu dalí para o Jardim da Estrela em procura de um banco onde pudesse sentar-se a espairecer tantos aborrecimentos.

O arvoredo não era ainda frondoso; havia falta de

sombra. Por isso teve que ficar em frente de um grupo de caturras, que decerto conheciam toda a estratégía do sol e da sombra, e ocupavam os melhores lugares segundo as horas e as estações.

Os caturras falavam e riam como se estivessem na taberna.

Manuel Brás sentiu tentações de lhes dizer que o deixassem rir com êles, que bem precisava disso, mas receou que o tomassem por matuto e o enxotassem.

Acabou por tambem fugir dalí e lembrou-se de ir rezar à capela dos Navegantes, que tinha pano à porta.

— A menina (era Sofia) gostava muito desta capelinha, pensou êle. E mandava-lhe boas esmolas.

Nos dias seguintes, Manuel Brás mudou de passeio, foi para a Graça, para o Monte, para a Penha de França, e de qualquer dêstes sítios, quando tinha deante dos olhos a vertente ocidental da cidade, com o zimbório da Estrela no alto, pensava no seu antigo patrão, «o melhor dos homens», e sentia lágrimas nos olhos.

Querendo afastar esta recordação que o entristecia, reservou um dia para ir a Belem no vapor e outro dia para ir até à Cova da Piedade. Mas o cemitério dos Prazeres e o zimbório da Estrela via-os do Tejo, via-os da Outra-Banda, e não podia esquecer que o «melhor dos homens» jazia nos Prazeres e que a família Bacelar já não residía no bairro da Lapa.

Uma vez viu na rua Aurea o marquês de Penalva e foi cumprimentá-lo.

— O' Manuel Brás! que fazes tú por aqui?

— Fiquei para matar saudades da terra e ando por todas estas ruas a patetar.

— Bem se vê. Olha se te prendem como vadio Capazes disso são êles! Raspa-te quanto antes, não sejas tôlo e vai para Monte-Velasco, onde deves que-

rer acabar os teus dias tranquilamente. Precisas algum dinheiro para a jornada?

— Não, sr. marquês, muito agradecido.

— Pois vai e não sejas tôlo.

— Muito obrigado por tudo a v. ex.ª.

— Nem te esqueças de dar lembranças minhas aos senhores.

— Sim, sr. marquês. A's ordens de v. ex.ª.

Todos estes casos os pormenorizou Manuel Brás ingénua e verídicamente na sala do serão em Monte-Velasco. A's vezes um soluço embargava-lhe a voz. Na sua irrepreensível atitude de respeito, mostrava-se triste, pesaroso, como que arrependido e envergonhado.

— Pobre velho! disse Sofia quando êle, limpando as lágrimas, se calou. Vens mais triste, porque vens desiludido.

— Acho que sim, minha senhora.

— Mas olha lá, Manuel Brás, tu em Lisboa gostavas muito de jardinagem e dizias que se o nosso jardim de Buenos Aires fosse maior, havias tu mesmo de o pôr um brinco.

— Pois gostava, gostava. Como a menina... perdão! como v. ex.ª ainda se lembra! Há quantos anos isso já vai!

— Não te atormentes mais, que tudo há de ter remédio. Boa noite, boa noite.

— Criado de v. ex.ªs, meus senhores.

A palavra «menina», que Manuel Brás logo substituiu respeitosamente, era em verdade a primeira que lembrava na presença de Sofia Bacelar, pequenina e graciosa, com o seu rosto frêsco, as suas faces rosadas, os seus cabêlos negros, os seus olhos penetrantes, sempre a linda figurinha de Saxe, que o vestido de rigoroso luto, um singelo vestido de merino, não obscurecia, antes realçava.

Davam-se-lhe, quando muito, vinte e três ou vinte

e quatro anos, e contudo ela já trintára, passando sôbre o equador da vida num vôo tão alto, que nem as asas chegaram a roçar pelas ásperas arestas dessa terrivel montanha de tempo que é a cronológia.

Há mulheres prodigiosas que não envelhecem senão quando elas querem... e elas não querem nunca.

Entre essas excepcionais criaturas são as *mignonnes* as que mais fácilmente se escapam triunfantes por entre a rêde duma certidão de idade, cujo texto autêntico os homens não chegam a lêr, porque sem desconfiança lhes calculam sempre dez ou doze anos a menos.

No dia seguinte, antes de almôço, Sofia e Jorge chamaram à sua presença Manuel Brás.

— Nós resolvemos, disse-lhe Sofia, melhorar as condições do jardim, que é pequeno, quase tanto como o de Buenos Aires, e está pobre de vegetação. Onde há meninas deve haver flores, porque, a bem dizer, são irmãs umas das outras.

Gesto afirmativo de Manuel Brás.

— Mas por isso mesmo, continuou Sofia, é preciso que o jardim seja bem tratado e que as flores sejam bonitas e delicadas. Tu bem sabes, Manuel, como eu gósto de rosas e de cravos. Amores-perfeitos não quero, teem cara de estúpidos, são pasmados e insípidos: não merecem o nome.

Jorge ria-se.

— Tambem não quero que ponhas lá o sr. Jacinto, apesar de cheirar bem, nem o sr. Narciso, que é deslavado e tôlo, porque embirro de flores com o nome de homens.

Jorge gargalhou.

— Pois é assim mesmo. Põe violetas, põe dálias, fúcsias, anémonas. Eu hei de fazer uma relação das raizes e sementes que hão de vir. Quanto a árvores, gósto da olaia, da acácia, da tília...

— Arvores-senhoras... humorizou Jorge por sua vez.

— Decerto. ¿Querias talvez que eu preferisse o macambuzio sr. Pinheiro, o tenebroso sr. Cipreste e o desengonçado sr. Chorão? Mas não vá tudo em riso. Logo se há de fazer a demarcação do novo jardim, e tu, Manuel, serás o jardineiro chefe. Olha que eu quero que fique muito bonito, para que as meninas gostem dêle e se interessem pela cultura das flores.

O escudeiro escutára este final com um sorriso apalermado como o de um homem a quem havia sido dada uma boa notícia. Ele não percebeu toda a intenção generosa de seus amos; mas sentira-se dignificado com o encargo, e compreendêra que ía ter um trabalho de que gostava, distraír-se com a jardinagem no resto de seus dias.

Ao passo que êle se retirava satisfeito, monologando: «Vai ser obra acabada, que o juro eu», dizia Sofia a Jorge:

— Pobre velho! Não sendo inteligente nem instruído como o Morais Sarmento, este pobre homem, a quem a morte de meu pai desorientou, estalaria de tristeza, se não fosse a ideia do jardim.

— Deve-te, portanto, a felicidade de lhe encontrares o último ideal da velhice. Não foi isso o que tu quiseste?

— Foi.

— E eu sinto-me feliz quando te vejo contente.

— Meu querido Jorge...

Certo dia, Maria Manuela, pondo os olhos no jornal *A Nação*, leu que em Inglaterra tinha sido comprada uma orquídea por alto preço, e correu a preguntar à morgada o que seria uma orquídea.

— Eu creio que é uma planta, mas deixa ver no *Dicionario*.

— Se fôr uma planta quero-a ter no jardim que a mamã nos vai mandar fazer.

Ora o *Dicionario* contentava-se em definir sibilinamente: «Orchideas, *s. f. p.* (*bot.*) família de plantas dicotyledoneas.»

E' claro que nem a morgada nem Maria Manuela ficaram sabendo o que pretendiam saber.

Por isso D. Isabel lembrou que o dr. Palmeiro era pessoa competente para lhes dar uma explicação bem clara. A' noite, preguntaram-lhe e êle, na sua voz lenta mas firme, logo começou a explicar.

— As orquídeas constituem uma família de plantas realmente muito interessante por circunstancias especiais, como seja, haver espécies que teem as raízes no ar, havendo mesmo algumas que não teem raízes; ser muito caprichoso e extravagante o feitio das suas flores...

— ¿Tambem as há no Alentejo? preguntou Maria Manuela com viva curiosidade.

— Eu colhi bastantes no Alentejo, no Algarve e na Extremadura.

— Onde é que as tem?

— Tenho-as num livro que se chama herbário.

— O que quer dizer herbário?

— Uma colecção de plantas sêcas.

Os pais de Maria Manuela, a morgada e Cecília sorriam admirando a vivacidade daquela criança de oito anos, tão ansiosa de aprender. Henriqueta sorria de ver sorrir os outros. E o dr. Palmeiro, com o seu ar benevolente e delicado, expunha e respondia com o cuidado de quem está procurando palavras para melhor ser entendido.

— Mas eu queria ver um herbário.

— Pois eu o trarei ámanhã. Mas já a minha menina pode ficar sabendo que numa espécie nascida em Portugal as flores imitam o feitio da abelha.

— Que graça!

— Outras o da aranha.

— Ai! que feia! apostrofou Henriqueta.

— O sr. dr. tem essa da aranha? inquiriu Maria Manuela.

— Tenho um só exemplar, porque é mais rara.

— Quem ma déra já vêr...

— Se eu tivesse aqui uma folha de papel desenhava essa e ainda outras.

— Está ali, disse Sofia a Maria Manuela, indicando uma das mesas de jogo. Traz tambem o lápis.

Desde que Palmeiro começou debuxando, fez-se um silêncio espectante. Maria Manuela e Henriqueta, ambas de pé, seguiam com avidez os traços vagarosos do lápis. Sofia, a morgada e Cecilia reuniram as suas cadeiras de modo a poderem ver o desenho. Só Jorge, levantando-se para acender um charuto e relanceando os olhos pelo papel, quebrou o silêncio dizendo:

— Essa que você primeiro esboçou chama-se no Alentejo *Herva abelha*. Eu conhecia-a por este nome. Mas tambem o sr. Morais Sarmento, num dos nossos antigos passeios, me indicou—e talvez dissesse o nome scientifico — outra herva a que por causa do feitio da flor o povo dava o nome de moscardo não sei que...

— Moscardo fôsco.

— Isso.

— Posso desenhá-lo.

— Você tem uma prodigiosa memória!

— São espécies que me deram trabalho a procurar e a encontrar; por isso fácilmente as evoco.

Palmeiro ía desenhando e expondo.

— Como acontece em todas as famílias, humanas ou vegetais, umas são ricas e outras pobres. Estas espécies indígenas...

— Que quer dizer indígenas? interrogou Maria Manuela.

— Quer dizer as que se desenvolvem espontâneamente no nosso clima. Estas espécies indígenas são as orquídeas pobres. Mas há outras muito ricas, muito aparatosas, que são belas plantas ornamentais.

— Tambem as há cá?

— Só em estufas se podem conservar, isto é, dentro de um abrigo envidraçado, porque são oriundas de climas quentes.

— ¿E podiam constipar-se, não é verdade?

— Podiam morrer e morreriam decerto.

— Eu bem digo à mana, continuou ingénuamente Maria Manuela, que é muito mau a gente constipar-se. E ela não faz caso!

— São extremos de irmã mais velha, disse Palmeiro sorrindo.

As duas meninas não pareciam ainda saciadas de contemplar os desenhos e fazer preguntas, quando chegou a hora de irem deitar-se.

Como de costume, D. Isabel Júlia acompanhou-as.

Então, não precisando já nivelar-se com um auditório em que havia crianças, Palmeiro fez uma aprazível palestra sôbre as orquídeas notáveis dos trópicos, que vira nas estufas dos melhores jardins públicos da Europa.

Ele descrevia-as com pormenores tão lúcidos como rápidos, numa linguagem fluente e sugestiva.

Ao falar das mais raras espécies que observou na Baviera, a sua palavra pareceu colorir-se de uns vagos toques de personalismo. Foi assim que êle descreveu a orquídea bem própriamente chamada *Lira Apolínea*, em virtude da perfeita imitação de uma lira de três cordas, coloridas de amarelo brilhante, que parece oiro fino.

A's dez horas em ponto chegou a antiga berlinda dos morgados de Monte-Cisne, que vinha buscar José Palmeiro e Cecilia.

Depois que eles sairam, Jorge ficou ainda na sala do serão para acabar de fumar um charuto.

Sofia sentou-se junto do marido, que a cingiu pela cintura com o braço esquerdo.

Falaram das filhas, das preguntas e comentários que elas fizeram, do interesse inteligente que revelaram, e ambos se desvaneciam numa grande ternura de pais felizes.

Referiram se à condescendência e bondade de Palmeiro, ao seu gôsto pela botánica, à eloquência e erudição que mostrara.

Soprando a última fumaça do charuto, Jorge, movendo o braço para soerguer Sofia, disse-lhe como rematando a série de todos os seus pensamentos naquela noite:

— Eu julgava que S. Carlos era o melhor de Lisboa. Pois agora digo que Monte-Velasco é melhor que S. Carlos.

XVI

O outôno da avózinha

> Tout essaim de beautés, gynécée ou sérail,
> Madame, admirerait vos lèvres de corail.
> Cellini sourirait à votre grâce pure...
>
> VICTOR HUGO — *Les voix intérieures.*

Em 1880 a sociedade portuguêsa tinha passado por sensíveis modificações.

Antigos ódios e ressentimentos, que provieram das lutas civis, estavam quase apagados. O partido legitimista condoeu-se da morte de Pedro V e dos infantes D. Fernando e D. João no ano trágico de 1861. O partido liberal, em 1866, reconheceu que D. Miguel I, então falecido, redimira num longo exílio, pelo seu procedimento como príncipe e chefe de família, as verduras da sua irrequieta mocidade e os erros da sua acção política como rei de Portugal. Estas condolências reciprocas favoreceram porventura o início de melhores relações pessoais entre os dois partidos, sem aliás haver quebra de convicções íntimas por parte de nenhum dêles.

O que é certo é que os legitimistas afrouxaram no seu isolamento, começaram a colaborar com os liberais na gerência de companhias e associações, apare-

ceram nos teatros, conviviam nas salas, apenas não frequentavam o Paço Real, nem aceitavam emprêgos do Estado.

Para os liberais «o perigo miguelista» era estável, mas calmo, não inquietava; ao passo que «o perigo republicano» era crescente e impetuoso: inspirava apreensões sôbre o futuro.

Em 1877 o filho do senhor D. Miguel tinha casado com a princesa de Thurn e Taxis e, por essa ocasião, declarou perante um grupo de legitimistas: «Não me considero adstrito a governar exactamente, e em tudo, pela forma antiga, pois que o farei do modo que convier ao interesse geral, e em harmonia com o direito e a justiça.»

Era uma promessa de conciliação política e de concórdia, que por si mesma atenuava ainda mais «o perigo miguelista.»

Dois anos depois, por um suave outubro meridional, a princesa D. Aldegundes de Bragança, casada com o conde de Bardi, querendo conhecer a pátria de seu pai, e por certo confiando no generoso caracter português, veio a Lisboa, onde se demorou alguns dias.

Pois a ninguem lembrou, nem à policia, nem ao govêrno, nem à imprensa, absolutamente a ninguem, a terrível cominação da famosa lei de 1834, que recaía sobre D. Miguel e os seus descendentes quando ousassem ingressar em terras de Portugal.

A senhora condessa de Bardi foi daqui tão encantada, que fez que seu marido e seu irmão, em março de 1880, viessem juntos a Lisboa, apenas com a precaução do sr. D. Miguel haver adoptado o pseudónimo de Max Shawberg, certamente para evitar que a sua visita pudesse ser interpretada como provocação política.

O príncipe quis ir a Queluz, a Cintra, a Sacavem,

onde assistiu a uma toirada, e ninguem o incomodou.

A breve trecho foi reconhecido, assim como o conde de Bardi. Em Queluz um velho criado do Paço reparou na figura e feições de um dos dois viajantes, que mais o impressionára. Depois viu-lhe lágrimas nos olhos deante do retrato de D. Miguel I. Então se esclareceu o seu espírito quanto à identidade da pessoa em que desde logo havia notado um vivo ar de família.

Positivamente, o «perigo miguelista» não inquietava os ministros do sr. D. Luís, e pena teria tido o bondosissimo rei de não poder convidar aqueles seus parentes a irem tomar com êle, no palácio da Ajuda, uma chávena de chá.

O país havia progredido muito, as linhas ferro-viárias tinham facilitado as comunicações, desenvolvido o comércio e a indústria. Não obstante a ameaça republicana, havia paz, completa tranquilidade no interior: em vinte anos apenas alguns tumultos efémeros, os do Natal de 1861, que José Estêvão definiu *a anarquia da dôr respondendo ao despotismo da morte;* e outros, mais ou menos espaçados, para derrubar situações políticas.

A prosperidade do reino não era afectada por estas minúsculas revoltas e o reinado de D. Luís I decorria brilhante pelo que tocava ao valor dos homens, na política, nas letras e nas artes, podendo talvez chamar-se-lhe o período culminante da segunda renascença portuguesa.

Foi em setembro de 1880 que a família Velasco, aproveitando a época das vindimas, resolveu, finalmente, realizar um projecto adiado desde longo tempo por sua mesma incomodidade: qual era o de ir fazer uma inspecção, quanto possivel minuciosa, às propriedades de Altamira e Nespereira.

Pela segunda vez, no decurso de trinta anos, Jorge e Sofia empreenderam a viagem do Douro, mas agora em caminho de ferro entre Monte-Velasco e o Barreiro, entre Lisboa e o Porto, entre o Porto e a estação de Cête; em carruagem daí a Entre-os-Rios e apenas em barco desde Entre-os-Rios a Altamira.

Dos companheiros da primeira viagem um só existia: era o visconde de Juromenha.

— Quanto se admiraria teu pai, disse Jorge a Sofia, se pudesse saber que a viação acelerada nos trouxe até pequena distancia do solar da sua família. Mas o busilis está no quase, como dizia o bom Morais Sarmento, que Deus haja, porque, depois do comboio, ainda tivemos de recorrer à carripana e ao barco rabêlo. Está indicada a necessidade de uma ponte em Entre-os-Rios, mas neste país não se faz logo tudo o que é preciso fazer-se.

Em Altamira soube Jorge uma notícia que o contristou: foi que D. António Padilha estava ausente na América desde 1872. Antes de embarcar havia tido um duelo; em seguida tentara suicidar-se atirando-se da ponte pensil ao Douro, mas caíra dentro de um barco; desfalcados os seus haveres, emigrou e andava por Buenos Aires e Montevideu exercendo a clínica homopática.

— Pobre D. António! E lá tomam-no a sério como médico?! preguntou Jorge ao seu informador.

— Parece que sim, e que está ganhando dinheiro.

Jorge riu de vontade, mas logo tomou um ar reflectido dizendo:

— A final, há no fundo de tudo isso alguma coisa que torna simpático D. António. Ele, segundo me disse aqui em Altamira, sucedêra nuns poucos de vínculos, que rendiam o melhor de doze contos de reis. Era assim?

— Era.

— D. António arruinou tão grande casa, mas, em vez de pedir esmola, pensou em trabalhar e expatriou-se com essa ideia. Eu sou amigo dêle, mas se voltar e me quiser receitar algum remédio, sabe o que faço? Deito-o pela janela fóra.

— Ao D. António?!

— Não! Ao remédio.

Depois de longos anos de silêncioso encêrro, abriram-se de par em par as portas da casa de Nespereira, para receber a sua nova proprietária, D. Maria Manuela de Haucourt Velasco, mulher de Manuel da Silveira Cortegana, opulento lavrador no distrito de Évora.

Foi com os olhos cheios de sentidas lágrimas que ali entrou toda a família da herdeira, sob uma funda emoção de saudade e respeito por D. Isabel Júlia, aquela mulher sublime, como a classificava Jorge, que fez do amor uma religião de sacrifício; por aquela altíssima alma, firme e dôce, modêlo das maiores virtudes femininas, como Sofia a classificava.

Os seus restos mortais repousavam no mesmo jazigo do cemitério dos Prazeres em que a sua feliz rival e D. João Bacelar dormiam, como ela, o sono da eterna paz.

Fôra Sofia quem, sózinha, amortalhou por sua mão, carinhosamente, o corpo casto, abscôndito daquela que se igualara às monjas austeras por um voto espontâneo de castidade e pelo holocausto voluntário do seu coração no altar do amor espiritual.

O povo de Nespereira, que a não tinha visto morta, nem lhe conhecia a sepultura, asseverava ingénuamente ter Dona Jabelinha sido conduzida ao céu em vida, dentro da sua liteira doirada, por uma legião de anjos, alegres e cantantes, como sempre acontece quando levam para Deus a alma de uma virgem, cuja pureza o hálito de nenhum homem jamais embaciou.

Por isso o povo, se o afligiam desgôstos e enfermidades, invocava devotamente o patrocínio da virtuosa fidalga, indo depôr sôbre o poial, no pátio da casa de Nespereira, ramos e corôas de flores silvestres.

Tanto em Altamira como em Nespereira toda a gente tratava Jorge por «morgado Velasco» não obstante os efeitos jurídicos da lei de 19 de maio de 1863 que, mais audaciosa que a de 1860, tinha vibrado o previsto golpe de morte à instituição víncular, abolindo em Portugal *todos* os morgadios e declarando-os desde logo livres e alodiais no domínio e posse dos administradores então existentes.

Apenas era mantida, por snobismo legislativo, a excepção da Casa de Bragança, talvez pouco defensável, porque os reis da dinastia brigantina, seus filhos e irmãos, eram dotados pela nação na chamada lista civil, contra a qual já por esse tempo discursava no Parlamento o honesto republicano portuense Rodrigues de Freitas.

A ausência do fidalgo Padilha contrariou Jorge, que tencionava encarregá-lo de indicar-lhe uma casa na Foz ou pelo menos um bom hotél onde pudesse haver quartos disponíveis, durante todo o mês de outubro, para uma família composta de tres casais, duas meninas de 8 a 9 anos e tres criadas.

Mas de repente lembrou-se de que o conde de Azambuja, seu amigo e correligionário, estava passando o verão na Foz. Escreveu-lhe e a resposta não se fez esperar. Naquela praia havia alguns prédios regulares, onde os dónos costumavam veranear até ao fim de outubro, porque, dizia o conde, «outubro é na Foz o mês mais agradavel». Nenhum dos hoteis seria bom, mas um casal tinha aposentos na clássica hospedaria da *Boa Vista*, com uma criada; e os outros dois casais no inglesado hotel da *Mary Cas-*

tro, com as crianças e as restantes criadas. Desejava ser informado do dia da chegada ao Porto, porque nos trens de seu cunhado António Bernardo Ferreira faria conduzir toda a família Velasco para a Foz. E acrescentava que seu cunhado, geralmente conhecido por *Ferreirinha*, cultivava o *sport* da gineta e boleia com o brilho e perícia dos melhores marialvas de Lisboa. Em *Post-Scriptum* ainda explicava que de um hotél se via o mar; do outro não.

— Eu não gósto de hoteis, bem sabes, disse Jorge a Sofia, mas comtigo vou para toda a parte. Ainda assim gostaria de ver o mar, que sempre diverte os alentejanos... pela raridade. Ah! como as crianças vão tomar banhos, é preciso que o seu hotél não fique mais longe da praia que o nosso. Enfim, lá resolveremos.

Por uma das primeiras tardes de outubro, à hora em que, depois de jantar, a colónia balnear da Foz vinha para as janelas ou saía a passeio, foi que assomaram na curva da Cantareira uma caleche e um landó, da casa Ferreirinha, conduzindo a família Velasco.

Na caleche vinha uma senhora, nova na aparência, a quem o conde de Azambuja dava a direita; em frente um sujeito de garbosa figura, bigode grisalho, vestindo bem, e a seu lado duas meninas, galantíssimas crianças.

A senhora era Sofia Bacelar, que perfazia em 1880 cincoenta anos de idade e parecia não ter mais de 35. Conversando com o conde de Azambuja ela não ficaria prejudicada pelo confronto com a distinção de maneiras daquele homem fino, que não frequentava a côrte, mas que provinha de sangue real. Na pronúncia êle carregava nos rr como sua mãe a senhora infanta D. Ana de Jesus Maria.

O sujeito de bigode grisalho era Jorge Velasco,

ainda e sempre o alegre e espirituoso *morgado:* sessenta e quatro anos de idade, sem rugas, sem corcova e sem reumatismo.

As duas crianças eram suas netas, ambas filhas de Maria Manuela. A mais velha chamava-se Isabel Maria e a mais nova Júlia Isabel, por homenagem que a mãe quís prestar à memória da morgada de Nespereira, inolvidável madrinha dela.

Quem guiava a caleche era, por subida fineza, o Ferreirinha, filho da riquíssima proprietária e viticultora D. Antónia Adelaide Ferreira.

No landó vinham Maria Manuela e sua irmã Henriqueta, uma de vinte e oito anos, casada aos dezoito; outra de vinte e sete, casada aos vinte.

A primogénita tinha muito ar de francesa, parecia-se, por atavismo, com sua avó materna, aquela encantadora mademoiselle de Haucourt, que fascinára D. João Bacelar.

Henriqueta saíra mais aos Velascos, morena, esbelta, desembaraçada, dizia chistes como o pai. Casára no Ribatejo com o abastado Macedinho, que gostava muito de viagens e toiradas, e ela e êle andavam sempre juntos, de terra em terra, gozando e rindo. Não tinham filhos nem cadilhos: todo o mundo era seu. Dizia Jorge definindo-os: «São dois rapazes.»

Cortegaça e Macedinho acompanhavam suas mulheres no landó.

Toda a boa sociedade portuense, em veraneio na Foz, sabia já vagamente que era esperada a família de um rico «morgado» alentejano, para a qual o sr. conde de Azambuja andára procurando aposentos nos hoteis.

A aparição das duas equipagens, à hora mais elegante da praia, teve algo de sensacional. As pessoas que flanavam no Passeio Alegre paravam observando

e nas varandas dos melhores prédios, do Pinto da Fonseca, do visconde de Pereira Machado, do Vanzelér, dos Maias, as senhoras correspondiam aos cumprimentos do conde e do Ferreirinha, trocando-se depois comentários a respeito da família recenchegada.

— São decerto três irmãs, todas três casadas, diziam algumas senhoras.

— E todas elas distintas, isso é que são.

— Dos três homens qual será o tal morgado que dizem ser muito conhecido em Lisboa?

— Naturalmente o que ia na carruagem com o Azambuja.

— Lembrando talvez menos um morgado que um gentilhomem gascão.

— Sim, sim. Um pouco D'Artagnan.

Ao longo da estrada de Carreiros — porque o Ferreirinha quís dar logo aos viajantes toda a impressão marítima da Foz — por essa linda estrada, *Riviera* dos portuenses, a passagem dos trens não causou menor sensação tanto nos grupos que passeavam como nos grupos das janelas.

— Consta ser uma ilustre família realista.

— Por isso o Azambuja lhe faz as honras da chegada.

— As mulheres são bonitas, dizia um rapaz do escol de Vilar.

— Mas já são fortalezas conquistadas, respondeu-lhe outro da melhor linhagem de Trás-da-Sé. Três mulheres, três homens; é claro como água.

Entretanto vinha dizendo Sofia na caleche:

— Gósto muito da Foz. Comecei a gostar ali onde o rio me pareceu uma vista de estereoscópo.

— Em Sobreiras, explicou o conde.

— Agora aqui... como se chama isto?

— E' Carreiros.

— Agora aqui como é belo o mar, amplo, imenso! Que delicioso horizonte o de todas estas casas! e como deve ser saùdável o ar que se respira aqui! Muito boa impressão me teem feito estas senhoras do Porto, porque são todas do Porto, não é verdade?

— Quase todas, pelo menos.

— Quer saber uma coisa, sr. conde? Eu vivía aqui melhor do que em Lisboa.

— Para mim, desabafou Jorge, ou Monte-Velasco ou a Foz do Douro. Nem Lisboa conselheiral nem o Porto mercantil. Para viver pouco me basta: ar puro, água fria, e cavaqueira amena.

Sofia e o conde riram.

Resolveu-se que Jorge e a mulher tinham que ficar no hotél da *Boa Vista*. Ao anoitecer chegaram as criadas e as bagagens. De manhã cedo vieram três landós para serviço aturado na Foz, que Jorge e os genros tinham contratado na alquilaria do Raimundo. Tambem chegou um cavalo de passeio que o Ferreirinha mandara pôr na cocheira do hotél à disposição do morgado.

Quando no outro dia saltou da cama, Jorge preguntou onde poderia ir tomar um banho de tina.

Domingos, hoteleiro bonacheirão, respondeu com a sua leve pronúncia calaica:

— Eu mando um criado ensinar a v. ex.ª o estabelecimento do Paulino.

Era um balneário primitivo, rudimentar, porque os banhos de água dôce, quentes ou frios, teem sido sempre uma dificuldade nas nossas praias.

Saindo dali, o morgado entrou num botequim, que não era melhor que o balneário, tomou uma chávena de café e foi montar a cavalo para dar o seu passeio matutino. No regresso, acompanhou Sofia à praia.

Havia gente, borborinhava animação em todos os arruamentos de barracas de lona, aliás confinados

num espaço restrito; mirones estacavam sôbre as fragas e junto ao parapeito da pequena rampa de entrada. Muitas crianças chalravam rodeando as criadas e os *barquilleros*. Nos arruamentos fluctuavam bandeiras e galhardêtes com o nome dos banheiros: Maria da Luz, Leão, Claudino e alguns mais.

Logo Jorge notou como singularidade da praia uma linha de prédios cujas janelas permitiam seguir todo o movimento balnear. Acolá é que eu desejava ter-me instalado, disse ele ao banheiro Leão, um velhote sêco, de barbicha branca, porque lhe pareceu que bem se podia estabelecer ali uma torrinha 113. Que não, que naquelas casas moravam os seus dónos, o Brito da rua das Flores, o visconde de Figueiredo, o Freitas Fortuna, ainda outros.

Maria Manuela, o marido e as filhas já estavam na praia e Sofia foi sentar-se entre êles. De Henriqueta e Macedinho nada se sabia senão que tinham saído às sete horas de carruagem.

— Se calhar já empreenderam alguma viajata, epigramatizou Jorge.

E sem mais demora subiu para os rochedos, junto ao caneiro grande.

Dentro de uma hora estava rodeado de finocas, rapazes de boa sociedade, certamente desejosos de abordar o morgado, cuja fama os atraía. Conversavam, riam, Jorge gesticulava com desembaraço, pontificava sem pretensão.

Sofia disse a Maria Manuela:

— O teu pai já se tornou popular na Foz.

E, com efeito, bastariam para lhe consolidar a reputação de espirituoso e distinto aqueles cinco rapazes, que andavam por toda a parte.

Mas a consagração oficial do morgado foi bem mais solene: recebeu-a êle com a sua família no jantar que nessa tarde lhe ofereceram os condes de Azam-

buja na casa do Alto de Vila e a que assistiram damas e cavalheiros do Porto e de Braga, a fina flor da colónia banhista.

Dali a dias toda a família Velasco passeava em Carreiros no rancho do mais impenetrável *high-life* — inglesice que o *Diario Illustrado* havia introduzido no vocabulário aristocrático.

Já em menos ceremoniosas relações soube Sofia que algumas senhoras a haviam tomado por irmã de suas filhas. E a razão deu-lha uma das mais inteligentes e categorizadas damas portuenses:

— E' que nos pareceu inverosímil que uma rosa de Alexandría pudesse ser avó.

E acrescentou:

— O horticultor Marques Loureiro está anunciando nos seus catálogos muitas rosas francesas, mas eu ainda vou com uma conhecida poesia que diz:

A rosa para ser rosa
Deve ser de Alexandría.

Cumprimento gentilíssimo, que dois beijos retribuíram.

Quase todas as manhãs, depois de almôço, a família Velasco ia ao Porto, levando nos seus landós algumas senhoras, que lhe mostravam os monumentos dignos de ver-se.

No dia em que os condes de Azambuja os acompanharam a Vila Nova de Gaia, em visíta especial às colossais adegas onde se armazenam os vinhos da casa Ferreirinha, foram passar juntos o resto da tarde no Palácio de Cristal. Ao jantar, que ali ofereceu o morgado áqueles ilustres titulares, assistiram tambem outras pessoas que expressamente vieram da Foz.

Muito bem disposto, Jorge revelava-se entusiasmado com o magnífico panorama que os jardins do Palá-

cio desvendam: paisagem ribeirinha, densos trechos de cidade alcantilada, longes bucólicos de aldeias e montes, panejamentos de mar azul na clareira da barra. E à mesa, já familiarizado com todos os convivas, esteve alegre e engraçadíssimo como no bom tempo de Buenos Aires.

As suas humoradas tiveram um éxito enorme, correram na Foz ao outro dia e refluíram ao Porto, onde foram muito aplaudidas nos melhores centros de conversação.

Assim, pois, a celebridade do morgado Velasco fê-lo estimar dos portuenses, que desejavam vê-lo, conhecê-lo, ouví-lo. E êle dizia-lhes com sinceridade: «Gósto dos senhores mais que dos alfacinhas. Gósto mais do Porto que de Lisboa. Acabou-se. Sou capaz de buzinar isto mesmo em pleno Chiado, às quatro horas da tarde, nas orelhas do *Pai dos Janotas*.»

Algumas senhoras, conversando com Sofia, faziam-lhe diversas preguntas sôbre a família do senhor D. Miguel I, que só pela rama conheciam ou sôbre que tinham dúvidas.

— Deixou muitos filhos, não é verdade?

— Um filho e seis filhas, das quais as duas mais novas nasceram poucos anos antes do pai morrer.

— Uma filha e o filho estiveram recentemente em Lisboa. V. ex.ª viu-os?

— Nós, infelizmente, estavamos em Monte-Velasco.

— Faz admirar como pôde ser criada e educada uma tão numerosa família não havendo meios.

— Falta de meios não houve, porque todo o partido lhos ministrava. Agora então com a herança da senhora infanta D. Isabel Maria...

— Ah! sim! E cá espalhou-se que a senhora infanta tinha deixado tudo a três padres ingleses, o que realmente seria pena.

— No testamento figuram os três padres que, por

combinação com a senhora infanta, entregaram lealmente a herança à augusta viuva do senhor D. Miguel I.

— As pêtas que se contam! Assim foi bem.

Sofia disse com sinceridade o que aconteceu e se confirma num documento autêntico, uma nobre carta que certamente não desagradará ao leitor conhecer:

«Conde da Redinha.

«Tendo-me Deus, na sua infinita Misericordia, deparado os meios de poder sustentar-me sem necessitar dos generosos subsidios que até agora recebi dos meus amigos de Portugal, julgo dever meu fazel-o saber áquelles que repartiram o seu pão commigo. Peço ao Conde que lhes faça chegar esta noticia e com ella a expressão do meu eterno reconhecimento. Ficará sempre gravada no meu coração e na minha memoria a lembrança das provas de affecto, dedicação e generosidade, que de Portugal me deram.

«Deus Nosso Senhor, ouvindo as minhas orações, retribuirá tudo.

«Rogo a Deus haja o Conde da Redinha em Sua Santa Guarda.

Bronnbach 6 de janeiro 1879.

Dona Adelaide de Bragança.»

Os súbditos eram dignos da sua rainha, a rainha era digna dos seus súbditos: exemplos dêstes são raros na história dos reis e dos povos.

Distracções não faltavam à família Velasco tanto na Foz como na cidade, sempre em boa companhia. Hoje uma partida de *canotage* no rio Leça, amanhã um passeio à celebre igreja do baliado, nos dias seguintes visita à Bolsa do Porto para vêr a sala árabe;

um reconhecimento aos lindos subúrbios, cuja fama ecoava no Alentejo; e sempre assim pela semana fóra, de pretexto em pretexto.

Nestas excursões era frequente não tomarem parte Henriqueta e o marido, que muito cedo saíam com qualquer destino ou mesmo sem destino nenhum.

A este respeito contava Jorge que um ano tinham a filha e o genro ído à feira da Piedade em Santarem. E reproduzia, em diálogo, uma scena entre os dois. Era quase a hora do almôço no hotél. Henriqueta chegára à janela e vira o marido na rua.

— Onde vais tu?

— Aos cigarros.

— Sem mim?!

— Anda daí.

Henriqueta pôs o chapéu e voou pela escada abaixo. Um criado gritava-lhe do alto do patamar:

— Já aqui levo o almôço, minha senhora.

Comprar os cigarros seria uma demora de poucos minutos, mas uma *charrette* passava. Ia para o Vale de Santarem. Henriqueta lembrou-se de querer descobrir onde teria sido no Vale a casa da *Joaninha* de Garrett. O marido anuiu. E foram. Só voltaram para almoçar... no outro dia.

Quanto a Maria Manuela dizia o pai que ela gostava muito do seu lar e, como Sofia, só pensava na felicidade dos outros.

Um dia foi destinado a Braga —*Braga fiel*—onde Jorge e Sofia, tentados pela linha férrea, quereriam talvez ir evocar algum ténue fio daquela antiga fidelidade miguelista, que D. João Bacelar tanto preconizava.

A' volta, numa carruagem de 1.ª, Jorge ciciava ao ouvido de sua mulher:

— Meti a cabeça em todas as lojas, especialmente de barbeiro, e não vi retrato algum do sr. D. Miguel.

Por último espreitei à porta duma baiúca, esperançado em que tudo ali dentro cheiraria a antiguidade. Uma voz roufenha berrou-me lá do escuro: «Se quer frigideiras, entre.» E eu desandei a conjugar peor ou melhor o *pretérito perfeito* do verbo «passar», um dos poucos verbos que o bom Morais Sarmento conseguiu ensinar-me.

— Bem vês que os antigos já lá vão quase todos, respondeu Sofia. Quando nos mostraram a casa onde morreu a Carlota Pizarro, senti a sua falta, porque, no fim de contas, foi essa ajuizada mulher que preparou a nossa felicidade.

— A minha, principalmente.

— A nossa, repito eu.

Rumorejou-se que certa dama pretenciosa, carantonha bem dotada, dissera em Carreiros ao marido:

— ¿Tu não vês como o morgado Velasco namora ainda a mulher?

Ao que o marido replicou sarcástico:

— Pede ao espelho que te responda.

Frequentemente trazia o correio uma cartinha afectuosa de Cecilia, dizendo sempre saudades, muitas saudades, e agradecendo cada lembrança, este ou aquele brinde, romances do Camilo ou de *Julio Diniz*, poesias, vistas fotográficas do Porto, da Foz e de Braga, que Sofia lhe mandava. *Les petits cadeaux entretiennent l'amitié.*

A família de Monte-Cisne gozava saúde, a sua vida decorria serena, e seria inteiramente feliz se lhe não faltasse a companhia dos seus bons amigos de Monte-Velasco. O Júlio estava matriculado no segundo ano da Escola Médica e os lentes tinham-no em boa conta. Era excelente rapaz e esperto. O pai adorava-o.

Entretinham o serão com a harpa e os livros. Ah! muito tinha gostado Cecília do *Amor de perdição* e das *Pupillas do sr. reitor!* «Mas, escrevia ela, o

José diz que a cavaqueira do teu homem vale o melhor romance. Sabes do que ele gostou muito? Foi das *Poesias* de Soares de Passos, que não conhecia ainda.»

Noutra carta participava a Sofia: «O teu piano já chegou a Monte-Velasco e não sofreu boléu de maior. Veio muito bem restaurado. O Vágner pôl-o como novo. Valeu a pena.»

Segundo tinha por costume, Jorge esquivava-se a falar em política, mas um famoso ricaço portuense, pessoa de letras gôrdas, preguntou-lhe se o sr. D. Miguel II teria recebido mais instrução do que o pai.

Logo acudiu ao espírito de Jorge o desejo de castigar a audácia daquele homem que nada podia ter com a instrução dos outros, mas conteve-se e respondeu denunciando apenas alguns leves ressaibos de acrimónia, que os intelectuais do grupo aliás perceberam:

— O partido legitimista é uma planta exótica no meio da interesseira política portuguêsa. Só impõe deveres e sacrifícios. Militamos nele porque amavamos desinteressadamente o sr. D. Miguel, que representava o princípio da legitimidade e da tradição, e amavamos a sua família como se fôra nossa. Ora o primeiro preceptor do sr. D. Miguel II aceitou esse honroso encargo fazendo o maior sacrifício que um homem pode fazer, qual é o de abandonar a pátria, os amigos, os costumes inveterados, os hábitos adquiridos, de mais a mais passando já dos cincoenta anos e tendo pouca saúde. Pois esse homem foi o sábio Gomes de Abreu, doutôr de capêlo em medicina, que para assim dizer enriqueceu o caracter e o espírito do seu discípulo com um pecúlio de ideias, com uma fidalguia de sentimentos e uma largueza de vistas que o dinheiro não pode comprar. Gomes de Abreu pagou com a vida o sacrifício que fizera,

porque os seus padecimentos agravaram-se na Alemanha. Lá faleceu em 1867, poucos meses depois do augusto exilado. O segundo preceptor do principe foi outro legitimista português, D. Luís Carvajal, irmão do conde da Quinta das Canas e, o que vale mais, dr. de capêlo em direito. Tambem êste faleceu na Alemanha, suponho que em 1871. Por último o sr. D. Miguel II foi completar a sua ampla educação na Universidade de Insprunk. Creio que as justas exigências de v. ex.ª em matêria de instrução devem ter ficado plenamente satisfeitas. Agora um pedido: deixemos em paz a política e vivamos sem ela o resto desta alegre temporada de praia.

Assim deu Velasco uma lição a tempo ao argentário parlapatão. Quem ouviu a resposta, divulgou-a, e a opinião geral aplaudiu-a.

Aproximava-se o fim de outubro. Sofia insinuou ao marido:

— Sabes? Já me vai lembrando muito a nossa casa. Eu amo-a tanto!

— Tambem eu. A *nossa casa* agrada sempre justamente porque não é dos outros. E os hoteis são de toda a gente. Isto aqui na Foz tem sido para nós, habituados a Monte-Velasco, uma espécie de anarquia mansa, um rodopio de visitas e passeios, que me vai cheirando a Lisboa.

— Pois é isso.

E Jorge, inclinando-se sôbre o ombro de Sofia, em grande sigilo:

— Vamos embora no dia 31 e eu prego uma boa peça a toda a Foz. Levo comigo...

— O que?!

— Não digas nada a ninguem... Levo comigo para Monte-Velasco, porque faz lá muita falta, o caneiro engarrafado.

Havia no Porto um homem que ria de vontade se

lhe diziam as piadas e anedotas do morgado Velasco. Mas quando lhe contaram que êle comandara outrora uma torrinha revolucionária em S. Carlos, resolveu ir à Foz para o conhecer pessoalmente.

Chamava-se Eduardo de Araujo Viana, vulgarmente Eduardo Cheira. Era o decano dos boémios e diletantes do Porto. Fôra corifeu de pateadas e ovações, chegando tambem a ser empresário lírico.

Portanto, trataria com o morgado de potencia a potencia na diplomacia teatral da ópera.

Tinha aspecto simpatico, talvez mesmo insinuante: rôsto comprido, testa ampla, bigode frisado, monóculo fixo, maneiras de mundano bem educado. Falava correntemente o francês, o espanhol e o italiano. Compunha mazurcas e valsas. Gostava de beber e de conversar. Aparecia em toda a parte e conhecia toda a gente.

— O' Eduardo! ó Eduardo! chamaram vozes quando êle apareceu na praia.

— Venho de propósito para conhecer o Velasco.

— Está ali; anda cá.

Apresentaram-no. O morgado recebêra com agrado aquele homem, cuja popularidade se justificava à primeira vista pela sua fisionomia atraente e génio comunicativo.

Falaram de música. Velasco refutou que a torrinha 113 fôsse revolucionária. Não! Fôra apenas sincera no meio duma sociedade cheia de convencionalismos hipócritas. Aplaudia e censurava em voz alta. Por isso contrariava os costumes e talvez a pragmática.

— Mas D. Fernando caricaturou v. ex.ª dando as cartas em S. Carlos.

— Foi um dia em que êle não tinha mais nada que fazer.

Eduardo riu-se.

— Sinto que v. ex.ª se vá embora sem ter visto o

nosso teatro de S. João. Mas a época só começará em dezembro.

— Fui vê-lo de dia. Achei-o bonito, e tambem o achei pequeno, talvez porque prejudicassem a sala de espectáculos com o grande salão do primeiro andar. Que tolice! O teatro deve render pouco?

— Eu que o diga... Fui empresário em duas épocas, de 72 a 74.

— Foi! Perdeu...

— Perdem todos.

— Deu alguma ópera nova?

— Na primeira época, a *Condessa de Amalfi*; na segunda *Ruy Blas*, *Renegada* e *Eurico*, de Miguel Angelo.

— Bem sei. Sôbre essa questionou-se muito.

— Invejas, inimizades, cancans. O sr., meu caro Velasco, bem pode calcular.

— Faço ideia.

E Eduardo Cheira, contando casos de teatro em que figuravam os cantores, os músicos, o público e os criticos, já dizia em tom mais familiar:

— Veja lá você no que eu me fui meter!

Velasco ouvia-o com interesse, gostando do seu tom de franqueza, da liberdade sem impertinência nem grosseria que êle punha, muito naturalmente, nas suas palavras e nas suas maneiras.

— E' um tipo! mentalizava o morgado, menos marialva e mais artista que o Manique.

A' despedida abraçaram-se cordealmente e Eduardo Cheira dizia-lhe ainda mais uma frase de aprêço e estima, tuteando-o:

— Adeus, Velasco, estimei muito conhecer-te.

Tendo acompanhado Eduardo Cheira, esteve na praia o Lafayette, novo médico laureado, e logo um grupo de amigos o rodeou. Ele andava passeando a sua celebridade conquistada pela recente dissertação

inaugural = *Ensaio de uma classificação somática da mulher* = que obteve ruidoso éxito, quase provocando escândalo durante a defesa.

— Acolá tens as Velascos, mãe e filhas, disseram-lhe. São a novidade elegante dêste ano.

— Já me constou.

— Quando tu chegaste, planeávamos renovar por causa delas o rapto violento das sabinas.

— Pois sabinemos, rapazes.

— ¿Mas qual das três raptarás tu, que te especializaste no belo sexo ?

Lafayette olhou, reparou, comparou. Sofia entretinha-se vendo saír a barra os barcos de pesca, velas ao vento, velozes como gaivotas. Ele teve tempo para observar os seus pés de boneca poisando leves sôbre uma esteira, a mão direita que não abrangia o cabo cinzelado da sombrinha, a pôlpa clara do braço furtando-se esquiva, o papinho de rôla reagindo dentro da flexível blusa de sêda.

— ¿Então qual preferes tu ?

— Prefiro a mãe.

FIM

ÍNDICE

		Pag.
I	— Idolatria miguelista	7
II	— Núvens em céu azul	31
III	— Lágrimas reconciliadoras	47
IV	— Quando o coração diviniza	65
V	— Douro acima	83
VI	— Casamentos legitimistas	101
VII	— Visões do passado	117
VIII	— Em Monte-Velasco	131
IX	— Dois berços e dois túmulos	149
X	— Oásis de felicidade	163
XI	— O juramento político	179
XII	— Almôço na herdade	199
XIII	— A dôce Samaritana	217
XIV	— Alvôres da libertação da terra	233
XV	— Abjurando S. Carlos	249
XVI	— O outôno da avózinha	275

ALGUMAS ERRATAS

Pag.	linha	leia-se
22	32	afecto
35	23	entrou na torrinha
37	25	de Buenos Aires sabiam
67	7	no Douro!
83	10	um marido tão
84	27	do Dever.
142	22	para alem das
160	24	aquellas maguas
160	27	d'este lado
184	14	algum deles

ALBERTO PIMENTEL

O Arco de Vandôma

ROMANCE

Ao Sr. Alberto Pimentel

O seu novo romance é todo ele um primor:
A prosa modelar, a acção bem conduzida;
As personagens teem caracter próprio e vida,
E as scenas, regionaes, uma adoravel côr.

Romance lhe chamei, mas história vivida
Se me afigura a mim o livro encantador,
Tam simples, natural, meigo e consolador
A alma o transmitiu à pena esclarecida.

Faz honra à nossa terra o «Arco de Vandôma»,
Elevando bem alto o nome que subscreve
Esse tomo gentil rescendente de aroma!

Honesto e português, no entrecho e no estilo,
O seu novo trabalho aquilatar-se deve
A par das produções mais belas de Camilo!

26-III-916. DEL'IM GUIMARÃES.

Do livro: *Alma portuguesa.*

Acho que os moradores do Porto comettem uma como impiedade, se não lerem o *Arco de Vandôma*, do sr. Alberto Pimentel. Devorei-o com os olhos em algumas horas de soffrega leitura. Voltei, por vezes, ao passado com todas as suas recordações da mocidade ahi decorrida. *Vi*, *senti*, o velho Porto, com a sua população tão caracteristica, as suas ruas antigas, os seus tradicionaes usos e costumes, a sua burguezia de meados do seculo ultimo; *escutei* as narrativas da minha infancia sobre o rei Carlos Alberto, que ahi morreu e o naufragio, no Cabedello, do vapor «Porto». Fa-

receu-me escutar, no côro da capellinha da Rêde, allumiada pela luz mortiça da alampada, a voz de minha mãi, depois de resarmos o terço, a murmurar : — «um padre nosso e avé-Maria pelos que andam sobre as aguas do mar» ; — e, depois, «um padre nosso e avé-Maria para que Deus, Nosso Senhor, nos livre de peste, fome e guerra !» Este encantador romance, escripto em linguagem de pureza classica alliada ás graças e viveza d'uma flexibilidade moderna, tão simples e casto nos lances amorosos em que roça a asa da Morte e a nossa alma palpita até ás lagrimas, é dos mais bellos trabalhos do sr. Alberto Pimentel – que tantos livros tem escripto, e de frisante interesse, celebrados pelo proprio Camillo como exemplares de vernaculidade e interesse historico, e ás vezes tão mal queridos e apreciados ! Ha muito tempo que não tenho passado horas de tão saudoso encantamento. Vou relêr o livro, devagar. Hoje, n'esta carta escripta a correr, entre dores de gotta, processos da Procuradoria que urge vêr — coisas quasi por egual tediosas e doridas — apenas traduzo a minha impressão. D'aqui digo, aos meus amigos do norte e nomeadamente aos do Porto, que é um peccado se não lêem, e mais as suas esposas e filhos, este romance em que ha figuras com a antiga e bondosa austeridade masculina das nossas terras, e vultos de mulher aureolados d'uma graça e idealismo todos portuguezes.

José Maria d'Alpoim — Carta de Lisboa, no «Primeiro de Janeiro», de 29 de março de 1916.

O novo romance com que Alberto Pimentel augmentou e enriqueceu a sua já tão vasta e tão preciosa obra literaria, é um delicado trabalho de evocação e de saudade que largamente interessa e profundamente emociona. Nas suas paginas, d'uma escripta espontanea, elegante, larga e sincera, a sua devoção pelas tradições da terra em que nasceu affirma-se a cada passo, n'uma ternura piedosa, embaladora e meiga. Tudo quanto se relaciona com a vida historica e sentimental do seu Porto tão amado — os acontecimentos que a engrandeceram, os homens que a illustraram, os episodios que a encheram de ruido e de alvoroço, as figuras d'alto relevo moral que a sublimaram, os proprios tipos populares que a animaram de exotismo e de pittoresco, arrastando, pelas ruas, sob os apupos da canalha, os farrapos da sua grotesca miseria — mereceu sempre do illustre portuense os mais attentos cuidados do seu culto e nobre

espirito. Grande parte da sua obra é consagrada a acordar o passado — «amigos extintos, historias d'outro tempo, que por serem antigas têem apenas a poesia das cinzas, comquanto n'um ou noutro relanço possam dourar-se fugazmente d'um frivolo tom de ligeireza; tradições populares que são como que marcos saudosos da passagem das gerações atravez do tempo e, principalmente, lembranças da propria mocidade, petalas soltas e seccas de flores que se esfolharam...» Estas palavras de ternura que reproduzo do prefacio do seu livro *Atravez do passado*, affirmam, no encanto da sua singeleza, as generosas preferencias do seu coração. *O Arco de Vandôma* é ainda a confirmação do seu piedoso amor pelo passado — d'esse passado a cuja luz suave e triste as almas enternecidas nitidamente vêem o que tanto as encantou e tão amorosamente lhes sorriu : encantos e sorrisos que, atravez da nevoa da saudade, enchem a alma d'uma amargura tão doce que até parece sentir um delicioso prazer na dôr que a tortura .. Esse livro fala do sentimento porque é uma linda historia d'amor e de resignação, de soffrimento e de renuncia, de paixão e de sacrificio : a historia simples e por isso mesmo enternecedora de uma grande alma piedosa que viveu n'um sonho e n'esse grande sonho findou. E interessa particularmente ao «tripeiro» porque é ao mesmo tempo um livro de historia pela escrupulosa reconstituição do Porto da segunda metade do seculo XIX, d'esse Porto amavel e pittoresco, pacato e laborioso de que pouco ou quasi nada resta já . Assim, evocando figuras e factos que os velhos podem ter já esquecido e que os novos completamente ignoram, o *Arco de Vandôma* é ao mesmo tempo o livro d'um erudito e d'um amoroso, livro de consolação e de ternura que uma doce paz espiritualisa porque o sentiu um coração generoso e o escreveu, n'uma hora enternecida, um homem que ao serviço da sua terra consagrou grande parte da sua labariosa existencia e da sua fecunda actividade.

* * *

Muitas são as obras em que Alberto Pimentel se refere ao Porto, á sua velha historia, aos seus antigos costumes. Indo viver para Lisboa deixou cá o coração. O alfacinha não conseguiu absorver o tripeiro. E assim é que, dominado pelo seu nobre seutimento bairrista, com devotado amor consagra ainda á sua boa e doce terra o *Arco de Vandôma* em que não ha, como no *Arco de Sant'Anna*, coleras surgindo em explosões de odio, mas carinhosos e recatados amores espiritualisados pelo soffrimento e pela resignação. Como são tão diversos esses *Arcos!* Pelo de Sant'Anna,

onde a pobre Anninhas vivia inquieta porque o bispo a cubiçava e Pero Cão lhe rondava a porta, passou, em tropel, a turba revolta, invocando o foral de S. Jorge contra as malfeitorias de D. Egidio. Pelo de Vandoma nem um tenir de ferro nem um bruto vozear de multidão em furia perturba a doce paz que o envolveu desde a epoca remota em que as gentes de D. Nonego colocaram a imagem da Senhora no parapeito da muralha, até que a Camara de 1855 sacrilegamente o demoliu. O *Arco de Sant'Anna* ralembra uma epoca torpe de violencias e assaltos á honra do burgo. O *Arco de Vandoma*, recordando o feito heroico dos rijos homens que desbarataram a horda barbara do Kalifa de Cordova, era todo de paz e de meiguice, na aparente nudesa das suas muralhas espessas e das suas ameias hostis, Do outro *Arco* falou um grande portuguez que tanta gloria deu á sua terra — que tão mesquinha tem sido para a sua veneranda memoria. Do que o visconde da Trindade mandou demolir — e Deus lhe perdõe e aos seus cumplices o desnecessario ultrage! — fala o romance de tão serena leitura de Alberto Pimentel. Já não era o mesmo, em 48, quando o conego Romeira morava na rua Chã, — a fidalga rua Chã das Eiras do velho burgo de D. Hugo. Mas lá estava ainda a imagem bemdita no seu nicho de pedra para que para ella se erguessem, n'uma prece orvalhada de lagrimas, as mãos delicadas e puras da linda apaixonada Maria d'Assunção... Já não era o mesmo, não, como não era o de Sant'Anna, que escutou os galanteios da gentil Gertrudes e as trovas apaixonadas do garboso Vasco. Mas a doce poesia que vinha da tradição de seculos sorria ainda em cada pedra e brincava em cada ornato, sob o meigo olhar da Senhora que de tão longe viera para acolher a cidade debaixo do seu manto e protejel-a contra novas arremetidas dos barbaros — *civitas virginis*...

.....

Firmino Pereira — Folhetim do «Primeiro de Janeiro» em 20 de abril de 1916.

LIVRARIA EDITORA GUIMARÃES & C.ª

Alberto Pimentel

Os amores de Camillo, 1 vol. enc. ..... 2$20
A corte de D. Pedro IV, 1 vol. $70
Do Portal á claraboia, 1 vol. .. $30
Notas sobre o «Amor de Perdição», 1 vol. $60
A primeira mulher de Camillo, 1 vol. $60
O Arco de Vandoma, (romance), 1 vol. $80
A princeza de Boivão, (romance), 1 vol. $60
A porta do paraiso, (romance), 1 vol. in 8.º grande, il. br. 1$20, enc. ..... 2$00
Terra prometida (romance) ... 1$00

André Brun

Dez contos em papel $55
Cada vez peor $55
Soldados de Portugal $55
Praxedes, mulher e filhos $55
Theatro. *Codigo penal, art.*** — Ano novo, vida velha — Cavalheiro respeitavel — O primo Isidoro* $55
Almas de um outro mundo $55
Outra vez Praxedes $55
A malta das trincheiras (migalhas da grande guerra), 1 vol. $80

D. João da Camara

Dôr Bemdita, trad. $50
A Cidade $30
Contos ..... Esgotado
Meia Noite $60
Aldeia na Corte $50

João Paulo Freire (Mario)

Entre gigantes, (camiliana). .. $40
Camillo C. Branco e Silva Pinto. 1 vol $60

José Pontes

Mutilados portuguêses (narrativas da guerra e estudos de

Dr. Brito Camacho

D. Carlos Intimo ..... $
Impressões de Viagem ..... $
Ao de leve ..... $
Por ahi fora ..... $
Longe da vista ..... $

Albino Forjaz de Sampaio

O Livro das Cortezãs ..... $
Tiberio, filosofo e moralista ... $

Gomes Leal

Mefistofeles em Lisboa ..... $
Senhor dos Passos da Graça .. $

Raul Brandão

Os pobres ..... $

Tito Martins

Por um oculo ..... $
João Verdades. notas e comentarios ..... $
Ideias novas, processos novos No pre

Rocha Junior

Veneno! ..... $

Delfim Guimarães

O Rosquedo, (romance) ..... $
Bernardim Ribeiro: O poeta Crisfal ..... 1$
Theophilo Braga e a lenda do Crisfal ..... $
Alma Portuguesa ..... $

Augusto Gil

Gente de palmo e meio ..... $
O canto da cigarra ..... $

Chagas Roquette

Coisas minhas ..... $

Beldemonio

PQ
9261
P46T4

Pimentel, Alberto
Terra prometida

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 02 01 020 3